L Por
F4 38g

FIALHO D'ALMEIDA

OS GATOS

PUBLICAÇÃO SEMANAL,
D'INQUERITO Á VIDA PORTUGUEZA

N.° 23 — 15 de Janeiro de 1891

SUMMARIO

AS PHASES DA LUA — PARA O SENHOR PADRE!

O presente fasciculo dos *Gatos* era uma especie de serão de natal, alheio a labutas criticas, e buscando simplesmente na *pochade* o antigo rir sonoro com que nossos avós, ao canto do lume, costumavam saudar os contos lestos, de beatas, frades, e estudantes.

Foge portanto ao programma cruel que nos pozémos, e abre uma canção de paz na chacinada terrivel d'até'qui. Quem por isso nos quizer mal, destronque este fasciculo, da serie, e passe adeante.

Era um serão de natal, dissémos, mas pelo atrazo da publicação, só agora logra vêr a luz. Isso porém não faz, que o entrudo chega, de novo pondo a facecia jovial em ordem do dia.

AS PHASES DA LUA

Ora, succede que na grande praça das Caldas ha um hotel, do Simões pae, homem prudente e grave em seu negocio, que nunca levou ao freguez mais caro do que a tabella, e nunca ao freguez serviu mais farto que a ração.

Simões pae, presuppõe, claro está, um Simões filho, e este era o *bijou* do velho, a projecção do seu proprio ser quinquagenario, n'um reboludo rapaz côr de tomate, belfo e brejeiro, que logo aos dezeseis começou de dar mostras d'atreito ao femeaço, e d'eximio tocador de clarinete.—Duas inclinações que o levaram, mal lhe sombreava inda no beiço uma

lannugem, primeiro a se inscrever por socio n'uma das philarmonicas da terra, e seguidamente a se atirar ás gatas, como um doido. Simões pae revia n'estes predicados poeticos do moço, uma evocação dos seus antigos tempos de libertino: vae, consentiu na musica, mas quando chegou ao resto, de repente lembrou-se do seu cunhado Zé Pingas, que em Cythera perdera o melhor das cartilagens do nariz. Deu isto origem a repetidos colloquios de Simões pae, com sua esposa, á hora de deitar, quando fechada a despensa, revisto e balançado o rol das compras, a escripturação em dia, os hospedes na cama, e assoprada a lanterna da escada principal, ambos os dois, elle mais ella, tinham descanço então pr'a cogitar á larga sobre as boas fortunas do rapaz.

—O que devemos fazer, dizia o marido, para evitar que o Xico tenha males, é fechar os olhos quando elle se ponha a latir de roda das creadas.

Peroração da mulher:

—Em minha casa, coizas, isso nunca! O que diria o mundo?

—O mundo! tornava Simões, em desdenho-

so. Não hade ser o mundo quem lhe dará saude, se elle, por culpa tua a perder, n'alguma rapioca lá de fóra.

—Mas tu não te envergonhas d'estar a fallar d'essa maneira! Mais nova eu fiquei orphã, e nunca me passou pela cabeça...

—Era tambem o que faltava! Mas nós cá, os homens, temos necessidades differentes de vós outras, cagalósas. Olha, na edade d'elle, já eu tinha feito mães, seis lavadeiras.

—A vergonha que tu tens, dava-a fiada a quem te pozesse os lombos n'um picado! Grande marau!

—Deixa lá isso, mulher, fallemos franco. O rapaz quer amor, e nada exaspera mais, n'aquellas edades, o cio, do que as barreiras que se tentem opòr á natureza. É como eu fui. Aos dezeseis annos, tu bem no sabes, em vendo femea, perdia-me. Agora ouve. Havendo uma rapariguita bôa cá em casa, além de mais seguro, sempre a brincadeira nos vinha a sahir mais baratinha.

—Oh raio do diabo! Eu destempero!

—Dentro da cama, não, que é porcaria. E depois, que tem? Estamos velhos, filhas não temos, e as servas do hotel, se nos não fa-

zem boquinhas ao filho, fazem-nas decerto aos hospedes e aos creados.

—Isso é verdade Simões? Juras que é certo?...

—Está que juro. É o costume. Sabes tu a razão porque esse padre Izequiel está em nossa casa, ha quinze mezes, a pagar dez tostões pela potrea que lhe servimos, e pela talisca de quarto em que o alojamos? A razão não é a excellencia dos commodos do hotel, não és tu, nem eu: é a Pulcheria, que lhe fica alli a seis passos da porta, e que altas horas da noite...

—Pois vae p'ra rua amanhã! Fazer da minha casa alcoice, um sacerdote! Hei-de expulsal-o. Oh grandecissimo!

—Não expulses, filha, é o mundo. Com o doutor Cercal dá-se outro tanto. Com o escrivão de fazenda, a mesma coiza. E vês que são esses tres hospedes quem nos sustenta a casa, todo o inverno. Agora emquanto á rapariga, faz ella ou não faz, o serviço da casa, todo o dia? Pois então deixemos-lhe a noite, coitada, a vêr se ajunta cabedaes para a velhice.

Assim, á força d'argucia cynica, em que por egual puiam a pudicicia feroz da hospe-

deira, os instinctos do lucro, e o desejo de vêr o filho escapar das mutilações do Zé Pinguinhas, conseguiu Simões pae, que o Xico podesse rondar Pulcheria, sob a meia acquiescencia—mal humorada, confesso—da mamã.

—Com tanto que eu os não apanhe a dar escandalo, dizia a velha, em ultima instancia, ao hoteleiro. E fazia isto com que o bom par fugisse aos inqueritos, com uma cautella que chegaria a honesta, se madama Simões, em vêz de chinellas, d'alli por deante não passasse a usar sapatos de rinjideiras, no proposito d'evitar aos amorosos, toda e qualquer especie de cilada. A suspeita porém d'aquelle amor juvenil em sua casa, trazia a velha n'um continuo reverdecer de sobresalto, e não se passava uma só noite, que ella não perguntasse ao marido: então que novidades ha, d'essa cambada?

Fòram as coisas tomando intensidade, e já não bastavam as tosses de Pulcheria para encobrir, na cosinha, o som dos beijos, a ponto que uma noite d'inverno, indo a matrona le-

var ao filho uma botija d'agua para os pés, deu com a cama vasia, e a roupa de vestir do Xico, toda espalhada ao acaso pelo chão. Volveu-se ao thalamo, tremula e confusa, já Simões pae estava deitado, o perspicaz Simões, que vendo a mulher assim, logo prognosticou mudança na folhinha,

—Sabes? Sabes?... tartamudeava a pobre, assustadissima.

—Sei, deixa-os lá. É *lua cheia*. Não ha perigo. Aguas de Abril. Na nossa edade é que luas d'aquellas fazem trovoadas, na barriga...

—És muito porco!

—Estou-me a lembrar, mulher, d'uma cachopa com quem ha trinta e quatro annos, nas festas da Nazareth, tentei levar ao fim as phases da lua, sem nunca poder passar do quarto crescente.

—Não, que eu era uma rapariga honrada. e não estava p'ra que tu me deixasses, como ás seis.

—Vae ao corredor ouvir se elles resfolgam.

—Não se ouve nada.

—Não se ouve nada?! Oh! com mil raios! Esse rapaz então não sae a mim. No meu tempo, coisas d'aquellas faziam-se aos mugidos.

— Eram outras as vaccas.

—Diz antes que os chavelhos agora teem mais peso. Afinal de contas essa Pulcheria é uma alfandega. Padres, cirurgiões, tudo alli passa. Ao todo, cinco. Porque o nosso rapaz vale por dois.

—Um rapagão! E diz que dos primeiros na phillarmonica.

—Lá isso, filha... Até toca a *Portugueza* na creada.

Justapunham-se estes progressos do Xico, a uns convites de ceia que o hoteleiro começou a distribuir na phillarmonica, primeiro aos mais illustres e celebres da banda, depois aos mais somenos, e finalmente aos simples curiosos, tudo com o fim de fazer carreira, pela musica, á vocação decidida do rapaz. A ponto esteve a fama musical de Simões filho, que a philarmonica d'Obidos enviou-lhe, com um officio calido e pathetico, o diploma de seu trombone honorario, mercê prodigiosa, que até lá só fôra feita ao chefe dos bombeiros voluntarios d'Alcobaça.

Depois da ceia, a deshoras, abertas as janellas da casa de jantar do *Hotel Simões,* desandavam os artistas a tocar coisas d'assombro, a ponto de ninguem na praça dormir, té de manhã. Simões pae se encarregava de os aquecer com genebra e caffé forte, por que todos fizessem sobresahir o clarinete genial de Simões filho, e pouco fazia que n'essas noites o medico, o padre, e o escrivão berrassem pelos quartos, malucos d'enxaqueca, e praguejando contra a sucia de bebados que os não deixava descançar das geringonças lubricas da Pulcheria.

Ora, trez ou quatro ceias depois que Simões pae abrira á philarmonica *União Caldense,* a ucharia do seu hotel, começou alguem a notar que raro adregava estarem todos juntos na tocata: sahia um, demorava-se lá dentro, depois do que voltava apopletico, para dar logar a outro, que por lá ficava meia hora, e successivamente assim corria a roda, que era uma incontinencia geral, muito de vêr.

Distrahidos co'a musica, nenhum dos Simões notava aquelle jogo, que proseguiria ovante, se uma madrugada, berros de velha não estrujissem na alcova do hoteleiro, interrom-

pendo as *fioritures* que Simões filho começara no clarinete, sobre uns motivos joviaes da *Suripanta*. Correram todos com luzes, e a velha espavorida, meio sentada na cama, persignava-se, chamando os santos reparadores da castidade, e apenas, na presença de todos aquelles artistas ousando tartamudear, que tinha sido... um pesadello.

Mas quando a sós mal-o marido, então contou-lhe que estando a dormir, com a cabeça na roupa, e as nadegas de fóra — o seu velho costume de bufenta! — alguem viera, que tomando os bafores tripaes, por som respiratorio, e as nadegas por faces, lhe prespegou no rabo, quatro chôchos.

O caso fez barulho, e como em terras pequenas tudo corre, logo alguem propalou que os osculos desferidos, no silencio da noite, ao cu da velha, em vez de sonho, não passavam d'um mero engano dos pratos, que cabendo-lhe a vez, tomara pelo cubiculo da Pulcheria, a alcova da hospedeira, e por bochechas de serva, o nalgatorio flacido da patroa. Estavam as coisas n'isto, quando os trez hospedes permanentes do hotel, enfermaram ao mesmo tempo da garganta. Gargarejos de

malvas, belladona em fricções, banhos de pés, tudo resvalou pelo mal, sem resultado, 'té apparecerem nos tres, manchas vinosas, e o medico pedir a conta, furibundo, depois de ter chamado á Pulcheria, nomes feios, e d'attribuir o contagio á philarmonica. Agora vereis a má lingua caldense, alando-se nos tristes! Era qual lhes diria facecias mais canalhas, alludindo á suspeita de todos terem ido beber o morbo, á mesma fonte.

Xico Simões e Pulcheria resistiam, mas sofreando no espirito uma terrivel suspeita, que sete dias depois se lhes fez cruel realidade. E Simões filho deixou de poder tocar o clarinete, murcho e gafado ao fim de dois mezes e meio de brincadeira, que era um dó d'alma vel-o arrastar pelos quartos do hotel vazio, o monco triste. Consultar os doutores era arriscar-se ás chalaças da botica, vêr o seu nome na lista de proscripção dos mutilados, perder casamento, futuro, felicidade... e o mal a progredir... a voz a lhe rouquejar nas profundas da guella plaqueada, o hotel sem hospedes, a Pulcheria com fistulas, e á roda de tudo emfim, as Caldas a dizer—olha, queres mais passas?

Chegou a coisa a termo, que as Caldas, postas na coalisão de verem sossobrar a melhor promessa musica do conselho, decidiram fazer um meeting (extra-partidario, diziam os prospectos) p'ra se averiguar até que ponto conviria á dignidade civica de todos, salvar da morte o Xico—o Xico, que elevado á cathegoria de prodigio, não mais se pertencia a si proprio, senão era de todos, da patria, da Copa, do conselheiro Pim, e dos saraus em beneficio do hospital—o Xico, a grande esperança artistica da terra, a aspiração das Caldas para o azul, e o unico herdeiro das tradicções melodicas e encantos bohemios do já agora velho padre Antonio. «Pois que? exclamou no meio da assembléa um orador. Se o exhaustinado clarinete da *União Phillarmonica Caldense* insiste em não depôr nas mãos da medicina, as porções compromettidas do seu sexo, urge, senhores, que todas as classes o desabotoem á força, impondo á sciencia a missão de lhe concertar os pistons, que elle por acaso tenha, avariados».

D'alli partiu logo uma commissão de principaes, fortuna e lettras, a persuadir Simões filho, mostrasse ao medico, sem rebuço, coisas que já não eram mysterio para ninguem.

Retrahira-se o artista ás primeiras phrases do presidente, té que vendo marejar o pranto pelas faces de todos, assentiu, com virgineo pudor, na amostra que pedia lhe era, *pro patria*—no interesse da patria, explicava a commissão!

Cirurgiões e medicos que viram, á uma disseram que a infecção tinha avançado a largos passos, opinando que ás primeiras melhoras obtidas no enfermo, por via medica, haveria que se ceder o campo á cirurgia, e...

—*Quarto minguante!* ai Nossa Senhora! acabou Simões pae n'um berreiro, como se no seu proprio cabo d'Espichel lhe tivessem cravado a faca d'amputar.

Aqui se abre parenthesis para a historia d'uma pugna scientifica, que tendo tido por berço uma hospedaria das Caldas, modestissima, cresceu

todavia das controversias dos clinicos locaes, té á alta sciencia escolar de Lisboa e Porto, que a estatelou depois em profusas sessões de sociedades sabias, e eruditos artigos nas gazetas. Em geral partiam-se os sabios em dois campos, o avançado, o cirurgico, que dizia seccamente ao Xico — corte! —; o conservador, o medico, que lhe promettia concerto á força de tisanas. Quando nas Caldas se perdeu a esperança de vèr acordar a medicina indigena, n'um methodo, interveio o deputado eleito, o sempre energico capitão Machado, que em nome do circulo offereceu levar o enfermo em litigio, ao hospital de S. José, installando-o já se vè n'um quarto proprio, a expensas do municipio, e fazendo-lhe vigiar os axes sexuaes por toda a mestrança medica de Lisboa.

—Temos politica! regougava nos coios da má lingua, o rancoroso humor do partido adversario, os trez doutores das Caldas incursos. E entretanto iam correndo os dias sobre os dias, o enfermo definhava, pallido e chagoso como um Christo, entre aposições de mercurio e iodoformio, e na *União Caldense* uma tristeza fizera-se aos ensaios, já ninguem punha còr nas walsas e mazurkas, nem ás noites tinha coragem

para fazer uivar os cães, sob o terror vocal dos contrabaixos. A terra em peso, desesperada pelo mau sestro de vêr roubado á gloria o seu grande homem, tudo era rezar preces nas igrejas, e fazer representações á camara municipal, a que envidasse esforços p'ra ser restituido á espectativa publica, o illustre clarinete, reintegrado na posse de todos os seus accessorios e pistons.

Enfim, decidiram-se, e Simões filho partiu no comboio da manhã, entre algodões phenicos e mantas, n'uma cachexia fetida de monstro. Foi nas Caldas um dia de lagrimas e lucto. Esse Domingo, padre Antonio fallou pulpito abaixo, tomando a desgraça do Xico como thema de predica, e concitando os freguezes a não beber d'enfusa alheia, sem a terem primeiro, vestoriado. Enfim, já se começava a fallar menos no incidente, quando vem de Lisboa noticia do clarinete principiar a estar chibante.

—Emquanto ao corte...

O hoteleiro, em quinau, para o doutor:

—Lá em Lisboa, os gatos dos medicos só comem peixe. É talvez por isso que nenhum pensou ainda em cortar nada ao meu rapaz.

la passando o tempo, passando, e o caso dos Simões perdendo o interesse, repovoando-se o hotel d'outras Pulcherias e outros padres, quando uma noite, ao chegar ás Caldas, no expreso das onze, vejo a gare da estação toda apinhada, balões venesianos, e ao longo das palissadas da linha, borborinhos de povo e foguetorio.

Pára o comboio, uma commissão de casacas avança para um wagon perto do meu, a musica toca, e por toda a banda vivas estrugem como bombas, e se meneiam chapeus e barretes n'um delirio, á luz d'archotes, que principiam a esclarecer, por esse campo fóra, a turba-multa. Cuidando que fosse demonstração politica ao deputado, esgueirei-me mal pude, a um trem de praça, e mando bater p'ro hotel Simões a todo o panno. Chegado lá peço uma cama, e não ha cama; quero sentar-me a cear, e não ha ceia: as minhas malas, agua, e ninguem ouve! Anda tudo possesso na hospedaria. As creadas respondem duramente.

E ahi vem na rua o quer que é, pujante e formidavel, porque correm todos á escada, o dono do hotel empurra-me, a matrona Si-

mões manda-me á fava, e todos bailam, tropeçam, cabriolam, quando entre estandartes, á frente da musica, e seguido por uma innumeravel procissão d'archotes e vivorio, um homensinho desemboca na praça, de mão no peito, varino e *cache-nez* de saloio rico: e a passo firme, com o guarda-chuva na mão, desnarigado e coberto todo de horriveis cicatrizes, dá tres voltas ao som da *Portugueza,* como um general tomando posse da cidadella, ao fim d'um cerco.

O meu espanto por aquelle extraordinario cortejo a deshoras, com a população das Caldas no coice, leva-me a ir consultar certo cavalheiro pansudo, de babuchas, que acaba d'abrir a porta d'uma pharmacia, por ella entremostrando, a par d'um turbante moiro de trazer por casa, um candieiro acceso, de trez bicos.

—Pois o amigo não sabe, é o filho do Simões...

—O filho do Simões, diz o senhor?

—O Simões do hotel, até veio no jornal, recorde-se, o Xico, o rapaz que teve males.

—Ah, sim senhor. E vem curado?

—Curado! explodiu com desmedida vehe-

mencia o boticario. Melhor do que isso. Vem inteiro!

—Inteiro que quer dizer?

Patriarchalmente elle se dignou sorrir da minha ingenuidade, e meteu phrase.

—Inteiro, eu lhe digo, é uma pessoa ter posses p'ra dormir co'as pequenas, sem pedir nada a ninguem.

—E toda esta festa é então por não faltar nada ao Simões filho?

—Tal como vê.

—Mas quazi que não figuram no regosijo senão homens. E devia ser o contrario—não sei se offendo—admittida a definição que v. s.ª deu d'inteiro, ha bocadinho.

—Mancebo, obtemperou o piluleiro em tom profundo: heis-de saber que este rapaz é o primeiro clarinete do conselho, é a gloria das Caldas... invalidado portanto, faria falta a' toda a gente. Heis-de já tel-o visto no Club...

—Pois elle mostra-se!!

O piluleiro não teve tempo d'explicar. Uma bicha medonha vinha rente das casas, escovinhando, de mãos dadas, e n'uma choral estrondosissima, que espargia nos ceus a melo-

pea pulada do Compadre *Chegadinho*. E aquillo, ondulante, abrangia todo o perimetro da praça, escumando cachões de vida besta, partia-se hi, cerzia além, e metendo p'ra dentro das suas roscas quem surgia a cocar por portas e travessas! E quando foi rente á porta da pharmacia, os galfarros d'um gançaram subitamente o boticario, mal-o turbante, e levaram-no aos tombos, com o candieiro de trez bicos pendurado no mendinho. Vou-me empóz d'elles, e senhor do caso, inda logro abordar o rei da farandole, no momento do pae lhe começar a dizer o sermão d'encontro—Rico filho da minha alma! Luz dos meus olhos! etc., e os abraços do estylo, entre vivorio.

—E como vens tu de bagagem, Francisquinho? acode o hoteleiro, meio lacrimoso. Faltam-te nacos na cara (a falla treme-lhe) mas quanto ao resto, trazes... tudo?

—Pouco me deve faltar, graças a Deus!

—Ai, não o creio, seria muito...

—Pois certifique-se, pae, e vocês, rapazes, divulguem das minhas posses, p'ra vergonha dos curandeiros cá da terra.

—Viva o Simões! e a procissão vae lufa-lufa, escada acima.

—Então marido? diz a hospedeira, apparecendo. E ás carcachadas, o velho:

—Tira p'ra lá as Pulcherias, que o diabo do rapaz tem *lua nova!*

—Palavra de honra?

—Palavra. Voltou a ser o primeiro clarinete do conselho.

Os dois extaticos, com os olhos babados sobre o filho:

—Abaixo de Deus, agradece-o ao snr. capitão Machado!

PARA O SENHOR PADRE!

São commentadas ha muito na minha aldeia, as antipathias dos dois padres que lá vivem — um pastoreando a freguezia, á sombra d'uma congrua pouco farta; vivendo o outro do vinho e mais do azeite que lhe produzem as terras que cultiva. Padre Carreira, *o senhor parocho,* é uma pessoa robusta e já grisalha,

sanguinea de pescoço, e toda frenetica por qualquer pequena contrariedade que lhe advenha. Sempre foi pobre, e nada enfronhado em subtilezas mysticas de beaterio.

Chama ás coisas pelos seus nomes, o que lhe tem valido alguns dissabores, por banda do senhor bispo; e come e bebe nas bodas, célere e desabusado, a ponto de parecer que guarda comida nos bolsos da rabona, tão lestos lhe desapparecem do prato os nacos que elle sacca aos *ensopados,* co'as suas grandes trinchadas pantagruelicas. O outro padre é Assumpção—padre Assumpção. O *senhor padre Assumpção...*

N'outro gosto, o mequetrefe. Novo ainda, e filho da terra e d'umas tias que o educaram, o dom Bazilio tem sabido guardar entre a rusticidade monteza dos parochianos, o seu effeminado escorço de menino do côro—e manso nas fallas, muito doce ao contacto das mãos, é tal o seu aspeito de reserva e prudencia, que o madamismo do concelho todo vem, pela quaresma, diluir na consolação das suas predicas, o remorso de quantos pecadilhos haja commetido, pequenos e grandes, pela volta do anno. Padre Assumpção não quiz parochia. É

quazi rico, tem cavallo e sobrecasaca, recebe jornaes de propaganda, e ao mencionar o senhor bispo, tira sempre o chapeu com grandes mostras de veneração. Acha porém que em padre Carreira fallecem requisitos de bom pastor, e faz-lhe a honra de o desprezar sem espalhafato, porém com uma tenacidade, que ainda ha-de vir a ser causa do desterro do bom cura.

Ora deu-se um caso chibante entre estes bonzos, durante a desobriga da ultima quaresma. Ia a senhora Belizaria confessar-se ao Assumpção, sexta feira das Dôres, após uma noite de meditações e rozarios desfiados, quando ao virar a esquina das do Leonardo, caminho da igreja—Santo Elesbão rolheiro nos acuda! —subito deixa escapulir por entre as pregas da capa, não sei que adejo musico, ondulante, escoado, assim como o miar d'um gatinho novo, aquem se pizasse a cauda—mas aquillo tão doce, prolongado, esfusiante... Padre Assumpção chamar-lhe-hia reminiscencia de canção paradisiaca, se o escutasse! Entretanto, reminiscencia, reminiscencia... Um tal queixume, assim gothico e diaphano, que a bocca d'um anjo articulára sem duvida, nas trazei-

ras da beata, e que mal podia comparar-se á sombra d'um *mi*, muito anilada... um tal queixume logrou logo perturbar a penitente no mais unisono dos seus escrupulos: nem que fosse baforada do demo, destinando-se a putrefazer, na consciencia da devota, a atmosfera de candidez que lá servia d'involucro á fé christã.

E Belizaria, rancorosa sempre contra quem lhe não sabia apreciar as devoções, esganiçou com azedume:

— Para o senhor padre Carreira. Chucha!

Mas ainda bem não tinha dito a injuria, já o coração lhe dava uma pancada contra o crime de religião que commettera.

Padre Carreira, embora fosse um porco espinho insensivel ás delicadezas da exegése, pouco amoravel no tracto do confissionario, e sempre chocarreiro para os escrupulos de consciencia, a que, não sabendo applicar remedio, fingia ligar pouca importancia; padre Carreira era antes de tudo, um sacerdote, representante de Christo e da sua igreja. Ui que

terrivel peccado ella fizera, a pobre dona, á porta mesmo da casa do Senhor, e no solemne instante de comparecer, vestida de graça, perante o tribunal da penitencia! Lá teria de contar mais este crime. Mas com que palavras, com que razões, Senhor de misericordia! — com que desculpas explicaria ella um tal desregramento, ao senhor padre Assumpção, tão catita sempre e afidalgado, e que rescendia a aguas de cheiro por todas as bandas do senhor seu corpo? Já de mãos postas promettia aos santos predilectos, grandes sommas de padre-nossos, *glorias,* e outros acepipes cathecismaes, se acaso padre Assumpção não perscrutasse demasiado a indole e proveniencia do mavioso queixume — inteiramente archaico — que se lhe escapulira, como disse, por entre as dobras do capindó.

A tremer de pavor chegou-se á teia, ajoelhou machinalmente deante do altar da Piedade, persignou-se, beijou a pedra da capella... *Santa Maria, mãe de Deus, rogai a Deus por nós, agora e na hora da nossa morte...* — e as rezas feitas, deitou o rabo do olho para as bandas do confessionario, onde padre Assumpção devia d'estar, em nome da paciencia di-

vina, dando ensaboadellas de perdão na patifaria recondita das beatas. Eram mais d'onze horas, e em breve as ultimas confessadas vieram enfileirar-se ao pé da meza da communhão, mastugando corôas, com os narizes nas Horas, como uma rabanada de pègas—calhando então a vez de Belizaria se ir ajoelhar aos pés do confessor.

Padre Assumpção estava massado. Confessára trinta e oito maganas, esse dia. Tinha a almoçar dois famulos do bispo, e homem do seculo (como elle proprio se chamava) não deixava de preferir ás abstinencias quaresmaes, tão idealmente catholicas nos outros, as bellas perdizes lardeadas de presunto e tubaras da Vera Cruz, que a Joanna devia d'estar estufando a lume brando, p'ra regalo de S. senhoria e das visitas.

Emquanto a velha começava a dizer as orações, descia á frasqueira a ideia do hospitaleiro reverendo, a escolher entre o clarete, um certo almiscarado, leve e espumoso, de que se podiam beber toneis, sem prejuizo. E vae depois, abria uma garrafa, e outra, e outra, dando a provar aos famulos do bispo...

—Boas perdizes, tenras, aloiradas! Duas tar-

raçadas de miolos com ovos, por cima. Fructas de calda, letria doce, e para o caffésorio, senhores, uma aguardente de medronho, incomparavel!

Mas cahiu em si, vendo a Belizaria á espera das perguntas.

—Diz muito bem. Vamos nós agora aos mandamentos.

E por qui fóra, começou o inquerito espiritual, sobre o amor de Deus, a mulher do proximo, a observancia da castidade e dos Domingos, té a parlenda enfim chegar ao ponto critico em que a beata havia de dizer o terrivel peccado.

—Accuso-me de ter commettido um sacrilegio, senhor padre.

—A misericordia celeste é infinita, minha irmã.

—Vinha subindo as escadas da igreja, ha bocadinho, entro a rezar, e de repente...

—Uma pernita mais de perdiz, padre Calçado!

—Que diz V. Senhoria?... Eu nem valor já tenho p'ra contar. Ai! grande trabalhos se passam n'este mundo!

-Ponha os olhos no ceu, tornava o con-

fessor, e pense que a bondade de Deus está provada pelo mesmo perdão concedido por elle, aos seus algozes.

Lá se animou a velha a dizer tudo.

—... vinha subindo as escadas, como disse, e de repente, um solfejo...

—Bellas, as tubaras! Ah, um solfejo... Musica da Vidigueira, que vem cá tocar á nossa festa.

—... solfejo, que (nem eu sei como conte) desconfio me sahiu das entranhas da barriga...

—?!

—Ai, senhor padre! desabafou a pobre Belisaria em pranto afflicto. Solfejar não era nada, um som que passa... se o demonio me não tem feito sahir pela bocca, outra blasphemia.

E gorgolejada a afflicção, a dona acrescentou:

—É que eu disse em vóz alta, para o senhor...

—Olhe que a expulso, mulher!

—... padre Carreira.

—Mas isso não é nenhum sacrilegio, minha irmã!

—E pequei mais.

—Sempre p'ro mesmo?

—Eu disse, chucha! E não é verdade que isto reforça...

—O som, não digo. O que póde é facilitar a absorpção. Espere ahi.

Foi á vestiária, onde padre Carreira estava dispondo o brodio para a musica da festa e o pregador, e tomando-o de parte, com os sigillos e precauções dignas do acto, pediu-lhe fosse acabar d'ouvir uma alma christã, que alli estava no confissionario, á espera da graça, e que elle não podéra escutar, por escrupulos de consciencia...

—Escrupulos de consciencia! Não ponha mais. Ia apostar que é velha e feia.

Padre Assumpção tartamudeou de proposito, desculpas descosidas, tendentes a deixar vêr ao prior as turbações d'espirito em que se achava, e pretextando fadiga, má disposição, incompetencia, esquivou-se, mal poude, empurrando o parocho para o confessionario.

—Ora vamos lá ao sansonete, disse o cura, resignando-se. Inda faltam muitas, Silvestre?

—Faltam só tres, senhor prior.

—Bem. É um rufo. Onde tinha vossemecê ficado, creatura?

—Nossa Senhora me accuda! gemeu lá do fundo do bioco, a Belizaria. Então o senhor padre Assumpção adoeceu?

—Qual adoeceu! Está farto de vocês. É o que é. Onde ficou vossemecê na confissão?

—Oh mãe do ceu! regougava a beata afflictamente, sem achar meio para, nem bravatas do padre, confessar que se esvidára em seu proveito.

—Então santinha, ouve? Olhe que eu não posso aqui estar toda a vida, á espera que vossemecê deite cá pr'a fóra as fundalhas do seu bule.

—Ai, senhor padre! dizia a bruxa spasmica e enfiada; realmente eu não sei, não sei... um caso de tanta circumstancia... tenho tal mêdo! olhe, estou mesmo mortinha... se fosse coisa que o senhor padre Assumpção inda tornasse, antes eu queria esperar, inda que fôsse por muito tempo...

—Mau, temos secca! Quer dizer, ou não quer? Se não quer, despeje o campo, que eu tenho outras almas que ouvir, e estou com pressa.

—Por caridade accuda-me, senhor prior! Não me falte co'a hostia, que eu espereço. Oh almas santas! Com que cára hei-de eu contar a V. Senhoria esta immundicie! Como hei-de eu declarar, sem morrer de vergonha, como fiz uma acção tão diabolica? Ah senhor padre, foi coisa da era-má! E eu tão entregue que vinha ás orações! Mas á entrada da porta — tenha compaixão de mim, sou uma pobre!—nas escaleiras, truz! escapuli-me...

—Escapuliu-se, como, desgraçada?!

—Escapuli, sim senhor, escapuli, por infelicidade, e mesmo com os olhos em Deus, preguei um vento.

—E faz uma esterqueira d'isto, um caso de consciencia!

—... escapuli, senhor prior, e disse *chucha!*

—Grandecissima zorrona! que a mando já d'aqui zurzir pelo sachrista.

—Disse *chucha*, senhor, gania a misera, rojando-se aos pés do rude parocho, com escandalo dos freguezes que viam de longe o o padre gesticular, e a velha torcer as mãos em geito afflicto; disse chucha, e tão infeliz, que accrescentei: para V. Senhoria.

—Com trezentos mil diabos, que me vou a perder por esta bebeda! Raio de canorça! É a congrua que você me paga das estopadas com que me faz perder a paciencia. Agora entendo porque o meu collega estramalhou, tão agoniado, do tribunal da penitencia. Não quiz ser receptador d'um mimo que vinha com sobrescripto ás minhas ventas. É de bizarro! Mas hei-de repartir com elle o folar, que eu sei muito bem que o typo gosta. Pr'a mais tem cavalheiros da cidade, hoje ao almoço. Espere ahi.

E vencendo as supplicas da velha, que agarrada aos joelhos do cura teimava em não o deixar partir sem que este a absolvesse, atravessou o cruzeiro como um corisco, sem genuflectir deante do sacrario, e entrou na sachristia de golpe, quando já padre Assumpção agarrava no chapeu para se ir vigiar o andamento do banquete.

—Meu estimavel collega, disse o cura, embezerrado, venho trazer-lhe o folar da mulhersinha de ha bocado.

—Oh, quanto a isso, collega, não foi pr'a mim que ella o pariu.

—Mas offereço-lh'o eu! Não me cega agora

tanto a gulodice que não reconheça que os bons bocados se fizeram para boquinhas d'oiro, como a sua. Veja entretanto como as nossas freguezas são ingratas para com os seus directores espirituaes. É o senhor quem dorme com ellas, e sou eu quem lhes apanha os enconfeitados.

—Collega, fazem-se os mimos a sabor das aptidões.

—Mas o amigo, tão bom theologo, como é que se não resolve a estrahir d'este caso, os prolegomenos d'uma predica quaresmal: *de crepitorum natura*...

—Já tenho para a Dominga proxima, exordio escolhido...

—Bem. Não insisto. Sómente, como a mulher espera, dir-lhe-hei que lhe venha restituir inteiro, o... mavioso.

—Seria um escandalo na casa de Deus, que espero evitará por todas as formas.

—Escandalo que o senhor motivou, a sabor da indole jovial que todos lhe conhecem.

—Repare nas consequencias. Olha que estão aqui dois famulos do bispo!

—Isso em meudos quer dizer que a minha suspensão será a rezultante logica da genero-

sidade que eu mostrar, recambiando o mimo a V. Senhoria. Aqui porém ponho um reparo. Dando eu a um collega, por pura estima, o folar dos freguezes, em que verá n'isto alguem uma infracção das praticas canonicas? Tanto mais que o presente é azado: o meu collega abusa dos perfumes...

—Collega, essas maneiras...

—Emfim, são uma retribuição de gentilezas. Não lhe devo eu outras, de mór vulto? Ha serviços que se não pagam senão com raridades, e como é desusado este mimo, pelo menos entre pessoas do nosso officio, quero que partilhe comigo o prazer de o gostar condignamente. A não ser que o guarde todo... como tem visitas hoje... Dir-me-ha portanto onde o leva. No lenço não, por causa do pingo. O mais avisado é o collega ir buscar uma garrafa.

—Principio a lhe achar na chalaça, exorbitancia...

—Tem sobeja razão, vamos ao serio. Acha o collega que mesmo dado o proposito velhaco, ou simplesmente tolo, da beata, se lhe deva lançar a absolvição? Olhe que a brincadeira finda n'este ponto! Consulto o theologo

subtil que tantas vêzes me tem feito a honra de censurar actos de passa-culpas.

O outro concentrou-se, e ao cabo disse:

—Que tudo dependia... Se a mulher confessou, com propositos contrictos, a injuria feita a um ministro do altar, Deus manda remil-a. Se o fez porem, mirando agravo directo...

—De feito, disse o parocho, é possivel que ella, por lisongear-lhe a vossa mercê a unctuosidade mystica, proverbialmente antagonica do meu feitio brutal, tinha posto no caso intenções offensivas para um homem que, todos sabem, lhe não aturaria exageros fanaticos. Ora como vossa mercê houve da mulher, detalhadamente, a narração do caso, espero decida...

—Collega, é complicado. Acho entretanto natural que aquillo fosse antes excesso de zelo christão, desmandado, ridiculo, mas sem fel.

—Por consequencia, absolvia...

—Reservando-me talvez o acrescentar-lhe a penitencia, consoante os dictames da razão, compativel co'a misericordia.

—Entendo. A peidolatria merece-lhe acquiescencias, todas as vêzes que não seja vossa mercê o orago de tal culto.

*

E o parocho foi-se, apasiguado já das coleras biliosas, e até com certo humor de cruzio folião, acabar d'ouvir a Belizaria.

Algumas horas alem, estava Assumpção, mal-as gentes do bispo, a meio do almoço, entra-lhe pela casa, com o rosto coberto, uma princeza...

—Senhor padre, venho cumprir a penitencia que o senhor cura me deu, no confissionario...

Já o dono da casa se erguera d'impeto, receoso d'escandalo, enfiado; mas transiu-se, vendo os famulos do bispo erguerem o olhar ao ceu, como quem ora. Houve um silencio, a Belizaria estava de joelhos, os padres aguardavam, com os copos meio cheios á altura do focinho: e tamanha a compostura tragica da scena, que a propria cosinheira se persignou com a travessa de miolos que trazia.

—Não vim mais cedo, arquejava a penitente, entre soluços, porque os feijões agora custam a coser.

Interdictos os famulos! Penitencia, feijões... raio d'embrulhada!

—Ah, muito custa ser agradavel a Deus! tornava a mulher, com punhadas contrictas

na barriga. E rezumia, que em sua vida expiára peccado que mais vergonha pozesse em seu focinho. A cada instante repoupos, torsões de busto, suspiros: e toda a espremer-se, como uma parturiente d'utero cançado.

—Ai senhores padres! elle ha-de sahir por força, este demonio, antes que eu cuide de romper as tripas á thezoura.

—Senhores, não façam caso, tardamudeava Assumpção já furibundo. Esta mulher perdeu o siso. E para a creada: senhora Joanna, não ouve? ponha-me a pontapés este estafermo.

Mas já n'esse momento a beata sentia esvoaçar-lhe no ventre o quer que fosse.

—A penitencia, a penitencia... é que o senhor padre Carreira ordenou-me...

Esvoaçar-lhe no ventre o quer que fosse... e afflicta, tremula, uns clarões de martyrio na caveira «...ordenou-me trouxesse a V. Senhoria...» Agora era certo, e sem mais dizer, eil-a se volta, e ajacula do posterior um traque apocaliptico.

Extraordinaria novidade litteraria e artistica

CAMILLO CASTELLO BRANCO

Amor de Perdição

(MEMORIAS D'UMA FAMILIA)

EDIÇÃO MONUMENTAL ILLUSTRADA

Enriquecida com a brilhante collaboração de M. Pinheiro Chagas, Ramalho Ortigão e Theophilo Braga, e illustrada com seis desenhos de pagina expressamente executados por J. J. de Souza Pinto, C. M. da Costa Lima e José d'Almeida e Silva. Distribuição semanal ou quinzenal (á vontade do assignante) ao preço de 200 réis cada fasciculo, pagos no acto da entrega. Provincias e ilhas, 220 réis cada fasciculo, franco de porte.

Está em distribuição esta edição monumental, a primeira de quantas até hoje se tem feito

no nosso paiz, sendo distribuidos os fasciculos com toda a regularidade e entregue juntamente com o ultimo a todos os assignantes o explendido brinde: «**Uma scena de Pompeia**», copia do notavel quadro que enriquece um dos museus de Italia e devido ao pincel do celebre artista italiano L. Crosio.

A assignatura continua aberta, devendo os pedidos ser feitos á Casa Editora ALCINO ARANHA & C.ª, rua do Bomjardim, 95—Porto, ou á sua filial em Lisboa, rua dos Retrozeiros, 75.

FIALHO D'ALMEIDA

OS GATOS

PUBLICAÇÃO SEMANAL,
D'INQUERITO Á VIDA PORTUGUEZA

N.º 24 — 28 de Fevereiro de 1891

SUMMARIO

Os pannos de Columbano para o salão de baile do conde de Valenças—Revista historica da dança: a walsa, a quadrilha, e a gavota—Mulheres de Columbano, e physionomia uniforme dos seus typos—Lopes de Mendonça, contemporaneo de Henrique III—Um grupo da *Divina Comedia*—Analyse da obra, atravez os predicados especiaes do decorador—Intransigencia no modo de dar, e cenho naturalista no modo de ver—Philosopho cynico no pintor mysantropo—O que é um artista, e porque

MANEIRA O SEJA COLUMBANO?—A SUA PREOCCUPAÇÃO MORAL, E DA NATUREZA CARICATURAL DO SEU DESENHO — O LEILÃO DA CINIRA, E DE COMO ÁS ACTRIZES PORTUGUEZAS FALTAM HOMENS—EXCESSOS DE PUDOR ACCUSANDO FALTAS DE TALENTO — INFLUENCIA DO AMOR NA ARTE DE REPRESENTAR — EM QUE SE PERGUNTA AO CONSELHO DE HYGIENE, SE O GONÇALVES É OU NÃO, E EM CASO DE O SER, DE QUEM SERÁ?—GONÇALVES E OS FEDORES, NAVARRO E AS INSTITUIÇÕES, A ASSOCIAÇÃO COMMERCIAL E A GUARDA, E O CORREIO DA MANHÃ E AS TRAZEIRAS—GONÇALVES EXHIBICIONISTA, E NECESSIDADE DE O RECOLHER N'UM HOSPICIO—A PROCISSÃO DOS PASSOS, E IDOLATRIA LISBOETA PELO REI DA GRAÇA—DE COMO O SENHOR DOS PASSOS É O IMPERADOR DO BRAZIL, DE CRUZ ÁS COSTAS — S. P. Q. R., E VERSÃO POPULAR D'ESTAS QUATRO LETTRAS FATIDICAS.

---

20 de Janeiro.

Columbano Bordallo acaba de mostrar a meia duzia d'intimos, no seu *atelier* do pateo Martel, trabalhos de decoração executados por encommenda do conde de Valenças, para a sala de baile do mesmo senhor.

O interesse provocado nos visitantes, por esta obra de Columbano, a mais ampla do artista, e a mais superiormente executada de quantas até'gora lhe sahiram das mãos, avaliar-se-ha na razão das contrastantes opiniões que ella logrou provocar em espiritos que, sobre a nenhuma educação de museu, tinham ainda a restringir-lhe as vistas criticas todos

os *parti-pris* da côr do artista, essa côr pessoal que tantos filiam n'um defeito optico, tendo o cinzento por tom predominante.

A pintura é a oleo, e consta d'um tecto que não podémos vêr, e foi pintado *in situ,* e de sete *panneaux* de cerca de tres metros d'alto, e de largura differente, que serão applicados ás molduras d'estuque do salão de baile a que se destinam. N'estes ultimos desenrola-se uma especie de revista historica da dança, por quadros concretos, abrangendo os cyclos em que o costume mais pictorescamente disse com esta arte de dar á perna, em que tanto se compraz nas horas d'ocio, a humanidade. Descreverei a coiza em quatro traços. O primeiro panno é consagrado á dança de hoje: um par adolescente avança, com dengosidades *fin-de-siécle,* realçadas pelo typo fragil e essencialmente lisboeta, dos dançarinos. Elle, uma especie de cara chata e de figureta aperaltada: ella, uma quinquilharia risonha, cujos pobres membros visionam degenerações de raça tuberculosa. O ar é grave, o sorriso das boccas indifferente. Na casaca azul d'elle ha certo chic, o collete de setim perola revestelhe um peito vão de menino futil, e quanto

ao calção e á meia preta que lhe completam o *toilette,* sou a dizer moldam uma perna secca e curta d'animal valetudinario, de boneco de salão, que não marcha, que não estuda, que não pensa, e cujo elegante rachitismo todos já nos acostumámos a vêr passear nos carros de luxo que aos Domingos se cruzam na Avenida. O vistuario d'ella é setim branco, ha plumas nos cabellos, e uma ligeira decoração de flôres de lyrio no corpete e n'um dos pannos do vestido. No lançar d'essas pompas de menina solteira que dá á perna, com o noivo talvez, toda a sensação de requinte é abolida: a valsista é uma pessoa candida e rasoavel, com um queixinho moço, um penteado singelo, e um ar infinitamente cazeiro e affectuoso.

No esparso da tinta ha uma preoccupação de segurança, e ao mesmo tempo o ar d'ella ter sido espalhada um pouco ao acaso. Certos detalhes muito acabados, contrastam com outros, apenas postos de raspão. O todo paira n'uma especie de nuvem que permitte ao espectador completar em espirito o quadro, e como que dá sonho á tela, o que é um requisito talvez da decoração.

O retabulo segundo é a dança no Imperio. Ha um rapaz de perfil, expressão flagrante dos estoiradinhos d'esse tempo, calça colante, meia de seda, casaca de gola altissima, bicorne, e bofes de renda em grandes folhos. A figurinha da mulher é deliciosa, com o vestido de corpinho curto, os braços descobertos, e o decote quasi horisontal, descobrindo peito e hombros sem provocação. Uma adolescencia celeste irrompe d'ella, com as indecisões sexuaes dos quinze annos, quando a carne da mulher ainda cheira a *biberon*. Na anatomia mimosa d'essa risonha tentadora, detalhes reconditos dizem a amorosa attenção do artista perante um modelo que o interessa; por exemplo o pé, pequeno e estreito, que avança n'um sapatinho de setim com fitas cruzadas, a cabecita redonda, d'ave, frivola e castanha, com a fronte desafogada de carrapitos, e a expressão do olhar, fugaz e volitando todo d'innocencia... No conjunto do quadro, a nuvem paira, com o seu turbilhão d'atomos cinzentos, afogando aqui e alem detalhes adevinhaveis, po-

rem deixados pelo pintor n'uma especie de crepusculo fugidio.

Terceiro panno, em pleno Luiz XV.

É um momento de gavota, surprehendido: o par avança n'um torneo de corpos gracil... elle de costas, delgado, esbelto, casaca de pellucia verde e calção preto, a meia côr de carne, o *talon rouge,* a cabelleira com pós e o ar galante—pequena ella, o seu ar de burguezinha bondosa, em cujas covas de barba houvesse ainda restos de beijos da ultima festa de Natal. Tem um corpete morango, decotado, a saia de damasco com pionias soltas, a matiz, e encara o espectador com o seu biquinho humoristico de garota, o seu focinhito rozeo, todo cheio de graça convalescente, de mimo de flòr murcha...

De toda a pintura exposta, o trecho amorosamente estudado é este; detalhes, desenho, tons, tudo é magnifico. Ha promenores que são verdadeiras restituições de coizas vistas. As figuras teem uma destreza de vida e um lançado que palpita sob os rumorejos da orchestra que deve estar tocando. E na casaca verde do homem, a luz infiltra-se entre as villosidades revoltas do estofo, e criva-o de refle-

xos, fazendo valer, no verde violento, a pallidez dos bordados a matiz, profusos, lilaz e pequenas flores de quatro petalas... Certamente que nem o costume d'elle, nem o costume d'ella, foram escolhidos na exposição do seculo XVIII, em Paris, hotel Chimay, com todo o rigor archeologico, nem talvez esses corpinhos fracos, um pouco exangues, de jarretes finos e carne fatigada, vivendo de hysteria e de *bon-bons,* traduzam a toda a altura a galantaria preciosissima do tempo. Sente-se entanto no par uma delicadeza sui generis, não dandynesca, porem burgueza, e tocada de não sei que humor enternecido, que faz tom.

Quarto retabulo, Luiz XIV.

O costume do homem, severo, casaca azul e cabelleira d'anneis, canhões e bofes de renda, tricorne na mão esquerda, e o collete de grandes abas, cahindo, vermelho, té lhe encobrir as coxas de peralta. A figureta da mulher poisa a tres quartos, voltando de leve as costas a quem olha, e é a mesma anemia morena, o mesmo typo afusado e decadente das outras,

com frescuras que lhe vem dos poucos annos, e nunca do circular sadio do bom sangue. Esta todavia se faz singularmente captivante, com o seu geito de fidalguinha rachitica, a sua finura d'articulações cheia d'espirito, e todo o rythmo ondulado das formas que se adoçam, sob o explendor do trajo, dando-lhe por isso mesmo um typo espurio, de gazella, alveloa, e rapariga, em dose egual.

No quinto panno evoca-se a recordação do que seria um par dançante, ahi pelas alturas de Henrique III. O homem é Lopes de Mendonça, em mais *fluté,* vestido de negro, calção e justilho curto, manto em romeira, golilha encanudada, brinco na orelha, barbicha em ponta, e com uma espiritualidade feliz no rir dos olhos, no evaporado da cabecinha estreita, em cujos cabellos rentes passam calafrios d'uma luz loira. Ella é mais seria, de corpete severamente abotoado, mangas de puf, gorgeira e punhos de profusa renda; e tem um lenço na mão, a saia tomada um pouco á banda, de glauco mar, em cujo tom se esmancham pequeninos bordados a matiz. Este quadro não está inda completo; n'elle porem, como nos outros, sente-se a mesma procura d'um

typo feminino, sempre o mesmo na essencia, e que o pintor idealmente requesta, não vendo outro, seja qual fôr o modelo que lhe tenha vindo pousar ao atelier.

No sexto panno é Renascença. Um grupo de figurinhas de mãos dadas, parece que se levanta da Divina Comedia, e vem, com os dedos em fuso e o ar mystico e dolente, saccudir no baile o polen das rimas dantescas, que lhe atapeta o chão de sonho historico, e idyllio mumifeito. Elle macilento, varado de preoccupações desconhecidas, deixa a gaforina voar de roda do seu craneo de phantasma: é hirto, moço sem edade, e anguloso e antipathico quazi á força de ser feio. Traz um gibão d'escarlata, pregueado, as mangas perdidas orladas d'arminho, colar ao peito, meias colantes, d'uma côr desegual p'ra cada perna, salmão e azul... e o aspeito d'ella é quazi o d'uma santa, no seu costume branco de reclusa, a escarcella pende-lhe, a trança morre, os olhos baixam — e fria e sem desejo, tem um ramo de lyrios na mão cheia d'anneis.

Finalmente o ultimo trabalho da decoração é uma grande tela onde está pintada uma quadrilha, de que o espectador apercebe oito ou nove figuras. No primeiro plano veem-se as seguintes; um brigadeiro alto e espadaúdo, de costas, o fardalhão bordado a ouro, a bota alta, o bicorne de pluma escarlate, dá o braço a uma rapariguinha de collo alto, decotada, vestida de vermelho bufante... leve e tão fresca, que a sua carne tem, sob a epiderme doirada das espaduas, no coral da orelha cinzelada que nem joia, nos torvelinhos loiros da nuca, paraisos d'infancia divina ainda e já nubente, de sorte que os beijos que se lhe dão, por puro enternecimento, a principio tranquillos, depois sabem a amor, por deixarem rozetas de carmim por onde quer que os labios tocam... Uma doidice alada calafria de prazer todo esse busto de loirita gorda, que se abandona ás *nonchalances* da quadrilha, pelo braço do brigadeiro espadaúdo.

Traz d'ella, á direita, um macilento avança, afiambrado, exangue, de cara longa e olhar de quem traz tenia; e pela esquerda, um estoiradinho, de perfil, todo ao rigor da moda de 1830, mostra a sua cabeça de romantico, de

topete, barbicha virginal, e olhar cavado, como quem sabe o seu Byron e tem febre. Depois, no extremo do quadro, uma mulher a tres quartos, com um nariz d'expressão, sorri um pouco, bella de carne, gorda e vestida de seda furta-côres... As figuras do segundo plano, tres, apercebem-se por entre os espaços claros das que disse. Primeiro é uma mulher magnifica, de branco, lembrando um pouco o retrato de D. Maria II, por Lawrence, e cuja cabeça patricia tem correcções esculpturaes de grande raça. Tem um penteado de copo, marrafa ao centro, e molhos de caracoes sobre as orelhas. É fresca e altiva, o colo amplo, cuja nudez brota olympicamente do corpete cheio de joias. Tem mitenes de renda, os dedos longos, anneis de *chaton* cheios de pedras, e a sua desdenhosa beileza attrahe o olhar, como um centro hyponotico da pintura, forçando o espectador a dizer:

—Já não ha d'isto!

Desenhei summariamente a obra de decoração de Columbano, e a mim mesmo pergun-

to agora: — Estás contente? O que acabas de vêr é realmente a verdadeira pintura? Ao homem que assigna isto, póde-se com toda a austeridade d'um seguro criterio, chamar um evocador da vida, e um resurgista? Ha realmente synthese n'esta obra? A côr é justa? O desenho é flagrante? Falla a composição? Ha soffrimento, sonho, satyra, ideal, n'estes paineis?...

E logo no fundo do meu ser se inicia, difusamente, um movimento de resposta:

— Eu sei! é talvez cedo para exprimir sobre Columbano Bordallo um veredictum seguro. Elaborações prolongadissimas fazem-se de longa data no espirito d'este buscador d'inedito, que vendo largo, não conseguiu ainda, pelas complexidades do seu typo, vêr seguro.

Não que ao seu pincel desajudado escapem os artificios do *metier*, ou que o ramerrão dos mais não fosse para a sua tarefa, coisa facil, caso elle estivesse disposto, como tantos, a fazer da arte, sinecura, em vez de por ella ter os enlevos d'uma religião toda mental. Mas Columbano mira alguma coisa mais solido que o brilhante, o convencional horrorisa-o — que é a phantasia de muitos — e espirito raro, des-

denha a arte que pensa nos applausos, e põe a sua corôa de loiro, como diz Rivarol, na cabeça dos que a embriagam. Ahi temos pois este homensinho, trigueiro, pequeno, silencioso, com a sua myopia doce e o seu ar contrafeito, todo cheio de susceptibilidades como as femeas, modesto por orgulho, intransigente por principio, afastando o seu processo artistico cada vez mais, da cosinha commum, e sentindo que diverge, e luctando sempre, com uma altivez de mysantropo, contra as irritações que elle bem sabe que provoca, e não podem senão indispol-o contra os successos banaes, mas necessarios, da clientella pagante, tão desdenhosa de critica, quando se não sinta pelo pincel, embelecada.

Certo, a pintura de Columbano não é linda, nem bem vestida, nem figurinada com mimos e arrebiques oleographicos — mas uma coisa hirsuta, com resaibos de miseria humana, ankiloses e rachitismos de membros, orelhas exangues, pelles flacidas, e não sei que dolorosa preoccupação do ser moral, que faz do pintor mysantropo, um philosopho cynico, e põe na sua technica uma terrivel chufa contra a raça.

O que é um artista?

Um homem que viu uma certa vida, experimentou emoções, e nol-as conta, transfiltrando-nos o calafrio com que as sentiu. A obra d'arte é portanto uma porção da sensibilidade visionada, e interpretal-a é historiar a existencia interior de quem na subscreve. Ora, é poizar ante a pintura de Columbano para logo advir na personalidade original d'esse sombrio. É um ingenuo, com ferocidades de honra, credulo mas pouquissimamente maleavel, capaz d'emoção, mas sem enthusiasmo, e em arte, muito mais instinctivo do que sabio, e como tal fazendo do instincto a unica voz audivel no mundo de contemplação em que se isola. N'elle as faculdades d'evocação são limitadas; e a sua phantasia faz desesperados esforços para suprir co'a profundeza dos conceitos, o que lhe falta em espuma iriente, em detalhe poetico, em estro alado.

É por educação e por sangue, um realista, os recursos vem-lhe todos da observação directa, forçando-o a desdenhar todos aquelles

que possam eximir-se á contraprova. Não sabe inventar, cuido mesmo que não quer, e é a razão porque a sua pintura, sobre bebida toda na vida actual, qualquer seja o assumpto dos seus quadros, ainda d'aquella prefere somente as coisas que lhe sejam absolutamente familiares e quotidianas. Assim, não se procure nas suas deusas, ephebos, satyros, e personagens antigos, outra anatomia além da que lhe póde offerecer a carne contemporanea, lisboeta, deformada pelo trabalho, e envilecida pela chateza de cruzamentos morbidos, em casas sem ar, e mezas sem hygiene nem fartura. Vi algures d'elle uma Venus, que da transcendente e olimpica fabula, havia apenas nome; no corpo, uma maritornes grossa, mamuda e livida, cuja grande nalga trahia a mãe de familia ao tomar banho, e cujas mãos chatas e fortes diziam uma ascendencia sem fim de cosinheiras. De mais saberia Columbano, antes de todos, com a sua admiravel sagacidade aguda d'olheiro mysantropo, que não era aquella a Venus que d'elle esperavam, o proprietario, a tradição e a critica; mas explicou que a mulher nua, de formas vaporosas, e breves calcanhares, os dedos dos pés em le-

que e a cinta vespa, com seios redondos e hombros musicaes, só existia nos quadros italianos, ou em alcorce nos bolos de noivado, jamais nos modelos que lhe tinham vindo poizar ao *atelier*. E accrescentaria, Deus sabe, que se aquella Venus não era a da fabula, em compensação — era a d'elle.

Nos trabalhos decorativos de Columbano para o salão do conde de Valenças, o processo de mão é identico, e os meios de reproduzir pela côr a figura vivente, embora n'uma epocha recuada, não desviam meio tom do ponto de vista comprehensivo que atraz puz—ponto onde por mais d'uma vez se tem querido vêr um *parti-pris*. De feito, as figuras d'aquelles sete pannos, áparte uma ou outra mais hierarchicamente posta, são antes exhibições de typos contemporaneos, sinceramente estudados dentro de vestidos d'outras epochas, do que tentativas de restauração da physionomia antiga, com o sabor e o *entrain* do seu cyclo historico especial; e assim como a Venus de que fallei, não era olympica, assim os dança-

rinos de Henrique III e Luiz XIV, não são cavalheirosos, nem authenticos. Mas note-se isto: ninguem como o pintor sabe melhor quanta idealisação romantica alli falta, para calhar aquelles personagens na sympathia facil dos *badauds*. Um acabado mais nos promenores do vestuario, um pouco mais de carmim no tom da pelle, bigodes mais flammantes, preciosidades mais assucaradas no gesto, e emfim fundos lambidos, com pequeninos valores de mobilia e adornos muraes bem evidentes, eis o bastante para trazer ao artista as ovações dos ingenuos, e as apostolicas bençãos dos criticos. O publico diria: tem côr, é reconstituido sobre textos, adevinha-se bem o historiador... Columbano porém é que ficaria remordendo toda a vida este remorso, para elle terrivel, *de ter querido adevinhar;* e quanto maior o successo, tanto mais duvidoso o pintor comsigo, de haver tentado pintar uma coisa fóra do modelo visto, e longe da sua austera fidelidade habitual. Esta teimosia em minha opinião é uma grandeza, que no entanto o desviará da popularidade eternamente. O culto do real n'esse homem é tão forte, que o leva a despir a figura humana de tudo quanto n'ella pa-

reça sombra d'artificio. O sentimento da côr obriga-lhe o pincel a só buscar inspirações nos tons amortecidos. Para melhor attingir a vivisecção do ser moral, cadaverisa de proposito, a expressão physica das figuras: caras lividas, pupillas fixas, gibosidades, epilepsias, gestos cávos... E elle mesmo parece soffrer do que pinta, tão arrancado o seu poder d'evocação, e tão dolorosamente sardonico por vêzes, sobre tela, o seu desenho. E o poeta do feio forte, o chronista da deformidade moderna, ascetico e bisonho, que mesmo na grande arte, não duvida fazer caricatura. E porque mysantropo e retirado, não sinta a vida senão por fragmentos, e tudo aperceba por uma só mascara, a livida, eil-o envolvendo o fundo dos quadros em brumas côr de cinza, não acabando nunca, pela necessidade de só pintar como vê — typos incompletos, almas aos pedaços.

27 de Janeiro.

O leilão de Cinira Polonio leva um instante a attenção para as actrizes portuguezas, e

faz com que sinceramente lastimemos a sua falta de saber profissional. Sobre terem talento, poucas, ainda mais raras possuem galantaria e formosura, e isto que as faz falhar no theatro, tambem de caminho lhes fecha as portas do prazer irregular, alcova, restaurant, e *partie-fine*, tão suggestivo em bohemias d'artista, e tão absolutamente indispensavel aos que teem de reproduzir da vida, como ellas, os seus multiplices aspectos estravagantes.

Quem assiduamente frequenta os camarins, nunca deixa de notar com certa surpreza, que o que mais preoccupa as nossas actrizes, não é a arte, é a honestidade, e ser honesta (ao modo d'ellas, entende-se) é um florão de que nenhuma d'ellas dispensa uma só petala. Assim pois, quasi todas essas princezas teem marido, ou pelo menos vivem como esposas, e nenhuma d'ellas se dispensa a massada de ter filhos, e de praticar o crochet nos intervallos dos ensaios. Vindas d'origens baixas, e lançadas no theatro por acaso, por fórma alguma podem essas raparigas trazer á arte algum dos requintes que a educação e a elegancia ahi transfiltram. A vida amorosa seria então para ellas um verdadeiro curso de bôa so-

ciedade, um campo d'observação cheio de notulas ineditas, com as suas ceias de festa entre convivas ricos e instruidos, com os seus spasmos de paixão no leito de filhos familias predularios, com os seus ciumes e os seus thedios, os seus apartamentos e os seus cynismos —e teria para as pobres garças, vantagens, como fossem: cultivarem-se, pelo convivio de gentes superiores; tornarem-se maleaveis para a scena, pela pratica aturada de todas as sensações e lances da aventura; e emfim talvez enriquecerem-se, pela depenna d'amantes demasiado sensiveis ao devorismo dos seus caprichos, e ao esgatanhar nas suas unhas côr de rosa. Todas as proficuas lições d'este conservatorio porém ellas recusam, as simplorias e chochas burguesinhas, com o serem d'um unico, e esse quasi sempre escolhido entre collegas, ou sequer recoltado entre os anodynos da classe burocratica. Com tal regimen, adeus riqueza, *toilettes,* serpentinismo amoroso, esthesia d'arte, e graça ironica! É uma abdicação geral do theatro em favor do matrimonio, um supprir de preoccupações estheticas por preoccupações de *pot-au-feu,* e tablado e lar viciam d'isto, o primeiro deixando vêr nas duquezas de

drama, mulhersinhas, ruindo o segundo a compostura domestica da mulhersinha, com pespontos chinfrins de duqueza de drama.

Cinira Polonio era, me dizem, uma excepção na hypocrisia do viver das suas collegas. Formosa quanto o pode ser uma franceza magra e d'ossos delgados, sem relevos nobres na mascara, porém fresca e avivada de todos os picantes que uma *maquillage* sutil cuido que traz a uma *coquette,* essa brazileira de Paris conseguiu intrometter na nossa vida de camarim, com a sua louca variabilidade amorosa, um pouco do sem rebuço que faz lá fóra as divas actuaes, e notabilisa a actriz sem talento, pelas mil *fioritures* e amavios da cortezã. N'este ponto de vista, a sua passagem por Lisboa é digna d'uma lapide, não tanto pelas recordações artisticas que deixa, coitada! senão pela especie d'exemplo que fica aberto ás vaporosas musas d'ámanhã. O theatro é por si uma arte tão fidalga, ser artista apura tanto espirito e coração d'uma mulher, que a actriz póde bem dispensar-se da norma

de proceder das outras femeas, sempre que se prove que ella vende a belleza, como Bernardo Palissy queimou as taboas da mansarda —para se auxiliar a gestação d'uma obra prima.

N'esta altura confesso que me veria embaraçado se pretendesse explicar em que é que a galantaria tornou melhor o desempenho que Cinira deu á *Perichóle* e ao *Barba Azul*. Não sei dizer, nem vem ao caso, e se aproveito o leilão d'ella para lançar o meu protesto contra as mulheres d'arte que se incompletam, só pela preoccupação chinfrim de serem castas, ninguem n'isto veja senão pretexto para um ponto de partida, sabido como Cinira foi sempre no theatro portuguez, uma especie de Silveira em loiro, melhor dotada é certo, mas sem pulso, com um filete de vóz, mas sem expressão, e apenas na cançoneta embutindo, aqui, além, umas refracções de graça arregaçada.

Ao abalar de nós, tanto a sua biographia de proscenio é secundaria, os jornalistas amigos só encontram para lhe saudar o estro, o descreverem-lhe a alcova, que o leiloeiro esmancha, explicando a origem historica das

peças de mobilia, e anedoctisando mesmo ao ouvido dos colleccionadores, as nodoas dos estofos, com o fim de lhes valorisar a ebenesteria banal, a trama pobre, e o gosto archichinfrim. Deixal-o! que nem por isso este fim de bohemia, expressão degenerativa d'uma raça ardente e languida, me é menos grato á impressão, com os seus ditinhos d'espirito entre dois beijos, o seu cynismo de deusa paixoneta, e a estranha canalhice emfim, dos seus inauditismos intimos, muitos dos quaes procuraram fugir ao papel de forrar casas do Augusto, para se approximarem, os perversos, cada vez mais dos frescos da Pompeia.

4 de Fevereiro.

Sr. presidente do conselho de hygiene e vogaes do mesmo

Tenho a honra de levar ao conhecimento da muita illustrada competencia profissional de v. ex.as, os seguintes factos:

Em 31 de Janeiro ultimo, produzindo no jornal *A Patria* uma serie de documentos, de caracter exclusivamente pessoal, tive de os explicar em algumas linhas de prosa justiceira, das quaes tombaram sobre o Gonçalves da *Provincia,* estas duas accusações de *torto* e *m*. . . —a primeira, fundamentada quasi toda no seu proceder desleal para com Junqueiro, visando-lhe o caracter—a segunda, mais particularmente inferida da sua singular e fetida maneira de tirar desagravo nas polemicas jornalisticas, visando-lhe a figura.

O homem, pesando a afronta, não hesitou em desvial-a do terreno em que outros haveriam preferido deslindal-a, e encarregou, disseram-me, os tribunaes de terem coragem em seu logar. Vae, disse comigo: onde viu elle injuria digna de querella? No epitheto de *torto*, exclusivamente endereçado ao ser moral? ou no epitheto de m. . ., exclusivamente chapado no ser physico?

Posto em socego, e conversa a ideia a uma cogitação das mais sanhudas, conclui que o Gonçalves querellára de mim, não por amor das injurias ao caracter — Junqueiro lh'as fez peores, sem elle dar signal d'indignação—mas por

via da excreticia palavra com que eu me servi designar-lhe a histo-chimica do inutil corpanzil. O troca-tintas espera que os tribunaes lhe refaçam uma carcaça de nervo, sangue e osso, como a de qualquer homem, e que a posteridade tenha por fabulosa a morphologia de cagalhão impermeavel que eu lhe dei. Ora, como a forma de processo juridico em que este caso deriva, é summaria quasi, mercê da defeituosa legislação que ainda temos, e como infelizmente ella me não dá esperança alguma de que o tal Gonçalves seja catrafilado em meu logar, tudo quanto eu de bom posso fazer n'esta querella, snr. presidente do conselho e mais vogaes, é munir-me d'attestados por tal forma inconcussos, que no dia da audiencia o juiz reconheça que é effectivamente de m . . . o meu querellador. Eis porque venho aos pés da sapientissima agremiação que v. ex.as resumem, supplicar que me analysem qualitativa e quantitativamente o typo, trasladando-se a analyse em papel sellado, com o carimbo do laboratorio e a assignatura do chimico preparador, afim de que esse documento, cosido aos autos, valorise pelos veredictos da sciencia, o qualificativo causador do meu processo. E outrosim

requeiro, snr. presidente do conselho de hygiene e mais vogaes, que a ser de trampa o homem, se especifique na minuta a especie provavel d'animal que o defecou; pois desconfio seja de besta, e absolutamente careço, p'ra meus estudos, de ver confirmada scientificamente esta asserção. Apar da reconhecida pusilaminidade, da forma turcisculada e da côr, outros dados me levaram a concluir da natureza fecal do exhibidor das minhas cartas intimas: e vem a ser o cheiro mau que Lisboa tem, des'que elle transferiu para entre nós a sua rezidencia (cheiro que todos os jornaes teem citado, assustadissimos, incluindo o d'elle) e os tantos casos de febres podres que particularmente grassam no Chiado, sitio onde frequentes vezes é visto o phenomeno vital que recommendo aos alambiques e reacções do laboratorio d'esse conselho. Esperarei dez dias pela analyse, e se findo o praso, coalisões politicas demoverem v. ex.as a deixar indeferido o meu appello, leval-o-hei desasombradamente ao instituto veterinario — porque se não diga, que já não ha chimica n'este paiz!

Deus guarde a v. ex.as, etc.

E. R. M.ce

6 de Fevereiro.

— Proponho que em vista de ser o snr. Navarro o procurador encartado do systhema que felizmente que nos reage, nos discursos da corôa futuros se substitua a phrase, instituições vigentes, por *instituições vegetes*. Isto em attenção ás fossas moveis que os artigos d'aquelle jornaleiro estão cavando de roda das mencionadas instituições.

— A associação commercial do Porto vae offerecer uma bandeira de honra á guarda municipal, pela fereza d'esta, no tiroteio da ultima revolta. Ha dois annos, por occasião da turra com a companhia vinicola, teve aquella mesma sociedade, na fachada dos seus paços, bandeira a meio pau, e com a corôa portugueza voltada para baixo. Naturalmente a bandeira offerecida á guarda, é a mesma, e assim faz duas vistas.

— O *Correio da Manhã* n'um dos seus artigos ordeiros, sobre a revolta do Porto:

«... pois quando as primeiras balas assobiaram, os *curiosos* agacharam-se, deitaram a fugir para os passeios, procurando as portas abertas, e escapando-se pelas trazeiras...» Escapando-se pelas trazeiras, amigo? Havia ser de jubilo, por verem o Cabanellas, tão novo, chegar ás 11 horas, vêr e... vencer.

—Nas cavaqueiras politicas aponta-se Gonçalves, o da *Provincia,* por Egeria das diffamações ferozes que certos jornaes nocturnos teem feito contra os individuos implicados na revolta. Chovem de todas as bandas desmentidos formaes sobre cada delapidação moral tentada n'essas folhas; de sorte que redactor algum já quer servir-se d'elle, mesmo de graça. D'onde provem que este kagadò, não conseguindo diffamação efficaz por via das gazetas, solicitou ha dias do paço uma audiencia, afim de nos degraus do throno babar aos ouvidos d'alguem (hymno p'ra um!) toda a peçonha da sua alma intestinal. Não foi recebido. E ficou fullo! Como vingar-se? Recorrendo a leituras intimas, seu systhema. E na monomania d'inconfidencia e rancor que o embolorece, desacredita agora a realeza, mostrando pelas redacções e

livrarias, a Carta Constitucional—alegando que D. Pedro IV lh'a escreveu.

14 de Fevereiro.

O Senhor dos Passos, que na ultima sexta feira fez o conhecido giro, de S. Roque para a Graça, mais uma vez provou o prestigio autocratico que essa antiga imagem de pau, excepcionalmente requestada pela superstição lisboeta, ainda continua a manter pela cidade.

Não é bem já culto, mas um velho affecto enternecido, alguma coiza do respeito acordado pelo nome dó patrão Joaquim Lopes, aquillo que o povo sente por esse velho podestá que aplaca naufragios, faz passar febres, livra de más companhias, e empresta o dinheiro das esmolas a juro, aos que se lhe vem queixar de fome e sede de justiça.

De paes a filhos, e d'envolta co'as reliquias da casta—emquanto as outras fés se estancam, e idolatrias novas se substituem no espirito, ás antigas—esta vetusta preferencia pelo idolo da Graça lá prosegue hereditariamente, como uma

perpetua lampada a allumiar o fluctuante espolio da familia. Cada qual dos que ahi andam, nobre ou plebeu, religioso ou sceptico, não se passa uma afflicção que o não invoque, por esse sobresalto do instincto religioso, que todos temos n'alma, mau grado as tardias revoltas da consciencia. De sorte que a imagem, a quem, n'esta derrocada de deuzes e de reis, é particularmente tocante a popularidade, para agradar a todos, cahiu de justiceiro em passa-culpas: para os absolutamente bons, Senhor indifferente: para os que necessitam perdão, Senhor benevolo: e enfim, para os criminosos—Senhor cumplice. Mulheres virtuosas e meretrizes, gatunos e phillantropos, poltrões e heroes, todos os especimens sociaes teem na chancellaria d'elle, egual despacho, e d'esta feita o milagre se distribue com mão profusa, ou se destine a livrar do vicio um orphão, ou a restringir o degredo d'um malandro.

Elle, o bom Senhor dos Passos, pouco indaga, o seu desejo sendo que todos fiquem satisfeitos; e Deus d'este seculo, desconfio que já só aprecia o logar pelas propinas—tanto os bons e os maus lhe teem parecido secularmente, a mesma córja.

Bem reflectido, é um Senhor razoavel, um pouco philosopho, uma especie d'imperador do Brazil de cruz ás costas, amavelmente sceptico, e com tal rascunho aos Ceryneus, que presidente da republica não quereria para ministro o Santos Cardoso, mas rei de Portugal, tam pouco dava pasta alguma ao Emygdio Navarro.

... a realeza, se quer viver alguns annos em paz, faça como elle, seja tolerante, immobilise-se, que essa procissão dos Passos é bem episodio p'ra lhe trazer cogitações. Queiram olhal-a... esse velho rei marchando em palanquim, de cruz ás costas, como quem diz que os monarchas são responsaveis pelas desgraças do seu povo — coroado d'espinhos, que muito bem podem ser artigos da *Patria* e dos *Debates*—e vendo seguir sem queixume, deante d'elle, n'uma apotheose, o pendão vermelho onde se lê

S. P. Q. R.

—*Senhor,* o *Povo* *Quer* a.....

Não, que esta palavra agora custa seis mezes de cadeia!

FIALHO D'ALMEIDA

OS GATOS

PUBLICAÇÃO SEMANAL,
D'INQUERITO Á VIDA PORTUGUEZA

N.° 25 — 28 de Março de 1891

SUMMARIO

De como seja o actual governo o directorio do partido republicano — entradas de leão, e figura triste de quatro mezes depois — physionomia governativa do snr. João e dos seus meninos — a questão d'africa, emigrações em massa, anno agricola, e situação financeira — os 45:000 contos e o monopolio dos tabacos sem concurso — profecia de Junqueiro realisada — as finanças no prego — de como o governo, tendo promettido economias, só nos fornece esbanjamentos — a canalha burocratica, e

NECESSIDADE D'ESGANAR O DEVORISMO DAS SECRETARIAS D'ESTADO — OS GRANDES EMPREGADOS, E ACÇÃO DISSOLVENTE DA SUA OCCIOSIDADE PAGA A OURO — AS ECONOMIAS DO SNR. THOMAZ, E O PROJECTO ECONOMICO D'EDUARDO D'ABREU — SITUAÇÃO MORAL DO GOVERNO PERANTE O EXERCITO — O EXERCITO ANTES E DEPOIS DO *ultimatum:* PRIMEIROS PRURIDOS POLITICOS, E SUAS CAUSAS DETERMINANTES — CHUVA DE BILHETES DE VISITA EM CASA DO SNR. JOÃO, E CHUVA DE BALAS NA PRAÇA DE D. PEDRO — FERMENTO REPUBLICANO NO EXERCITO, E VISÃO D'UMA DICTADURA MILITAR QUE AMPUTE DE VEZ A DYMNASTIA.

---

28 de Fevereiro.

O governo, com as medidas repressivas que lhe está dictando o seu papel de cão de guarda das instituições, de tal maneira se precipita, tão desasisada e tumultuariamente procede, que dir-se-hia ser elle o verdadeiro directorio do partido que jurou guerra de morte á dymnastia.

Os republicanos devem enviar a cada ministro actual, arrhas bem pingues, por gratidão das quotidianas machadadas sob que o throno oscilla, cada vez que um seu decreto estruge no *Diario*.

Subira ao poder sem politica afixada, e em virtude d'uma *conbinazione,* dizia elle, muito mais nacional que partidaria, porém cheia d'intransigencia e de firmeza, prestes a arrazar os abusos, a cortar pela raiz os daninhos obstaculos—e tudo isto sob a invocação do nome patria, e tudo isto em nome da salvação publica! Era pois um ministerio de concentração, dolorosamente arrebanhado entre as facções, escorando-se na confiança collectiva, e com carta branca para talhar ao paiz uma tunica de linho, que elle vestiria, ovante e transfigurado, no dia em que todas as difficuldades exteriores e interiores estivessem removidas.

Na declaração lida ao parlamento pelo snr. João Chrysostomo, a 16 d'outubro do anno findo, o programma do governo, sem especificar limpidamente ácerca de cada qual dos problemas capitaes que teem feito, e farão, gemer a patria, comtudo lança na direcção d'esses terriveis escolhos, linhas d'ataque, que se não illucidam bem o espirito publico sobre a estrategia de combate, ao menos platonicamente o tranquillisam, quanto aos sentimentos que animavam, nas suas respectivas sédes de

commando, os senhores ministros. *(a)* Quatro mezes correram já sobre essas promettedoras oblatas de zelo, economia, reparação, consolidação, liberdade, e respeito á lei, depostas pelos collaboradores do snr. João Chrysostomo, no altar da patria, e ao cabo d'elles, os ingenuos perguntam, relanceando a vista aos estertores da vida portugueza—que teem elles feito de bom, esses senhores?

Milagres não, nem lh'os exigiria tampouco o espirito publico. Havia entanto o direito de esperar que á vista da declaração preliminar do ministerio, não fossem lettra morta certas

---

(a) «...N'este estado de coisas, o actual gabinete não pensa ainda em tomar resoluções definitivas que sirvam de norma ao seu procedimento futuro, *a não ser a de zelar inquebrantavelmente a honra do paiz*... Relativamente á questão fazendaria o governo ha-de esforçar-se por firmar o credito publico, atacado no estrangeiro por interesses particulares, mas não abalado, felizmente, por suspeitas fundadas de que Portugal possa algum dia deixar de honrar os seus compromissos, como sempre os tem honrado até aqui. Para mais energicamente rebater esses ataques, impôr-se-ha o *severo preceito de se abster de quaesquer despezas que não sejam imprescindiveis, e de realizar conjunctamente todas as economias permittidas pelas necessidades dos serviços publicos, e pelos encargos essenciaes da civilisação. É este o*

obrigações moraes constantes das palavras que atraz cito, e que por exemplo o zelo seguisse em par da economia, e que a politica de reparação, coisa vital, de que nenhum gabinete tem curado, estradeasse emfim entre a liberdade e a moral, d'espirito sereno, como quem tem consciencia da sua missão fertilisante. Baldada esperança! que nos cento e trinta dias de governo, o gabinete actual só mostrou saber seguir rotineira e mazorramente o caminho dos seus antecessores. É uma agremiação d'inexperientes que se levantam tarde para as

---

artigo fundamental do programma d'administração interna... O governo declara solemnemente que empenhará toda a energia da sua vontáde, e todo o apoio que lhe possa dar a opinião publica, na execução do proposito inabalavel, que lhe deve ser facilitado pela absoluta isempção de preoccupações partidarias, *de atalhar o crescimento assustador das despezas publicas, e adoptar uma politica financeira de reparação e consolidação...* Havendo porém de se occupar tambem de todos os ramos de governação, em todos elles subordinará os seus actos e propositos *ás regras* da *mais escrupulosa moralidade, e d'um sincero respeito pela lei, que o auctorise a fazel-a respeitar por todos os funccionarios e cidadãos, e d'uma inabalavel convicção dos principios liberaes, que são o alicerce das instituições...»*

(Declaração do sr. J. Ch. ás córtes).

questões, e que debalde tentam cazar a educação jacobina dos primeiros annos, o theorismo platonico e mal cimentado das leituras á pressa, com umas apparencias de respeito por um systhema que os não enthusiasma, e com a actividade pratica resolutora de questões para que raros d'elles teem competencia, embora lhes não escasseie boa vontade. A sua passagem pelo poder não deu por emquanto motivo a se lhe espargir camelias no caminho. O paiz deve-lhe apenas espectativas e modus vivendi: e quanto a economias, as despezas augmentam, embora seja menos sensivel o espalhafato das promoções feitas a condiscipulos e a compadres. Assim por exemplo, as nossas tres pendencias d'Africa, a julgar pelo terrivel silencio dos jornaes officiosos, caminham n'um terreno de lodo onde a soberania portugueza escorrega, ou se está acravando a toda a hora. Do caminho de ferro de Lourenço Marques ninguem se lembra. Da Muatyanvua, ora subjeita á mediania do Papa, que tem interesses a servir no partido catholico, actualmente poder na Belgica, já começam a circular boatos quizilentos. De Moçambique, moita! — e passa-se o tempo a ter esperanças e a perdel-as, dia

sim, dia não, conforme a *Havas* diz que o snr. Luiz Soveral jantou com a rainha Victoria, ou telegrapha que elle, ha mez e meio quazi em Londres, ainda não conseguiu apresentar as suas credenciaes. Estamos além d'isso n'um anno agricola medonho, por falta de chuvas, e com as leis novas do recrutamento, e a miseria rural, a emigração para o Brazil é desesperada, já não restricta ao norte, mas alastrando-se por todas as provincias, em rebanhadas de pobres, velhos e creanças, a ponto d'estarem completamente desertas quatorze ou quinze aldeias da Beira e Traz-os-Montes. Da questão financeira, todos sabem. As praças de Lisboa e Porto estão tremidas, de desoito mil contos que o governo tem parados no sorvedoiro dos encargos nacionaes. Não circula o dinheiro. O commercio definha. Ha fallencias no ar, miseria em tudo, e afflicções, presagios maus nos sonhos civicos: porque o nivel aurifero vae baixando em todas as fontes de receita, os quinze mil contos annuaes do Brazil já não atravessam o Atlantico, a soccorrernos, e setecentos mil contos d'emprestimos, (nem um decimo dos quaes reverteu sequer em beneficios garantidos) e milhares de vadios co-

mendo á larga o dinheiro das opiparas prebendas, tudo ahi está sorvendo quotidianamente as migalhas do erario e as torrentes de libras dos emprestimos futuros, a ponto dos 45:000 contos do actual não deixarem tres mil talvez, livres, em caixa, consolidada seja a divida, e pago o coupon mais proximo do termo!

Não teve ninguem inda coragem para chamar a isto bancarrota? É necessario continuar na illusão de que o paiz está chibante, só porque honrou até aqui seus compromissos? Quando ha alguns mezes Junqueiro clamava na camara, com a sua eloquencia difficil de nervoso, que o paiz ia resvalando para um crak, de todos os lados da sala apuparam-no, e houve mesmo uma vóz que disse, *cale-se!* — talvez a dos partidos monarchicos responsaveis no desvio das rendas publicas, que tivessem unido a bocca á mesma tuba, por afugentar do festim, como lord Macbeth, o importuno espectro que surgira a lhe tanger na alma o gong do remorso! E entretanto o nobre poeta apenas de raspão alludira ao futuro que nos espera, não denunciando nomes, não comparando datas,

nem pondo em fóco a eloquencia condemnatoria das cifras! Limitara-se simplesmente a dizer curto «os governos monarchicos liquidam-nos! São os executores odiosos da penhora que o estrangeiro requer contra o paiz que ha mais de sessenta annos vive d'emprestado. Hoje alienam-lhe elles os tabacos. Entregarão ámanhã o rendimento aduaneiro, as contribuições apóz... depois do que só nos resta pedir um logar de provincia á Hespanha astuta, e fazer vestir aos nossos filhos a libré do novo proprietario».

Hein? parece uma oratoria de rancor, esta rajada. Seis mezes passam, e ahi está ella agora arvorada em prophecia. O paiz perdeu o credito, os usurarios só lhe emprestam dinheiro a duzentos por cento, sobre penhor idoneo, e n'um evidentissimo proposito de fazer saltar a praça, e pôr a segurança do paiz em almoeda. Esse monopolio de tabacos, do snr. João Franco para o snr. Burnay, tão sarcasticamente apontado pelo *Dia* como «um roubo feito ao Estado e aos consumidores, para encher de dinheiro os arrendatarios», *(b)* esse famoso monopolio que

---

(b) «...Principiou hoje a discutir-se no parlamento

o *Popular* e as *Novidades* achavam infamante para o ministerio que ousasse locupletar com elle

---

o projecto de monopolio do tabaco. Chamamos para essa discussão as attenções do paiz, porque desde que se fazem negocios á sombra dos governos, desde que os argentarios influem nos ministros e lhes dictam leis, desde que se enriquece em pouco tempo á custa do thesouro publico e das bolsas particulares, ainda se não fez uma tentativa mais audaciosa e mais descarada, do que é o projectado monopolio, para espoliar o Estado, espoliando ao mesmo tempo os consumidores d'um genero que o uso tornou de necessidade. Quem suspeitar de que é apaixonada esta nossa apreciação, ouça o que se vae dizer, leia o que se ha de escrever, estude o projecto depois das emendas que n'elle introduziu a commissão de fazenda, julgue-o pelo seu criterio imparcial, e chame-nos depois calumniadores se lh'o permittirem a razão e a consciencia.

«E o que por emquanto pedimos ao paiz, é que abra os olhos e os ouvidos; mais tarde, quando elle estiver convencido de que o querem tributar iniquamente e querem desviar receitas publicas para que o *contracto do tabaco,* de ominosa memoria, resuscite, e outra vez accumule fortunas fabulosas, tambem lhe havemos de pedir que intervenha com o *veto* da sua opinião, a tempo de evitar o escandalo insolito, que, uma vez legalisado, só se poderá corrigir no fim de 16 annos.

«A lei que se pretende fabricar não é das que podem esperar pela sua execução, pelos seus effeitos, para serem apreciadas, porque uma vez applicada, ainda que se levantem contra ella as pedras das calçadas, será forçoso suppor-

um syndicato; esse monopolio com que o snr. Burnay sonhava, para comprar palacios reaes

tar-lhe os vexames, a não ser que se resgatem com pesadas indemnisações . . .

«... Iamos jurar que o snr. Franco Castello-Branco, jurisconsulto mettido a financeiro, palrador convertido em calculista, menino entrègue ás mãos das bruxas, não faz idéa exacta do alcance do projecto que deixou substituir á sua proposta, projecto tecido de arteirices e de ambiguidades, que tem um alçapão dissimulado em cada artigo.

«Todos sabiam que o snr. Franco havia de se deixar embrulhar algum dia pelas espertezas da gente de ganhar com quem tem que viver, mas não se suppunha, ainda assim, que elle defendesse tão mal o decoro da sua intelligencia, e as apparencias da sua real honestidade!

«. . . Quer-se destruir a *règie* a pretexto de que não rende bastante; mas os meios que se podiam empregar para que ella rendesse mais, inventam-se e empregam-s apenas para favorecer o regimen que a ha de substituir, isto é, para favorecer particulares. Pois se porventura é justo augmentar os preços dos tabacos, porque os não ha de augmentar a propria *règie?* Em vez de 3:800 contos, passaria logo a render 5:000, o que já seria mais do que a renda que se quer obter do monopolio. É verdade que se não obteriam d'uma vez os 7:200 contos, de que o snr. ministro da fazenda precisa com urgencia, mas o credito publico ainda não pode estar tão arruinado que tenhamos de pagar por vinte ou trinta mil contos, um emprestimo de sete mil!»

(O **Dia**, *10 de Julho de 1890).*

aos seus amigos de Paris, e que foi uma das causas da queda do penultimo gabinete, eil-o

---

« . . . Se ha logica n'este mundo, o snr. ministro da fazenda ha de pois concordar necessariamente em que o tabaco, pelos preços actuaes, ha de render *pelo menos* 4:954 contos, em média annual.

«Mas posteriormente veio o projecto, e auctorisou o concessionario a levantar os preços do tabaco nacional; se elle usar, como é infallivel, de tal auctorisação, accrescentará a essa receita de 4:954 contos, o melhor de 20 °/o sobre o producto das vendas que produziram a mesma receita, deduzida a percentagem de 10 °/o para os vendedores. Ora, segundo os calculos da administração da *règie,* as despezas totaes de producção orçam por 32 °/o; a receita liquida de 4:954 contos corresponde, portanto, a 7:285 de vendas; e 20 °/o d'essa quantia são 1:457 contos, que a commissão de 10 °/o aos vendedores reduz a 1:312 contos. Se, pois, com os preços antigos,—sempre segundo os calculos que a proposta do snr. Franco presuppõe,—o concessionario podia contar com uma receita liquida média de 4:954 contos, elevando esses preços 20 °/o pode elevar a mencionada receita a 6:266 contos!

«Dir-nos-hão que não attingirá esta verba, porque o augmento do preço determinaria reducções no consumo? Não determinaria tal. A experiencia está feita. O consumo sempre tem progredido, apesar das repetidas elevações dos direitos, porque o vicio de fumar resiste a tudo, resiste até ao estrago da saude, e resiste em parte porque só o tabaco o pode satisfazer. Se a carne, por exemplo, encarece, quem come carne pode passar a comer bacalhau; mas por enca-

ahi referendado em condição *sine qua non* do emprestimo actual, e sem concurso, com fa-

recer o tabaco não se ha de fumar alfazema! Teem, porém, muito empenho em que o augmento do preço produza retrahimento do consumo? Pois bem; se assim é, tendo-se elevado os direitos, e portanto o preço, do tabaco estrangeiro, tambem o consumo d'esse tabaco deverá decrescer, fazendo augmentar o do tabaco nacional, e ficará uma coisa pela outra: não accrescentaremos aos 6:266 contos o producto dos novos direitos do genero importado. E se ainda lhes não bastar esta correcção, levem lá mais 266 contos por conta das suppostas reducções do consumo, e arredondemos o calculo em 6:000 contos! Estão de accordo? «Podendo o monopolista contar com uma receita annual media durante os 16 annos do contracto, de 6:000 contos de réis, vamos a vêr como essa receita se distribue nos termos do n.º 1.º da base 9.ª do projecto.

«O concessionario paga com ella a renda annual de 4:250 contos, pagamento que a reduz a 1:750 contos, e d'esta quantia embolsa 664 contos para amortisação e juro dos 7:200 contos que adiantou, e que no fim do contracto ficam pagos e satisfeitos; restam-lhe 1:086 contos de lucros liquidos. D'estes lucros guarda para fundo de reserva 5 %, ou 54 contos, numeros redondos, que em 66 annos sommam 864; entrega egual quantia aos operarios, e 1 %, ou 11 contos, 176 em 16 annos, ao pessoal não operario; mette em caixa 350 contos, a pretexto de dividendo de 10 % d'um capital ficticio de laboração, que no periodo do contracto prefazem 5:600 contos; e fica com 617 contos, dos quaes 308,5 são para elle, e 308,5 para o

culdades legaes para o prestamista augmentar os preços de venda, fiscalisar o contrabando,

---

Estado. Portanto, o concessionario, além da amortisação e juro do capital de 7:200 contos, vem a receber nos 16 annos, a titulo de fundo de reserva, 864 contos; para dividendo do famoso capital de laboração de 3:500 contos, 5:600 contos; e por partilha final de lucros, 4:846: ao todo, 11:400 contos, para retribuição do seu capital real de laboração de 800 contos, porque os 7:200 contos teem recebido á parte a sua amortisação e o seu juro!

Mas ainda não recebe só esta bagatella o maganão do cencessionario, destinado a fazer morrer de inveja os Rotschild! Findo o contracto, recebe o preço da expropriação das fabricas, machinismos, etc., que deverá ser para ahi uns 3:000 contos, e entrega ao Estado, *pelo menos,* 1:500 toneladas metricas de tabaco manufacturado ao preço corrente, deduzidos 15 °/o para commissões de revenda.

Ora, se esse preço, competentemente augmentado com os 20 por cento, fôr de 4$140 reis por kilogramma, e se o custo da producção fôr ainda de 32 por 100 dos preços actuaes, essa operação final deixa-lhe um lucro de 4:170 contos; e portanto, o futuro Creso, para se consolar de vêr chegado o termo d'um contracto que em 16 annos lhe meteu na algibeira, afóra o capital com que entrou e o seu juro a 5 por 100, — 11:400 contos—ainda embolsa mais uns 7:000 contos, sem contar que fica com o direito de *preferencia*, se o Estado quizer continuar a manter o monopolio! Aqui está o que é a *negociata* projectada, segundo bases de calculo que o snr. ministro da fazenda não pode regeitar, a menos que declare que a

ser emfim um estado no Estado, e desviar da civilisação portugueza, no espaço de dezeseis annos, o melhor de trinta e dois mil contos da nossa moeda. *(c)*

---

sua proposta primitiva era tola. E vamos mais longe. Ainda que se admitta,—o que é um rematado disparate pessimista,—que o tabaco nunca renderá por anno, nos 16 annos, mais do que em 1888-1890 rendeu a *règie,* desde que n'esse rendimento se corrijam os desfalques produzidos pela desordem da installação, e se lhe accrescente o augmento de receita proveniente da elevação dos preços e dos direitos, ainda então o monopolista ganhará um dinheiro louco sem correr o menor risco!

E viva o monopolio que ha de endireitar as finanças do paiz!»

(O **Dia**, *artigo* **O negociarrão**, *de Julho, 90)*

(c) «O snr. S. Leal dá no *Portuguez* diversos esclarecimentos ácerca do emprestimo de 45:000 contos de reis. Segundo consta ao snr. Leal, o syndicato compra as obrigações do valor nominal de 90:000, ao preço de 64$800 reis, das quaes se emittirão tantas quantas forem necessarias para prefazer 45:000 contos. Em seguida o snr. Leal faz os seguintes calculos:

«As obrigações do estado de 4 1/2 por 0/0 *(coupons)* teem a cotação firme de reis 80$500. Collocadas pelos contratadores as novas obrigações do tabaco a este preço, obterão, immediatamente, um lucro de 15$700 reis por *obrigação,* ou sejam *dez mil e novecentos contos de reis,* nu-

Se agora passarmos do campo dos interesses praticos, para o das especulações disciplinares e moraes em que superiormente se estriba a ordem social, e fortalece a integridade dos governos, reconhecemos que um identico esphacello mina os grupos, e que se perdeu á lei todo o respeito, e por todas as formas se sangra e depaupera a auctoridade.

---

meros redondos, visto que são precisas 694:445 *obrigações* para, ao preço de 64$800 reis, produzirem 45:000 contos. É certo que este lucro fabuloso está captivo ás naturaes despezas da emissão, as quaes, como todos sabem, são de variadas e diversas especies.

«Se considerarmos, porém, que as novas *obrigações* teem uma *garantia* ou *hypotheca especial,* forçosamente teremos de admittir que ellas conseguirão um preço superior a 80$500 reis, que é a cotação das *obrigações* do mesmo typo e juro, *mas sem garantia especial,* e, portanto, não será desarrasoado suppôr que o excesso da cotação chegará para aquellas despezas:

«Nesta parte da operação pódem, pois, calcular-se, sem pecha de exagero, os lucros do syndicato na cifra de *dez mil e novecentos contos.*

«O illustrado presidente da administração geral dos tabacos, o snr. Oliveira Martins, no seu ultimo relatorio,

A tal ponto a experiencia dolorosa dos ultimos sessenta annos abateu entre nós o prestigio civico dos chefes, que apenas algum sóbe, vimos logo n'elle um adversario a demolir, e obstruir-lhe o caminho faz-se immediatamente o nosso sonho, e invalidar-lhe a investidura constitue d'alli por deante a nossa damnação.

E o certo é que nenhum resiste puro a uma tal chacina de selvagens, sob pena de ficar esquartejado na bastida. O remedio é então recorrer á astucia, contractar capoeiras para a emboscada no parlamento e nos jornaes,

---

calcula em 3:724 contos os lucros liquidos da industria dos tabacos, no anno economico de 1889-1890. Feitas algumas correcções, que não veem agora de molde, deve reduzir-se esta cifra á de 3:485 contos, que vamos tomar como rendimento dos tabacos n'aquelle anno, e, que, decerto, longe de favorecer, antes reduzirá os nossos calculos. Considerando, porém, 1.º, que o concessionario póde elevar o preço dos tabacos em 20 por cento, em média, desde o primeiro dia em que obtiver a concessão; 2.º, que foram augmentados os direitos do tabaco estrangeiro manipulado, os quaes o concessionario arrecada na sua receita; 3.º, que os encargos actuaes da administração, por conta do Estado, irão successivamente decrescendo; 4.º, que o consumo do tabaco tende, constantemente, a augmentar, não sendo exagerado traduzir esse augmento por um lucro li-

transigir, quebrar, pagar com dinheiro do Estado o auxilio occulto — d'onde resulta que ou vinda de cima, ou vinda de baixo, a corrupção é sempre o ultimo acto de todas as situações politicas indigenas, inda as mais altas e cavalheirosamente iniciadas. Taes as razões porque o actual ministerio, tomando conta do poder sob intuitos d'impeccavel austeridade e economia, chega ao fim do seu sexto mez desilludido, sem confiança em ninguem, nem coragem para levar a cabo os numeros do energico programma com que abriu.

quido annual de 75 contos durante 16 annos; 5.º, que ao concessionario é permittido o augmento de fiscalisação para reprimir o contrabando, não devendo a despeza correspondente a essa fiscalisação computar-se em verba superior a 200 contos annuaes; — considerados todos estes elementos, é facil deduzir que o concessionario obterá, no primeiro anno, um rendimento liquido de 4:713 contos, que subirá, successivamente, nos annos seguintes, até attingir a verba de 6:215 contos, no decimo sexto anno. A renda que o concessionario tem a pagar ao Estado nos primeiros 16 annos, é, como acima dissemos, de 4:420 contos, mas como elle tem a receber o producto dos direitos cobrados nas alfandegas pela importancia do tabaco manipulado estrangeiro, direitos que podemos orçar por 270 contos annuaes, segue-se que a renda effectiva e real a pagar, é somente a de 4:250 contos.

*

De feito, jurara elle cercear as despezas ao strictamente imprescindivel, realisando economias que lhe permittissem justapôr o haver ao deve, quanto nas necessidades publicas coubesse. Fizeram-se em principio grandes listas d'abusos, tomou-se nota das gratificações indecorosas, das accumulações d'ordenados sem serviços correlativos, dos excessos de pessoal que atulha as repartições de mais ou menos protegidas vadiagens, e a tal ponto se achou por onde punir para o thesouro, que só nas Obras Publicas, orçava por setecentos e vinte

---

«E descontada esta importancia das que acima calculamos, como lucros liquidos annuaes, e separada outro sim a percentagem de lucros para o Estado e pessoal operaric e não operario, quando se verificar a hypothese d'essa partilha, é facil concluir que os lucros annuaes do concessionario, sommados, durante 16 annos, produzirão 15:70 contos de lucros, no fim de 16 annos, para o syndicato, s n'esta parte industrial da operação, os quaes, juntos aos d 10:900 contos em que calculamos os da emissão das obri gações, e que são realisaveis nos primeiros dois ou tre annos, prefazem, na totalidade, a espantosa somma d *trinta e dois mil contos*, numeros redondos!

«Deve accrescentar-se que, se o governo usar da f culdade de liquidar este ruinoso contrato no fim de 1 annos, faculdade que muitos apregôam como uma vant

contos a quantia annualmente esperdiçada em gratificações e roubalheiras. O que na alfandega de Lisboa se podia cortar d'emolumentos deshonestamente concedidos, de fabulosos ordenados roidos por funccionarios que nem sequer lá pòem os pés, é uma coiza de fazer parar d'assombro o pulso! A accumulação d'empregos fornece a desenas de politicos, cinco, seis contos de reis annuaes, isto é, o premio dos serviços de meia duzia de rapazes validos e intelligentes, dos que por hi andam desaproveitados e postos de banda, só porque se locuplete a matulagem, e porque escoicinhe e

---

gem, n'esse caso ainda ha a considerar que, sendo necessaria, para juro e amortisação das 694:445 *obrigações,* a verba de 3:579 contos, que se decompõe em 2:812 contos para juro e 766 contos para as amortisar, estarão apenas amortisados no fim de 16 annos 17:423 contos, tendo portanto o governo de despender, no fim d'este praso, a quantia de 45:000 contos, numeros redondos, para amortisar as restantes *obrigações!*

«Esta coincidencia do thesouro ter de entregar, no fim de 16 annos, a *mesma* quantia, que agora vae receber, depois do syndicato ter percebido os prodigiosos lucros que deixamos indicados, é uma coincidencia tão mirabolante que não mais a creriamos, se ella não fosse de uma exactidão mathematicamente esmagadora.»

medre a quadrilha de devoristas que teem posto o paiz n'esta miseria.

Ora, ainda mal tinha principiado o inventario das despezas superfluas que eliminar do orçamento, já a draga politica, formidavel, começava a mover as suas rodas, e a trazer ao de cima as limugens do subsolo social nefando em que vivemos. Funccionarios de todas as lotações e cathegorias, influentes ricaços, deputados, esposas, filhas e camaradas dos ministros, toda uma córja de bezerros affeitos a engordar da teta do Estado, a vestir da bolsa do contribuinte, a passar bem á custa do deficit, ergueram-se á uma, e vindo ao ministerio, amarraram-no de pés e mãos, ataxicos d'odio, e inhibindo-o para qualquer córte nas despezas, salvador. Porque n'essas camadas de vadios austeros e de Porceaugnacs cynicos, que pela bócca dos jornaes, allegando a penuria do erario, pedem sacrificios ao paiz, a abnegação patriotica consiste só em promover a depenna dos outros: se lhes chega a vèz de cederem dos seus fabulosos honorarios, esportula attinente á penitencia economica que prégam, alçam todos os hombros, e eil-os prestes a tramar a ruina do ministro que ousou pri-

val-os d'uma gratificação mal ganha, e odiosissima. Foi pouco mais ou menos isto que deliu, pelo lado economico, os ideaes reformadores do ministerio, porque não ha poderes do mundo que tirem por exemplo ao snr. Ressano Garcia, os seis ou sete logares de conto e quinhentos que elle apenas de nome occupa, com a sua personalidade inutil e influente, e que mandem passear, por motivo identico, devoristas como o snr. José Julio Rodrigues, como o snr. José Luciano, como o snr. Peito de Carvalho, e como o snr. Mattoso dos Santos, que é hoje tudo, desde lente de zoologia, até Rua da Triste Feia.

—As despezas ficaram pois como anteriormente, dirá o leitor.

—Como anteriormente, cuidas? Oh pobre ingenuo! Falla-me ao snr. Thomaz Ribeiro, o apostolo dos córtes, o exterminador promettido do virus burocratico, e verás como elle, posto entre o orçamento antigo e a economia proposta de setecentos e vinte contos annuaes no seu ministerio, resolveu não só não fazer a economia, como tambem augmentar os gastos, para o que fez o barão de Pero Palha, antigo estroina, inspector d'inspectores das caudela-

rias nacionaes, para o que despachou o seu amigo Bandeira de Mello inspector geral não sei de que, e para o que todos os dias está mandando subsidiar as estradinhas que lá pela Beira lhe podem tornar mais amenas as passeatas, de roda de Parada de Gonta e ilhas adjacentes!

Na marinha... inquere do snr. Antonio Ennes se já conseguiu, mau grado a laboriosa energia do seu commando, desenvencilhar-se do conselheiro Francisco Costa, e mais da sua famosa administração, que hemos de pòr ao sol um dia d'estes, porque se saiba do modo porque se gastam no ultramar as verbas que o orçamento lhe destina. Ahi tens tu porque a receita não equilibra nunca o deve, e porque as despezas publicas não ha dinheiro que lhes atafulhe a bocca desdentada. É o Terreiro do Paço, meu filho, que leva tudo, são as embaixadas inuteis, a magistratura desdobrada inutilmente, as obras publicas sem vigilancia, o paço sem administração, o funccionalismo sem honra emfim, quem nos arruina e nos degrada. Eduardo d'Abreu produz na sala dos deputados um projecto economico á bispo de Viseu, tendo por fim sustar as *chantages* de

dinheiro do alto funccionalismo; e riem-lhe na cara, os jornaes chamam-lhe tolo, e a presidencia da camara nem mesmo deixa publicar a peça no jornal official, onde todos os dias de resto as congratulações das juntas de parochia estão cobrindo de ridiculo a monarchia! Como não hão-de então esses senhores pedir concentrações monarchicas, e propalar nos jornaes a necessidade de se não fazer guerra ao emprestimo? Como não hão de elles fulminar a reacção republicana, e pedir a cabeça dos revoltosos do Porto? Mas é a sua rica panria que elles defendem, o banditismo desenfreado da sua vida por que elles luctam. Ninguem lhes ouviu jamais uma palavra fervida e convicta sobre as excellencias philosophicas e doutrinaes do systhema que defendem. E se combatem a republica, é por saberem que só regimens podres os toleram, e que uma forma nova de governo, para efficaz, haveria que os expulsar da bambocha a pontapés.

Foi o governo actuado, nas coisas militares, por pressões semelhantes ás que assignalei para as questões administrativas e financei-

ras, ou deu elle mesmo causa, por vaidade ou por incuria, aos movimentos de tropa que ainda não acabou de reprimir? Eis o que é mister examinar com paciencia. Todos sabem que o ultimatum de Janeiro acordou no exercito, como nas outras classes de resto, um sentimento d'indignação que o levou a cogitar no secundario papel, rizivel quazi, que elle tem representado entre nós ha sessenta annos. «Defende a batota das eleições, e marcha atraz dos cyrios» disse um militar de todo o ponto insuspeito, n'um livro aspéro, ha pouco tempo dado á estampa por um livreiro do Porto. A nota ingleza de 11 de Janeiro pois, sacudindo a inercia hemi-secular dos nossos militares, mostrou-lhes a par d'uma organisação de classe viciada, a mais deploravel manqueira moral que soe dizer-se. Quem se não recorda da celebre parada da Avenida, nas festas da acclamação, onde alguns coroneis se produziram a cavallo, espécados pelos camaradas, onde musicos foram vistos na fileira, levando dois e tres filhos pela mão, e o proprio commandante da divisão, respeitavelmente octogenario e bosselado como um momo, dava ao cortejo um tom d'arlequinada, lugubre e grotesco?

O espirito d'arma, uma vèz desperto, começou no exercito um auto-exame escrupuloso, e que breve adveio na apercepção de duas coizas: 1.ª, como elemento defensor, e o exercito era uma coiza platonica: 2.ª, como agente civilisador, quazi para assim dizer que não tinha existencia reconhecida. Nem serviria para combater, sendo necessario, nem tão pouco lhe era permittido collaborar na vida nacional, em epochas de paz, attenta a abstenção politica imposta pela farda. Esta abstenção, quazi absoluta no exercito até ha pouco, fazia com que os governos, não se arreceando d'elle por via do voto—unica arma que lhes faria damno, perdido como estava entre os regimentos, o habito d'usar d'outra—descurassem da sua hierarchia civica, e o tivessem armado no ar como um espantalho, só para que se lhe vissem os penachos do outro lado da fronteira. O resultado era não haver nada, e gastar-se como se houvesse de tudo. As peças d'artilheria não cabiam nos reparos, as balas não cabiam nas espingardas, os soldados não podiam com as armas, os officiaes não podiam com os soldados, o paiz não podia com as despezas, e a Europa finalmente, começava a ter no-

jo do paiz! Quando as desgraças da patria chamaram os militares a unir fileiras, a suspeita d'este modonho cahos varou os animos, e em muitas cabeças de novos germinou a ideia d'um grande partido militar, mal coberto d'elementos civis, e creado para assim dizer em nome da salvação publica.

Appareceu então a Liga, isto é, fez-se a iniciação do exercito na politica d'acção—bem ou mal, pouco importa—e o seu primeiro acto, aquando ainda o partido nem estava em nucleo, foi recusar ao gabinete Hintze-Serpa o general Vasco Guedes para ministro da guerra, e provocar uma manifestação de sympathia ao general João Chrysosthomo, no momento d'este subir ao poder, com os ministros a quem nos estamos referindo. Não está bem averiguado ainda se a deixada de bilhetes de visita ao snr. presidente do conselho foi uma iniciativa expontanea dos officiaes da guarnição de Lisboa, ou uma suggestão emanada das altas regiões do poder, com o fim de por ella se conquistar para o governo as bòas graças do paiz. Em qualquer dos casos foi a intervenção do exercito na politica militante, isto é, um facto d'indisciplina, publicamente affirmado, que o

governo acceitou de boa mente, e que sob o ponto de vista do intuito, em coiza alguma diverge da revolta dos sargentos do Porto. Porque se os officiaes superiores se julgaram no direito de protestar contra a grangrena dos velhos partidos, creando a Liga, e tentando inaugurar por ella, na politica actual, uma epocha de *moralidade* e de *justiça,* não é muito reconhecer para os subalternos, direitos iguaes, sendo cidadãos portuguezes antes de militares, e acquiescer em que elles podem revindicar, como os seus chefes, para o paiz, uma marcha de governo austera e forte, embora a coisa se lhes affigure incompativel com o systhema dymnastico a que os outros prestam venia. *(d)* Da manifestação de sympathia ao snr. J. Chrysostomo chega-se portanto á revolução do Porto,

---

(d) De mais, não se averigua bem se a Liga Liberal é um partido monarchico de convicções, ou se unicamente acceita, como modus vivendi, a monarchia. No seu programma ha esta phrase: que não discute formas de governo. Ha poucos dias ainda, o snr. Fuschini, *leader* do partido, disse na camara dos deputados, que lhe era indifferente a monarchia ou a republica, comtanto que a nação fosse feliz. Fallaria em nome dos seus correligionarios?

sem mór avanço na gravidade das infracções disciplinares.

O ponto serio era que os militares, esteio das instituições e da segurança publica, jamais deveriam prevaricar do seu papel, intrometendo-se na politica, pelo menos até ao ponto de se manifestarem. Desde que este reducto foi forçado, ligorios ou republicanos, tudo são desobedientes. Para o effeito moral, tanto faz intervir nos destinos do paiz, com bilhetes de visita, como a tiro; e o governo que acceitou graciosamente as homenagens da officialidade de Lisboa, ao subir ás cadeiras, claro que não póde nem deve castigar senão pela rama os insurgentes da Rua de Santo Antonio e Praça de D. Pedro. Não lhe quero mal por esta tibieza. Para o meu caso, a sua linha de proceder agrada-me muitissimo. A corôa que lhe peça contas da protecção que elle está dando aos seus mais encarniçados inimigos. Sómente, se o ministerio quer governar sob as vistas benevolas da tropa que o levantou sobre os escudos, e se elle, por comprazer da logica, resolve estender um ramo d'oliveira aos insurgentes, como se explicam os decretos militares dos ultimos trinta dias, condem-

nando á inactividade officiaes, por desleixo de disciplina e abuso de vinhaça, augmentando as visitas de ronda, exagerando puerilmente as prevenções, e emfim pondo os inicios d'um gabinete negro, para a questão das promoções aos grandes postos?

Pois não é evidente que estão em antagonismo, a sua cobardia d'attitude no primeiro caso, com os rompantes indomitos do segundo?

É evidente, e encontra-se explicação do facto nas duas correntes d'opinião que galvanisam actualmente o ministerio — uma benigna, desabusada, theorica, que tudo espera da concentração liberal, e que falla pela bocca dos ministros novos — a outra dura, e que só vè remedio no promulgar de leis e castigos ferreos, para lição dos tibios, e escarmento dos culpados. Por mais que façam velhos e novos, impossivel fundir n'um corpo de douctrina unico, estas duas concepções da auctoridade, vindas como se vè d'escolas heterogenas: e então pergunta-se — qual deve ser no exercito o effeito d'estas duas correntes de proceder desencontradas? Um muito simples. Irritar profundamente os militares a valer, e dar larga

redea ás phantasias revolucionarias dos outros. Em ultima analyse, a dissolução irremediavel do unico corpo social que ainda entre nós parecia manter integridade!

Consequencias longinquas, a republica, por via d'uma dictadura militar, que é perceptivel, e se não está eminente, pelo menos passou a linha já.

Á hora actual, não ha um unico official em Lisboa satisfeito. Ha dois mezes que o quartel general capricha em os opprimir com serviços extraordinarios, que a tranquilidade popular não justifica. O bilhete postal que um reinadio envia ao general de divisão, prevenindo-o de bernarda, em estylo rocambolesco, basta para fazer galopar na rua as ordenanças, trabalharem até pela manhã os telephones, e andarem os impedidos por theatros e cafés a arrebanhar nos officiaes com ares mysteriosos. Na terça-feira, o rei, prevenido da morte do principe Napoleão, deixou S. Carlos em pleno terceiro acto, correndo-se logo as cortinas da tribuna. Soube da retirada o commandante da divisão, e sem lhe indagar os moti-

vos, ordenou que os officiaes recolhessem a quarteis in continenti. Foram como disse augmentadas as rondas, e o quartel general recommendou aos officiaes de serviço, redobrada inspecção dos quarteis e postos militares, no giro das 3 da manhã—isto por a revolução do Porto ter rebentado áquella hora, sendo portanto lei que a bernarda lisboeta, a rebentar, não queira outra! Mas o que mais indignou a officialidade, apar dos injustissimos castigos que já estão soffrendo alguns officiaes superiores, infamemente mandados achincalhar pelo governo, nos seus jornaes, e apar das promoções escandalosas que se estão fazendo, ou premeditam fazer, verbi gratia a do filho do snr. João Chrysostomo a coronel *(histoire de rire!)* foi o ukase celeberrimo que regulará d'ora em diante as promoções, e que no dizer do *Dia* é destinado «a elevar o nivel moral do nosso exercito.» Segundo elle (decreto de 26 de fevereiro de 1891) a conservação dos officiaes em activo serviço não depende agora só das juntas, nem tam pouco são elemento exclusivo de contagem, a saude e o vigor physico. O decreto entende que para ser bom official, não basta ser forte, é necessario

ser correcto—por consequencia, ao tractar de promover esse homem, informa-se primeiro se elle, apar da validez physica, traz attestados moraes que lhe reflictam o passado alvinitente. Para levar a cabo este elevado intuito, cria-se um tribunal de cinco generaes e dois cirurgiões-móres dos mais antigos, e estatue-se que os commandantes dos regimentos *enviem secretamente* ao ministerio da guerra, no fim do anno, a folha corrida dos officiaes que servem debaixo das suas ordens. Estas informas annuaes serão patentes á junta, no acto de ser inspeccionado o official que aspira á promoção.

Theoricamente o decreto de 26 espelha intenções d'alta pureza; mas dada a feição intriguista do caracter portuguez, e em especial do caracter politico, não passa elle d'uma perpetua ameaça para o official, que podendo não se identificar corpo e alma ao commandante do corpo, está subjeito a soffrer-lhe as vinganças, por via da informa annual enviada *secretamente* ao ministerio de guerra. É pois um gabinete negro em fórma, que põe o militar á mercê das malquerenças que inspirar, e nem sequer lhe deixa o refugio de conhecer d'onde lhe

veio, nem quando, nem porque lhe veio o mal. De futuro esta espionagem fructificará em dissolventissimas intrigalhas, e não póde deixar de concorrer para a fermentação militar d'onde tem de sahir a dictadura. Dictadura militar, notei, e accrescento, republicana, dado o forte nucleo jacobino que já existe no exercito, como se provou nas entrelinhas dos inqueritos feitos a proposito da revolução do Porto, e dada a responsabilidade directa dos partidos monarchicos na anarchia que actualmente grassa nas fileiras. *(e)* N'este ponto, o

---

(e) «... em geral desde que o regimen constituido, para se manter, necessita o apoio d'uma força disciplinada; e quando, por outro lado, existe um partido da revolução que não pôde tirar dos seus proprios elementos populares os meios precisos d'acção, e só poderia triumphar pelo auxilio d'uma força indisciplinada — o exercito torna-se necessariamente o ponto para onde convergem todas as esperanças, e o elemento d'exito com que contam todos os interesses politicos. O exercito é assim fatalmente arrastado para dentro da esphera dos partidos; e começa a haver em torno d'elle uma surda e constante campanha de seducção ou de pressão. Pela logica das affinidades e das ligações naturaes, o partido da revolução procura attrahir o sargento, que é o mesmo que conquistar o soldado; e o regimen constituido procura muito justamente, e com hon-

exemplo do Brazil será seguido. O povo não póde tomar sobre si a iniciativa immediata d'uma mudança de systhema. Á uma já não tem o habito das guerras, nem o sentimento dos grandes deveres civicos, carece d'armas, a ideia do sangue empallidece-o, e envilecido n'uma baixeza d'analphabeto e cão tinhoso, só pelo desespero póde readquirir a energia indomita que lhe falta. Esse desespero dar-lh'o-hia a fome, mas essa não é provavel se declare por estes annos. Caberá pois ao exercito a missão de com a sua espada cortar as ultimas liassas que prendem o throno á tradicção politica do paiz. Seguir-se-ha uma quadra calamitosa talvez, de bancarota e d'ambi-

---

rosa facilidade, conservar fieis os coroneis e os generaes... Mas pelo simples facto do exercito ser a força essencial com que conta o regimen constituido, e com que conta o partido da revolução, elle toma fatalmente uma preponderancia inesperada nos nossos destinos politicos. D'elle parece depender tudo, e portanto elle torna-se tudo... Isto, se não nos enganamos, póde importar proximamente no advento do militarismo... dar uma importancia suprema ao elemento militar é preparar o terreno propicio ao desenvolvimento possivel d'essas ambições...»

(**Revista de Portugal**, *Abril de 1890, o snr. O. Martins.*)

ções desenfreadas, cheia de pronunciamentos e saldanhadas, durante a qual o elemento civil irá sendo posto de sobreaviso, sahindo do seu turpôr gradualmente, disciplinando as suas forças, té que a fortuna lhe permitta um dia o apoderar-se completamente da situação, e que o regimen republicano emfim entre n'uma serena phase de vida nova e remodelação social.

FIALHO D'ALMEIDA

OS GATOS

PUBLICAÇÃO SEMANAL,
D'INQUERITO Á VIDA PORTUGUEZA

N.º 26—18 de Abril de 1891

SUMMARIO

AS «ACTUALIDADES» DA QUINZENA: HEROE D'ALMADA NO BAMBU, E HEROE DA RUA NOVA DO ALMADA NA GAZETA—A MENINA DO CANARIO AO HOMBRO, E SUSPENSORIO DETIDO PARA AVERIGUAÇÕES—NUNCA ASSAZ CHORADAS DEMONSTRAÇÕES POR S. M. TER «ESCAPADO» DA REVOLTA DO PORTO—AMIAES DE CIMA E S. CHRISTOVÃO DE LAFÕES, PILARES DA MONARCHIA, «GRACIOSAMENTE» AUXILIADOS PELOS GUITAS DE VILLA REAL—INVESTIGAÇÃO DA PATERNIDADE REGIA POR VIA DO *Diario do Governo*—

MANHÃ NO TEJO—A EXPERIENCIA REVOLUCIONARIA DO PORTO, E COMMENTARIOS Á CARTA JURIDICO-DESAVERGONHADA DO SNR. LODO — DO MAIS QUE SE SEGUIR.

---

1 de Março.

Com o romance do pequeno Guilherme Pupim, teve a sentimentalidade publica ensejo d'explosão, e seja dito, aproveitou-o até ás ultimas migalhas, com um dispendio de delirio que todas as noites revertia em ovações ao garoto acrobata, e ao seu mentor.

Conhecem a historia do rapaz? É puro rocambolismo, adubado do *quantum satis* com que mecher em todas as fibras da emoção. Guilherme Pupim é o engeitado que a mulher do povo pôz aos peitos, por haver da Santa Casa os vinte e tantos tostões mensaes da cria-

ção, e que chegado aos treze annos, subito vê o destino impellil-o secretamente para uma vida d'aparte, d'onde, homensinho, elle possa amaldiçoar a sociedade que pelo incidente da roda o marcou d'um sello infamador. Aproveitando um futil pretexto de maus tractos paternos, eil-o foge de casa, sem que por mais d'um anno alguem possa trazer á aldeia novas suas. É quando se começa a formar a lenda que o reconduzirá depois, ovante, no ultimo acto, a *salvar da morte o ancião*. Em casa, como o rapaz não é de sangue hereditario, os paes e irmãos pouco se dão em lhe esquadrinhar o paradeiro. Elle aparecerá! É uma bocca de menos a fechar, com garfadas de comida, ás refeições. A vida é cara, e o dianho do rapaz nada sabia fazer que lucro desse. Por consequencia, se desappareceu, diabos o levem!—e eis aqui o *de profundis* que naturalmente lhe resou por alma a familia, que treze annos antes o tinha ido buscar á Misericordia!

Entretanto a opinião tem-se agitado, complicado; começa a dizer-se que o pequeno Guilherme foi assassinado pelo pae, de parceria com o genro, e por causa de não sei que herança mysteriosa. O assassinio praticar-se-ia

de noite, a deshoras, sendo o rapaz enterrado debaixo d'uma figueira do quintal. E a historia já corre alto—um irmãosito de Guilherme viu o cadaver do irmão dependurado pelos pés, e o pae a limpar á manga da camisa um facalhaz—e descahiu-se a contar o crime tragico, de sorte que a justiça, tão expontaneamente impressionavel como o povo, sem mais averiguar dos fundamentos solidos do caso, nem sequer fazer á roda da figueira, escavações, agarrou no indigitado auctor do morticinio, e fez sobre elle correr ferrolhos de prisão.

Doze mezes volvidos sobre a enclausura do velho, que ninguem póde admittir que não haja espatifado o rapazinho, e que todos descrevem como um typo de sanha criminal, dos mais cruentos, eis surge em Almada uma companhia d'acrobatas, castelhanos d'origem, e vivendo do trapezio e da prestidigitação, n'uma barraca de lona, que á noite se transfaz em tenda de acampar. Á primeira noite d'espectaculo, quando um rapazinho descalço, trigueiro, com feições de macaco, se prepara a fazer equilibrios n'um bambu suspenso do tecto, duas ou tres mulheres soltam subitamen-

te, dos seus logares, um grande brado. E a nova espalha-se, todas as mãos se estendem para o acrobata, e Almada inteira levou d'insomnia essa noite, maravilhada pelo milagre da resurreição de Guilherme, e pelo romance de sensação que esse extraordinario caso ia crear.

—E creou, de feito? dirá o leitor.

Creou, sim senhor, responder-lhe-iamos, caso a interrogação fôsse em voz alta. Um romance empolgante, cheio de scenas patheticas e d'assombros. Imagine-se que no dia seguinte intervem a justiça na barraca dos funambulos d'Almada, a justiça que chega sempre tão tarde, e que d'esta vez, como das outras, se deixara embair com uma simples historia, sem se dar ao trabalho de lhe esquadrinhar escrupulosamente os fundamentos. Intervem a justiça, que faz conduzir o acrobata ao carcere onde ha cerca d'um anno jaz o velho accusado de o ter morto; seguem-se coisas patheticas, o reconhecimento do filho, esperanças de liberdade proxima, ideaes de fortuna e vida mais avondo...

Durante uma semana o *Seculo* faz explodir

aos ouvidos dos seus trinta mil leitores, esta metralha, em estylo de romance ás cadernetas. São columnas e columnas d'uma *sensiblerie* baratinha, calculada de proposito para emover a creada e o ártista carpinteiro, e a tal ponto romantica de processos e d'effeitos, que o povo não vê agora n'esse caso d'Almada, senão almas d'oiro, nobres corações, gente d'escolha. É qual nobilitará melhor os personagens d'esse drama, e uma vêz entrados n'este campo, todos capricham em exceder o companheiro do lado em dedicações e nobres lances. Guilherme, já crismado nos jornaes com o nome de *heroe d'Almada,* promette ser o amparo do velho pae adoptivo, actualmente restituido á liberdade. Na companhia ambulante onde o rapaz trabalha, os artistas declaram todos que o adoram, e não podem passar sem a sua companhia. O anão morreria de pezar sem os seus trucs e *pied-de-nez:* a acrobata ruiva não pode já passar sem o seu noivo: os macacos sabios enviam-lhe mesmo uma mensagem d'affeição... Em quatro dias, transformou o *Seculo* um garoto meio vadio, que foge á familia, e deixa o pae na cadeia quasi um anno, n'um magnifico menino virtuoso,

dando phrases aos reporters, philosophicas sentenças á justiça, e a Caparica e a Almada, a aura publica. *Guilherme Pupim!* Não se ouve senão fallar em *Guilherme Pupim*... no que elle comeu, no que elle disse, no que elle faz, no que elle vae fazer. É mais popular do que Azevedo Coutinho, e melhor comprehendido do que Luiz d'Araujo. Já o Gonçalves da *Provincia,* ardendo em ciumes por aquella popularidade que sobredoira o collega, começa de matinar na maneira de lhe haver uma carta particular, compromettedora. E por entre as pregas da celebreira do pequeno, cabeças espreitam a ingenuidade soez da galeria, á espera de tirarem d'ella o preço do reclame. Esse preço afinal fixa-se, e entregue a um emprezario de raridades, o *heroe d'Almada* lá poude ser admirado a tostão, no Colyseu. Lisboa rendida, e toda fremente do delirio sentimental que lhe não deixa apreciar a escamoteação grotesca de que é victima, ha quinze noites que não faz senão applaudir phreneticamente Guilherme Pupim, mal-o seu mestre, o famoso Llaves, que lhe legou já *toda a sua fortuna,* dizem os jornaes, e que todas as noites participa das ovações feitas ao discipulo, fazendo

motetes com a bandeira, ao som da *Portugueza.*

E agora, duas palavras. Porque se indignarão os puros, d'este caso d'intrujice d'alguns espertalhões conluiados para fazer dinheiro com a impressionabilidade quasi alienada do nosso publico? Por ventura não é Pupim a versão dois mil da especie de *chantage* de que nós quotidianamente somos victimas, em tantos outros ramos da vida nacional? Em que differe esse hespanhol Llaves, no Colyseu, de bandeira portugueza no ventre, arvorado em protector e mestre do joven Guilherme, de Emygdio Julio Navarro escrevendo artigos de concentração monarchica nas *Novidades,* arvorado em carrasco inspirador do ministro Antonio Candido? É a mesma scena d'um sabido escamoteando a boa fé d'uma creança, e servindo as suas conveniencias com o ar fidalgo de se estar sacrificando pelas conveniencias dos outros — No caso Llaves toca-se a *Portugueza:* no caso Navarro, o *Hymno da Carta.* Entanto a galeria é a mesma, e os lorpas que admiram os dois titeres, equivalem-se.

—Cercanias da Junqueira, um pobre diabo alli conhecido, e segundo a voz publica, irresponsavel, soffreu ha mezes (referem os jornaes) a aggressão d'um sargento, mancomunado com um paisano. Conduzidos á esquadra, disse o agredido chamar-se Carlos, e ter alcunha de suspensorio.

—Carlos, o *suspensorio!* Decididamente este cognome é um achado.

—Informa o *Correio da Manhã* que «em Montreal, uma noiva foi para a igreja com um canario preso ao hombro, e vae, durante a cerimonia, o canario pôz-se a cantar.» Oh, os canarios das noivas! Mas o estravagante foi ella prendel-o ao hombro, ficando-lhe tão perto, o quadril.

3 de Março.

O governo deve estar contente. Caspite! Abafou a sedição do Porto, e está fazendo do

Diario do Governo, com a inserção das mensagens ao rei, um verdadeiro Niagara da tolice.

Não discutirei sequer a expontaneidade d'essa torrente de carinhos, trasbordada á ultima hora, do coração do indigena, para o coração da monarchia, porque pesando bem o tom uniforme e mazorro em que quazi todas as felicitações vem redigidas, logo lhe descubro uma origem commum, qual o borrão fornecido pelo Terreiro do Paço aos deputados e administradores do concelho de sua fabrica. Se por tanto vou até acreditar seja sincera essa torrente, é antes por causa das asneiras que vem d'escantilhão na prosa bombastica dos seus periodos, do que por firme fé nos salamaleques realengos que semelhantes felicitações e mensagens compendiam.

O paiz affirma as excellencias moraes do *Hymno da Carta,* sobre a *Portugueza,* n'uma lingua por tal fórma escarunga, e com rethoricas por tal fórma incircuncisas, que a meu vêr fôra melhor que elle trocasse antes por exaltação jacobina, o que lhe sobra em verborrhea sandia, e sabugice. Pois como não hão-de ter ideaes politicos retrogrados, juntas de parochia e camaras municipaes que escrevem

tão mal?! Grato aos fervores dymnasticos que essas carneiradas ranhosas afixam, S. M. o rei haverá que acolhel-as com o sorriso em meia lua da sua costumada e constitucional benevolencia, certo: mas verdade, verdade, se eu fosse o academico Antonio Candido, depois de receber as mensagens com sorrisos, mandava logo processar os auctores d'ellas, pela bugiaria rethorica, e com agravantes na multa a cada nova falta de grammatica.

Esta do professor primario d'Amiaes de Baixo, é pathologica, e illucida o psychopatha quanto aos estragos que no organismo produz, o mau uso da historia, complicado com o abuso das bebidas alcoolicas. «. . . Senhor. Na historia da nossa nacionalidade ha tradições tão gloriosas, e na dos nossos monarchas acções tão cavalheirosas e bizarras, que o abaixo assignado, por si, e em nome das creanças suas educandas, *que esta firmam,* vem assegurar a V. M. sua sincera e firme adhesão ás instituições monarchicas e ao throno, que o braço herculeo do Mestre d'Aviz, vosso Avô, salvou d'um abysmo insondavel, nos plainos d'Aljubarrota. . . » Este professor devia ser exhonerado, a meu vèr, do seu logar, por ignorante,

e por falsario. Falsario, forjando assignaturas de discipulos seus, que ou não existem, ou existindo, é impossivel que com tal educador saibam escrever. Ignorante—e esta é peor! —por ser dos que ainda imaginam que o mestre d'Aviz, existiu.

Agora a de S. Christovão de Lafões «. . . Senhor. A revolução militar occorrida no Porto, causando tanta magoa em todo o paiz, tambem encheu d'indignações esta freguezia de S. Christovão, conselho de S. Pedro do Sul, cuja junta de parochia, parocho e regedor, como interprete dos seus sentimentos, e com a certeza de que não ha n'esta freguezia pessòa alguma anti-monarchica, felicitam a V. M. pelo malogro da referida revolta, congratulam-se, e teem a honra d'apresentar a V. M. os seus protestos do maior respeito ás instituições vegetes, e monarchia reinante, e de fidelidade a V. M. Todavia, como nas perseguições dos primeiros christãos, o sangue dos martyres, era semente de christãos, esta junta (de bois?) por amor ás instituições e ao seu querido rei, supplica respeitosamente indulgencia para os pre-

sos revoltosos, cuja maioria considera instrumentos inconscientes, a quem muito bem podem applicar-se as palavras do Redemptor: «*pae, perdoa-lhes, porque elles não sabem o que fazem*». Nem mesmo seria justo que as culpas de tantos fossem expiadas pelos miseraveis que se acham presos, tão poucos em comparação com os que cooperaram para aquella revolta; pois são tantos que se o processo fosse como o da adultera, de que falla o Evangelho, difficilmeute se encontraria quem podesse atirar-lhes a primeira pedra, porque a immoralidade—sua causa principal—é quazi geral; e o unico meio de prevenir o futuro a este respeito, é moralidade e economia...»

Que me dizem a isto? Vem no *Diario* de hontem, o mesmo que recusou as suas columnas ao projecto d'Eduardo d'Abreu, e que segundo parece, entrou agora a ser a Torre do Tombo da bestialidade genuflectida a zurrar a antiphona da sabujice. Da leitura d'esta curiosa peça collige-se, aparte as illações que naturalmente suggere uma leitura mais despreoccupada, que se por um lado os cooperadores da revolta são tantos que não é mais facil destriçar quem o não seja, por outro, S.

Christovão de Lafões não tem um unico nos cózes. Ha contradicção n'isto, a menos que S. Christovão, em vèz de gente, não tenha sob as telhas das suas casas — gado apenas. A junta de parochia informe o snr. Villaça, da estatistica.

Porque é de saber que a Carta, apezar de deixar votar os mortos, inda não concedeu regalias civicas aos jumentos! Quanto á *moralidade* e *economia* alvitradas por S. Christovão de Lafões, é panacèa official nas contas publicas, mesmo quando em vèz do orçamento do Estado, se considera o das juntas de parochia. N'este ultimo caso porém é sempre conveniente accrescentar: cevada e musica!

Para findar, a representação dos policias de Villa Real, trasladada no *Diario do Governo* de 8 d'abril corrente. «Senhor, todos os empregados d'este districto, conscios dos seus deveres e do sagrado juramento que prestaram de defender V. M. e as instituições politicas do paiz, vão por este modo aos pés de V. M. affirmar o affecto que tributam a V. M. e real familia, promptificando-se sempre a dar

sangue e fazenda em defeza do throno de que V. M. é—o que imaginam vocês que é S. M. para os policias de Villa Real?—*dignissimo orçamento*».

De maneira que o rei de Portugal sahe-se á ultima hora filho do snr. Carrilho. Oh, as cifras!

30 de março—manhã no Tejo.

Emquanto o vapor não chega, detenho-me a abranger amorosamente, dos terraços da estação do Barreiro, a marinha placida que a meus olhos se desenrola, um quasi nada perdida nas musselinas ondeantes da manhã. O sol não rompe, ha vento, e como choveu de noite, um vago veu de lagrimas suspende-se no espaço, e irrita-me a respiração de frigidas picadas. D'aquella altura da riba, a expansão que faz o Tejo, dá-me uma sensação de taça cheia, tão fechado o circuito das suas margens... No primeiro plano, á direita, uma lingua de areia contem moinhos e cazarelhos brancos, muros de quinta, oliveiras e eucalyptus

tristes que se acurvam a saudar a lufada humida da aurora, vinda da barra. Pela esquerda é uma barreira brusca de terra vermelha, alteada, chanfrada, comida dos assaltos das cheias, rachada da agua, com cabellugens de matto e pinheiros anões d'um verde bronze. As casas parecem successivamente mais humildes, á medida que se distanciam pelos planos alem da perspectiva—são quadradinhos de caliça, com pontos negros de portas e janellas, telhados negros, palissadas de quintaes e d'arribanas; depois alem, fazendo fundo, no ponto onde o cotovello do rio põe em relevo os montes de Cacilhas, a casaria complica-se em povoações miudas, com chanfraduras de caminhos, mirantes, quintas, dedos de campanarios e chaminés de fabricas apontando o concavo da cupula astral, que as nevoas lambem, semelhante a uma fumarada de thuribulos. Para traz os pinheiraes aquietam-se, negros ainda d'uns restos da noite chuviscosa; uma grande muralha de nuvem veda a eclosão do sol, como um panno de theatro, por traz do qual se está preparando uma apotheose. O vapor da carreira dá signal, e a primeira escuma escachoa-lhe das rodas, como um escarro de fumista, no ins-

tante em que rente do caes uma fragata passa, com uma especie de deus marinho á ré, puxando a vela, emquanto o resto da companha desvia com arpões o costado da pesada traquitana, e o cão de bordo agita a cauda aos flavores da caldeirada que no convez refoga alegremente, sobre um lumareu jovial de pinho e d'urze.

Circunscrevemos a ponta dos moinhos, e a enseada alarga-se, a toalha liquida desdobra-se—a agua mal se enruga, uma placidez d'espelho reflecte os mastros das barcaças—e ainda por alguns instantes a fragata nos leva empóz de si o olhar artista, que lhe aprecia a *mancha*, como um momento da luz a escorrer de sensação. Na ré, curvando-se a cada instante aos movimentos da corda que põe em riste a véla, a figura colossal do rapaz é linda d'energia, e a lentidão da manobra, constante d'uma serie de movimentos analogos de duração e d'amplitude, parece feita de versos mimados, cujo magnifico rythmo enche d'uma ternura physica a natureza. Pouco a pouco, a luz transmutta-se, cambiam-se no ar tonalidades que a fugida das nevoas renova e substitue

com uma instantanea agilidade, e que mercê d'ella, tiram d'essa mesma paysagem, centenas de clichés todos differentes, qual mais vaporosamente irisado d'estro tagico. Já as margens do rio se afastam, verdadeiramente vencidas pela força d'expansão do volume d'agua, que vae de rio a oceano, e abarca no mar da palha, uma distancia intermina e radiosa. Á esquerda, os promenores da riba accentuam-se e definem-se, grupo a grupo, e começam-se apontar povoações, Arrentella, Seixal, Jinjal, Cacilhas, Almada a cavalleiro: veem-se predios, pontaes, bahias do tamanho de banheiras, um formilhar de manchas claras em fundos de pinhal e d'olivedo, onde um ou outro moinho move circularmente as suas velas christãs, em petalas de crucifera, guinchando ao vento, como os bibes nos lavradios, á caça de minhocas. Pela direita porem a margem foge, acachapa-se, humilha-se, esquece, e é verdadeiramente colossal a marinha que sob o meu olhar se desenrola! No fundo do poente, a nevoa sempre, nevoa côr de pérola, fluidissima, *ar visivel,* que nasce da barra como o nimbo de não sei que formidavel ascensão, e tolda a cidade, as serras da foz do rio, os ar-

rabaldes, preparando o final d'acto feerico que ha-de ser a nossa chegada á vista de Lisbôa. Venho á ré do vapor lançar um ultimo adeus ás perspectivas que ficam, e vejo a nascente o panno de nuvens baixar caliginosamente ao rez das terras, fugir para o interior do paiz, prenhe de chuva, como um odre benefico que Deus tivesse vindo encher ao rio, para o espargir depois sobre as cearas e vinhas do Alemtejo. São sete e meia, os primeiros bicos da corôa solar queimam no céu, doirando as fimbrias dos pinhaes e a facha de nevoas que por cima de mim vae migrando lentamente para o sul—*tempo expressivo,* como os ribeirinhos dizem—orpheon matinal, cuja monotonia enorme determina uma assumpção de sonhos para o azul, para o azul que o meu espirito atravessa, ai de mim! ralado de deboxes, á procura do amor definitivo!

«... os primeiros bicos da corôa solar queimam no ceu.» Marchamos a vapor, sente-se por baixo a agua insondavel, cheia de penumbras verdes e de sepulchros mysteriosos, incrustados de madreporas, com grinaldas de lichens, e romarias de peixes ouvindo de re-

dor dos cascos submersos, quotidianas missas de finados. Primeiro é uma côr unida, opaco chumbo, que lentamente passa a hydrargirio, a azul ventre de peixe, sem rugas, placido de hausto, e com essa languidez d'um ser que se aborrece e flana no seu leito, á procura d'um centro hysterogeno que fazer vibrar para sahir d'aquella lassidão. Progressivamente depois a luz ascende, e começa uma symphonia constitucional d'azul e branco, que varre do mar o resto dos seus espectros nocturnos.—Tempo claro, mar claro, luz circulante, circundante, envolvente, fundente, com uma preoccupação monocordia de tornar os objectos luminosos, e de fundir toda a marinha n'uma aguada d'azul immaterial. Sim, a creação é mais monotona do que variada. Barbey d'Aurevilly tinha razão—Deus é Victor Hugo, só d'um lado.

Oh agua sem rugas, perfidia dos lagos placidos, vida liquida, que d'apparencia immobil, comtudo correis vertiginosa como a edade—eis a minha alma que adormece das suas inquietações, vendo-vos dormir assim tão traiçoeira, emquanto as nuvens fogem, e a briza do sal rosna nas bailadeiras, inquisidor maldicto, o de profundis do naufragio! Varrei, tagides mi-

nhas, os monstros esponjosos do aguaceiro — vagas, trazei nas vossas lapides os funereos *in pace* dos meus irmãos que a borrasca sorveu n'uma hora de rancor, e se a vida do mar tem vóz, essa vóz me falle a minha lingua, para que eu n'ella reconheça o remember dos ancestraes de quem herdei esta angustia terrivel do *au-delá!*

Marchamos a vapor, em pleno mar da palha, ha vento; a vaga porém dulcissima como um semicupio morno, faz a perder de vista uma alcatifa de felpa, por onde o barco pisa alegremente. A vastidão do horisonte é maravilhosa, e com detalhes supremos de transparencia matinal. Alguns barcos ao longe, de vela obliqua, fulvos na luz, parecem, nas envolvencias da bruma, postos de proposito para fazerem bater o coração d'um colorista. Mais longe, para alem, ligeiras nevoas avelludam Lisboa e as cordilheiras graves d'essa margem, mostrando-as como uma successão de terraços sobre o Tejo, não deixando porém vêr por detalhe os bairros de cidade, exagerando as dimensões da immensa cazaria, e emfim dando á retina uma tal sensibilidade, que não ha

ponto que ella não aperceba, nem papila nervosa do corpo que ella para assim dizer não torne em orgão de visão. Assim, mau grado a sua magnificencia e largura panoramica, essa marinha guarda sempre uma nitidez de vinheta a talhe doce, é um golfo de magica, volatilisado de poeiras d'oiro, e onde só faltam sereias e tritões, empurrando a concha de Neptuno.

...com o sol alto, o ceu fica varrido dos aguaceiros de passagem, e por todo o plaino então os valores da luz tomam uma meiguice adolescente, uma subtilidade irreal vaporisada, branco sobre perola, com effeitos roseos na franja das brumas longinquas, e rozaceas de lilaz diaphano, que fazem pensar na côr do *não me esqueças*. Como nos longes a bruma insiste sempre em vortilhar, polvilhando o desenho das montanhas da barra e da cidade, vê-se a luz do sol zebral-a de fachas loiras, por traz de cuja diaphaneidade as velas dos barcos parecem traços d'uma escripta de creança, e a *silhouette* das serras surge incorporeamente, como uma sombra n'uma sombra. Certo, esse momento da luz é transcendente: é que verdadeiramente essa agua canta um threno de

saphyra, azul ar, verde lavado, lilaz opalescente, preludio vago que se difunde d'onda em onda, vago e tão psychico, só lá de quando em quando zimbrado pela arieta alegre d'alguma aza de gaivota. Nem uma vaga ao largo, nem um lenço d'escuma correndo a acenar ao vapor que nos transporta—o mar quazi branco no horisonte, branco solar como a couraça do Lohengrin... E é n'aquella magnifica natureza, formilhante de mysterio, ideal d'alacridade, feita de biliões d'almas anonymas, que ella, olheirenta ainda dos cansaços da viagem, sentindo-se acordar, diz como em sonho—Mas tu então não vès que é uma injustiça envelhecer? Não vès que eu nasci para ter azas, e que me sinto roubada de não poder servir-me d'ellas?

8 d'Abril.

A excitação revolucionaria do Porto, que os tiros da municipal apenas superficialmente entorpeceram, tornou-se, com a confirmação das sentenças dos presos pelo tribunal superior, n'um verdadeiro phrenesi de *vedetta,*

cujas raivosas crispações todos os dias estão dando conflictos nas ruas do chamado heroico baluarte.

Estes conflictos, symptomatisando o estado moral do povo, não devem considerar-se isoladamente, nem ser explicados tão pouco pela embirração que sempre causa a operarios desarmados, a solercia da soldadesca que se serviu das armas p'ros bater. Esses conflictos são a modalidade plebea d'uma colera que é geral por todo o norte, e d'um descontentamento que revolve até ao fundo d'alma as viris populações do Douro e seus annexos. Ultrapassam, todos sabem, as fronteiras de simples caprichos que o tempo apasigua, e são o barometro por onde os serventes do rei hão que aferir a altissima pressão republicana do paiz. Quem julgar que os amordaça ou amollece com mais alguns esquadrões de janizaros, e mais alguns contos de reis para pontes D. Luiz, sobre illudir os terrores proprios, não contribuirá senão para acrescentar lenha á fornalha, sabido como nem a hora é de subornos, nem as guardas de corpo já são capazes de partir os tentaculos ao monstro popular que pede expiações. Nunca o velho symbolo

escriba da dança sobre o vulcão foi mais exacto, e nunca o *Alagoas* bordejou mais perto de Leixões, do que n'esta hora em que os tribunaes condemnam á Penitenciaria jornalistas, depois de para lhes darem logar, de lá terem feito sahir, a pretexto dos perdões da Semana Santa, os ladrões d'estrada e os assassinos.

Lá quanto a isso, o nosso segundo imperio aperfeiçoa-se, e para cumulo de crapula faltava-lhe só corromper a justiça, em termos d'ella restituir aos criminosos de facto, a liberdade sonegada aos criminosos de *faz conta,* aos homens de pensamento, aos vingadores da miseria publica, aos jornalistas cuja indignada voz faz tremer os ladrões nos seus palacios, e tira ás embuscadas politicas o sangue frio que é preciso manter para a partilha da mortalha. Pois muito bem, esse derradeiro tramite acaba d'operar-se!

Aquella veniaga da toga que se enfeuda ao rancor tinhoso da politica, e que de todos os lados se insinua e descreve, pelos jornaes do Porto e de Lisboa, embora com os subentendidos anonymos necessarios para evitar as aboïzes da lei correccional, de molde escripta para a impunidade dos canalhas—tanto a

suspeição d'ella repousa em boatos serios, tanto a secreta historia do seu rancor partidario calou no medo dos augures dynasticos, que o snr. Lopo Vaz, prebóste regio, e collaborador do amigo Navarro na lei das rolhas, não duvidou authenticar n'uma carta ao *Illustrado,* que *houvera engano* na sentença de João Chagas, e que ao rei cumpria agora o deixar cahir a bandeira da Misericordia sobre a carcaça do jornalista, cujos nobres delictos o ministerio da justiça equiparára aos dos esfaqueadores de profissão.

D'estas permissas, as illações a tirar são capitosas. e ainda uma vez fundamentam o que repetidamente tenho escripto ácerca da necessidade do partido republicano se preparar com elementos serios, para uma assaltada decisiva. A desordem nas fileiras dynasticas é tanta, o panico e a incapacidade dos ministros do rei a tão baixo se desnivelou no conceito do paiz, as traições e passagens subrepticias começam a sublinhar-se por uma forma tão flagrante, da banda da monarchia, para a nossa, que dentro de pouco o palacio de Belem só terá por sentinella vigilan-

te esse snr. Navarro, javali real, cuja apopletica verborrhea irá fazendo rir o povo, té que o suicidio o elimine, poupando aos juizes do grande dia o desgosto da justiça summaria no lampeão de que elle parece tanto arrecear-se. De feito, compulsando os jornaes politicos da ultima semana, no respeitante ás informas que trazem do Porto, e aos commentarios que a trapalhada juridica do snr. Lopo Vaz lhes mereceu, apura-se que não ha para os defensores da dynastia uma consciencia doutrinal uniforme, partindo de crenças firmes e de principios communs, e regulando d'alto, ella só, a linha de proceder dos partidos thronicios em face de qualquer eminencia revolucionaria. É qual se espevitará melhor para dar quinau no correligionario do lado, que lhe faz sombra—a corôa que arranje—e qual preparará com mais antecedencia as malas para a deserção do coio onde já não ha tasgalhos de festim para roer. Nos jornaes, como nos ministerios, a mesma villania de desertores sem coragem para supportar as vaccas magras, e as mesmas retratações ou vacillações de sarrafaçaes fardados de conselheiros, comidos de deboxes, ralados de sybaritismo, que desertam

em massa para o *paiz novo,* a cujas portas, porque se nos não pegue a sarna d'elles, haveremos mister de fazer construir um sanatorio. De sorte que o systhema actual de governar, é transigir; mas transigir sem preoccupações de formulas, nem o menor respeito ás conveniencias. As instituições não curam já d'assegurar o prestigio facticio de que as cercavam as leis; agora *fazem tudo,* como as prostitutas famintas, comtanto que as tolerem! O snr. Navarro, borrado de susto (porque é de saber que na bambocha monarchica este valentão é o primeiro medroso) embalde, logo apoz dos acontecimentos de 31 de Janeiro, intimou o governo a ser severo com a revolta, fuzilando a torto e a direito, e degredando os rebeldes somenos para a Africa, immediatamente e sem processo.

Eh! Eh! fuzilar, degredar — queriamos vêr.

Vem os conselhos de guerra, e a severidade que não podéra demonstrar-se em rapidez, todos esperavam viesse em sobrecarrego de penas nas sentenças. Mas ainda d'esta vêz o governo de que é guarda-portão o snr. Navarro, fraquejou, partindo-se as consciencias

dos magistrados em dois grupos, benigno um, o outro carrasco, e foi este que condemnou a João Chagas!

Para o meu caso, o verbo condemnou quer apenas dizer, *glorificou:* porque se antes da revolta o redactor da *Republica Portugueza,* era um simples alvanello do throno, depois da carta do snr. Lopo Vaz eil-o sagrado cabecilha de revindictas futuras, muito proximas. A sua condemnação, trahindo a tibieza de magistrados que recebem do Terreiro do Paço, ao ouvido, as sentenças que destribuem, a sua condemnação logrou esclarecer dois pontos sobre que havia desconfiança ha algum tempo. Primeiro, que a justiça contemporanea não é cega, e a prova é ella pezar para onde lhe faz conta. Segundo, não é infallivel, e tanto assim que se enganou com João Chagas, isto no dizer do Lopo Vaz. Conclusão, não é respeitavel, visto redundar n'um abuso de força com que as instituições perseguidas, julgam travar o passo aos seus perseguidores.

Consequencia inadiavel das iniquidades commettidas pelos conselhos de guerra de Leixões, a altivez dos prisioneiros, que se não dignam

tomar a serio os vereditos, e a irritação dos animos, que republicanisam todo o resto do Porto em breve apice. Em quanto os navios-carceres molham em Leixões, é uma continua romaria de gente a vèr os prisioneiros, e as ovações raro é o dia que não rebentam de roda do *Vasco da Gama* e do *Moçambique,* dizendo a communidade de laços e interesses que d'alli por deante ficam prendendo a familia do norte aos revoltosos. Este reciproco pacto dá aos prisioneiros uma serenidade moral, quazi insolente, e põe as ruas do Porto n'uma perpetua eminencia de lambada. Manda-se vir para o Tejo o *Moçambique* e o *Vasco da Gama,* e a irritação do Porto não cessa, antes se agrava ao extremo de todos os dias rebentarem conflictos entre os populares e a guarda municipal. Ás senhoras que pretendem colher a graça dos captivos, requerendo o indulto por via da clemencia da rainha, responde o Porto com uma severa admoestação, expungindo em massa os favores d'um poder que não reconhece—repulsa esta que se quintessencia d'altivez despotica, quando n'um comicio reunido para ouvir lèr uma especie de petição do snr. Rodrigues de Freitas ao rei, do mesmo theor,

milhares de cidadãos apupam furiosamente a ideia, e declaram nada querer do poder moderador, para os seus correligionarios encarcerados. É n'esta crise de desdem que a carta juridico-desavergonhada do snr. Lopo Vaz faz explosão, turva d'estylo como d'intuitos, e quebrando a sociedade offensiva e defensiva que este illustre condemnado á morte havia feito com o seu não menos illustre sequaz Emygdio Navarro. Variamente interpretado, segundo o espirito das facções onde o snr. Lopo é oraculo ou cardeal diabo, esse documento, ao fim d'expungido dos seus pretextos juridicos, que são poeira pr'os olhos, e dos seus escrupulos pessoaes, que são cantata pr'os ingenuos, o que significa é a cobardia irrisoria de mais um semi-deus, em face do futuro que elle desconfia lhe virá a ser funesto. A obsessão do candieiro tira-lhe o somno, como ao outro, e faz-lhe expressar o delirio nervoso em fórma de retratação.

Retratação de grande homem a quem o cagaço da forca extirpa o raciocinio, e que á hora da morte liquida n'uma versão de parvo inexplicavel. De feito o que é essa carta pelo snr. Lopo escripta ao *Illustrado?* Um grito

de consciencia perante a applicação d'uma lei de que S. Ex.ª é auctor, e que elle averiguou fôra applicada injustamente? Hum! A consciencia do snr. Lopo Vaz não solta gritos. De mais essa carta escripta para salvar *um* inimigo, exhautora por completo a justiça, suspeita os magistrados d'uma maneira cathegorica, e é tão deleteria d'essencia como de forma. Um antigo jurista, ha pouco vindo d'uma missão diplomatica miserrima, formulou sobre o rescripto do snr. Lopo Vaz este parecer:

—No paiz mais corrupto do mundo, conselheiro d'estado que dissesse nos jornaes, sem consulta previa do conselho, metade do que o snr. Lopo Vaz escreveu, era immediatamente demittido das suas funcções, e relaxado aos tribunaes por crime de traição e falsa fé.

O que é então, repetimos, essa carta de Lopo ao *Illustrado*? Uma voz de chefe, que vindo ao encontro da exasperação revolucionaria dos animos, recorda ao monarcha a necessidade d'anticipar o indulto dos prisioneiros *Vasco da Gama?* Mas essa voz, sobrelevando ao acto expontaneo da corôa, revindica para si a gratidão dos captivos, e deixa o mo-

narcha n'uma deploravel posição de subalterno. O rei agora não póde, sem patinar ainda mais na indifferença publica, amnistiar facções que sobre lhe terem recusado a graça, inda por cima teem por medianeiro, um atrevidote. De maneira que o snr. Lopo fica de mal com o rei, por causa dos republicanos, e mal com os republicanos por causa do rei.

Que verdade seja, no campo jacobino difficilmente elle lograria entrada viavel: ha uma pallissada que veda o ingresso ás celebridades de hospital. Como quer seja, a tal carta fecha-lhe os braços dos seus, e não lhe escancara os braços dos contrarios. O snr. Lopo é Escarióte entre duas igrejas, desesperado por não haver mestre que lhe queira dizer palavras de perdão, virando-se para a sombra, e encontrando Navarro terrivel, com um baraço nas unhas, a lhe dizer que forca por forca, prefira antes a figueira biblica, ao candieiro republicano.

E é esse candieiro que lhe dá syncope. Ah desgraçadinho! Nós faremos com que elle se parta, e ainda te possas ir reconciliar com o socio, p'ra costa d'Africa.

FIALHO D'ALMEIDA

OS GATOS

PUBLICAÇÃO SEMANAL,
D'INQUERITO Á VIDA PORTUGUEZA

N.º 27—4 de Julho de 1891

SUMMARIO

MARGENS DO TEJO: A LEZIRIA, O RIO, A BARCA — BARQUEIRO DE GIL VICENTE, E PARTILHA DO RIBATEJO POR DUAS POTENCIAS AGRICOLAS FORMIDAVEIS — DE COMO O BOI É O SENHOR D. CARLOS DO RIBATEJO, E OS CADAVAES NÃO QUEREM MALHADOS, NEM MESMO ENTRE OS SEUS BOIS — O QUE É A FÉRRA — NECESSIDADE D'ANIMAR OS ESPECTACULOS DE DESTREZA E FORÇA PHYSICA — MUGE E A ARENA DAS FÉRRAS CADAVAL — PHYSIONOMIA DOS SEUS TOIROS E DOS SEUS CAMPONIOS — A PROCISSÃO DOS VINTE ANDORES — CHACOTA Á IDOLATRIA GROSSEI-

RA DO ALTO CLERO DE LISBOA — DOIS S. S. MARÇAES CATRAPISCANDO-SE, E NECESSIDADE DO SENHOR PATRIARCHA INTERVIR MELHOR NA POLICIA DOS COSTUMES — COMO ENTENDE S. EMINENCIA A IMAGEM? E CRIME DE LEZA-FÉ COMMETTIDO PELA AUCTORISAÇÃO DAS PROCISSÕES — O INFANTE ENTRE OS DIGNOS PARVOS; SEUS DISCURSOS E RECEBIMENTO, E UM CONSELHO GRATUITO PARA FECHAR COM CHAVE D'OIRO.

---

17 de Junho.

Para ir a Vallada e a Muge, o caminho curto é tomar em Lisboa a linha norte, desembarcar no Reguengo, e seguir ós dois kilometros d'estrada nova que d'ahi vão té á primeira d'aquellas duas terreolas.

O caminho é monotono, campos de ceara e de pousio, quintas desmantelladas, povoações branquejando em meio de faias e eucalyptus, montanhas, valas, pinhaes, saloios e burros... De mais, esta manhã faz uma chuvinha incontinente, e os meus companheiros de viajem em muito pouco esthesiam para o riso, o excravel mau humor que me domina. De maneira que me sinto viajar sobre alfinetes,

tão mal creado, carantonhento, insupportavel, que retruco a um capello coimbrão que me interroga sobre os progressos da microbiologia, na faculdade de Lisboa:

—Sim, sim... nós em microbios vamos ainda nos bichos de seda.

Perto, uma grandesissima velha, amosendada no cochim do wagon fronteiro ao meu, tem uma dignidade conselheiral da dama cavallona, de matrona hypica, cujo esgare sobrio e carcaça notavel me fazem desconfianças sobre se seria ella no Egypto, o antigo boi Apis, tão fallado por sua divindade e chifres mythicos. E esta senhora, d'uma surdez egrégia, e falladora como não espero d'assistir a equivalente, esta senhora é que principalmente constitue minha desgraça, porque responde a coisas que ninguem lhe pergunta, e muda fica quando se lhe pergunta alguma coiza. Vae para Coimbra. Se conhece lá o Martins de Carvalho? Saccudindo os mitenes: effectivamente o dia está lindissimo.—Lindissimo, o dia?

—Mas minha senhora, não faz senão chover...

—Ah, quanto isso, tenho tambem um filho bacharel.

Aqui me faço eu roxo de quizilia. Como é que esta mulher, surda como é, tem a ousadia de se pôr ao cavaco com personagens da minha omnipotencia? Estou, vae não vae a me boquiabrir contra ella, n'uma desavergonhada carantonha, quando um rapazóla loiro diz para uma especie de sardinha que o acompanha:

—Oh como V. Exc.ª é «croquete»!

Ella, em grande dama:

—Sabe que *apreceio* muito pouco essas lisonjas.

—Reguengo! grita ao longo da gare o conductor. E o demonio da chuva continua.

Em Vallada aguarda-nos o almoço d'um querido companheiro, Vicente, o clinico, cuja velha casa, de balcão saliente e tectos de caixão, põe deante de nós as victualhas d'uma ucharia d'abbade commodista, regadas de quanto o rascante Ribatejo melhor produz em vinhos de pasto, a escolher, brancos e tintos. Entretanto a villa toda sae da missa, repicam os sinos, e grupos de guarda-chuvas saltapocinham sobre a lama, fugindo á mólha, e levando o borborinho da rua ás casas gottejantes. O ceu é baixo, vapores de chumbo enchem no rio seus odres de regar, passando

em fumaradas lentas sobre os tectos, e levando a vida ás planicies d'alem que o Tejo não fecunda. Esse momento d'aldeia é pitoresco, trajos de festa brilham, ha cumprimentos de chapeus para chapeus, remoinhos de saias que procuram livrar da lama o polimento das botinas engraixadas, e momentaneas paragens de burguezes, senhoritas de villa, e cavadores que se estramalham por fim nas embocadas das ruellas, emquanto os ricos, sobre o dorso do dique que abriga a povoação das cheias do Tejo, ficam um bocado a mirar a agua turva e pressurosa, onde algumas bateiras vão, como tamancos curvos, carregadas de herva, ao ao seu destino.

—Almoço impante, de carne todo, e da primitiva cosinha aldeã que o alho impregna com seu perfume rabido e vermifugo. Em mangas de camisa, n'uma casinha de jantar caiada e de tijollo, cujas janellas teem poiaes de granito á moda antiga, nós devoramos as viandas rusticas de Vicente, travessas d'ovos mechidos com chouriço, capões córados em mòlhos de tomate, azeitonas e rabanos acabados de cortar; e um bem estar clerical respira-se da mèza, sob os candidos

olhos verdes do meu irmão que ficou camponez mau grado o curso medico, e a convivencia de dez annos alfacinhas. Assim a palestra vae a sabor das recordações dos tempos d'estudante, quando a minha lazeira d'alemtejano sul, raro desciplinavel aos methodismos classicos do trabalho—sem o que não ha premios nos exames, nem considerações ou bôas notas de professores—quando a minha lazeira se comprazia a aceitar os conselhos d'elle, o homem d'ordem na nossa republica escolar, o espirito integro, puxando certo, continuado e egual, para um destino imposto d'ante-mão—differença esta que era o motivo das nossas brigas quotidianas, e que afinal fazia o segredo da inalteravel affeição que nos junjia. Assim borboleteamos da escola ás anedoctas mais lestas dos namoros e das ceatas nas tabernas, das prelecções mestraes aos ridiculos picantes dos mestres, quando nas fructas já, subitamente um raio do sol entra na casa, ao tempo da cosinheira dizer que o snr. Deziderio trouxera o char-á-bancs.

E para a férra! São onze da manhã, o ceu levanta, por entre as felpas do aguaceiro rasgões d'azul esmaltam flôres de lys n'um

riso de bom tempo, e ao longe, na outra banda do Tejo, a paizagem enxuga-se da neblina, os accidentes da margem ganham traço, e veem-se as ribas floridas da leziria, a massa dos pinhaes, e sobre a agua, curvadas, as cabeças dos salgueiros, chorando de os não terem posto na sepultura de Musset.

Para ir a Muge haverá que se passar o Tejo n'uma barca, de sorte que o char-á-bancs nos leva a encontral-a n'um embarcadoiro de feição, que é Porto Muge. De Vallada aqui, o percurso é deliciosissimo, por um macadam largo e bem saibrado, que verdadeiras cortinas de choupos orlam, muito unidos, direitos, altos, por forma a entretecerem a folhagem n'uma verdadeira muralha de luz verde, e até deixarem-na formar abobada em longas extensões. A espaços, n'essas circumvalações d'arvoredo, bruscas abertas dão para as fazendas, e por alli o sol entra em jorradas, turbilhonante de pollen e gritinhos, os rouxinoes trauteam, e veem-se as cearas interminas, acamadas em pavêas d'espigas, afestoadas de convalaria e de papoulas, gritantes de malmeque-

res—vinhas, pomares, campos de hervançum e campos d'olival, todo o deboxe agricola das sanguineas terras de barro, que as antigas cheias do Tejo alluviaram d'uma plethora de seiva inexgotavel.

Emfim a barca. Oh Deus, como é bonito! e como eu gostaria de ser um barqueiro sardento, herculeo, ruivo-oiro-poente assim descalço, especie de girasol lacustre d'alguma heroica flóra acorrentada ás mythologias da infancia d'este rio! Ter uma barca assim em pão de bico, nos pólos revirada como as gondolas, chata de fundo, o almagre da vela á luz morrente, e toda a vida cantando rio abaixo, a ballada d'Ophelia, com o pampilho ribatejano, que na terra guia o touro—na agua servindo de remo, haste da vida, movida sob a stria d'aço do meu musculo! Leziria plena e rio pleno, agua e verdura, salgueiros por toda a parte—bemaventurados os que choram!—mergulhando os cabellos verdes na corrente. Um instante é-me impossivel dizer coizas que não sejam incoherencias infantis de quem, subitamente furtado á esquadria infecta dos grandes

bairros, torna a encontrar alfim o paraiso, n'este remançoso idyllio de vegetaes loiros e verdes, silhuetas amaveis, e macissos em cuja polymorphia ha gestos d'affeição. Por ventura não é talvez a paysagem que me spasma, senão o sangue que me circula mais vivo, pondo-me a alma em crises d'ireal. Oh os logares que a gente amou da vez primeira, que dispersão de bençãos lançadas a desejar ser tudo o que se vê, hervinha ou agua, junquillo ou aza, insecto ou ar corrente! viver sem forma o anonymato das forças naturaes, morrer sem dòr, dando vida incessante ás coizas inconscientes, não ser um, mas *ser,* e circular e bater no coração de tudo o que é creado... E apezar dos camaradas que me apupam, dos barqueiros que me sorriem de piedade, eu não resisto, rebolo-me, espojo-me na herva como um burro, abraço a urze branca, aspiro soffregamente os chupameis, prometto gran-cruzes aos troncos mais vetustos . .

— Porque emfim vocês são cidadãos cheios de serviços, e sabe-se lá o que uma arvore precisa de trabalhar para ser grande!

Lentamente a barca vem acostando a margem do portinho, um bocado da amura desengonça-se e faz embarcadouro, e vá d'atrevessar o rio á moda diluvial. Já o barqueiro mais novo desdobra a vela, e á popa o outro finca a vara no lodo, e impelle a traquitana, que desliza sem vaga, dobrando os tabúaes flexiveis, com a pachorra maternal d'uma vacca domestica que se deixou cavalgar por bonhomia. E então que risos, que de palreiras expansões sobre a paizagem, todos batemos palmas, e como o quadrado guião da vela não se enfuna, os barqueiros, pondo a mão em buzina sobre a bocca, assobiam ao vento, como os chinezes do Rio Amarello, a que o vento desperte e venha collaborar na faina sem demora. Alguem de nós pede ao mais novo uma cantiga, e elle roufenho exprime-se em tom barbaro

«Á barca, á barca, senhores,
Oh que maré tão de prata!
E valentes remadores.
«Vós me veniredes á la mano,
A lá mano me veniredes:
Y vos veredes
Peixes nas redes...»

A canção do diabo, no auto da *Barca do inferno,* de Gil Vicente, deturpada talvez a sabor da tradicção local. E é o que nos reporta ás eras afastadas, repondo aquella barca primitiva, e aquelle rio passando assim entre juncaes e freixos, n'um capitulo de vida rustica que quatro seculos de civilisação não alteraram sequer n'um só detalhe. N'aquelle ponto do Tejo a agua espraia-se n'uma enseada grande e toda unida; a corrente é fortissima mas sem ondas. Da banda esquerda, uma especie d'insula cheia de choupos podados nas pernadas, troncos torcidos, ribanceiras sombrias em declive, tem casas de madeira onde ha um posto de trabalhadores para a projectada ponte do ramal ferroviario entre Vendas Novas e Sant'Anna. Grandes cilindros de ferro empilham-se de roda, na relva patos flanam, um lumareu d'almoço fuma na clareira... Depois, acostados á terra, barcos carregados de pipas e alcacèr, aguardam que se complete a carregação para se fazerem de vela até Abrantes e Santarem. Como a barca se adentra, vagarosa e banzeira, pelo rio, a margem d'este lado começa a desdobrar-se então em accidentes d'aguarella, vaporosos na nevoa do

mui longe: manchas de casas, uma torre pequena (é Vallada) e mais para o fundo, em claro escuro, as finas flexas dos eucaliptus e dos choupos.

«O' Inferno ieramá.
Hio, hio, barca do cornudo,
Beiçudo, beiçudo,
Rachador d'alverca, hechá!
Sapateiro da Landosa,
Antrecosto de carrapato,
Sapato, sapato,
Tua mulher é tinhosa...»

e n'este ponto as minhas notas dizem que o rio se alarga ainda mais, barrento d'aguas, com todas as margens verdes e floridas, que o ceu se vae cobrindo outra vez d'uma felpa baixa e movediça, e que o barqueiro de Porto Muge era effectivamente o da *Barca do Inferno,* resuscitado por uma allucinação visual de leituras feitas por mim na noite anterior.

Transposto o rio, Muge inda fica a distancia talvez de dois kilometros, que por imprevidencia de rapazes forçoso nos foi pisar á pata, por entre bouças e atasqueiros cobertos de flores primaveraes. A região é chata e sem

colinas, com as fundas pujanças culturaes do barro côr de ferrugem, ingurgitado d'agua, estrumado pelas cheias, e que multiplica ao infinito a ressequida semente que lhe confia o lavrador. Duas grandes potencias partilham entre si tanta riqueza: uma em suzerana benevola, tem a *nonchalance* real d'um antigo tronco de senhores, e á casa Cadaval, de que Muge é feudo: a outra em uzuraria, parece só ter em mira a ruina da pequena cultura, e o fazer terminar por suicidios ou mendicancias, a velhice dos pobres agricultores que uma vez lhe pediram auxilio; é a companhia das Lezirias, qne está fazendo a ruina d'umas poucas de povoações ribatejanas. No dia em que por mercê d'um capricho da senhora duqueza ou dos seus successoros, a casa Cadaval cedesse á companhia os dominios feracissimos de Muge, conforme já lhe arrendou alguns que partem com as antigas terras do infantado, de que a companhia das Lezirias é senhora, todo o Ribatejo fertil cahiria nas mãos d'esta rapace, e era d'uma vez o que resta dos antigos lavradores medianos da cercania! *Herdar* foi sempre na familia humana, um dissolvente, que incita á cupidez e faz desejar a

morte. E' o segredo dos ricos terem poucos filhos, e os agiotas muitos detractores; e a companhia das Lezirias bem sabe que cercando a pequena cultura com as grandes explorações das suas terras, aperfeiçoando a alfaia agricola, supprimindo o braço caro, jogando em massa, n'uma palavra, não ha lavrador que lhe resista: ao primeiro aperto do pobre, offertas de dinheiro sob hypotheca, arrendamento em seguida da terra, a preços d'agiota, e incorporação final da propriedade no *magot* colossal da companhia. E' quasi deleterio, como tem sido para os cultivadores d'Africa o Banco Ultramarino, e para os do alto Alemtejo o Credito Predial; mas não ha resistencia possivel n'este assedio, e emquanto a acção legislativa não intervem por um golpe de mão sagaz e firme, Vallada, Muge, Benavente e Salvaterra, lá irão estrabuchando como cordeiros entre presas de lobo insaciavel. *(a)*

Toda a campina que atravessamos é na

(a) Não é de todo exacto o que acima fica escripto. O commercio da C. das Lezirias consiste principalmente em dar terras de renda aos cultivadores, mas por um preço tão alto, que elles se oneram em vêz de progredirem, e d'aqui vem a ruina de bastantes.

realidade uma positiva maravilha, e tem-se a turgente sensação d'um vale do Nilo, d'uma terra da promissão vascular, pondo á bocca do homem, a teta da abundancia, como a dizer-lhe, bebe! De todas as partes folhas de ceara vão té aos engastes do ceu, n'um raio extensissimo, e em marés incessantes de verdura, tendo por espuma espigas bemfazejas. Nas pastagens tufantes, cuja herva gorda impa chorume, manadas de cavallos e bois correm á solta, sob as pedradas e a lança do gaúcho local, de calção azul e sapato d'espora, matacões e barrete verde ou rubro, plantado esculpturalmente n'uma cella mourisca, com seu xairel de pelle de cabra. Tocam chocalhos, os grandes cães rabões ladram ás rezes, e o grito em *ói!* dos maioraes, muito alongado, põe na charneca o quer que seja d'um queixume gutural, sem patria, monosyllabado da primitiva lingua do universo. Onde aonde, casas, raro arvoredo, a não ser na margem dos rios e das rigueiras, e doçuras de ceu, climas benignos, monotonias de luz á flôr do trigo verde — verde, verde. — De sorte que o verdadeiro habitante e' zuzerano d'esta zona, não é bem talvez o homem, mas o cavallo e

o boi selvagem, elle quem manda e decreta a civilisação das populações que lhe interrompem o deserto, quem faz o caracter do homem, e mesmo ia a dizer, enche de filharada o berço da mulher.

Já comprehendem agora como esta jornada pelos reinos do toiro predispõe bem para o espectaculo incomparavel d'uma férra, e como a paixão das guerreias de circo, dos jogos olympicos de força, e das abaladas a toda a brida, atraz do gado, sejam uma obsessão inseparavel do caracter das populações do Ribatejo, e mesmo afinal de toda a raça nacional. E é necessario, a meu vêr, estimular cada vèz mais esta paixão, exasperando-a mesmo até á violencia, porque ella faz tudo, agricultores, guerreiros e atletas, n'uma palavra homens d'acção, precisamente aquillo que nos falta para compensar as demasias do emocionismo que ha muito infecta as camadas intellectuaes de Portugal. De lidar bois, o homem, sobre aprender a evitar o corno, um dos accidentes primordiaes da vida civilisada, mais grotescos, adquire ao par tambem qualidades

d'energia e valor que o habilitam a encarar a vida sob um prisma de lucta material inteiramente pratico e proficuo, antagonico das especulações de sentimento que fazem das nossas actuaes gerações pensantes, collegios de contemplativos, esgotando-se em subtilezas metaphisicas, e encarando a existencia só pelo lado da theoria e do conforto.

A férra é de feito, n'aquelles regadios immensos da margem do Tejo, a cerimonia nacional por excellencia, onde rezes e homens só teem que provar qual é mais dextro. É a kermesse da vida physica, da vida rustica, da vida sã, e convem-se n'isto: emquanto houver bois, esta nacionalidade é resistente, e saberá conservar a autonomia! A férra de Muge, de noventa garraios negros pertencentes á valida adolescencia das manadas Cadaval, sobre os pictorescos já assignados aos espectaculos similares d'outras ganaderias, outros havia p'ra ma tornarem particularmente interessante. Primeiro, os novilhos ferrados são o mais puro extracto das gerações selvagens da ganaderia, que só resolve assignar productos absolutamente perfeitos de forma, e excepcionaes d'agilidade e de bravura. Ha, segundo me disse-

ram, requisitos, que toda a rez deve possuir para ser digna de trazer na nalga, a ferro em braza, a coroa quazi real dos Cadavaes. Por exemplo, ser negra, ter a armação d'um certo typo, e caracteres de ligeireza de tal guiza, que esses toiros legitimistas, descendentes dos ultimos que o senhor rei D. Miguel correu, ou viu correr, no cercado do solar de Muge, ha sessenta annos, possam servir de modelo ao toiro alado das theogonias orientaes. Novilho que tergiverse d'esta tara, é immediatamente vendido pr'os açougues, com recommendação formal dos *malhados* se demorarem na pastagem ducal, o menos possivel. Segunda, Cadaval não fornece gado bravo para as praças. Des'que abalou D. Miguel para o exilio, as cancellas das herdades fecharam-se para sempre aos apetites dos toureiros, com severas penas ao almoxarife ou comprador que desobedeça ás terminantes ordens d'aquelles senhores legitimistas, enojados.

A um lavrador que lhes costumava comprar rezes bravas para cria, e d'uma vez, cedendo á tentação d'afficcionado, fizera lidar um curro com a marca dos duques, nunca mais Cadaval vendeu producto algum dos

seus, obrigando-se d'alli em diante os mais por escriptura, a cumprirem religiosamente a prescrição. Assim, dada a selvageria dos toiros Cadaval, e a degenerativa domesticidade em que pela Peninsula vão cahindo as rèzes das outras ganaderias, incluindo a do duque de Veragua, comprehende-se quantas dezenas de contos custa por anno, á casa Cadaval, esta forma de vassalagem, um pouco pueril. A fidelidade d'esta nobilissima familia ao rei no exilio, de vida para vida, ha tantos annos, é sem duvida uma das mais internecidas e raras dedicações da historia moderna, onde taes factos d'amor já para assim dizer não teem logar. Mas exigir, pelo facto das opiniões politicas d'um homem, que os bois deitem lucto pelo rei, conservando-se negros, e fiquem toda a vida n'um convento, como Ophelia, em vez de darem sorte, eis ahi um testemunho de lealdade que me chega a parecer monomania. O mais certo é que a *sensiblerie* religiosa de Cadaval, agravada pela educação jezuitica do seu actual representante, seja principalmente o movel d'este sequestro de bois ducaes aos campos de torneio.

Jacente ao solar dos duques, que é um casarão caiado, com dois torreões na frente, e janellinhas pequenas de redor, casarão que nunca mais se abriu, nem para arejar tapeçarias, des'que a familia sahiu de Portugal—jacente ao solar ficam as abegoarias e dependencias d'uma grande casa de lavradores á moda antiga. Entre as dependencias que disse, demóra a arena da férra, que tambem foi praça a valer, no velho tempo. E' um terrapleno retangular de terra solta, cintado por um alto poial de cantaria, e tendo os curros jungidos de redor. A' direita do palacio, a povoação, pequena, o seu risonho ar de burgo agricola entre as arvores, a torre parochial da igreja ao centro, e casas baixas nas ruas, caiadas, e sem divergir no tom, das mais aldeias. Quando chegámos á praça, a férra está no meio, e dois novilhos acabam d'espirrar como dois diabos, varrendo d'impeto os magotes de saloiada que viera bater-lhes palmas ao caminho, ou toureal-os com as pontas dos cajados. Ha uma algazarra alegre em toda a quadra, gargalhadas, apupos, fallatorio, uma confusão de chapeus e lenços, cintas, saiotes por cima dos poiaes, que bole e mistura continuamente

os seus mosaicos de côres barbaras. Quadro soberbo, a irupção da fera em plena praça, da fera adolescente, que junta á bravura a sede d'ar, e os impetos da raça ao desejo d'espavorir furando alguem. Sob a guinada altiva d'esse pincho, os mais audazes fogem, porque não haja força de homem capaz de sofrear e vencer fereza tanta. Tudo consiste então em esperar que as correrias primeiras trunquem da fera a porção verdadeiramente feroz da sua raiva, humanisando-a pelo cansaço té mais accessiveis stadios de subjeição. Em novilhos chispantes como os da raça electrica da duqueza, a suspirada fadiga naturalmente tarda em pronunciar-se, e só depois de tres ou quatro voltas na arena, afocinhando uns, saltando por cima d'outros, abrindo estrada n'estes, e esfundilhando as calças d'aquell'outros, é que o primeiro galhavanas ousa atirar-se-lhe ás pontas, arrastando-se enclavinhado alguns segundos pelo chão, como um bolo que a cabeça do touro amarfanha, emfim vencida! quando já uma recua de gente o tem captivo pela cauda e pelo lombo, obrigando a rèz a dobrar-se á mão do homem, e a genuflectir afinal, manietada, para receber na anca o stygma

senhorial. A' marca posta, uivos de dôr abrem a garganta negra do novilho, exhalando a raiva até a supplica; os fumos do cauterio sobem no ar, suffocam do fedor do coiro na grelha; e n'um momento a operação tem-se ultimado, quando as mãos d'um pensam com lama a carne viva da rez, latejante d'augustia sob as esgarçaduras brutaes do ferro em braza.

Os dois novilhos ferrados, outros espirram faiscadoramente do touril, aguilhoados de dentes pelo pampilho déstro do campino. Entretanto a attenção vae-se em mil coisas, no machacaz moreno que um dos novilhos derriba de roldão, na péga que este offerece e a que o novilho vira as costas de continuo, n'outros que fogem largando os varapaus, e até no immenso guarda-chuva azul que alem, n'aquella quina, abriga os que se passam de mão em mão uma borracha...

No mexedio da scena, d'uma inexprimivel acção nervosa que estravása da gente em impaciencias e momos de macacos, impossivel fixar em primeira mão cada episodio. Seguidamente porem os olhos acostumam-se, destrinçam-se as secundarias do espectaculo pouco a pouco, veem-se as abastidas d'um lado, por

cima do touril, com sombrinhas e rostos esprimidos do madamismo indigena, sentado em cadeiras de palhinha, uma especie de colcha escarlate sobre os varões da amura, e em todas a attitude immovel de quem não quer parecer-se, no estramoucado da verve, com a grosseira gente que se esfuria em brados, mais alem. E d'alli para a direita e para a esquerda, grupos de muitos, em todas as posições sobre a cantaria dos poiaes... estes de pé, com florestas de varapaus ao ar, como lanceiros, sentados outros, de blusa, gorro verde, e ventre e peito cobertos pelas dobras da cinta escarlate, cujos cadilhos pingam sobre a nalga —depois alguns de bruços, os cotovellos na pedra, focinho esborcinado, postura de gatos espreitando a rua dos telhados, e os idyllios por fim, na concha do mesmo guarda-chuva campino, onde a cara d'ellas, sezonatica e menstrual, diz ás febres da virgindade que se quer romper n'uma noite reentrante, e os olhos d'elles batem as palpebras do pudor de que lhes suspeitem a virilidade bovina que os devora. A raça, pernalta, mãos longas, unhas em garra, o joelho p'ra dentro, o gluteo magro, cinta estrangulada, e estreitos de ca-

beça, tez fulva, beiço saliente, olho profundo, narina e focinhos de carneiro, gente de planicie, corredora, vivendo de vegetaes e de malaria, mas resistindo sempre pelo exercicio, ás nem sempre carinhosas admoestações do clima palustral. Por entre o borborinho da malta, que os risos picam d'uma inexprimivel sensação de hillariancia, mugidos cortam de quando em quando o ceu nevoado. São os novilhos presos, que a mordedura do ferro ensandeceu de dôr, ou a saudade da charneca faz chorar nos seus curraes.

19 de Junho.

A procissão dos vinte andores, sahida da igreja de Jesus, na sexta-feira passada, revela bem quanto a idolatria lisboeta nivéla em bestialidade e grosseria com a mais reles das sertanejas aldeias do Minho e Duas Beiras.

Quem quizer instruir-se sobre a comprehensão que tem da Divindade o alto clero do districto de Lisboa, venha a este batuque de santos mal feitos, e desopile o baço em gar-

galhadas e apódos contra essa exhibição verdadeiramente ignobil, que o senhor cardeal Patriarcha, tão habitualmente cioso das prerogativas de Deus, inda não julgou util evitar por uma vez. Nada ha, de feito, que possa dar imagem, approximativa sequer, do ar de frescata, de pic-nic celeste, de volta das hortas com um grãosinho na aza, que toda aquella procissão dos vinte andores ressumbra. coberta de trapos, e onde os mais disformes mamitanços vão ás arrecuas, sôbre padiolas, gingando com um duplo ar de fadistas e de piteireiros. Na fachada do prestito, entre carólas d'uma especie cebacea que é o puir da sachristia sobre indoles ignorantissimas e timoratas de povo, imaginem vocemecês um S. Miguel de palmo e meio, inteiramente trajado como um arcanjo de cirio, de manto porco, lança d'archeiro, e capacete de cuja crista quatro plumas azues e vermelhas, de meio metro, repuxavam, curvando-se para a frente... de sorte que as pontas d'ellas, a cada rajada de vento, iam brejeiramente fazer-lhe cocégas nas regiões mais que inferiores do baixo ventre. Empóz d'este desavergonhado guerreiro, um santo preto, vestes de frade, tocando ganzá

com uma palma de martyr na barriga d'um crucifixo. Logo depois, N. S.ª fugindo para o Egypto n'uma burra, mal-o menino e S. José — mas que chiquismo de sacra-familia! — N. S.ª de chapeu prato, ornado de rozas e de rendas, com fitas fazendo-lhe laço debaixo da barba, e pó d'arroz nas faces, como uma mulher de amanuense... o menino de pellucia azul, e gorro egual... S. José de chapeu de coco, flôr na lapella, capa á hespanhola, e varapau com um palmito de lyrios mysticos na ponta! Á passagem d'este grupo, symbolo da primitiva familia christã, que se esqueceu do viver das catacumbas e da felicidade das cabanas, para vir passear á moda, sob a guarda dos padres, pelas ruas da capital, um longo borborinho de lisonja percorria as boccas dos fieis, e chufas *grivoises,* qual mais desavergonhadamente intencional sobre as parecenças da Virgem com esta e com aquella, cortavam o *fun-ga-ga* das phillarmonicas, espavorindo a crença, pondo em debandada a fé, e transformando a procissão catholica em bacchanal.

As NN. Senhoras com menino ou sem menino, verdadeiras *dames seules* da contradança, podiam contar-se por dez ou doze, das *Mercês,* dos *Perdões,* do *Monte do Carmo, da Conceição,* da *Piedade,* da *Agonia,* da *Vinha* e do *Phyloxera,* todas de mantilha branca e os cabellos picados de rozas como *camareras,* de manto, de chambre, de capas d'asperge e de capote e lenço — umas humildes, affectuosas, dengosas sobre o andor—outras terriveis, agitando sceptros, pennas, bentinhos e rozarios — e todas com corôas disformes sobre pequeninas cabeças de perúas, corôas singulares, imitando tudo, desde o cabaz de morangos até á trouxa de roupa suja... Adornando os andores, tudo quanto a phantasia do negro póde sonhar de mais gritante em bólas de vidro, palmitos de papel, cestos de caróços, e franjas de papel doirado. E de róda, a clientella de velhas milagreiras, a clientella particular de cada imagem, todo um Limoeiro d'estupores ramelosos, flatulentos, paixonentos, com superstições de malucas, palpites de namoros com sargentos, e nymphomanias emfim d'incorrigiveis sacripanthas.

Este cortejo, sahido, como lhes disse, da

freguezia das Mercês, antigo convento de Jesus, colèa pelas ruas accidentadas d'esse bairro de povo, até á Praça do Principe Real, que atravessa ovante até S. Roque, para divergir d'ahi pelos Paulistas, e reentrar afinal ao som de lôas e foguetes. Um dos pontos obrigados do transito é a Rua de S. Marçal, e eis o motivo.

No prestito vem S. Marçal, objecto da particular devoção do snr. visconde do mesmo titulo, antigo commendador Thomaz Quintino Antunes. Vae, quando o santinho afronta as janellas do collega, faz meia volta, os padioleiros da frente abaixam os varaes do andor, os padioleiros de traz erguem os seus, e d'aqui provem fazer o idolo uma bella reverencia para o visconde, que a essa hora tem o cuidado de se produzir á janella com farda de moço fidalgo, e todos os patacos honorificos com que os governos, em vinte annos de *travalhos,* hão constellado seu nobre peito de rico typographo e impressor.

Pergunto-lhes se conhecem recanto minhoto onde os santos deem publicamente taes teste-

munhos de preferencia aos commendadores brazileiros da sua panellinha, e se o nosso tempo, não contente de subornar ao dinheiro a magestade dos homens, premedita fazer o mesmo com a magestade de Deus e da sua côrte. Se S. Marçal fizesse signaléfas ao seu amigo Thomaz Quintino, dentro da igreja, no recato do seu nicho, e apenas sob as vistas tolerantes dos sachristas de Jesus, eu nada diria. O santo podia até mandar-lhe as cartas por um gallego, e gargarejar com o visconde sobre os salsifrés de toda a cambada celeste, que o meu pudor não faria um passo para evitar ao snr. visconde de S. Marçal os effeitos genésicos da sua *inclinação*. Mas na rua, á vista de todos, ao som das musicas, na presença de senhoras — palavra, acho indecente!

É para isto que o snr. cardeal Patriarcha deixa sahir de Jesus a rebanhada dos seus idolos? Acaso a provadissima austeridade de costumes de S. Eminencia, premedita deixar sem reprimenda este *desvio* d'um santo que tergiversa da compostura cultual, fazendo namoro nas procissões, aos homens casados?

Privado do convivio beatifico de S. Eminencia, não posso pronunciar-me pelo certo acerca das ideias e crenças intimas que o levam a affrontar a chacota publica, por estas revoadas d'aventesmas lugubres, que nem como dogma, nem como arte pódem mais competir com o menos apparatoso bailado dos nossos theatrinhos d'opereta.

Quer-me entretanto parecer que o senhor Cardeal Patriarcha tem sobre Deus e os seus santos uma ideia fradesca e mésinheira que apodarei de mediocremente honrosa para a sua cathegoria de prelado-chefe. Porque se comprehende sem esforço que um principe da igreja, em materia de fé se immobilise, embóra travestindo o reaccionarismo que é a essencia mesma da sua delegacia papista, em formulas apparentemente progressivas, ia a dizer mesmo modernas, de sorte que a religião tenha o ar de caminhar, quando o que ella faz é defender-se. A Igreja refluindo cada vèz mais para o recesso das criptas, o decrepito cerimonial das suas lithurgias, occultando do sol as transfigurações dos seus mysterios e as lhamas esfiampadas dos seus pallios, esquivando-se dos festins da actividade moderna

para que ao toast relembrem os serviços que ella prestou, tem assim um ar d'altiva mulher, que se conserva imperatriz, mesmo depois de desthronada. É o orgulho de todos os mandantes, que mesmo no exilio querem morrer de corôa na cabeça, e que sentindo a camarilha rarear, dispensam a tempo os cortejos e beija-mãos em que ella teria de se publicar, cheia claros. Mas o que se não admitte sem suspeita d'amollecimento escephalico adeantado, é que um cardeal a quem Roma encarregou de velar pelo prestigio catholico, na sua intransigencia de burro varatojano não descrimine o que seja velharia hierarchica, do que é mascarada simplesmente, e arrisque a já periclitante fé do povo das nossas cidades, n'estas exhibições de fantoches pelas ruas, entre latins roufenhos, opas cebaceas, e côrtes de milagres de carólas que parecem fugidos dos manicomios e casas de detenção mais mal famadas! Eu não sei o que pensa S. Eminencia sobre o papel das esculpturas em materia de crença religiosa. Mas quer as julgue intermediarias reaes da divindade, com a aptidão sobrenatural de se animarem d'uma scentelha d'espirito celeste, quer as repute simples

figuras geometricas, destinadas a acordar nas naturezas simples, por via das faculdades estheticas, uma ideia magestatica è inteiramente ideal da còrte de Deus, o grande caso é que os andores das procissões, com todos os seus aleijões d'estatuaria, com todos os seus papeis doirados d'armario de capellista, e todos os seus ascos de padres sujos e irmãos do Sanctissimo taxados, d'anno para anno o que fazem é desnivelar o catholicismo do seu magnifico sacerdocio, e transfiltar o carnaval nas paschoas da fé, o que pelo que tóca á minha indole de contemplador e antigo crente, constitue uma injuria que eu não perdoarei jamais ao alto clero do meu paiz.

Trate pois o snr. Cardeal Patriarcha de me poupar o desgosto d'estas cerimonias escarninhas, onde por culpa da sua idolatria grosseira é apupada a Virgem, e onde esse symbolo da Cruz, tão enternecidamente doloroso e melancholico, serve d'entestadura a verdadeiras cavalhadas. Os mais scepticos não prescindiram ainda de a pôr de guarda á sepultura, e cumpre que essa derradeira amiga conserve para o transe, agora mais que nunca, a sua virginal austeridade.

*

20 de Junho.

Está o snr. D. Affonso sentado por uma vez entre os dignos parvos do reino, e constitue isto um motivo de quadro a que o pintor Rezende, vestindo-lhe biblicamente os persogens, porá o titulo de «menino entre os doutores». Pensara-se primeiro em feriar as repartições pelo facto da entrada do bello infante no sanctuario das leis, mas opinado por alguns que a grande gala era insolita, visto o regulamento da camara não preceituar d'excepção para o assento dos principes, acquiesceu-se em realisar a cerimonia, nem sobre o demasiado plebeu, nem sobre o exclusivamente aristocratico, e assim ficou tudo em a banda tocar o hymno á porta, virem os militares e matulões annexos ao paço, de farda rica, e desfecharem dois ou tres semelhantes do infante, fallas de congratulação pelo assento novo de S. A.—n'aquella casa onde a maioria dos assentos é, como se sabe, velha.

Nos jornaes d'esta manhã leio enternecidamente que o *fauteuil* do snr. infante fica um pouco atraz do dos senhores duque de Palmella e marquez de Fronteira, o que se me afigura

perigoso para as orelhas d'estes respeitaveis gentishomens, attenta a mania que S. A. tem d'estar sempre a brincar c'o pingalim, e um pouco adeante do do snr. marquez de Vallada, o que tambem não direi serenador para o bem estar das partes. . . litigantes.

O principe, na ausencia de faculdades cerebraes que o exalcem em qualquer ramo d'acção, por forma insolita, possue, dizem as *Novidades,* a mais bem timbrada vóz de barytono, sendo com ella que affirmou á camara estar prompto a sacrificar-se pela patria, sempre que esse heroico acto se consumme na Avenida, e tenha por hollocausto um atropellamento. Esta offerta excedeu, como é de suppôr, as expectativas mais exigentes dos dignos parvos, que todos romperam em palmas estrepitosas, vindo de rastros, apóz, lamber ao sublime moço as mãos cocheiraes e bragantinas.

Temos esperança que o snr. D. Affonso poucas vezes mais voltará a incommodar os seus collegas da camara alta, mas se por acaso a veneta o picar e trouxer de novo áquella praça, demore-se pouco, porque não está ella sendo um logar bem frequentado. A provisão hereditaria, hoje abolida, á uma inda por lá

entretem cretinos d'uma especie brummelesca, que ajunta á estupidez a petulancia, e quanto aos patriotas recentes, áparte um punhado d'inoffensivos e platonicos, o resto recruta-se entre o que ha de peor nos ex-ministros e intrigantes de partido.

Estes os pares agitantes: o resto, sonambulos, mais ou menos scepticos e indifferentes pelo que se lhe passa ao de redor.

D'esta maneira, a camara alta que parecia dever constituir para as questões d'administração publica, uma segunda instancia, julgada a frio por cabeças feitas e experimentadas já na resolução dos negocios do Estado, não passa realmente, áparte um ou outro caso d'excepção que não faz regra, d'um hospicio superior de cretinos e de rethoricos, onde a tradicção navarresca da bravata é sustentada pelo Moreira de Rei, e a tradicção da oratoria estylo D. João v tem por cultores o Hintze Ribeiro e o Navarro de Paiva, dois estafermos divergentes, em pura lingua. O que ainda ha pouco se disse lá sobre o convenio anglo-portuguez, bastaria para enchavascar os arminhos de par no molho das sargetas, se não fôra certo que bem ou mal conhecido, esse convenio era

uma imposição de força, e havia de votar-se. Não se apaixone pois o amistoso principe pela sua nova situação de pae da patria, a ponto de frequentar assiduamente o *fauteuil* que lhe offereceram, porque se arriscaria a perder n'essas visitas algumas das excellentes qualidades de rapaz que dizem possuir; e se o corpanzil lhe pede a paternidade d'alguma coiza, seja antes de filhos, embora adulterinos, de que ao depois poderá ir fazendo desempenados artilheiros.

E por ultimo, um segredo: olhe que aquella ovação da camara ao seu «discurso», foi a mangar. V. A. bem viu! — e a repetir-se, ha um gesto portuguez que lhe aconselho, para agradecer a chuchadeira.

FIALHO D'ALMEIDA

OS GATOS

PUBLICAÇÃO SEMANAL,
D'INQUERITO Á VIDA PORTUGUEZA

N.° 28—8 de Agosto de 1891

SUMMARIO

SEITA DOS *desilludidos*, E SUA RETIRADA PARA AS SERRAS—O QUE É A NOVA TRAPPE, E DA AUSTERIDADE DE VIDA DOS TRAPPISTAS—KODAKS D'ALGUNS MAIS SALIENTES—ARGUMENTO D'UM POEMA QUE TIVESSE POR TITULO, *Crysostheida,* PARA ESCARMENTO DOS FUTUROS CRYSOSTHOMOS—A QUESTÃO DOS POTRIS, TRAÇOS GERAES—CAUDELARIAS E POSTOS HYPICOS; SEUS DEFEITOS D'ORIGEM, E INUTILIDADE COMPLETA DOS SEUS PRODUCTOS—CAVALLOS CORREDORES, DE SAPATOS D'OURELLO—QUANTO CUSTA UM PU-

RO SANGUE NA CAUDELARIA DE COIMBRA, E PROPOSTA PARA SE ENSINAREM ALGUMAS PRENDAS DE SALA AOS POLDROS D'ESTE CREADOURO NACIONAL—EM CONCLUSÃO.

---

11 de Julho.

Está correndo os jornaes uma noticia que é agora o motivo obrigado de todas as chacotas, e que filha d'uma blague de periodistas sem assumpto, se tem vindo successivamente a transformar em aspiração de contemporaneos descontentes.

Já por certo ouviram fallar nos *desilludidos* (desilludidos, não é?) seita lançada por oito gozadores repêzos da vida social, anciosos todos por encontrar na paz d'um claustro laico — meio asylo Maria Pia, meio hotel Bragança — a dieta que convem a estomagos perdidos, e a contemplação que meio-encubra o emparvecer de cerebros liquidados.

Esta sociedade de moços da vida, juntando-se para carpir o passado e fazer penitencia de poucas vergonhas que não voltam, junge na mesma regra de reclusão, pessoas de jerarchias, fortunas e crenças as mais varias, abrindo as portas a todas aquellas que por sua individuação fujam ao commum, e que por sua fortuna ou historia pregressa d'alguma forma possam trazer á *ordem*, elementos de conforto, de seducção intellectiva, ou mero cavaco, que lhe refranjam lá dentro um pouco, no explendor dos seus restos, a imagem d'esse mundo de que ella préga a peccaminosa estructura, e a dicaz contagiosidade. Mau grado a mascara d'arrependimento, e os propositos, como se vê, cenobiticos da grei nova, não se dispensa ella de levar para as celas da sua Trappe, habitos mundanos detestados, e restos d'opulencia ditos inuteis, a ponto de haver esgrimistas e antigos amorosos que só se inscreveriam sob a condição formal de os deixarem jogar as armas e de lhes ser cedido um trinco para as galantarias nocturnas, eventuaes, e de grande numero d'outros pedir para levarem comsigo, estados de creadagem e trem de casa, que seriam a ne-

gação da humildade e simpleza que julgo devam ser lei n'estas aggremiações de puros fetichistas do nirvana. Em termos que apurados para entrar no claustro, despidos de todos os apparatos mundanos, e prestes a renderem culto a uma vida simples de cartucha, repartida entre os livros, e o cultivo das flôres e das beterrabas, a nova seita dos desilludidos apenas por agora conta oito mariolas, todos do *Turf* e adjacencias — gastando-se os mais por emquanto a rabiar sobre a melhor maneira de fazer cenobio, sem deixar de todo a rua, de commetter a abstinencia sem pôr ponto final na indigestão, e de fazer emfim voto de pobreza, sem deixar de dormir entre brocados, comer em porcellanas da China, e ter um creado de calção e luva branca p'ra lhes flagellar os rins, c'os prégos do cilicio.

Isto me levou a intervir nos coios de casino e jornal onde a nova cartucha procura arregimentar desilludidos p'ro seu gremio, afim d'estudar de perto o nihilismo buddhico d'essas gerações de tristes, que em plena putaria, subito, queimam na praça publica, como Magdalena, as suas joias (começando pelas falsas) e vestuarios de preço, iniciando a fo-

gueira, claro está, pelos que já tivessem sido voltados ou tingidos. E vi com pasmo os filhos dos homens, em vez d'abatidos pelos desenganos, refilarem ao contrario de propositos mundanaes; e vi com dôr os recenconvertidos trappistas buscarem um convento na serra, não por seus illuminismos mysticos d'espirito para Deus, mas porque dada a crise dos bancos, eminente a fallencia d'algumas grandes casas, approvada a lei de meios que desinça as secretarias de parasitas, e cercea as accumulações d'ordenados por egual, a sybaritas e a bilhostres, impossivel se lhes faz continuarem por Lisboa o desbarato da saude, em despredicios sumptuosos — de sorte que os taes purrios vão dar de presente a Deus, sacrificios a que o diabo fez manguito, mas tudo isto como interegno economico, e ficando-lhes sempre uma porta por onde se escapulam, apenas no Banco de Portugal haja dinheiro que os reintegre outra vez na vida airada.

Dos fundadores da abbadia, que os jornaes cotam em oito, acazalados por modos de vida — dois artistas, dois homens do mundo, dois outros de lettras, e finalmente a parelha claudicante d'um engenheiro com um deputado —

já esquadrinhei tambem minuciosamente os nomes e motivos secretos da enclaustragem, que não tergiversam de resto dos que já apontei, geraes, p'ros outros pandegos, e se podem resumir n'esta legenda: *a falta de bágo*. A rebentante, a alanhante, a encaravilhante falta de bágo, caramba! essa terrivel provação que põe a iscas estomagos affeitos ao *foie-gras*, que veste de chita amores de corpos ensinados a só plasticisarem suas curvas entre as rangeduras da seda e os metalisantes brilhos do velludo, e que finalmente rebate as prosapias dos lordes, em vergonhosas subserviencias de pedintes. A falta de bágo, pois, levára os oito gentlemen a recorrer-se da cógula dos trappistas, e a fugir ás tentações das lojas e das tendas, pela reclusão n'um velho claustro, onde sob pretextos de prece, elles podessem digerir, longe das vistas do mundo, a sopa economica dos que a bancarota pôz á dependura.

Porque escrever aqui os nomes de todos esses rilhadores de vaccas magras? Seria violar o mysterio d'uma instituição cujos vagidos teem de ser dados em voz baixa, e preparar á original communidade um inicio d'es-

carneo entre os maledicentes do *Gremio* e do *Martinho*. Sómente, em harmonia com a indiscreta loquella que é um dos vicios da minha organisação borboleteante, se por uma banda jurei calar os nomes, por outra não quero furtar-me ao prazer de lhes kodakisar os perfis d'alguns d'aquelles abstemios monges da *Desillusão*, fundadores do albergue do mysticismo por casos de força maior — do oratorio da barriga ao sol por falta de mássa — e isto p'ra que o leitor anteveja já os fructos mysticos e devotos da futura confraria, vendo que jolda de sabidos vae para o deserto, fazer penitencia, e trincar como Santo Antonio, os gafanhotos da purificação.

Primeiro, politicos.

A — desilludido da chimica, dos gabinetes photographicos, das quinas de S. Thomé, das tintas d'imprensa, do jornalismo, da beterraba e dos bordados da ilha, sobre que não tem pensado, dito e feito senão banalidades e tolices, gritando por toda a parte que Portugal não premeia o trabalho, o que é um pretexto para dos cofres do estado vampirisar

quanto lhe apraz. Fallador p'ra senhoras, com o seu tanto de pregoeiro de cycloramas de de feira.

Passam-lhe trinta projectos pela cabeça, em cada hora, e sem dar vulto a nenhum, suppõe-se no dia seguinte o iniciador de todos elles. A chimica serviu-lhe na Praça de Camões para fazer quebrar uma casa de drogas, e para na Polytechnica gastar centenas de contos com um laboratorio, onde as suas experiencias consistem em rebentar apparelhos. Tido por sabio, daria quando muito um pessimo droguista. Quiz fundar um jornal: todas as manhãs, fechado no gabinete, em mangas de camiza e banhando as fontes com agua, passava cinco e seis horas sobre um linguado de papel imperial. Ao cabo d'esse tempo, o artigo de fundo era o seguinte: «Por falta d'espaço reservaremos o muito que haveria a dizer sobre a situação gravissima que vamos atravessando, e que nos desgosta tanto mais, quanto é certo que Antonio Augusto d'Aguiar está cada vez mais charlatão.»

A obsessão do energumeno era esta, demolir o mestre, não obstante macaqueal-o

sempre, ainda hoje! com a hydrocephalia loquaz que todos sabem.

B — era fatal que tambem este se desilludisse, na hora de já não fazer moeda co'a penna, isto quer pondo-lhe um *n* só, quer duplicando a consoante. Pensou então em fazer de Moçambique, obras do porto. Caso a colonia se vendesse a tempo d'elle receber a sua parte, mandaria á fava o eremiterio, volvendo ao jornal, d'estadulho alto, dividas pagas, e estuquesinhos promptos no *chateau*. Mas Moçambique não se aliena assim d'uma assentada, porque a Inglaterra é parca em espargir cautellas *pour la reussite de l'affaire*... e eil-o hesitante sobre se irá para uma embaixada, para um convento, ou para a cadeia, o que tudo depende do que lhe derem, do que lhe não derem, ou do que elle tirar.

C — desilludido porque o patrão se raspa antes de o fazer nomear redactor da camara dos pares, e mesmo porque escreveu ao Gonçalves cartas, que este virá a publicar, mais dia menos dia. Vendido por 30 contos no espolio do jornal, sente pezar-lhe a condição d'instrumento, que tão doce lhe fôra nos seus primeiros debutes de reporter. Com o patrão

na folha, passavam muitos artigos valentes, por ser d'elle. Agora ver-se-lhe-ha a nudez do jogo, e cahirá da peanha inda primeiro que o Albertinho das *redingotes*.

D—Heroe nos pretos, cortezão nos palacios, e carapateiro entre os papalvos. Desilludido por se lhe ter acabado a exploração da Africa, que foi para elle bem boa exploração.

E—Queria ir para Moçambique lá por causa d'uns arranjos, e vae degredam-no para Angola, por causa d'outros. Se as fronteiras a demarcar forem ponctuadas de pretas, certo que as correrá escrupulosamente a ponta de lingua. Em caso contrario, é o estado do Congo quem ha-de ganhar co'a marcação, porque elle, em lhe cheirando a massada... passa de via.

F—Nas salas dos museus redobra a policia, no espolio dos conventos, tudo contado! Elle tem um apellido que lhe sterotypa os habitos d'empalmança, mas começa a recear não poder exercer no novo cargo, o verbo que lhe deriva do appellido. Por consequencia perfilha a opinião dos pintores do Gremio: que em Bellas-Artes ninguem faz hoje fortuna n'este paiz.

G—Olheiro de batota antes de rico, trou-

xe para a politica os habitos de sir Gordon Comming, que já lhe tinham valido bofetadas n'um baccarat de filhos familias, e lhe valem agora o desprezo dos que se dizem seus correligionarios. Prevendo que nunca será ministro, não tem querido até hoje vêr uma compensação celeste, nas probabilidades de vir a ser Sganarello. Em termos que o mosteiro captiva-o, por essa velhacaria mystica dos miseraveis que Satanaz empolga, e os que idiotas dos papas fazem santos.

H—Sahiu de ministro aos bocados, sem voz, sem prestimo, como um rouxinol de barro, complicado d'um pucaro rançoso. Desilludido do mundo? Peor. Desilludido de si mesmo. Tanto que lá vae para as grandes Americas, esquecer.

K—Chamaram-lhe fundamentalmente estupido. E demonio! era verdade.

M—Com a lei de meios e as denuncias dos jornaes, um discurso nos pares, todos os dias, não dá para um fadista levar duas marafonas ao Martinho, todas as noites. Por consequencia, desillusão!

N—As *combinaziones* dos contrarios teem-lhe feito sempre do apellido de Vaz Preto, syno-

nimo politico de Vaz á fava. De sorte que... **O**—desilludido porque nos estrangeiros, em o menino estando, ninguem sabe qual dos dois é filho do outro, e elle, velho, não gosta que lhe dèem beliscões n'aquelle sitio.

Os avulsos agora:

P—desilludido por vêr que os alumnos do Instituto Industrial usam *redingote* com sapatos de côr, *smoking* com meias rotas, e botões de cadeia com quebradura dos dois lados. **R**—desilludido porque os habitantes da sua trunfa não querem contentar-se só com o humus da sua pinha, e *(Scenas da Emigração,* por Gomes Percheiro!) tudo é pegarem-se aos casacos dos que se lhe approximam. E elle não quer os seus piolhos tresmalhados, á uma para não cruzar a raça, á outra pr'a não se privar d'amigos intimos. São além d'isso os *bacillus* do seu talento, e Navarro gosta immenso de os encontrar na obra d'esse discipulo sujo que promette... **S**—chamam-lhe burro, e elle tem a certeza de ser geographo: dizem-no rei da Suecia, quando até o apellido diz que não passa de carneiro. Caçador ferocissimo, depois

de chumbar as victimas, devora-as. T—morava na Torre do Conceito Puro, quando subitamente o senhorio lhe augmenta a renda, allegando que elle incommodava a visinhança com o estar sempre a assobiar a Epiphania dos Olhos-Reis, e a verter aguas sobre as côr de môsto vesperaes olaias. Isto lhe açulou o odio aos barbaros, e eil-o professo, jurando ser tão cioso do claustro, como toda a vida o tem sido da... falla. U—desilludida por não occupar na scena luza um throno, foi ao Brazil despir-se, para voltar bem vestida a Portugal. Depois do que tomará o veu, deixando por todos os buracos crescer hymens. Ora, n'este programma de vedação ao amor, não falla a nova Santa Thereza, dos appendices—do que se avisa a policia do mosteiro, para a obrigar a trazer as mãos ligadas. V—Com sessenta annos feitos, não ha meio de fazer ingenuas de desoito. N'uma comedia franceza, tão caiada apparece, que um comparsa de scena, inda garoto, tomando-a por um muro, escreveu-lhe na cára: *viva a republica!* A velhacada humilhou-a, principalmente pela significação politica da sentença; ella, uma senhora tão dedicada á monarchia!... X—pedagoga e poe-

tisa, faz cursos de coizas nos poemas, com a rebarbativa filaucia d'uma M.me Stael já cincoentona. Paixonenta d'exoticos, aconteceu-lhe, como ás exiladas princezas, o appaixonar-se uma vez por uma corôa. E quando, reconhecida a falta d'encantos para o domar, os dois, para se não perder tudo, convieram em ser amigos, ella, reatando o fio d'antigas cogitações sobre a esterelidade dos estafermos, acabou por concordar, como Corina em casa de Napoleão—que o genio não tinha sexo. Phrase adoravel, cuja divina mentira a consolou de como escriptora, ser mediocre, e como mulher ser enfésada.

20 de Julho.

A questão das duas herdades simultaneamente arrendadas, a longo praso, para potril militar, cada qual por seu grupo mandante do ministerio da guerra, faz-me scismar como é possivel acceitar estes e outros factos d'administração publica, sem presuppôr a cada esquina um ratoneiro. Não ha meio de fazer do

desleixo o exclusivo responsavel das quotidianas fraudes que a alta burocracia consente á porta aberta, nem logica que ja agora illiba, por mais subtil, a reputação das duas duzias d'intrujões que a gente topa a seguir no caminho de todas as negociatas ministeriaes—seja quem fôr o ministro, seja qual fôr a situação. Está decidido que emquanto toda a gente possue traças de gerir a sua casa d'uma maneira economica e solicita, ao estado este honestissimo recurso seja vedado, porque os homens que na vida particular dão móstras d'atinados, em se tratando da publica, tergiversam, té resvalar á craveira de pulhastros refecissimos. É por toda a parte um escorchar da dignidade civica, um meter mãos nas arcas do thesouro, descaradamente, tranquillamente, ingenuamente, que uma pessoa não sabe com que especie de humor receber cada roubalheira nova que os jornaes semanalmente denunciam — se acredital-as só té meio, por serem tantas—, se il-as acceitando, pela symptomatologia pulha que revelam, té que um diluvio de trampa emfim afunde esta Babylonia sinistra no seu charco. Realmente, a menos que a imprensa politica de Portugal se não tenha transformado n'um

vazadouro publico de calumnias, systhematicamente desferidas a todos os adversarios que a incommodam, ressumbra das allusões dos seus artigos, das virulencias dos seus apódos, das suas satyras, das suas biscas, das suas entrelinhas, que na manuseação dos dinheiros publicos falham por completo os homens serios, e que a canalha que d'antes enchia os presidios, incorrigivel e coberta de bichos, estadeia agora só nos altos poisos, de cujas cumieiras — ladra manhosa! — desembésta o nismo das mais revoltantes falcatruas.

Sem embargo d'isto, ha ainda quem, a cada renovação ministerial, por seu turno sinta no peito uma renovação de confiança, e quem, dos valdevinos erotographos da vespera julgue que a farda de bolotas fará brotar prestigiosos financeiros—como se não fôra certo que a impunidade condensa as manhas, e faz primaverar dos vicios particulares, exhuberantes e faccinorosas florescencias. O archivo politico dos ultimos dois mezes, des'que se pronunciou entre nós a estiagem do metal (que mais se agrava á proporção que se caminha) é um d'estes palimpséstes a duas tintas — a inalteravel fallando d'economia e de moral — a sympathica re-

ferindo em lingua porca, torpezas lividas, e desaforadissimas ladroagens — que por si basta para votar o actual systhema á pena ultima. Dada a estancagem do thesouro, de que já foi cerceada, com o monopolio dos tabacos, a melhor parte dos mananciaes irrigadores, e de que mais de metade dos rendimentos annuaes não chega sequer para cobrir o agio dos emprestimos; dada a bancarota economica do reino, cujas receitas baixam n'uma progressão fulminativa, a ponto de na receita alfandegaria dos ultimos dois mezes haver já uma differença de quasi mil e quinhentos contos para menos, comparativamente a um periodo egual do anno anterior, pareceria que o afinco supremo de todos os grupos politicos dirigentes seria unir fileiras, esquecer mesquinharias, e condensar no mais curto lapso a maior somma de sacrificios e d'esforços, de cuja summula brotasse o expediente esconjurador dos terribilissimos perigos que nos cingem. Não faltam, no corrente anno economico, boccas hiantes, previstas e imprevistas, cujo devorismo d'oiro os governos hão-de por força encher, quer o thesouro tenha, quer não tenha—são os juros da divida publica, pen-

sões a invalidos, a burocracia immensa, os corpos consulares e diplomaticos, é o rei e os seus parasitas, são as obras de toda a ordem, as indemnisações, as garantias de juro, as longinquas expedições, as missões extraordinarias, os caminhos de ferro, edificios, estradas, portos, emprezas de navegação —, de sorte que abrir guellas novas, trazer á meza orçamental fomes ineditas, é nada menos do que apressar o desfecho da catastrophe.

Não faltam de roda do problema administrativo, que já hoje estadista algum conseguirá resolver sem violencias, bordaduras d'abusos, tumores de cupidez, escorrencias d'esperdicio, que muitas mãos firmes de cirurgiões, muitos olhos de lynce de homens d'estado, mal lograriam extirpar e abarcar durante muitos mezes d'inqueritos, ablações, laqueações continuadas; de sorte que distrahir o cuidado dos peritos para insignificantes bagatellas, reinocular na carcaça do enfermo os bacillus do mal, por via de contractas novas, preterições, avanços de dinheiro, conluios de gatunice, é para quem jurou dedicar-se á salvação do Estado, a mais vil cilada com que póde anavalhar-se um paiz que ou-

sou confiar a sua dignidade a mãos de parricidas!

Pois meus senhores, apezar das suas declamações, dos seus programmas, dos seus protestos, o papel dos gabinetes actuaes tem sido este, abrir o dique ás ultimas reservas do thezouro, complicar a situação com novos despredicios, acrescentar a veniaga, deixar correr a orgia: e desde o discurso do snr. Lopo perdendo tempo a dar sota e az ao Bethezaida, desde as sessões parlamentares da lei de meios e do monopolio dos alcools e dos phosphoros, em que se votarem de cabaz, medidas melindrosas; desde a pouca-vergonha dos potris e o concurso edificante dos lanificios, é qual do governo juntará seu floreado á laçaria de bambóchas, abusos, lepras, que compõem o edificio d'essa já tristemente celebre Crysostheida.

Não ha meio de parar nos desatinos. Cumpre que a pouca-vergonha decretada hoje, seja duas vezes maior que a d'amanhã: que a seguinte decuple em pornographia vesga a anterior, e assim n'um crescendo impune, sem se dar ouvidos á angustia geral que pede misericordia, ao commercio que ameaça fe-

char as portas por já não haver moeda circulante, aos fornecedores e pequenos empregados que o estado caloteia, aos operarios despedidos que se recolhem á serra p'ra quadrilhar na estrada o viandante, ás fabricas fechadas, ás familias famintas, á desconfiança da Europa, e a todos os espectros estretoraes emfim dos paizes sem dignidade, que a insania varre para o lixo das annexações estrangeiras.

24 de Julho.

A instituição dos potris militares tinha por fim garantir a remonta do exercito com *cavallos nacionaes*, facto este que sobre pôr as armas montadas ao abrigo do desmonto, em caso de guerra, tinha ainda a vantagem de proteger a industria equina do paiz. Todos os paizes teem potris para a remonta dos seus exercitos, a Allemanha, a França, a Hespanha, a Italia; e comprehende-se, porque o cavallo é contrabando de guerra, e como tal não póde ser importado, nem sequer dos ter-

ritorios neutros, quanto mais dos territorios adversarios. Resolveu portanto o governo organisar tambem um potril seu, e para isto foi uma commissão d'entendidos vestoriar a Portalegre uma herdade do snr. Miguel de Sá Nogueira, de nome a *Crucieira*, que achou propria p'ra coiza, e cujas pastagens e desafogos campestres computou podessem recrear duzentos potros, aconselhando o Estado a tomal-a a longo praso, pela quantia de tres contos, renda d'anno, com outras imposições (já se vê) tendentes a lhe fazerem dos baldios, folhas productivas, e a restituirem ao senhorio, no fim do contracto, um dominio magnifico, em vez da magra steppe que o mencionado senhor agora dava.

Entre aquellas imposições figurava por exemplo a obrigação do governo arrotear, *pelos processos scientificos mais modernos,* as differentes courellas e almargios da propriedade, a de refazer o muro de pedra solta que a circumscreve e entredevide, n'um percurso talvez de 18 kilometros (!), a de reverterem para o dito Miguel de Sá, sem indemnisação nem desconto, todas e quaesquer melhorias que o Estado podesse fazer na *Crucieira*, em

construcções, irrigações, etc.—e finalmente a de lhe ser paga uma forte somma, dada a desistencia do arrendatario á exploração do dominio, antes do termo.

Mas ainda não eram corridos tres annos sobre a formação do potril supra, já o ministerio da guerra se entrevista c'o snr. conde da Folgosa, para o arrendamento a longo praso, de duas herdades de montado, pela quantia de 6 contos, isto a pretexto da *Crucieira* ser insufficiente para as necessidades da remonta. Como porem inda se não pensára em recisar o contracto Sá Nogueira, resultava ficar o Estado com dois potris por 9 contos — na alternativa de ter delargar 50 de multa, caso no fim do semestre viesse a prescindir da *Crucieira*. Ahi vereis os jornaes a desguarnecer de mysterio o estranho caso, apurando-se afinal que fôra o Tribunal de contas quem sustára a negociata, negando o visto ao pagamento adeantado de tres contos que o proprietario das duas felizes charnecas, percebera. Dir-me-hão que o ministerio de guerra estava no seu direito d'organisar no districto de Portalegre, dois potris, des'que o primeiro não bastasse á recreação

dos equideos de que o nosso temeroso exercito ha precisão. Mas ahi volvem os jornaes a informar, que na *Crucieira* ha dois annos que ha tudo, excepto poldros, o que obriga a procurar outra explicação pr'os dois arrendamentos simultaneos—explicação que parece não deixa em muito boa folha corrida alguns patriotas do ministerio da guerra.

Finalmente uma carta do snr. Miguel de Sá Nogueira ás *Novidades*, vinda a proposito, lá informou o publico de que effectivamente a *Crucieira* sempre serviu para alguns poldros. A herdade, escreve o distincto atirador, foi avaliada como podendo recrear 200 cavallos, que o governo iria comprando nos mercados do paiz; e posto que nos dous successivos annos em que já durava o arrendamento, não fôra possivel arranjar senão 136 (50 no primeiro anno, de 2 $^1/_2$ annos, e 86 no segundo, de 3 annos, entrando em ambas as remessas, $^3/_4$ de cavallos hespanhoes, refugo das caudelarias dos nossos visinhos), comtudo não se podia dizer que o potril da *Crucieira* não houvesse sua utilidade, visto que todos os exercitos montados o tinham, e serem as nossas remontas as peormente organisadas.

Ora, dando de barato as apregoadas van-

tagens do potril, tal como está, uma pergunta: se a *Crucieira* comporta 200, e só conseguiu arranjar 136 poldros para as remontas do exercito, tres quartos hespanhoes, como antigamente, para que demonio queria o ministerio da guerra a *Chancellaria e o Almarjão*? Para metter 6 contos na barriga do conde de Folgosa? O snr. Chrysostomo diga se este assumpto prende com as remontas, e tem parceria com o desenvolvimento da industria equina do paiz...

Diga!

Isto quando o potril da *Crucieira* cumprisse as inadiaveis manutenções para que foi creado, venho a dizer, remontar com cavallos nacionaes, e dar freguezia ás caudelarias do paiz.

Mas o potril não cumpre, porque as caudelarias portuguezas nada produzem, e porque as romontas do exercito continuam a ser feitas na maior parte com o refugo das hespanholas, que alquiladores officiaes impingem ao ministerio da guerra, por bom preço.

Aqui vem a pello um incidente que bem mostrará como a acção dos differentes ministerios é desparalella e contradictoria entre si,

e de tal forma ruinosa e improductiva, que dá vontade de torcer o pescoço aos mariolões que mais modernamente a teem gerido. Esta questão é a das caudelarias nacionaes, onde em poucos annos se tem enterrado já alguns milhares de contos. Conhecem-na por certo.

O estabelecimento das caudelarias teve por fim corrigir as desordens que resultavam da caprichosa ordenação dos antigos postos hypicos, isto é de grupos de cavallos reproductores, de castas estrangeiras especialisadas, mantidos nas regiões coudelicas, á custa do governo, para cobrição das eguas fantis dos creadores particulares.

Ao norte e sul do Tejo, quem tivesse uma egua, muito embora sendeira, levava-a ao posto hypico; e como nem á escolha dos garanhões, nem á offerta das femeas, presidiam methodos scientificos assentando na fixação d'um typo certo, e no estudo das necessidades cavallares da região, d'este systhema resultavam mixordias de todo o ponto incompativeis com o fim seleccional que os postos hypicos tinham em vista.

Á uma, o estabelecimento d'elles não fòra precedido d'um serio estudo das raças cavalla-

res portuguezas, e d'um outro ainda, especificando as estrangeiras mais em harmonia co'as condições do paiz, e o pleno successo dos cruzamentos. Á outra, as influencias locaes, os caprichos de creadores e veterinarios inspectores, desviavam das eguas nubeis o typo de cavallo proprio, fornecendo-lhes reproductores em cada anno differentes, de sorte que nunca se chegava a apurar nada de serio. Aqui e além, sahiam, é certo, d'essas procreações *á la diable,* cavallos d'excellente enformatura, cavallos de marca, mas typos unicos, e o mais romanticamente antagonicos possivel co'as necessidades praticas do mercado, que principalmente pede cavallos de sella, de typo uniforme, por causa do exercito, e alguns, menos, de tiro, estes soffrendo uma concorrencia terrivel do estrangeiro. A influencia dos postos hypicos assignalou-se ainda assim favoravel á melhoria dos productos nacionaes, nas exposições pecuarias da Tapada e da Avenida, onde ficou provado que a raça equina portugueza desenvolvia specimens bons, mas desorientados. *(a)* De

---

(*a*) N'um artigo do snr. S. B. de Lima, no *Archivo*

mais, reproductores affiançados, de genealogia nobre, e o nome a oiro no *Stud-Book* do seu paiz, custavam caro, tendo além d'isso a pécha de se extenuarem depressa no donjuanesco mister p'ra que os compravam. Quiz-se então corrigir estas deficiencias, evitar d'uma vêz estes abusos e estes gastos, e vieram as

---

Rural, a quando foram as primeiras corridas de Cintra, formula-se a esperança d'em breve termos cavallos nacionaes para correr. Lá se felicitava o illustre hypologo porque o movimento estivesse iniciado, pelo facto de corredores portuguezes, filhos dos puros-sangues importados, haveram ganho platonicos premios em Portugal e Hespanha. «D'estes acertados cruzamentos resultará, dizia elle, a introducção de novo sangue arabe em algumas das principaes manadas do paiz.»

Referia-se á introducção, nas alcovas das eguas fantis, de 6 puro-sangues inglezes, que já em 1872 tinham filhos a correr nos hypodromos de Belem, Sevilha e Barcelona. No outono seguinte, dois filhos d'estes, o *Baccarat*, do snr. conde de Sobral, e o *Lansquennet,* do marquez de C. Melhor, conseguiram notabilisar-se, vencendo o primeiro o *Lucero,* cavallo hespanhol que ganhou vinte premios, nas vinte e tres corridas em que entrou. N'esse anno ainda, nas corridas do Porto, a *Doninha* do snr. Thomaz Silva, d'Aveiro, montada por um homem do campo, ganhou o premio do governo. *Ligeiro,* e *Bonito,* pertencentes ao M. de Castello Melhor, inda que procedendo das manadas do conde de

caudelarias — uma ao norte, jacente a Coimbra — ao sul do Tejo a outra, na propriedade da Fonte Bôa, circumvisinha de Santarem.

Seu fim pratico assentava na necessidade de fornecer aos creadores, garanhões de raças estremadas, vindos de paes e mães estrangeiras, sem mistura, porem nascidos no paiz, e em-

---

Sobral, ganharam, o primeiro, o premio das senhoras, sendo segundo o *Bonito,* que logo foi comprado por um official inglez, que de Gibraltar viera ás nossas corridas. Em Xerez, Sevilha e Cadiz, cavallos portuguezes venceram e foram proclamados, entre outros *Doninha, Ligeiro, Lansquennet,* e *Muley,* filho de *First-Born,* cuja genealogia o *Stud-Book* escreve em lettras de oiro. Menciona o snr. B. de Lima o grande passo que se dera com a importação de cavallos puro sangue inglez, que como todos sabem são o apuramento e aperfeiçoamento da verdadeira raça arabe, cita o *Missionary,* o *First-Born* e *Tom-Brown,* importados pelo governo — *Secret, Blue-Cap, Somborne,* vindos para substituir camaradas mortos; *Chasseur d'Afrique* e *Lackland,* do snr. C. Relvas; *Tasselson* e *Ascot,* do snr. E. C. Coimbra; *British Lion,* do snr. F. Ribeiro da Cunha... Todos estes animaes, de raça apurada, e alguns da mais nobre d'Inglaterra, como se prova pelos certificados que os acompanharam, e pelo *Stud-Book,* ou livro de linhagens, em que se acham inscriptos. Já o nosso embaìmento hypico era tanto, que em 1874 chegou a pensar-se em fazer tambem um *Stud-Book* para poldros e poldras nacionaes, de cavallagem

fim destribuidos pelas regiões que o estudo e a pratica apontavam como mais adquadas ao desenvolvimento d'este ou d'aquelle cruzamento.

O estabelecimento porem das duas caudelarias nos pontos mencionados, para fornecerem cavallagens de marca ás egoas nacionaes,

---

ingleza, arabe, ou marroquina; e para este fim se dirigiu aos lavradores uma circular, pedindo dados para a organisação do aristocratico registro. Mas os interrogados, que queriam todos ter cavallos nobres, falsificaram as biographias, e o projectado *Stud-Book* ficou uma especie de segundo volume do *Livro das Linhagens,* onde os nomes dos homens fossem substituidos por cavallos, tão genuinamente sendeiros estes, com'aquelles. Outro detalhe pictoresco, é o seguinte: o barão de Pero Palha respondera á circular com um registro de 15 eguas, que n'esse anno tinham tido poldros d'um puro sangue inglez, *First-Born,* e ainda outro de 26 eguas, cobertas pelo mesmo garanhão. Por onde se vê que a ideia dos postos hypicos e do lançamento de cavallos de marca ás eguas nacionaes, começava a produzir seus resultados, que muito melhores teriam sido sem os caprichos a que atraz faço allusão. Ora senhores, de todas estas tentativas o que resta? O que produziriam as 26 eguas cobertas do snr. barão de Pero Palha? Más linguas dizem que o illustre creador rectificára posteriormente essa estatistica, avisando, que onde se lia eguas cobertas, devêra ler-se aboboras.

está sendo, parece, uma instituição peor lançada do que a dos primitivos postos hypicos. Primeiro, custa carissimo, e se para a Fonte Bôa se attendeu um pouco ás condições de preço, e a situal-a em plena região coudelica, perto dos pascigosos dominios de creadores como o conde de Sobral, duque de Cadaval, Ramalho, Calças, e Reynolds, para a de Coimbra só se quiz ouvir a pedinchice eleitoral que coagiu o funesto snr. Navarro a estragar centenas de contos n'um areal do Mondego, que alem de nem forragens dar pr'os animaes, indo por cima lhes faz os cascos mólles, isto sobre nunca vir a dar padreações viaveis, pois está longe de todos os centros cavallares do paiz norte. *(b)* Da vêz que passámos na Fonte Bôa, havia lá cerca de quarenta e tantos poldros de raça, d'entre dois a dois annos e meio, futuros cavallos de lançamento, com a vanta-

---

(*b*) Arredores de Coimbra, homem com duas eguas, é considerado logo um *creador*. A unica caudelaria importante, para cima do Tejo, é a do snr. Vaz Preto. No districto d'Aveiro, uma persistencia mais intelligente do cobridor Anglo-normando, entre as egoas locaes, deu de si o typo do cavallo luso-normando, admiravel para tiro, e que já hoje se póde dizer constitua o specimen do cavallo

gem sobre os estrangeiros de, nascidos e aclimados aqui, resistirem mais, e conseguintemente morrerem muito menos. Entretanto permaneciam as deficiencias e vicios já subscriptos em detrimento dos postos, venho a dizer que nem se estudaram primeiro as raças cavallares portuguezas, a Alter, a ribatejana, a beirã e a mirandeza—nem tão pouco se attendeu ás condições locaes, sob os respeitos do incremento ás culturas forraginosas e melhoria dos pastos nacionaes, e ainda sobre est'outro de se advir na escolha das raças estrangeiras que melhores productos dessem co'as nossas, isto em harmonia co'as necessidades do mercado, de que o exercito é, já sabemos, o principal consumidor.

Assim, na caudelaria sul devera predominar a cultura de reproductores do cavallo de sella, do cavallo sobrio e nervoso, visto ser

---

da região. A egoa luso-normanda é o prototypo da melhor que actualmente existe em Portugal. Parece pois, que no districto de Castello Branco, ou no d'Aveiro, sédes como disse da maior grangeria hypica do norte, é que a famosa caudelaria devera ser installada. Tal não succedeu, e o que tem custado só a acquisição do terreno para a caudelaria de Coimbra, é uma loucura bem digna d'outro epitheto!

este o typo que mais se coaduna ás determinantes climatericas e toponomicas do campo alemtejano, onde domina a cultura extensa e manadia, e ao longo de cujas steppes os creadores podiam á foita fazer cavallos mais que sufficientes para todas as remontas militares. O mesmo não succede quanto á caudelaria norte, que por todos os motivos devera frisar particularmente o cultivo dos reproductores do cavallo de tiro, de grande volume, e exigindo uma alimentação mais abundante.

Ora que respeito teem merecido aos fundadores e protectores das caudelarias nacionaes, estas e outras causaes de primeira instancia? Carecendo a laboração coudelica do paiz, pelas razões expostas, de transfusões sanguineas de muitas raças, vemos o capricho real mantendo em Coimbra e Santarem quasi que exclusivamente cavallos inglezes, o que se em Aveiro póde ser um bem, na caudelaria d'Alter por exemplo, é um contrasenso, sabido como esta suprema raça nacional, hoje perdida pelos nervosissimo dos dynastas, mais e mais arcenderia pelo cruzamento c'o puro arabe marroquino, ao typo ideal do cavallo aryco, do alfaraz nobilissimo, de cabeça direita, lar-

ga e quadrada no topo, de quem Mahomet dizia «Deus chamou o austro, converteu uma porção d'elle em materia palpavel, soprou-lhe a alma, e nasceu o cavallo arabe.»

A par dos erros provenientes da escolha avulsa dos coitos, ha ainda a notar os que derivam da deficiencia do sustento, e da natureza má da terra e das installações. A caudelaria de Coimbra, dadiva eleitoral d'um ministro aos seus cães doceis, sobre não estar no sitio onde devia, inda por cima só mette para dentro dos seus muros, estreitas nesgas de terra mólle, comprada aos bocadinhos, a preços de Gran-capitan; de sorte que nem de lá sahem cruzadores capazes de marchar sobre calçada, nem lá se produzem forragens avondo para dar de comer aos animaes do seu custeio. Installada com um luxo estupido e insultante, n'um solo d'areias, insufficiente pela extensão, improprio pelo piso e distancia a que fica das regiões verdadeiramente coudelicas do norte, essa tresloucada fabrica apenas synthetisa a cobardia do poder central, que para manter-se esparge o oiro da nação, conforme lh'o ordena, pela bocca d'um casmurro, a farófia d'uma reles cidade de provincia. E d'esta maneira,

estabelecimentos fundados para definir castas, prendendo typos certos a esta ou áquella região forraginosa ou geologica, por ahi vão á mercê da ignorancia bronca dos mandantes, sem outro beneficio além do de proseguirem no charivari geral dos postos hypicos.

Ha cinco mezes foi necessario transportar a Santarem um dos famosos pupillos sangue inglez da caudelaria do Mondego. Pois senhores, de tão delicadas plantas era o anho, que a meio caminho tiveram de lhe calçar sapatos d'ourello! Gostariam vocês de saber quanto custa ao paiz um d'esses brutos? Calculos de peritos orçam o costeio de cada um, por quatro contos. D'onde um reparo: pois que esses aristocraticos bichinhos não possuem as qualidades de resistencia adstrictas aos representantes da sua especie, porque lhes não ensina o governo antes, a tocar piano? Caudelarias de tropegos, as embaixadas bastam. E para concluir restaria agora investigar, ao cabo do exposto, quaes os motivos que o ministerio da guerra teve para se offerecer dois potris, isto sem o das obras publicas ainda ter organisado

praticamente as caudelarias, nem o paiz ter cavallos seus para os regimentos. Difficil investigação, cujo mysterio eu não attinjo, e sobre a qual matuto e masco em secco. Só se o governo—mas não é provavel—achando que a Lusa Athenas tem caudelarias de mais, pensa em transferir para o Almarjão... a faculdade de theologia.

FIALHO D'ALMEIDA

OS GATOS

PUBLICAÇÃO SEMANAL,
D'INQUERITO Á VIDA PORTUGUEZA

N.° 29—22 de Agosto de 1891

SUMMARIO

A ROCAMBOLERIA DAS TRINAS DO MOCAMBO, OU MEIO D'ARRANJAR DINHEIRO Á CUSTA DOS PAPALVOS—HISTORIA-SE O CRIME, CONFORME A VERSÃO DO *Seculo* E CONFORME A VERSÃO DAS *Novidades*—OS QUESITOS D'AMBOS: FOI VIOLADA, NÃO FOI VIOLADA; FOI O PADRE, NÃO SENHOR, FOI O TUTOR; AS MADRES SÃO BOAS E AS MADRES SÃO MÁS—DE COMO A BOCCA DO INFERNO FAZ PASSEIOS DE MOSAICO NAS CREATURAS —AS *interviews* SCIENTIFICAS DO *Seculo* E DAS *Novidades*: JOSÉ FRUCTUOSO, CONDE DE S. MARTINHO, E AS BEATAS DA *Associação das filhas de*

Maria—NOBILITAÇÃO E DIFFAMAÇÃO SIMULTANEAS DAS EX-DISCIPULAS GUILHERMINA E CECILIA—INTERFERENCIA DO REPORTER NAS ATTRIBUIÇÕES DOS PODERES SOCIAES: REPORTER CRETINO, REPORTER VELHACO, E REPORTER DIFFAMADOR—DE COMO A JUSTIÇA PORTUGUEZA VENDE A TOGA POR ALGUNS RECLAMES TOLOS NOS JORNAES—VALOR INTELLECTUAL DA POLEMICA JORNALISTICA SOBRE AS TRINAS—A CAMPANHA DO GAZ, OU COMO A POLICIA GARANTE A ORDEM PUBLICA—ARRESTO EM MASSA, E DIALOGO POR ONDE VEM A APURAR-SE O ESPIRITO PHILOSOPHICO DA BERNARDA—AS *Novidades* DANDO CONTA DE QUINHENTAS PRIZÕES—POLICIA, INSTRUMENTO DA VENIAGA GERAL, E INSTANTE NECESSIDADE DE A CASTIGAR SE PREVARICA—OS ESPIÕES E AS CÓÇAS MESTRAS: PAPEL POUCO SYMPATHICO DOS COMMISSARIOS—AS *Novidados* E OS VIRGOS—DEMONSTRAÇÃO D'ALGUNS HYMENS RAROS PARA JUNTAR AO MUSEU D'AQUELLA MUITO ERUDITA REDACÇÃO—HYMEN EM *alto frente!* E HYMEN *em estás là?*—CONCLUSÃO.

25 de Julho.

Para distrahir as attenções da crise financeira, sobre que não é tão facil escrever artigos escaldantes, estão os jornaes de Lisboa explorando os «*Crimes do convento das Trinas do Mocambo*», rocamboleria armada pelos reporters, de combinação com a policia, e tendo em vista fazer receita com a emotividade bronca do povinho.

O caso é commovente, e adrede pilhado para forçar as almas sensiveis ao imposto da compra dos papeis. Imaginarão vossas senhorias duas orphãs, formosas e estellares como dois queijos, ambas a educar nas Trinas, sob a guarda d'irmãs da caridade. Sahindo pouco, ainda mais raro lhes acontecia ficarem fóra do recolhimento, noites inteiras; senão quan-

do ha dois mezes tiveram oito dias de ferias, dormindo as duas n'uma casa de hospedes das suas mais intimas relações. Voltam ao recolhimento, e a mais velha ia tristissima, e nunca mais sorriu desde que entrou, cahindo a chorar nos intervallos da tristeza, ou perdendo os sentidos quando nem tristeza nem pranto eram bastantes para a synthetisação dramatica dos despedaçadores segredos que os roiam.

Interrogada pelas madres sobre seus males, respondia que não era nada; e como trinta e oito dias depois das ferias, cahisse mais, a superiora lhe fez administrar, com'ás gallinhas, um purgante de sal, passando pelo desgosto de ver a pequena morta, muito antes do medicamento dar de si. N'isto intervem o tutor, que suspeitando da morte, chama a policia—que chama um medico, que chama um reporter—convindo os tres em que a creaturinha fôra violada por um padre, pegando a entristecer por causa da vergonha, pegando a ter syncopes por causa da prenhez, e perecendo afinal em virtude d'um abortivo que madre Cleta, Collecta, ou Anacleta, lhe fizera engulir, para salvar a honra do con-

vento. Dirá alguem que todas estas recapitulações peccam por falsas, e que a policia, a magistratura e o jornalismo, tres instituições superiores, des'que formulam veredictos sem provas, e rebaixam seus inqueritos, como no caso sujeito, á leviandade de soalheiros inconscientes, são muito mais nefastos á moral do que todos quantos Hilariões prostitulem, por esses recolhimentos soturnos, os dormitorios das creancinhas. Deixemos estas conclusões para o final, e vamos a ver dos effeitos pecuniarios e propagantes do «*Quem quer ver o horrivel crime?*» que algumas folhas levantaram, com tão briosa luva, do seu escuro antro reaccionario. A lebre das Trinas pertence de direito ao *Seculo,* jornal *soit-disant* republicano, a quem já se devia a *primeur* do recolhimento do Rego, e a quem se irão devendo outros serviços de hygiene e moral não menos altos. Mediante espionagem retribuida sem duvida largamente (como tem por costume a opulenta folha *soit-disant* republicana), achou o *Seculo* meio de haver copiosa informação sobre o *estupro das Trinas, seguido d'uma tentativa d'aborto,* por via toxica—que como tal classificou e commentou a

tragedia, em grandes lettras, na primeira pagina dos seus numeros. Tenho presente alguns exemplares do *Seculo,* notificando o **Crime Gravissimo** (*violação d'uma menor—envenenamento!*) e quanto mais releio essa prosa balofa, de romance folhetim, essa prosa de charlatão apregoando elexires ao embaiamento das lavadeiras, tanto mais se agravam no meu espirito os qualificativos que merece esta especulação torpissima da curiosidade, por via da mentira, e este tresviar da acção judiciaria, que em vez de proceder snperiormente á vangloria dos reclames, esquece ao contrario os seus deveres, subalternisando o ideal de justiça aos caprichos da reportage duvidosamente intencionada. Durante vinte dias, que tantos são os decorridos desde a explosão do caso, até á data em que escrevo, não tem o *Seculo* feito senão jurar pela auctoridade scientifica e pessoal dos magistrados e clinicos encarregues de fazer luz:

1.º—que a violação da educanda Sarah é evidente. 2.º—que a beberragem ministrada pela enfermeira era um abortivo violento, o qual por excesso de dose deu a morte.

3.º—que foi um padre o auctor do estupro, e esse vivendo de casa e pucarinho no convento, juntamente com outros que violam a torto e a direito as rapariguitas que lhes vão tractar dos quartos. 4.º—a violação não podia ter sido praticada fóra do convento, pois o tutor das meninas é um santo, e a casa de hospedes onde ellas pernoitaram durante os oito dias de regabófe extra-muros das Trinas, um refugio impeccavel de virtude e bons principios.

e pela austeridade inconcussa de cavalheiros e damas de varias moralidades e proveniencias:

5.º—que teem sido violadas nas Trinas legiões d'educandas, que o *Seculo* vae entrevistando uma por dia, que é para se lhe tornar mais lucrativa a alcovitice. 6.º—que entre as meninas violadas, algumas, d'excellentes familias, e indole celeste, cahiram em miseria por falta de casamento, havendo outras que contrahiram no coito sacerdotal, molestias vergonhosas. 7.º—que nos recolhimentos em que domina a regra do claustro, nada está conformemente á hygiene e á virtude, a

alimentação é insufficiente e má, mesmo no estado de doença, o tratamento pessimo, problematico o asseio, e viciosissimos os costumes intimos; ha uma promiscuidade horrivel, dão-se pancadas, prizões, castigos que arruinam, predicas que bestificam o espirito, em quanto o corpo se faz pasto das doenças d'estanque, desde a chlorose, até á tuberculose pulmonar e ao rachitismo. 8.º — os directores espirituaes sequestram as creanças á visitação das familias, e prohibem-lhes de contar os horrores do recolhimento, servindo-se alem d'isso do segredo da confissão para exercerem nos espiritos infantis, uma policia atroz, cheia de medos, e para levarem muitas a tomar o veu, isto em manifesta opposição co'as leis do paiz, que ha meio seculo prohibiram as ordens religiosas, etc., etc.

Juntarei aqui, sem commentario, que estas revelações do *Seculo,* verdadeiro serviço de benemerencia á causa publica, por uma casualidade vulgar na vida d'esta folha, lhe prestaram tambem grandes serviços particulares; entre outros evitaram a esse *orgão* de partido o discutir questões politicas em que outros correligionarios seus teem soffrido perse-

guições e dissabores, duplicar-lhe a tiragem, esgotar-lhe rapidamente as edições, e finalmente ir-lhe batendo, com simples patranhas, uma diaria de trezentos a quatrocentos mil reis na venda avulso.

Vae o leitor então percebendo como este devotamento do *Seculo* á causa popular, sôa rachado, mas não desafrouxe d'interesse, porque passa a ouvir agora a grande aria cantada pelas *Novidades*, sobre argumentos da mesma opera. A guerra do *Seculo* aos conventos, é, já lhe disse, um expediente d'administração pouco decente, pois sentenceia sem provas, inventa victimas que nunca estiveram nas Trinas, conclue de violações sobre que ainda não ha veredicto cirurgico incontestavel, e finalmente defende *á outrance* seculares, e indigita sacerdotes, para auctores do attentado, quando a devassa judicial inda a bem dizer nada apurou. É mais um exemplo do hypnotismo que exerce, n'uma sociedade sem caracter, nem juizo critico, essa ignobil industria moderna do noticiarismo de sensação, exercida

por *decavés* furiosos de successo, e de consciencia tão ligeira como a bolsa.

Pois muito bem: se agredindo sem provas, o *Seculo* incorre n'um delicto d'infamação dos mais hediondos, por sua banda as *Novidades* não são menos responsaveis d'egual crime. É, salvo o antipodismo das denuncias, a mesma sequiosa avidez de bater moeda á custa da credulidade dos papalvos, e sobre incertezas e calumnias da mais refalsada e cynica filaucia. O *Seculo*, fugindo ás responsabilidades da sua missão doutrinaria, pela cobardia de se pôr fóra das questões politicas quando os tribunaes perseguem correligionarios seus que fallam alto, tem a necessidade d'inventar de quando em quando estas chacinas clericaes, que lisongeando os seus cem mil leitores das classes laboriosas, lhes distraiam a attenção d'outros assumptos, e os apaixonem por forma que se não compre um numero só do jornal, por officina, mas cada operario seja forçado, pela esfervencia romantica que o agita, a ter um numero especial só p'ra seu uso. A administração conta com isto, e rata pellada, tem na gaveta sempre uma collecção completa das taes bombas. Por seu tur-

no as *Novidades,* que sempre se quizeram pôr em campeão da monarchia e todas as antigualhas que lhe fermentam de roda, comprehenderam que se não faz propaganda, sem numerosos leitores, e estes não cahem, sem arruaças e acervos de dentista. De mais, como o jornal passa de dono, haverá mister, para a transacção ser vantajosa ao dono velho, que o novo possuidor o pague alto: d'onde a indicação de fazer subir a venda avulso, e de dar ao jornal uma aura de multidão que elle até agora não tem tido. Ora por todas estas razões está indicado o truc d'entrar na questão, guerreando o *Seculo,* jornal potencia, e fazendo das columnas da folha, prateleira das sympathias religiosas, dos figurantes do *carnet-mondain,* que são os seus exclusivos consumidores. No fundo, esta acintosa verrina entre os dois papeis, é uma questão de dinheiro em cobre, e de ciumes em palavras grossas, por traz da qual se degladiam talvez as predilecções espirituaes de duas classes antagonicas, a trabalhadora, e a janota — ambos sem nexo.

Assim como o libello do *Seculo,* sobre o caso das Trinas, não vae tanto destinado a fazer luz sobre o verdadeiro crime, como a or-

chestrar barafunda de guiza a dar receita, assim o das *Novidades*, com a sua policia privada, a sua guerra do commissario X, ao commissario Z., e os seus abaixo assignados de beatas e sachristas, o que pretende é combater o jacobinismo reinante, na pessoa do seu orgão mais lido, e alargar o quadro d'assignaturas por todas as mãos d'anneis que ora o applaudem.

Por consequencia, eil-as contrapondo paragrapho por paragrapho, e alvitre por alvitre, o seu espirito douctrinario, ao da cantina phrygica da Rua Formosa! Assim por exemplo: 1.º—no que respeita ao estupro de Sarah de Mattos, parece ás *Novidades,* que se o houve, foi de caracter... secular, e até com todos os signaes de ter sido praticado n'um restaurant fóra de portas, ou na Bocca do Inferno, porquanto os attentados ao pudor commettidos n'estes sitios, revestem para a medicina legal das *Novidades,* signaes patognomonicos, como sejam, no primeiro caso, agulhas de pinheiro que se espetam no cólo do utero das victimas—no segundo, pequenos seixos e areias que se enkistam, por compressão, nos tecidos mólles do reverso corporal, em capri-

chosos mosaicos, dando ás nadegas das violadas, pouco mais ou menos, o aspecto dos passeios da Rua Augusta. 2.º—a beberagem ministrada á educanda, nem foi sal d'azedas, nem sal de zinco, nem oleo de figados de bacalhau, nem unguento rosado composto, mas pura e simplesmente o resolvente e inoffensivo amigo do povo, vulgarmente conhecido por sal amargo. Os restos do soluto ainda se conservam n'um copo em casa do medico Lages, que os não deu a ninguem, nem tão pouco os analysou, ou sequer sabe a que reino tenham sido arrancados, ou de que drogaria tenham vindo. Mas a policia especial das *Novidades* já conseguiu prevêr que a beberagem não podia ser senão uma reles purga de sal magnesiano. 3.º —No recolhimento nem ficam padres, nem os capellães teriam posses para arrombar os anteparos de flôr de laranjeira ás virgens do Senhor. Padre Custodio, esse, coitado, tomára elle ganhar para cataplasmas de linhaça! 4.º—ao contrario do que jura o *Seculo,* a violação foi praticada fóra do convento, porquanto se a justiça reparar que n'um Domingo de ferias, o ponto escolhido pelo tutor, para passeio das educandas, foi Nova Cintra, *onde teem tido o*

seu epilogo tantas historias de raptos lisboetas, e se alem d'isso fôr indagando *do passado e moralidade d'uma das pessoas principalmente envolvidas n'este caso, e que exerce profissão, segundo as suas declarações, muito suspeitosa,* convirá que um tal crime só poderia ter sido commettido por duas pessoas—ou pelo tutor, ou então—pela dona da casa de hospedes.

Todos estes quesitos as *Novidades* baseiam, como o *Seculo,* em auctoridades scientificas de pulso, desde José Fructuoso Alves de Gouveia Osorio, até Manuel Gomes Ramalho, empregado publico, Marquez de Penalva, Conde de S. Martinho, e a caganeirada de fidalgas e creadas de servir da *Associação das filhas de Maria.* E com egual evidencia demonstrativa ellas se occupam tambem a destruir, sobre Guilhermina Oliveira, Cecilia Tavares, e outras imbelles victimas do cio fradesco, as lendas de resignação virtuosa e engano d'alma, de que o *Seculo* nimbára as frontes d'aquellas virgens *frelatées.* De sorte que emquanto o *Seculo* repinta Guilhermina a trabalhar n'uma mansarda, dia e noite, comida da siphilis con-

ventual dos capellães seus seductores, as *Novidades* flagellam-na, dizendo que ella *era o despejo dos estudantes do lyceu!* De sorte que emquanto o *Seculo* refaz a Cecilia um cazulo de graça paradisiaca, dando-lhe dom, e apontando-a compungidamente aos subscriptores da obra dos virgos artificiaes, com herodica crueza as *Novidades* lhe maculam a bizanthina legenda, alvitrando que ella fugira do recolhimento para se fazer *camarera* n'um botequim de fadistões. E por aqui fóra uma pyrotechnia d'alvitres, mentirolas, preconcepções velhacas e inventos, invocando *interviews* com magistrados e peritos, citando cartas, psychologisando victimas e algozes, que o leitor imparcial advem não já na necessidade primeira de perseguir os reus do estupro e assassinato da educanda das Trinas, mas n'est'outra d'agarrar os noticiaristas pelo gasente, e de ferrar com ellas na casa da correcção, para não serem tolos nem intromettidos. Realmente a pedanteria d'estes cretinos excede tudo quanto é permittido tolerar a subalternos que façam vida de maldizer quem vae passando! Para estes inconscientes não ha problema vedado á sorrelfa das suas perorações indignas e gro

tescas. Elles talham caminho á justiça, desorientam a opinião por vias odiosas, dictam sentenças inda bem não visiveis os primeiros lineamentos d'um crime emaranhado, desacreditam, mentem, infamam a torto e a direito, sem que ninguem ouse, pelo terror talvez das reprezalias, amordaçar-lhes na bocca as sanias de calumnia soez que lá gorgitam. E assim chegámos a isto: ninguem se lembrando já de proseguir no inquerito ao caso da educanda Sarah de Mattos: dois commissarios de policia, por traz da cortina dos periodicos, guerreando-se as aptidões profissinaes, com ciumeiras pulhas d'abaiotas: os juizes, estarrecidos da audacia dos irresponsaveis que no *Seculo* e nas *Novidades* lhes dictam leis, de braços crusados, a abjurarem da energia austera que deve apanagiar a tóga em toda a parte: medicos violando o segredo profissional, e confiando á reportage as summulas inda não confirmadas, das suas autopsias: o proprio governador civil de Lisboa esbofeteando a justiça do paiz, pela cedencia ás *Novidades* de policias para um processo que ellas vão intentar *por sua conta* (*sic*), desconfiadas de que a vára por onde o caso cór-

re, esteja vendida aos furores reacionarios do *Seculo*; n'uma palavra, magistratura, policia, medicina, opinião, está tudo nas abastidas da arena, de cigarro na bocca, esquecido dos seus deveres, a vèr qual dos noticiaristas mais falsifica d'informas para intrujar o seu competidor!

Digam-me agora se em vez dos inoffensivos quatrocentos desgraçados que a policia arrastou para os presidios, infamemente, na campanha do gaz, não eram patuscos d'estes que deviam jazer em ferros, por exorbitancia ou ignorancia d'attribuições profissionaes? Inda uma tal bancarrota de capacidades moraes se entenderia, dado que a pugna jornalistica se retravasse entre pulsos de gigantes. Mas nem ao menos isso acontece, porquanto os sermonistas do *Seculo* e das *Novidades*, pelo que lido tenho, são apenas duas subalternidades desembestadoras de phrases sem conceito, dois capadocios inanes d'uma especie gritadora, cujo atrevimento nivela por uma craveira analoga de madureza e d'ignorancia. (*a*) E

(*a*) No primeiro artigo do *Seculo*, sobre as Trinas, declara-se que o estupro de Sarah equivale ao desvirgamento

é nas mãos d'estes fressureiros da tragedia comica dos *fait-divers,* que durante dez dias, quinze dias, vinte dias, se debate, como uma gallinha choca, a emoção da capital, precisamente quando milhares d'outros problemas estão asphixiando a vida indigena, e quando, mesmo dentro do assumpto, collateraes mais graves deviam captar a attenção dos jornalistas, verbi gratia o systhema d'educação da nossa mocidade, religioso ao laico, que cada vèz se torna mais retrogrado.

Está-me a parecer que os legisladores, em vez d'andarem a inventar panaceas para limpar as vielas de vadios imaginarios, o que deviam era ter a coragem de sanificar a socie-

---

de todas as virgens portuguezas. Por seu lado, as *Novidades* de 3 d'Agosto, fazem uma psychologia da educanda, móda Bourget, pintando-a como extraordinariamente reservada para uma rapariga de 14 anuos, e taes habitos de dessimulação entre as collegas, que passava horas no chão, a... jogar as cinco pedrinhas, com'as creanças.

Esta psychologia de menina reservada jogando as pedrinhas, devem metel-a d'infundiça com as calinices fundamentaes do Rozalino. Mas ha melhor! O *Seculo* deu uma resenha das declarações feitas pelos medico-legistas do processo, ao seu entrevisteiro, onde se affirmava que Sarah

dade dando aos cidadãos garantias contra a desaforada especulação dos gazeteiros. Feche-lhes a policia os seus segredos, pois que elles abusam. Negue-lhes a magistratura os seus inqueritos, pois que elles a desacreditam. Corra-os a medicina dos seus laboratorios, visto elles intrometterem-se no que não sabem. E a socidade emfim defenda-se por uma vèz d'esses escorridos lampistas, que imaginam guiar o mundo com pavios de cebo.

2 d'Agosto.

Iniciou-se a campanha do gaz, nas ruas de Lisboa, por pseudo-disturbios populares cons-

---

fôra desflorada ha 15 dias, com tal violencia, que lhe ficou uma echymose no colo do utero. Estas declarações, certas ou alvitradas, des'que as formulam medicos, só podem ser desmentidas por outros medicos. Sem embargo as *Novidades* chamam-lhe vagas e sem base scientifica. Onde iriam as pimponaças saber tanto? O que depois trauteam sobre hymens, franjados e por franjar, citando Lacassagne, é uma sabedoria que nem a D. Justa parteira as excede em pesporrencia.

*

tando de duas montras partidas e d'uma bala na nuca d'um commissario, e pelas revindictas policiaes correspondentes, constando da colhida de quinhentos e tantos cidadãos, n'uma cilada traiçoeira.

Claro que me não movem contra a policia animadversões d'alguma especie; conheço os serviços que ella presta, e os sacrificios porque ás vèzes passa; sei que se não podem dispersar multidões brutaes, de luva branca, mas não deixo d'exigir das auctoridades do meu paiz, por isso, um justo meio de tolerancia que salvaguarde dos enxovalhos publicos, os cidadãos inermes, e que por uma sensata investidura dos commandos ponha cobro ás villanias da soldadesca exhaustinada. Escusam os jornaes do syndicato carlista de propalar que as pescarias de sabbado varreram da cidade a arraia criminal que lhe infesta os antros e vielas, e de generalisar o cadastro policial de vinte ou trinta, aos trezentos ou quatrocentos presos restantes, porque nem assim persuadirão o publico do bom serviço da policia, nem tão pouco lograrão encobrir o terror que desorienta os governantes, e lhes faz vèr revoluções do Porto, nas mais pequenas

sarrafuscas. Casualmente, atravessando um bairro de povo, no momento em que longe dos fócos d'agressão popular, a policia rusgava a inoffensiva gente pobre, casualmente eu pude vêr de perto o systhema policial do sequestro em massa, e tirar as conclusões mais cathegoricas acerca da preconcepção velhaca d'um tal acto.

A rua por onde eu vinha, é situada em plena Mouraria, que os jornalistas chamam o bairro das facadas, apesar de não haver por alli, que eu saiba, redacções; e ao penetral-a, fui surprehendido por um roxinolisar d'apitos, de tal gana, que a noite estremecia toda da ancia d'essas vibrações alarmantes, preparando-se para vêr rebentar o incendio do Banco, ou estarrecer de horror ante alguma tragedia rara e innarravel.

Com o coração a trotar fui-me ao sinistro, entro na rua a inquerir do que se passa, e eis que subitamente um espectaculo singular me espanta a vista, qual o de dois cordões de policias barrando as embocadas, lado a lado, e marchando de vagar, té encontrarem e cingirem n'um bardo de quadrilheiros, não só viandantes descuidosos, como tambem todos os

indefesos surprehendidos nas lojas e escadas, sem escolha de sexo, edade, exercicio de profissão, ou quaesquer allegações comprovativas da sua correcção de porte ante, ou completa passividade, no momento preciso de captura. Em tres minutos, cerca de cento e cincoenta pessoas, mulheres e homens, trabalhadores e logistas, carvoeiros, taberneiros, padeiros, mulheritas de balcão e d'officina, lá foram enrodilhados n'um magóte, aos encontrões, sem resistencia, nem um gesto mais vivo, nem uma palavra mais alta, de cabeça curvada, o passo lesto, para ás enxovias do governo civil, e d'alli para os navios—que seis horas antes já tinham tido ordem d'acender caldeiras, para a recolta dos que a policia tem d'olho, em satisfação ao rei que vae p'ra caça!

E' necessario saber que na rua não havia agglomerações ou gritos sediciosos, nem uma palavra, nem um assobio, nem uma chufa: estava-se longe dos locaes onde se tinham quebrado vidros e alojado balas na cabeça de commissarios, longe dos ajuntamentos do Rocio e dos charivaris á porta do Grandella, n'um d'estes entreactos de socego, de palestra de fim de trabalho, cigarreada ás portas das lo-

jas, pelas esquinas, nos caffés com piano, nos balcões das tabernas, entre um decilitro e uma azeitona, de que nada perturba a pachorra optimista — de maneira que o *guet-apens* da policia, sobre ser um abuso d'auctoridade, foi uma d'estas partidas canalhas, que outra população mais viril teria feito pagar funestamente.

Por um momento eu cheguei a ser incluido na leva dos papas-mólles a que a policia deitára os gatazios, e vi mesmo a probabilidade d'um d'esses cerberos me lançar ao hombro, a pata suja, quando foi distrahido por um incidente que reclamava o synhedrio mental d'uns poucos de collegas, obrigando-o então a deixar-me, não sem admoestações brutaes, a que ...evacuasse. Era o caso d'um taberneiro capturado por vender vinho a dois homens que tinham entrado, com candieiros de petroleo, e que suspeitos d'agentes da associação dos logistas, não só cahiram na rusga, como foram arrastando comsigo o generozo homem que os dessedentára.

O argumento dos que pretendiam levar catrafilado o taberneiro, consistia em que sendo os dos candieiros de petroleo (muito pelo

certo) enviados da associação dos logistas, o que lhes vendia o nectar, não podia deixar de lh'o fornecer por conta da mesma: por consequencia era um agente provocador, e a policia tinha o direito de o supprimir! Mas já d'alem contravinham outros, que o taberneiro podia muito bem ser gallego, e em caso tal, a prisão era o diabo, porque daria de si reclamações do consul. De mais, a *encommenda* de prezos, para aquelle bairro, estava quasi preenchida, e tanto fazia que fosse o taberneiro, que fosse outro...

—O melhor é largar-se. Sempre dá vinho.

—Vê quantos faltam, disse alguem.

Um dos alguazis, que parecia chefe, consultou então vagarosamente o seu caderno.

—Diabo! Já sobram seis.

—P'rás fálhas. Póde fugir algum.

E a recua lá foi para o governo civil, trasfegar co'as acquisições de prezos d'outros bairros, a opipara recolta acabada de fazer na Mouraria.

Em quazi todos os sitios populosos da cidade fez a policia rusgas semelhantes, com a

mesma arbitrariedade e a mesma impudencia, e sem que o lisboeta cobarde pensasse em tirar desforço d'esta affronta. Operarios em transito ou em repouso de fim de sabbado, ás portas das lojas, pequenos commerciantes pacificos, serviçaes e trabalhadores desempregados, tudo os agentes varreram sem mais escrupulos, porque se completasse o pedido dos quinhentos para que se havia mandado arranjar logar nos porões dos navios, e nos prezidios da torre de S. Julião.

«Logo que se começaram a formar os grupos, escrevem as *Novidades,* jornal informado sempre d'estas torpezas que impliquem com o que ellas chamam *a manutenção da ordem publica*... a policia disfarçada á paisana, introduziu-se no meio d'elles, e era raro o malandro que não tivesse ao lado, sem que o presumisse, um agente da auctoridade. A um signal dado, quando silvaram os apitos, foram de repente filados todos os gatunos e desordeiros, e em pouco tempo eram levados para os calabouços do governo civil. Foi uma excellente colheita. Foram agarrados para cima

de 500 pessoas, entre as quaes, Batalha, da *Vanguarda*, e H. Salgado, do *Seculo* . . . »

Percorrem-se os periodicos do syndicato carlista, e á excepção do *Economista*, a linguagem havida para stygmatisar os presos de sabbado, equipara-se a esta em despejo sardonico, em altivez desdenhosa, e em ameaça. E' uma campanha formal de descredito contra quinhentos individuos que os tribunaes teem mandado em paz, ás dezenas, todos os dias, por se reconhecer que aparte dez ou doze, eram todos cidadãos de porte limpo, e apenas incursos nas rusgas por um excesso de cordura pessoal, que lastimamos, e pela inqualificavel infamia da auctoridade superior, mancomunada co'a policia civil, tornada em agente de provocação.

Em termos que os habitantes de Lisboa estão completamente á mercê do djerids de meia duzia de tyranetes, que se prometteram alicerçar de novo, n'esta terra oscillante, instituições que os artigos estatisticos da *Vanguarda* estão mostrando que nunca passaram de lucullicas orgias, e de descaradissimas falcatruas; e esses tyranetes teem por seu lado a imprensa

que os applaude, e a multidão que renuncia a lhes tomar contas pelos vituperios com que do alto das suas columnas é brindada. E toda esta pouca-vergonha em nome da ordem, e sob a invocação da segurança publica — ordem e segurança publica querendo dizer a salvação do rei, a conservação do estado angustioso em que por mercê da corrupção politica, nos vemos, os latrocinios dos grandes á custa dos pequenos. A policia é o molosso de guarda a estas monstruosidades do poder, e a estas injusticas das parcerias politicas que nos *chantam*. E não ha rezistir-lhe, ella é solidaria com a veniaga geral, e defende o *magot*, visto como participa no fim dos beneficios!

O terror d'uma revolução começando por um incidente de rua, leva o governo a declarar fóra da lei, não só vadios e malfeitores, como toda a massa de população que por seu trajo revele gente com fome — exemplo, os operarios despedidos dos trabalhos do Estado, para se poder bolsilhar com quarenta contos o novissimo e recemporradeado embaixador. Conseguintemente o menor pretexto serve aos *mouchards* para enxovalharem a honesta população: um ajuntamento na rua,

dois vidros quebrados n'um armazem, por elles proprios, conspiratas d'occasião forjadas, no meio das praças, com apitos e agentes vestidos de vadios, revolvers que elles proprios disparam, e finalmente espionagens onde os mais velhacos tunantes das esquadras são mandados de bengalões e casacos de briche, por conta do governo, armar desordens (*b*) d'onde saiam colhidas como as de sabbado, e pedidos de leis coercitivas para os reincidentes, como os que podem lêr-se nos jornaes carlistas da ultima semana. Ora, contra estas ciladas vilissimas me parece deva a população de Lisbôa precaver-se, castigando estrondosamente a matulagem que saia do porte grave e digno que lhe cabe, para vir, travestida, exercer entre o povo pacifico, a delação e a espionagem. Deixar a ossatura n'um feiche a todos os *mouchards* surprehendidos em caracterisação d'arruaceiros, eis o dever do cidadão respeitador da auctoridade, porque a po-

---

(*b*) Un ministére qui, en Angleterre, serait convaincu d'avoir pratiqué ce systhéme de police politique, sarait accusé d'avoir violé la constitution.

Ives Guyot — **La Police**

licia fez-se para manter a ordem e velar pela segurança publica, e não para servir os planos dos ministros ineptos, e acalmar o terror dos reis acagaçados. Désque as primeiras tundas derreiam uma bôa duzia d'incha-corvos, os outros terão cautella, os motins populares começarão a ser menos frequentes, e os commissarios emfim reflectirão um pouco sobre o indigno papel que lhes fazem representar os governantes.

4 d'Agosto.

Pode bem ser que as **Novidades**, *com a sua policia especial,* não tenham feito senão emmaranhar a acção da justiça, quanto á investigação do estupro das Trinas. Mas nem por isso os esforços d'aquelle conceituado jornal ficarão menos sagrados, attenta a competencia medica das suas recentes investigações sobre a maneira porque os virgos se apresentaram na natureza (*c*) — investigações por via das quaes as **Novidades** ficarão na

(*c*) **Novidades** de 3, 5 e 7 d'agosto de 1891.

historia como o mais illucidante *vade-mecum* da especialidade, conhecido, desde Ferreira Borges, até Tarnier.

Palavra que é d'uma pessoa se esgrouviar da erudição physiologica e anatomica do papelazio, vendo a bravura com que elle varre a testada de temerarios juizos sobre a proveniencia da mancha echymotica da madre, com que ellucida a jurispericia sobre os limites de tempo, na constatação dos desfloramentos por via das rasgaduras do veu; e emfim com que estabelece a duvida de Descartes — a duvida methodica! — quanto á estructura organica, feitio, e mesmo certas particularidades de tensão, das armas manobradas contra o pudor das educandas do convento.

Vê-se que os redactores d'este jornal não só leram, como tambem viram, e do melhor, todos os penduricalhos que alegam em defesa dos padres e madres que protegem, sendo realmente inconcebivel que só com recursos de casa, e o espirito santo dysmenorrheico e amenorrheico do *Correio de Tondella,* logrem exhibir tão variada e opipara collecção. Então sobre sexualidades femeninas, sabem tudo o

que hoje é preciso para ganhar a vida como lançarote, em casas de passe; e se chegam a destrinçar pela analyse chimica, as manchas do semen, das da sopa de rabo de boi, affiançó-lhes que ninguem mais os egualará como jurisperitos de pitadas.

Por exemplo, a respeito do papel dos hymens na averiguação juridica dos desfloramentos, acabam as **Novidades** de resolver um problema litigioso ha muito entre os especialistas. Até aqui as rasgaduras praticadas *de certo modo* nos hymens, faziam fé na conclusão do estupro, se combinadas, como no caso das Trinas, com outros signaes que o inquerito cirurgico e policial descobria, convergentes áquella conclusão. As **Novidades** porem *ont changé tout celá,* e pois que o dr. Goulão já lhes não serve para victima, e parece averiguado que o fracasso de Sarah se desse intra-muralhas do convento, tudo é *conversarem com os tratadistas,* á procura d'anomalias que ponham o veu da educanda ao abrigo de toda e qualquer suspeita penial. Emfim, é uma maneira de vèr que se não lisongeia a logica, ao menos lhes traz adhesões entre as mijamansinhos das sachristias de Campolide e S.

Luiz — e que importa a verdade, quando a folha das assignaturas centuplica!

Não será portanto a moral para mim o ponto vulneravel da esquadrinha judicial das **Novidades**, senão um outro paragrapho das suas interessantissimas digressões anatomicas por Tardieu, Vibert, conde de Sampaio, Placido Augusto bacharel mathematica de Braga, e outros pilares gynecologicos e embrio-recreativos da sua opulentissima biblioteca. Este paragrapho, ruborisado o digo, visa especialmente os hymens das madamas.

Pois como ia dizendo. A coisa é delicada, mas lá diz Taylor no seu admiravel livro do *Hymen dans la revolution* (as **Novidades** conhecem) que «mais vale um hymen na mão, do que dois a voar.»

Ora, em harmonia com este proloquio, e porque os redactores das **Novidades**, futuros aferidores dos vasos de geração de todo o reino, nunca deixem volver occasião d'attestar a virgindade das educandas dos Trinas, sempre que algum tutor se queixe do contrario, d'aqui lhes offereço a descripção d'algumas modalida-

des originaes de hymens rasgados, que a muita esperteza profissional de S. Ex.as facil conseguirá fazer passar por hymens... em folha. Assim, partindo do simples para o composto, e pedindo desculpa aos leitores d'este capitulo d'anatomia bocagiana, temos primeiro o hymen em «olho de gato ao sol» constante d'uma membrana onde a abertura affecta o feitio d'um traço vertical, que se dilata um fuso, muringue, pupilla, consoante a surpreza ou o desejo da proprietaria. E' o typo do hymen que baixa os olhos, mau grado saber tudo, e que apezar do batido, illude até final o mais pintado. Hymen em «*berceau du roi de Rome*» (talvez as **Novidades** não conheçam) ou d'abertura transverso-semi-lunar, carecteristico das rasgaduras á pressa, emquanto madre Collecta foi lá dentro beber dois decilitros. Póde facilmente passar por intacto, explicando-se que desdeu no aro, tal como os vidros de relogio. Hymen em tabacaria d'uma só porta, larga rasgadura oblonga, de bordos nitidos, por cima da qual ás vezes póde ainda lêr-se restos de lettreiro: *cerveja*, *gazoza, etc.* Hymen em arco de *clown*, cujas paredes são substituidas por franjas ou bandeirolas de trama fibro-

celulo-mucoso, dispostas em arco d'arraial, e podendo-se illuminar a gaz pelo S. João. Excessivamente commodo, porque dando a largueza, educanda que o use, tão intacta fica antes, como depois. Hymen em «fresta de sentina publica» peculiar de velhas, e por isso o omitto. Com um municipal de sentinella, com um pobre do asylo, ou com um cão refilando á approximação dos noticiaristas... Em relogio da Rua Augusta, em estação das Delicias, em Paredão das Virtudes... E outrosim recommendo á estudiosa attenção das **Novidades**, essa variedade de hymen, sympathica e popular, mãos rotas p'ra quem chega, que é o conhecidissimo hymen em *estás lá?*, tão particularmente affecto á sollicitação dos estudantes e militares de graduação inferior; e ainda o não menos solérte e festejeiro hymnen em *alto frente!* raro em nossos climas, e de que os mais bellos exemplares provem d'Andaluzia.

Por certo as **Novidades** se espantam da estranheza e profundidade d'estas aquisições genito-vestibulares—Oh! não toquem por emquanto o hymen da Restauração!—que á face da sciencia valerão pelo menos tanto, como as suas: entanto veja como é grande o meu em-

penho em as atochar de documentos para futuras campanhas jezuiticas, que até lhes vou descrever aqui dois typos de hymens, tão raros, como nas collecções postaes o famoso sello encarnado e preto de Honlonlú. Preparem-se pois, que estes dois exemplares não os encontrou ainda, no campo do especulo, cerzidor nenhum de pucellas avariadas. O primeiro (fallarei de vagar, se as *Novidades* desejam tomar apontamentos) é o hymnen eu *caisse d'epargne,* cuja membrana reveste um ar de tire-lire, com a sua fenda em bizel, e assim chamado porque mettendo-se-lhe cinco tostões, sahem logo sessenta reis, de devidendo. Finalmente o outro, mais maravilhoso, se é possivel, como invento, obedece, me dizem, ao principio d'equilibrio das balanças automaticas: o curioso chega, mette um vintem, e apanha duas cervejas na tromba in continenti....

Notem as **Novidades** que lhes não subscripto estes apuntos n'um proposito de cheque aos formidabilissimos materiaes de parteiro que já hoje possuem. Bem ao contrario, o meu donativo e antes preito á proficiencia com que o abalisado jornal procura fazer luz sobre o drama das Trinas, e á teimosia ver-

dadeiramente devinatoria com elle, não tendo por ora dados para honestamente imputar a este ou áquelle, a auctoria do crime, já systhematicamente affasta a ideia de ter sido um padre o auctor da violação. Lá quanto a isso—pois que as **Novidades** teem discutido a coisa de capello, não vejo razões para duvidar que a discussão seja—de borla!

FIALHO D'ALMEIDA

OS GATOS

PUBLICAÇÃO SEMANAL,
D'INQUERITO Á VIDA PORTUGUEZA

N.° 30—26 de Setembro de 1891

SUMMARIO

BATOTA-SPORT E OS ESCANDALOS DO PRINCIPE DE GALLES E DE SIR GORDON-CUMMING—O ROUBO, PRENDA DE SÁLA, E SUA GENERALISAÇÃO NOS CIRCULOS MUNDANOS—OS CLUBS E CASINOS LISBOETAS, ARISTOCRACIA DOS SEUS SOCIOS, E ESTYLO DECORAL DAS SUAS ELEGANCIAS —TRUNFO-CLUB NA MISERIA E TRUNFO-CLUB NA OPULENCIA—LEILÃO DO CAVALHEIRO PORTUENSE, PARA PAGAR DIVIDAS DE JOGO—FUNCÇÃO PROVIDENCIAL DA BATOTA NAS FORTUNAS MAL ADQUIRIDAS—EPOCHA DOS BANHOS, E INFUSÃO DE ESCROFULAS NO TEJO—DEUSAS CABELLUDAS, E

SILHUETAS D'ALGUNS BANHISTAS DE PEDROUÇOS —AGUARELLA DA PRAIA: AS GUIGAS, AS MONTANHAS, E AS TRES TORRES—AGENCIA RICORD PR'Á ESCRIPTURAÇÃO DOS REIS POR TEMPORADAS—O IMPERADOR DA RUSSIA AOS MEZES, E O IMPERADOR GUILHERME NO TEMPO DAS MANOBRAS—REIS DE VERÃO E REIS D'INVERNO—MILAN, DIRECTOR DOS BAILES DE MASCARAS—CONSEQUENCIAS ECONOMICAS D'ESTA MEDIDA—O PROTESTO ANTI-IBERISTA DA LIGA, E TERROR DE CANOVAS AO ESTUDAL-O—ADIOS ESPANA QUE TE DESPUEBLAS!

20 de Setembro.

Pelo escandalo de sir Gordon Cumming, coronel inglez de hussards, membro do parlamento e amigo intimo do principe de Galles, a ladroagem ao jogo inscreve-se d'ora avante, com fóros de *sport,* entre as prendas que todo o homem de fina roda deva ter. Sir Gordon era um rufião d'alta escarcella, que não só nas noitadas do club, como nas partidas de bacarat por casa dos amigos, se fizera a especialidade de picar cartas e espreitar o jogo de parceiros imprevidentes, por fórma a reverter em fontes de receita, desperdicios de dinheiro, que n'outros jogadores não iam além d'elegantes passatempos.

Este pic-poket de sala, com habitos de mundo, e elegancias de puro grande d'Inglaterra, familiar de todos os convivios, querido em todos os grupos, e duplamente illustre por suas relações sociaes e nascimento, quando a ultima granja vendida o arremessou paredes meias da miseria, em vez de sustar as prodigalidades em que por mãos de mulheres e jokeys viera derretendo o numerario da grande fortuna senhorial dos Gordon-Cumming, refilou ao contrario d'esbanjamentos, passando quasi, quasi, a viver d'expedientes, té nivelar suas prendas co'as dos mais refeces pulhastros das batotas pataqueiras de Witte-Chapell, e não diferir em escrupulos de honra, dos rapinantes androgynos que á noite assaltam os estrangeiros nas ruas lateraes do Hyde-Park.

Mesmo, a dar credito a boatos, esta nefanda origem dos dinheiros de sir Gordon—guriteiro precursor da nova idade d'oiro da gentilhomeria européa sem recursos—era mais ou menos secretamente partilhada pelo herdeiro da corôa d'Inglaterra, que batida a porta de todos os agiotas, caloteados sem vergonha todos os grandes argentarios do reino, hypothecados os cabellos da propria barba e os cra-

chás de diamantes do proprio grande uniforme, teria sido coagido, para arranjar dinheiro, a constituir-se em socio do coronel de hussards, marcando os dois cartas de jogo, e indo de madrugada regar a alcova das *divettas* com a chuva de libras escamoteadas depois de jantar, aos companheiros de bacarat.

Temos pois as fraudes de jogo por uma vez inscriptas no catalogo das prendas da alta vida, graças á chancella do principe e dos seus intimos, sendo de suppôr que por influencia d'estes gentlemen a nova acquisição vulgarise entre o mundo aristocratico, habitos de mão que até agora era costume abominar nos cenaculos de gente bem nascida. Á Gran Bretanha cabe o inicio de mais este principio philantropico, que é afinal a applicação ao individuo, de principios que ella, para installar-se em Africa, já conseguira intrometer no direito internacional—e tanto n'este gloriosissimo paiz se harmonisa a indole dos cidadãos, com o respeito incondicional das *leis,* que o proprio herdeiro da corôa não duvida assaltar ao jogo as pessoas das suas relações, só porque se prove que a força prima o direito, e que a politica colonial ingleza marcando o jogo com

canhoneiras e ultimatuns, nada mais fez, como disse Salisbury ainda ha pouco, do que salvaguardar o direito das gentes, e levar o mundo a convir na impeccavel lealdade do caracter gran... bretão.

Coincidem as considerações que vem de lêr-se, não sei porque, com o eu lhes desejar fallar da nova installação do *Trunfo-Club,* unico de Lisboa onde a vida gentlemanica (olhem que não escrevi gentlemaniaca) cuida vestir-se pelo figurino das mais inflammatorias instituições similares do West-End e Regent-Street, que o principe de Galles frequenta. O *Trunfo* é uma associação de gentishomens mais ou menos authenticos, a quem, apar de fortuna que lhes permitta airada vida, apenas se exige a observancia de todas as mil pequenas formulas que trimestralmente dois outros idiotinhas vão buscar á meia tijella dos restaurants *pannés,* e dos bailes publicos de Pariz.

Creado sob programmas ostentosos, para refugio da aristocracia solteira que se aborrece, entre uma hespanhola rheumatica, e um

cavallo de corridas com chinó postiço, o *Trunfo* apenas viu entre os numerosos representantes da bòa roda portugueza uns cem cavalheiros capazes de lhe honrarem condignamente o livro d'oiro, e tantos consentiu á matricula, e se esforçou de reunir nos seus salões illuminados a lustres de cem velas. Debutou n'um primeiro andar da rua do Ouro, onde agora está precisamente um armazem de fatos de aluguel, e por uma ancia d'estarrecer o caminhante (difficil de explicar em gente que detesta a rua e tem horror á vulgaridade) o seu primeiro acto foi guarnecer as janellas de xaireis de panno verde, com o monogramma da casa, e broxas de metal que davam ás saccadas o aspecto de bancas de lyceu — como se detraz d'ellas os membros do *Trunfo* pretendessem questionar Lisboa sobre a metaphisica mais ou menos complicada dos jogos de parar. A par d'este luxo externo, e sufficientemente hippico para fazer suspeitar um pouco das intenções dos cem mantenedores da fina gomma, transpareciam lá dentro, dizem, magnificencias decoraes d'espavorir os cabelleireiros mais tolerantes: sophás de pellucia verde-salsa, reposteiros e bambinellas de velludo côr d'aça-

frão, alcatifas com hortaliças estampadas, moveis falsos do Barreira, e candieiros suspensos da pacotilha allemã mais cavallona. Deve-se dizer tambem que as ucharias do *Trunfo-Club* eram supremas, as cavas preciosas, a copa inegualavel.

Para os cem cormorans *soireux* da sua meza, caçadores furtivos dia e noite desinçavam os telhados de todos os bichanos domesticos dos arrabaldes, que os correctos creados, de casaca e calção serviam aos gentlemen, n'uns *cirets* de rachar tripas de cão. Para elles o chá mais aromatico das caravanas russas, onde o *Trunfo* havia camellos titulares, seus correspondentes. Os *foie-gras* mais finos, preparados com figados d'antigos condes e marquezes alcoolicos; os Champagnes mais psychicos, distillados d'antigas garrafas de gazoza; finalmente, os vinhos de méza mais puros, recocolhidos da sublimagem d'antigas vinagreiras. Do sangue azul authentico, davam testemunho estes e outros recados dos lacaios:

—Está alli o snr. Oliveira das velas de stearina, que pergunta pelo snr. Pacheco do arroz.

E opinado pelo duque presidente, que o

Pacheco não estava, redarguia o creado que talvez tivesse ido visitar a sogra... casualmente irmã do guarda-portão.

D'este brazido de fidalgos e esfusiantes ricaços, insistindo em dotar a piolheira de Lisboa, como elles diziam, com uma escola de tom, d'uma modernidade culta, de bom gosto, sahiu uma multidão d'iniciativas e programmas, que o historiador resumirá na fundação das corridas com um cavallo só, vencendo-se a si mesmo, e na d'uma batotinha pataqueira, de systema continuo, que foi a melhor fonte de receita do club, e a diversão que mais pareceu hillariar os socios fallidos da benemerita instituição.

Chegadas as coisas a este cumulo, ao *Trunfo* só lhe restava um expediente, deitar fogo a si proprio, como Nero, e consumir-se tocando lyra: o que lhe veio a acontecer certa semana em que por descuido um dos membros não fumou a ponta de charuto, que o outro deitara accesa ao escarrador.

Seguiu-se um interegno bastante obscuro d'alguns mezes, periodo de vaccas magras,

constante de contas por pagar e de illuminações com velas de cebo, durante o qual o *Trunfo-Club* hibernou n'uma casinhola somenos do Bairro-Alto (a costa d'Africa para onde o arrésto várre, nas epochas de crise, todas as nossas celebridades galantes que liquidam), e durante o qual a existencia das cem predularias vestaes dos jogos d'azar esteve bruxuleante n'uma modestia de diversões, qual mais condizente á parcimonia dos estofos salvos do incendio, dos moveis concertados a credito, e da ucharia provida de bons bocados baratinhos. N'este doloroso exilio da gentilhomeria alfacinha, n'um bairro de tabernas e prostibulos, com taboinhas suspeitas nas saccadas, esteiras cebentas, e reposteiros a que os societarios limpavam os beiços, falta de guardanapo, depois das refeições de vinho rascante e carapaus, n'este exilio se provou quanta coragem inda abroquella agora os corações das nossas finas raças, que d'afeitas aos desastres desde Alcacer, sabem trocar a opulencia pela penuria, á voz da honra, e reduzir os menus se a patria periga, e circumscrever as paradas alfim, des'que o orçamento o reclame, ao strictamente assaz para não forçar demasiado a

bolsa dos creados. Dez mezes d'economias que foram dez seculos de heroicas commettidas, e ao longo de cuja estiagem houve mister forçar um pouco a rigidez dos estatutos, de sorte que as receitas da casa crescessem, embora á custa de mésclas de sangue, e que aos cem societarios fosse permittido ajuntar acquisições eventuaes de transeuntes amantes do panno verde, que como Cezar chegassem, parassem, e... perdessem, descendo as escadas envaidecidos da honra de se terem deixado depennar pelos primeiros brazões do seu paiz!

Durante esta quadra de regresso, que foi o periodo foetal d'uma opulencia nova para o *Trunfo-Club,* tão pouco ficaram inactivas as outras especialidades de sport do seu cultivo. Assim por exemplo, no hypodromo, as corridas attingiram explendor nunca sonhado, ajuntando-se á invenção dos corredores vencendo-se a si proprios, outra mirifica, qual a do mesmo animal apparecer em tres series de torneios, na mesma tarde, pintado em cada serie, de sua côr, e com tamancos de pau e rabos postiços, para dar aos amadores a illusão de não ser sempre a mesma fáca. No estylo das palestras, no córte dos smoking, ar-

chitectura das gravatas, e escamoteio de vaccas á batota, havia um tal esbanjamento de graça, um tão arabescado fervilhar de paradoxo, que era um céo aberto ouvil-os annotar os casos da semana, incorrer nos tics da moda, e ser superiores nas guritices de verdadeiros *jongleurs* do az e do valete... De sorte que havia alguns sem casa, hospedados como o cavalheiro Des Grieux, verdadeiros *meurs-de-faim* da Lisboa sumptuosa, a quem o jogo em compensação provia de carruagem, grooms, jokeys, cavallos de corridas, e que entrando *enxutos* dos restaurants, todas as noites, sahiam de lá com os bolsos a aborratar de libras e de notas.

Esta circumstancia, fortuita aliaz, de ganharem sempre uns certos, por mais diversos fossem os parceiros trazidos a esgrimir com aquelles *diéstros,* fez murmurar alguns de tão singular e persistente fortuna, e exprimir suspeitas sobre se n'ella não haveria um ou outro polvilho de marósca. Certo não haveria — averiguou-se — porque a critica benevola usa explicar casos d'aquelles, dizendo que á bohemia fortuna lhe dá para engraçar com os vadios pictorescos que vae topando.

Annunciaram os jornaes ha cerca de vinte dias o leilão d'um cavalheiro portuense, muito querido na sociedade séria de Lisboa—diabo! diabo! ainda d'esta vez me não explico o laço intimo entre as considerações que vem de lêr-se, e o que passo a explicar ao meu leitor — leilão completo de casa, propriedades, cavallos, livros, collecções, liquidação forçada enfim d'uma fortuna escrupulosamente gerida pelo proprietario, em quarenta annos de vida estudiosa, de conforto methodico, de recolhimento intelligente, longe de qualquer ideia d'ostentação ou despredicio. O motivo subito da venda, permanecido mysterioso para a maioria dos colleccionadores de dramas intimos, destrellou todavia alguns direitos á investigação da coiza pelo certo, visto apurar-se que não fôra desastre agricola ou bancarota bancaria ou commercial, quem tinha posto o gentleman na extremidade de se despir assim na praça publica. Alcances anteriores, loucuras com mulheres, jogos de fundos, tão pouco podiam ser invocados para esclarecer tão rapida mudança, attenta a repouzada prudencia

com que o cavalheiro portuense, por sua idade e norma de caracter, tinha por bem desviar-se d'aquellas machinações de Satanaz.

— Dividas de jogo...

Ah, sim, dividas de jogo, que a pragmatica manda solver quarenta e oito horas depois de contrahidas, do grande jogo a que se convida um inexperiente, tomando-o pelo braço, em *toilette,* depois do theatro, ou entre duas walsas d'embaixada, quando, bufete aberto, duas sandwiches e um copo de Champagne bastam para communicar desejos d'aventuras ao mais timido! Dividas de jogo, certo; não ha recusar uma partida ao gentilhomem que fez a honra de nos apresentar aos seus amigos, de nos abrir as portas do seu *hall,* e de nos deixar um momento no *boudoir* de sua mulher... Meia duzia de libras sobre uma carta, que custa? Esperdiçar é bom, mesmo sendo-se economico, comtanto que se seja feliz, desmesuradamente feliz na hospitalidade d'esse convivio novo que um amigo recente nos faculta. As seis libras sumiram-se, não admira, nós nunca jogamos! mas alguem nos diz de lado que o grande segredo de captivar a sorte é insistir, e vão outras seis, e depois doze, e por

fim vinte, e porfim mil, té que o amigo, apiedado, com um sorriso de mófa e de ternura, relêga para uma vez de menos azar, a desforra que nos offerece — ou seja no club tal, a noite tal, depois da ceia. Aceitaremos a desforra? Podéra não! Duas coizas nos levam principalmente a aguardar com ancia o rencontro ajustado: uma, o desejo de rehaver as libras, outra, o de vingar por um triumpho estridente, o sorriso de piedade com que o amigo ouzára guardar o dinheiro que nos bifou. Esta esperança de triumpho faz-se tanto mais viva, quanto menos pratica se tem da profissão, e eis explicado porque são os que não sabem jogar quem se encanzina mais na voragem da batota, té despertarem no meio da rua sem vintem.

Na vespera do encontro, dizemos com certa commoção: é amanhã! E vá de preparar reforços de dinheiro, d'escolher attitude, o tic physionomico, e os monosyllabos de desdem com que nos cumpre entrar na sala, tomar assento á banca, e seguir os promenores da operação. De certo o coração nos bate em so-

bresalto, o quer que seja nos diz que fazemos mal em arriscar essas economias que são os vestidos d'um anno de nossa mulher, a viagem d'instrucção dos nossos filhos, e a que estão appendiculados pequenos confortos pueris, vicios innocentes, monomanias de formato minusculo, mas insubstituivel, musica, livros, jornaes, comidas cáras, charutos de certa marca, fugidas á provincia, *soirées* e jantares nos dias d'annos... Embora! Embora! O orgulho não reflecte, corramos ao Casino, que imprescendivel se faz dar uma cóça real no nosso impugnador. E foi assim que uma noite, depois da ceia, theatro findo, o cavalheiro portuense se achou sentado a uma banca, com tres ou quatro parrafasóes de bigodes agrestes, pregueados de rosto, meio calvos, de mãos aduncas e ferraduras de joias na gravata, bem nascidos todos, mas estranhos, fallando secco, com o branco nos olhos amarello, a bocca murcha e a expressão da caraça inquietadora—typos vividos, cavalheirosos, mas de cujo contacto, não sei porque, vinham reminiscencias de todos os lugares abominaveis. Na salinha de jogo, forrada d'escuro, com o tecto d'estuque a fingir madeira antiga, paira

uma escuridão asphixiante de fumaças de charuto, e respirações cardiacas cortadas d'acessos de tosse; formas vagas profilam-se na sombra, e só o reverbéro d'um candieiro suspenso alaga por sobre a meza um circulo branco, cruel de claridade, onde se agitam mãos, libras, e cartas, e a espaços interfére a ponta d'um naris luzente de gordura, e com cabellos na venta palpitante. Ás primeiras cartadas, ganho certo, todos cumprimentam os debutes do neophito, que ingenuamente animado, envaidecido, dobra as paradas como a invectivar a fortuna a que lhe fuja. Oh, mas d'essa vez a macaca cessou, tudo lhe corre, e das proprias lorpices do jogador feliz rebentam montes de dinheiro.

Mas de repente, crak! as cartas viram — uma vez, não são vezes, diabo!—e a fortuna deriva, em saltos de cegonha, para as bandas d'um competidor que está na sombra, e de que apenas se vèem mecher os dedos com brilhantes. Uma bagatella de perca! não será por isso que a ruina ha de bater á porta do cavalheiro portuense, que todavia se anima a um desejo insolito de desforra, desejo escruciante, offegante, a lhe encher a cabeça de tumultos, e de

saburras a lingua, e os ouvidos de guinchos, e o coração d'estremeções.

—Que diabo! serenidade! Vale a pena perder a cabeça por tão pouco? Mas os dedos de brilhantes continuam a arrecadar implacavelmente as notas da nossa carteira, as libras da nossa bolsa, os cheques do nosso livro, e o cavalheiro portuense já joga a credito, perdendo, perdendo sempre, perdendo sem contar, entre sorrisos que babam desespero, e liberalidades que são o esgatanhar da loucura n'uma razão que o terror da miseria asphixia mortalmente. Por ventura uma outra vez (caso o delirio espiral d'arruinar-se, lhe não cerceasse de todo o raciocinio) o cavalheiro portuense esquadrinharia comsigo a razão d'aquelle ganho vertiginoso dos dedos de brilhantes, variando os passes de jogo em duas ou tres soluções invariavelmente repetidas, mesmas sempre, e de tal guiza regulares, que a menos de milagre....

Fosse outra gente, sempre seria bom passar revista ás cartas, que ha quem as marque até com graixa trazida dos pés, na ponta do dedo humedecida com saliva... Mas para o caso, nenhuma duvida de que seja a macaca

que volta outra vez a perseguir o cavalheiro. Já pouco a pouco elle sentiu irem-se-lhe varrendo as faculdades de coordenação raciocinal, perdeu a noção dos logares, a noção das relações circumjacentes, anesthesiaram-se-lhe os dedos ao contacto dos objectos que vae tocando, os seus olhos veem rubro diffuso, as arterias da fronte resmungam-lhe aos ouvidos tumultos d'agua despenhando-se por uma cachoeira de rio muito longinqua; e amarrado á ordem de não sabe que poder desperdiçante, hypnotisado pela escruciação d'um vicio que afinal não é d'elle, e em nome de cuja erosão se esfóla vivo, o desgraçado, eil-o a distanciar-se cada vez mais do mundo responsavel, a descriminar do seu caracter, á proporção que vae perdendo, recuas de seres moraes cada vez mais despreziveis, que sahem uns de dentro dos outros, o posterior peor que o anterior, e todos pinchando como demonicos hostis que esperam vingar-se, lá adeante, pelo remorso, na volta do caminho, quando o apanharem sem camisa, escoriado no orgulho, pontapisado no credito, a roer uma còdea de pão secco...

Hoje, que o escandalo do leilão cahiu no limbo, e outras novidades igualmente picantes lhe succedem, *Trunfo-Club* reabre, n'uma rua da Baixa os seus salões d'estuque e seda, estatelando a sumptuosidade até á rua, porque os transeuntes vejam, digerindo fortunas, esse bolsim da batota rica, unica instituição prosperante d'um paiz onde o trabalho não interessa, e a maioria da riqueza individual se primogéra da falcatrua e do deboche. *Trunfo-Club* é o Moloch da vingança popular desfeiteada pelos syndicateiros que a politica ingurgita dos milhões dos pobres, syndicateiros que teem filhos, e esses pela mór parte cretinos e viciosos, vindo dispersar no panno verde os quarenta ou cincoenta annos das roubalheiras de seus paes! Deixal-o aberto e bem escancarado sobre a via, como uma sargeta da podridrão profunda d'esta raça, aquelle recipendio onde as ociosidades lassas dos fidalgos e dos filhos dos burguezes, bacillisam o que ainda resta de tempera nas vergonteas familiares das classes preponderantes—que essa tuberculisação dos ricos é o avanço da Providencia na revindicta porque suspiram os que ha tantos seculos têem «fome e sede de justiça».

23 de Setembro.

—Banhos do mar, diz o burguez.

Meados d'agosto, approxima-se a *cura,* e não ha meio de o reter fóra das barcas. Um dos termos sãoscritos para mar, *martyo-dbhave,* quer dizer fonte de morte; como é então que o alfacinha consegue d'ella extrahir fontes de vida, baldeando-lhe p'ra dentro toda a porcaria liquida dos canos?—Eis o que eu pergunto, a mim mesmo, espavorido da quantidade d'escrófulas e matacões que infusam no Tejo, desde o Barreiro á Trafaria, e desde Marvilla á Cruz Quebrada. Não, que verdadeiramente esta barréla de morbos, contamina! E Michelet a dizer que o halito da agua purifica... era o bom tempo! com os banhos do mar assim preconisados, a agua assim sulphydrica, oceanos e rios cessaram de ser o laboratorio da perpetua actividade universal, «*la vivante gelée animale oú l'homme naquit et renait*», para ficarem sendo apenas um desagradavel extracto de cadaver, purgativo quando se bebe, fastidioso quando se olha, e febre-typhico a quando respirado. Eu cá detesto-o, e se fosse Marianno, já digo, mandava uma commissão

d'açambarcadores para o beber. O Tejo sobretudo: que indecente coldóça, e que semicupio estercorario! Não é já á conflagração da agua salgada com a agua doce, imbuindo as terras baixas de pantanos, nem á drenagem d'uma capital de quatrocentas mil almas, lançando ás ondas, quotidianamente, por canos de chumbo, os sobejos da sua porcaria; nem aos dejectos das fabricas, dos mercados, ás lamas dos chuveiros, ás folhas putrefactas das florestas, e aos solutos maláricos das rochas, a que principalmente attribuir esta desvirtuação hygienica da agua, tão antagonica dos therapeuticos hossanas dos auctores — mas á immersão directa das podridões humanas n'ella, descaradamente, de calções listrados e cabellos nas pernas á briza — á immersão onde geralmente o homem deixa mais saes do que absorve, e que até sob o ponto de vista da arte insulta a natureza, pois é um flagrante escarneo aos marmores de Praxiteles.

Na minha rua ha uma mulher divina de belleza, grande e ligeira, com brancuras de magnolia no pescoço, e tão vaporosamente adolescente, tão bysanthina de gestos, avemariada de lisonjas, que em todo o bairro corre,

n'uma fumarada de caçoilas, a embasbacação das suas perfeições. Promettida d'um lord, e entremostrando-se-lhe sempre em pudicos disfarces, repellia o papel de naiade com uma energia matronicia, a ponto do adorador suspeitar de qualquer coiza, e conseguintemente insistir nos banhos de Cascaes. Alfim coagida, vendo tremido o pacto nupcial, accede a nympha a mergulhar nas salsas ondas, e qual não foi o horror do noivo ao lobrigar-lhe no peito, lannugens de samarra — transmissão do papá, que andando á caça, não podéra despir o casáco de pelles. A historía de Sarah Bernhardt que apeteceu um banho de cognac, vasando a creada na banheira, cem garrafas, e recolhendo o principe de Galles cento e uma, é um phenomeno d'exosmose que os banhos de mar provocam de continuo, e talvez seja o segredo da abundancia de sal de certas costas. Entanto o que me irrita, a par da inquinação da agua corrente pelos principios mephiticos que disse, é a desvergonha da gente em exhibir nos restos da sua pobre carcaça, amolgaduras que o envilecimento hereditario e o trabalho alli pozeram, e é a inconsciencia com que um povo de futricas e mulheritas corcun-

das, pompeia nas pranchas, pela mão do banheiro, plasticas de coelho esfolado, com uma basofia só comparavel á das estatuas e personagens celebres do *Illustrado.* Ahi está esse conselheiro velho, antigo adonis, que entra n'agua d'oculos e tanga, os dedos dos pés em leque, barriga p'ra deante, e cruza os braços na prancha, como quem diz ao mar: peço a palavra! Esse gymnasta entrando n'agua pela porta do salto mortal. Essa trintona pisando a areia de cabellos soltos, entre roupagens de baeta, como uma musa d'acrostico, que todas as manhãs fosse lavar a lyra ao banho geral. Esses saltarellos exangues, de craneo em pera, collegiaes d'ossos quebrados, os joelhos em bóla, a miopia strabica, o meneio cheira-visquento, que se entreteem deitando areia, burrifando os collegas d'agua suja... E junto ás barracas, na sombra das varandas, com chapeus inverosimis, e *toilettes* de popeline e setineta jungindo ancas estereis e espartilhos sem nada dentro, damas gastralgicas, meninas arrepientas com o olho em tres namoros, fazem uma orchestra muda d'anjos seccos, celebrando a carestia das coizas, e as canellas de quem sae das aguas com vergonha de não

ter as formas d'um modelo. Contrastando com esta miseria d'anatomias viciosas, onde nem os bambinos mesmo põem uma nota d'aurora e carne pura, vê-se a marinha limpida nos largos, liquifeita de luz, com tremulinas d'oiro e palhetas de saphira, repellindo p'ra terra, á chicotada, essa ignominia de gente nua banhando os desmantelos congenitos e as discrasias contrahidas—como quem liberta o peito d'um contagio escommunhante. De quando em quando, um silvo córta, velas descrevem no papyrus liquido, não sei que inscripção d'ultraje ás carecas avulsas que immergem d'agua, ou é uma alada guiga que desliza, remada por valentes de camizola á maruja, como um libelulo branco patinando no rio, em cata de sustento. A quadratura da Torre, á esquerda, com varandins de renda e baldaquinos de frageis columnellos, tem na barafunda das cubatas jacentes, um ar sonhante de ballada moura, onde as esculpturas são versos, e os brazões das ameias, palavras d'estribilho. Da outra banda um scenario de montanhas, amolgadas de válles, com ravinas e casas, torres d'igrejas e chaminés d'industrias pobres, e a Trafaria branca n'areia, no sopé da sua montanha

pellada, parece posta para uma scenographia da *Muda de Portici,* e S. Julião e o Bugio, no aro do horisonte, são duas pontas d'annel partido, por onde se escôa o dedo tagico, que antigamente apontava ás naus o mundo ignoto, e agora só aponta aos emigrantes, a Rua do Ouvidor. Verdade é que n'esse tempo não havia ao pé da Torre um gazometro, e que a linha de hombros dos banhistas imitava em dimensões a dos colossos de pedra da Avenida.

24 de Setembro.

As dynastias cada vez custam mais cáras aos paizes que se dão esse superfluo. Não ha artigo de luxo mais ruinoso, e ao mesmo tempo mais mal confeccionado. A Allemanha arruina-se com um cezarismo que deita puz canceroso dos ouvidos. A Austria não tem avondo com que pagar os corropios da sua sarah-bernhardesca imperatriz. Na Hespanha a tradicção dynastica, sobre sugar do erario uma lista civil formidolosa, gasta em pandegas de rainhas sogras, rainhas nóras, e princezas camareras, inda por cima afronta o de-

coro nacional, chamando rei a uma gomma siphilitica. E todas estas mazellas exhibidas ao alto das nacionalidades, como testemunho da subserviencia tradiccional de povos livres, perante de meia duzia de familias degeneradas, fazem-me propôr que se organise no mundo uma agencia Ricordi, que escripture os reis por temporadas—á semelhança do que se faz para os cantores.

Tal anno em que as colheitas por exemplo fossem boas, estivessem favoraveis os cambios, e a renda das alfandegas progressiva, nada impediria que escripturassemos o imperador da Russia, para massar os officiaes do nosso exercito, com partidas e chegadas, e dar assignatura regia ás quintas feiras. E se o despotismo do autocrata fosse de molde a nos vergastar a inercia com requintados processos de tortura, se os nihilistas russos, que necessariamente deviam seguil-o, encetassem entre nós uma imprevista era de conspiratas e minas de dynamite—se a companhia agradasse emfim!—o snr. ministro do reino teria a gentileza de apresentar ao czar, no fim da epocha, na noite do seu beneficio, em nome do paiz, uma escriptura de reconducção para

o anno seguinte, com as quantias em branco, afim de que S. M. nos fizesse a honra d'ainda uma vêz presidir aos destinos nacionaes, podendo escrever nos periodicos, querendo, á despedida, que levava no coração a palavra tugueza *saudade,* como é costume dos tenores palmeados em S. Carlos.

Mas supponhamos agora o caso d'uma crise, com tudo em papel, e os pratos do meio pela hora da morte. Telegramma á agencia, propondo escriptura ao principe de Monaco, e transferindo a capital para o Estoril. Conforme as estações, o gosto litterario, a abundancia de dinheiro, o figurino, assim o ministerio dotaria a nação com uma casa real apropriada, noruegueza ou russa nos tempos de calor, de Tananarive ou Zanzibar, no pleno inverno —cára se descesse mas libras, a preços razoaveis sendo o regimen da prata, ou a *bon marché,* dominando as cedulas, como agora. Uma comparação que no carnaval fosse necessario animar bailes de mascaras... ordem d'escriptura para Paris, ao rio Milan, mais á recua de *soupeuses* por quem elle reparte o sangue da Bulgaria. Durante os exercicios de brigada, venha o imperador Guilherme no *sud-express:* e

já assim escusava de se consultar o capitão Fumega, a respeito do *to be or not to be* dos penachos. Chegados que os escripturados fossem ao fim da epocha, pagar-se-lhes-hia a esportula marcada, far-se-hiam escoltar até á fronteira, e

—Vão VV. MM. bugiar, até á vista...

Não tinha a gente d'aturar nem principes nem princezas, de pagar lista civil a manos nem a manas, ou d'ir esperar á estação, com musicas e foguetes, estafermos de sogros e cunhados. Depois, como não era hereditario nem vitalicio o cargo, a cathegoria de rei ficava assim pouco mais ou menos jungida á de cantor. Fariam fortuna os que tivessem prestimo; caso contrario, o snr. Lopo que lhes fosse pegar c'um trapo quente.

25 de Setembro.

Cahida em desuso, e sentindo-se resvalar á inania dos mais partidos dynasticos, por uma serie d'episodios tão picarescos como inoffensivos, imaginou a Liga Liberal dar de si um arranco de vida, inda que fosse á custa da 1.º

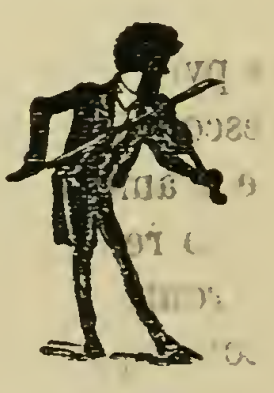
de Dezembro: e eis a razão do seu manifesto, contra a intervenção hespanhola entrevista na conversa de Canovas com um jornalista, conforme o *Imparcial* nos informou. A Liga era já no kalendario dos agregados politicos militantes, uma variante da irmandade de S. Sebastião dos artilheiros, escorada todavia por alguns desnarigamentos socialistas, e por varios elementos d'extrema indole democratica. Tinha no seu programma salvar o paiz e regenerar os cidadãos por via d'uma quantidade de receitas infalliveis; mas ou porque se não congraçassem os factores heterogenos que a compunham, militares com paysanos, infanteria com administração militar, monarchicos com jacobinos, e collectivistas com morchistas, o certo foi que se deu n'este recolhimento politico, o mesmo que nas Trinas... fr. Fuschini abusou das suas ingenuas educandas, quanto poude, veio o *Seculo* cascar-lhe, sob a forma do orador Eduardo d'Abreu, foram algumas noviças expulsas, pateada nas aulas, e como de profundis do drama, dias depois, a Liga Liberal arremessada de todo ao esquecimento.

Como porem dòa a rapazes este aventar á rua do collectivo prestimo com que elles já

contavam levar a barca do Estado, a seguro porto, eil-os pinchando pelo momento de se fazerem notar por algum golpe de mão cavalheiroso. Esse momento, os jornaes madrilenos revelaram-no, foi o boato d'alguem sonhar que Canovas disséra, invadiria Portugal, no caso dos republicanos portuguezes levarem a melhor. Não foi preciso senão o *Diario de Noticias* communicar a coiza em telegramma, para de logo o formidavel partido convocar, nas azas dos bilhetes postaes, as suas massas combatentes, erguer as pontes levadiças, reforçar as sentinellas, e redigir com pennas de ferro em forma de lança, o terrivel patriotico manifesto. Que é um monumento! uma marcha de guerra! uma pyramide! Como o romano da lenda, elle traz escondidas no seu manto, a paz, ou a guerra: e a amedrontada Hespanha que escolha! «A nação repellirá energicamente, para além das fronteiras sagradas, os invasores, d'envolta com aquelles que cooperarem n'esta obra criminosa. Centenas de milhares de cidadãos, concentrando-se em torno do nosso exercito, provariam aos invasores que o solo portuguez é ardente, quando periga a sua autonomia».

Uma linguagem que faz biceps, caramba! Centenares de milhares de cidadãos a provarem que o solo é ardente—oh snr.ª Joaquina, tire o meu capacete da chapelleira!—quando periga a sua autonomia. Liga que assim falla, está por cima do joelho forçosamente. E se ainda n'este paiz ha noções de patria, levanta-se tudo como um só homem, bem firme nas galóchas, e

—*Adios España que te despueblas.*



FIALHO D'ALMEIDA

OS GATOS

PUBLICAÇÃO SEMANAL,
D'INQUERITO Á VIDA PORTUGUEZA

N.º 31 — 24 de Outubro de 1891

SUMMARIO

RECEPÇÕES REAES NA BEIRA BAIXA, SEU CARACTER ELEITORAL, E MODO PORQUE O CAMPONIO INTERPRETA AS VISITAS DOS ESTRANHOS — TYPO MYTHICO DOS REIS QUE O BEIRÃO SONHA, E DESILLUSÃO FORMAL QUE AS FESTAS LHE TROUXERAM — PAYSAGENS DA TERRA, E PERFIL DO POPULAR BEIRÃO — OPERARIOS E CAVADORES, SEU CARACTER SERVIL E OBSECAÇÃO MORAL PROVINDO DA IGNORANCIA — A COMEDIA DAS OVAÇÕES, SEU MACHINISMO SECRETO E DETALHES GROTESCOS — O 73, CHEFE DOS CÓROS — POLICIAS SECRETOS TRAJANDO DE FIDALGAS, E

EXPLOSÃO D'UMA NO ACTO DE SER PRESENTADO ÁS MAGESTADES — OS REIS NAS RUAS DE CASTELLO BRANCO: DISCURSO E FOGO DE VISTAS FALHÁDOS — *Tres vezes nove, vinte e sete!* — DE COMO NA COVILHÃ NINGUEM SABE LER — VISITA ÁS FABRICAS DE TECIDOS, E PENSAMENTOS REAES NAS FOLHAS DOS ALBUNS — S. M. GALARDÔA OS TECELÕES, DANDO A GRAN-CRUZ D'AVIZ AO GENERAL DA DIVISÃO!

---

1 d'Outubro.

Temos estado á espera que os jornaes deem conta de novas viagens realengas, e que os reporters encarregados de mentirolar sobre o recebimento dos povos á facticia magestade dos reis, novamente occupem os telegraphos com despachos semelhantes aos publicados pelo *Tempo,* durante o regabófe de Castello Branco e da Covilhã (*a*). Mas vamos vendo que apezar da recepção na Beira Baixa ser «uma das mais

---

(*a*) «... O proprietario da importante fabrica X, offereceu a cada jornalista um par de calças. O povo pede outra inauguração, tanta é a adoração pelos monarchas. Intraduzivel, tudo isto!» Este intraduzivel, provavelmente escripto com o par de calças no braço.

ardentes e calorosas apotheoses que jamais se fizeram ao principio e á instituição monarchica», (*b*) e das assuadas do Rocio, da Granja, de Cascaes e de Paço d'Arcos emparceirarem áquella, em *expontaneo* delirio e *fé* thronicia, não ficou a SS. MM. desejo algum de continuarem a rivalisar com a Pepa em ovações pela provincia. Pôz-se portanto ponto no projectado cirio ás praias do Algarve, e é natural que os coches regios não ousem pisar no Porto os macadams da praça de D. Pedro, humidos ainda de sangue martyr, e ainda recordando-se do heroismo dos que o mais forte degredou pr'ás terras africanas. Por consequencia é tempo de resenharmos a sangue frio as *calorosas manifestações* feitas aos reis, e de pela joeira do escarneo apurarmos se de tantos foguetes e discursos, jantares e phillarmonicas, vivas e coices, algo se estatelou de graça na via triumphal dos nossos patrõesinhos. Na impossibilidade d'ir vêr por nossos olhos a Castello Branco e á Covilhã, tão surprehendentes regozijos e insolitos batuques, (o que pelo menos nos fez perder dois pares de calças, um apanhado,

---

(*b*) O *Tempo*, 18 de Setembro, *A viagem real*.

outro offerecido) nem por isso nos julgamos desguarnecidos de razões para apurar do barulho feito pelos jornaes com a viagem, a verdadeira essencia d'esta ridiculissima comedia, e para dos autographos com que n'ella se estenderam monarchas e jornalistas, fabricantes e ministros, potentados eleitoraes e fogueteiros, inferirmos extracto que avise o povo beirão da trapaça grotesca em que o meteram. Primeiro que nos decidissemos a historiar as sympathias da provincia pela ideia dynastica, primeiro que adeviessemos na conclusão d'ella ser tão pouco grata ao Alcaide, como á rua dos Capellistas, andámos confessando amigos dedicados de todos os grupos e partidos, ouvindo impressões de forasteiros e de reporters, negociantes ou simples *flaneurs*, naturaes ou estranhos á região em festa, e de todas as boccas a mesma phrase final espirrou sem nós a provocarmos, apesar do enthusiasmo d'alguns, da indifferença d'outros, e do thedio amadornal da maioria. «Muito bonitas festas, recapitulavam todos, gente excellente, hospitalidade admiravel.... de resto você sabe o que são estas coisas: em o ministro querendo, os influentes locaes fazendo tregoas, com algum dinhei-

ro, n'uma provincia mendiga e a mais deploravelmente selvagem do paiz, tudo é possivel.

Os córos menos mal; o Leopoldo, coitado, mais de quatro mezes a ensaiar os trabalhadores do Tavares Proença, do Vaz Preto, e do pae do Franco, a darem vivas—e para se comprehender o mechanismo da choldra, basta dizer que os labregos da Beira, apreciavam as festas, dizendo que eram as eleições melhores que tinha havido.

Fixemos portanto isto: a recepção da Beira Baixa, áparte o regosijo dos ricos por um caminho de ferro que lhes transporta os generos barato, e lhes põe S. Carlos a dez horas de casa, como demonstração realenga teve apenas typo eleitoral. Do coração do povo, nem uma saudação de jubilo excentrica ás que o vinho dá, n'um dia de folguedo, quando o patrão paga a jorna, dispensando o trababalho do dia aos seus ganhões. Porque é preciso não conhecer o caracter aspero da vida dos campos, para imaginar que fóra do cyclo das necessidades animaes immediatas de cada homem, e dos interesses locaes de cada fami-

lia, alguem inda queime cêra aos santarrões com quem não tem nada que vêr.

Na Bairrada chama-se aos comissarios que por lá vão comprar vinho, os f. da p. de fóra; e é esta por toda a parte a formula especifica com que o povo em geral designa individuos estranhos ao seu burgo, isto sem a menor discrepancia de sexo ou posição. Imaginar que n'uma provincia como a Beira Baixa, onde a tradicção fanatica de Deus, inda arreigada, presuppõe a do rei não menos viva, bastaria mostrar D. Carlos com pennas de gallo na cuia, e braço automatico fazendo a continencia, para resolver a alma popular em crises de ternura, é ter realmente d'aquelles povos uma versão bem pouco escrupulosa. Primeiro, o rei ideado pelo beirão fanatico é uma especie de ser mythico, lendario, singular, egual a Deus na força, e de fórma physica incerta ou transmuttante: uma especie de Pedro I, com fibrilhas de Padre Eterno e d'el-rei D. Sebastião. Eis o monarcha dos seus contos da serra, um enorme S. Miguel de espada nua, sobre um grande corcel de sarça flammejante, companheiro de Deus na estrada da justiça, repartidor das graças do outro

mundo, existindo em toda a parte e não se mostrando nunca em parte alguma. Desnecessario pois mostrar aos rabuzanos do valle da Beira, em vêz d'aquella creação formidavel dos seus sonhos, um homensinho gordo, com olhos d'azulejo e bigodes amarellos, pois nenhuma persuasão humana faria entrar nos cascos d'aquelles broncos que *sua real magestade* fosse aquillo. O que esses desconfiados lorpas fazem, quando muito, perante a contrafação florida que os Calheiros e Vaz Preto lhes apresentam, é ademitil-a simplesmente como uma grosseira imagem de capella longinqua, como a Santa Eufemia de Quadrazaes, ou o senhor dos Afflictos de Castello Branco, feita de pau, mostrada em procissão aos hombros dos caróllas, mas completamente impropria para lhes genuflectir as almas deslumbradas. Mas vae que, apar d'aquella grandiosa ficção de rei da terra, outra o beirão possue ainda, mas esta pandega, meio comica, ratona, constante victima do assombro epopeico que a primeira lhe causa: e refiro-me aos reis dos baralhos de cartas.

Investigaremos agora, em face das nossas

informações particulares, qual d'estas duas imagens de reis incarnou o snr. D. Carlos na sua viagem á Beira Baixa. S. M. ficou no espirito ratinho, em heroe, ou em brejeirote das praias? Realisou o rei da lenda, ou foi lá macaquear simplesmente o rei de copas?

Conhecem todos a indole e condições sociaes da gente pobre da Beira Baixa. Salvo excepções restrictas, é uma raça de miseria, avergoada de superstições e d'ignorancia, comendo mal, vivendo immundo, e guardando ao dinheiro dos ricos uma servilidade d'escravos e cães esfomeados. Até Castello Branco a paysagem é horrivel, cheia d'estevaes e matto curto, sobreiros, algum castanheiro raro na margem dos barrancos, as plantações exiguas, algum olival, e cearas de dois em dois annos na terra roçada das steppes, desertas e estereis como uma Arabia silvada d'anathemas. É d'aqui o beirão trigueiro, ossoso, d'olhos ardentes, c'o a espinha curva e as pernas cambaias, que mais ou menos todos temos visto descer em recuas para os trabalhos agricolas do Alemtejo—tão differente do camponez da Beira Alta—ou vir das ceifas de Hespanha, com a casaqueta de saragoça presa por um só

botão junto ao pescoço, os tamancos nos pés, o cobertor no varapau, o lenço amarrado na cabeça, o cabello corredio e a barba rente — typo de sacrista e d'avaro, com a falla tardia, a ideia enferrujada, uma humildade abjecta no meio riso dulceroso, e sem altivez, como animaes degenerados por um largo tirocinio de fome e pontapés nas terras dos proprietarios e ricos-homens. Entra-se na cova da Beira, e os campos mudam, luxuriantes veigas afestoam o chão de ridentissimos paraizos, cada qual tem seu pedaço de terra: a raça melhora, certo, em condições de vida vegetativa, mas nem por isso as de vida de relação rompem a subalternidade vil que atraz fixámos. São as mesmas fállas baixas, a mesma cobardia de fitar olhos nos olhos, o mesmo envilecimento consciente da dependencia, a mesma primitividade avara de costumes, a mesma ignorancia, o mesmo fatalismo, o mesmo lamber o chão que os ricos pisam. Sem duvida que não queremos negar a esta casta acephala d'escravos, sequestrada até ha pouco do mundo, e vivendo na perpetua sucção dos mandões locaes, algumas qualidades de trabalho e energia bovina que inquestionavelmente tem,

como nenhuma. O que apenas se pretende é concluir que um povo affeito a este regimen secular de dependencia, sem viveza mental, sem alegria, tradiccionalmente explorado, e d'uma bestialidade de costumes só equiparavel á dos mais porcos animaes, em primeiro logar é absolutamente incapaz d'exprimir emoções por conta propria, e em segundo logar *está em maravilhosas condições p'rás exprimir de conta alheia*. Isto pelo que respeita á população dos campos. Quanto ao operariado das fabricas, se alguem o julga antipoda da irracionalidade dolorosa dos seus irmãos agricolas, basta-lhe saber que rarissimos d'elles sabem lêr (*c*), e que o socialismo insciente de homens vivendo na dependencia de patrões, os

---

(*c*) «... Dos 5:000 operarios que acima indicamos, sabem lêr, apenas: do sexo masculino 617, do sexo feminino 52.

É preciso fechar os olhos a esta miseria em que o governo, o municipio e as pessoas illustradas da cidade, teem grandes quinhões de responsabilidades. A Covilhã, póde dizer-se, é uma cidade de cerca de 20:000 habitantes que mal sabem lêr.»

O Seculo, 4 d'Outubro.

não impede de terem sobre a moral ideias licenciosas, e de fazerem pairar sobre a religião este principio: de que para ganhar o ceu, é preciso pagar todas as semanas um vintem ás sociedades beatas dos Grainhas.

Visionada d'est'arte a arraia meúda, facilima tarefa é imaginal-a depois repartida pelos campos e povoações industriaes da Beira Baixa, em recuas inanes, cada recua obedecendo, pelas impreteriveis subserviencias da miseria, ao respectivo soba local, agricultor, caudeleiro, ou grande industrial — em Castello Branco o Tavares Proença e o Vaz Preto, no Alcaide o pae do Franco, o Calheiros na Covilhã, e successivamente assim, té se reconstruir sem erro historico d'um millesimo, o machinismo politico que deu ao cyrio carlista pela cóva da Beira, fóros d'apotheose monarchica sincera, e pretendeu impingir ao paiz como renovação da fé thronicia, uma mascarada que qualquer sapateiro póde fruir, pagando o preço da tabella aos armadores. De facto, interrogando em separado os indivíduos que assistiram, apura-se sem

o menor ardil que as festas de Castello Branco e da Covilhã foram uma tentativa de retrocedencia, combinada nos antros regeneradores e progressistas de Lisboa, para contrabalançar lá fóra o effeito cambial da revolução do Porto, e seus derivados. Para apparelhar a coiza em termos d'exito, escolheu-se a provincia mais lorpa, mais pobre, e mais facilmente embasbacal, aproveitando a circumstancia de ser ministro um filho d'ella, e de haver pelas suas cidades alguns opulentos *parvenus* capazes de proteger o *complot* gratuitamente. Esperou-se então que esses *parvenus* se acommodassem nas suas guerreias de campanario, satisfizeram-se as exigencias do snr. Vaz Preto no respeitante á nomeação do pessoal civil do seu districto, deixou-se esquecer o facto do snr. Calheiros ter dado quinhentos votos na ultima eleição, aos republicanos, e ultimado o caminho de ferro, congraçados os *parvenus,* a classe culta embaída com a offerta d'um melhoramento desnecessario quasi á nullidade commercial e á decadencia agricola da região, julgou-se o plano maduro, e tóca a remover do caminho real, os ultimos attrictos, e a aliciar a ingenuidade dos proprietarios somenos, para

a bambocha réles d'um povo indignamente chantado para fingir agrado a um rei, e d'um rei deploravelmente compromettido—para fingir agrado a um povo!

De tal maneira, que no dia 5 de setembro, chegadas que SS. MM. foram a Castello Branco, quem mesmo pela rama observasse a ordenação dos espectadores na gare e trajecto d'ella para o governo civil (armado em alcaçar para a occasião) logo comprehenderia que se não tratava d'uma recepção feita ao chefe do estado, por bizarria expontanea da cidade, e acquiescencia cordeal das gentes rusticas suburbanas, mas d'uma d'estas solemnidades *por convites á força,* gritadas de cór, com muitas boccas berrantes e nenhum coração de rythmo acelerado, facilimas d'arranjar quando tres ou quatro ricaços se cotisam, o ministro maneja o funccionalismo a seu talante, e um povo selvatico, bruscamente sahido de cubatas de palha, sem ar, nem abrigo, allumiadas com achas de pinho rezinoso, dá de cara com um cortejo de fardas bordadas, capacetes de plumas, e mulheres esborcinadas da carruagem, fazendo *quête* de saudações, com sorrisos d'actriz, e phrases de diccionario de conver-

sação, bastante comicas de resto, mesmo em boquinhas roseas de franceza.

Foi o que effectivamente todos os seguidores da comitiva regia averiguaram, a reproducção da farça official já conhecida, assentando d'esta vez n'um publico de lorpas e manés cocos. Desde Abrantes até Castello Branco, todas as auctoridades locaes tinham sido intimadas a vir fazer o salamaleque real, ás gares perto da sua area, mas inda assim poucas vieram, fazendo-se algumas substituir por moços de lavoura, de chechés, e acorrendo o povo não para thuriferar os reis, visto como todos concretisam na ideia dynastica o resválo irreparavel da nação, mas para vêr se a providencia dos descarrilamentos convergia a chocar d'esta vez as plumas e veneras de toda essa rapaziada jovial vindo de pandega, aos paizes da fome, afrontar por seus discursos hypocritas, a escruciante e lethal miseria publica.

Em Castello Branco, nem por melhor ensaiada, a opereta realenga deixou de recorrer ao ponto, immensas vezes, e com tão desastrada parvoeira, que metade da illusão scenica evaporou-se. Por exemplo, á paragem do

trem real em Castello Branco, como nem da bocca das auctoridades, nem da do povo, rompessem hossanas de preito aos regios pombos, o snr. Franco Castello Branco, que decididamente é muito mais galopim do que estadista, esborcinando meio tronco do wagon, gritou mui alto:

—Oh 73, então esse regozijo, c'os diabos?!

O 73, chefe dos córos, mas policia rispido ao mesmo tempo, extrahindo do peito as instrucções que recebera, redarguiu que as *ordes* mandavam os vivas durar desde as 7 e tres quartos, até ás 8 da noite, e ainda faltavam para a hora, dois minutos. Se o comboio viera adeantado, a culpa não era do regozijo expontaneo de Castello Branco, era do engenheiro Porto. Com a apresentação das damas a SS. MM., na gare, coizas hillariantes! Eram quazi todas policias disfarçados, e uma d'ellas, que por acaso escorregou na alcatifa, cahindo de bruços, estrondeou dois berros explosivos, averiguando-se terem-lhe rebentado as bexigas de porco com que o governador civil lhe esferisára as deanteiras do espartilho. Findo o jantar, pelas 10 horas, como SS. MM. mostrassem desejos de vèr as ruas, houve nos em-

prezarios do arraial um instante de pavor: não se esperava que os monarchas sahissem, de sorte que baralhados pela cidade os vassallos e servidores do snr. Tavares Proença, Calheiros, Manoel Vaz, Ruivo Godinho, já talvez fartos de mosto e lunduns nos bailaricos, difficilimo se fazia agrupal-os por senhas de patrões, pôl-os em alas no percurso das magestades, e dar-lhes emfim o lamiré p'rá gritaria, quando cada amo e senhor lhes fizesse do cortejo, o seu signal.

De mais os empregados do municipio, encarregados do desfolhedo das flôres, nos baixos da casa, não o tinham querido fazer sem pagamento adeantado, coiza do inferno, porque não havia um pataco, e das meninas de branco investidas da missão de vir ao encontro dos reis, a encarregada de recitar o discurso tinha-se borrado toda pelas pernas (oh, a infancia!) uns dizem que d'alvoroço por se vèr erguida té SS. MM., outros que d'uma talhada de melão imprudentemente servida á sobremèza, o que vem a dar na mesma coiza. Procuraram aqui alguns dissuadir os reis da passeata, amedrontal-os com a cacimba da noite, ganhar tempo a que os mandaletes en-

viados pela cidade, arrebanhassem á pressa, manifestantes expontaneos, e foi um quarto de hora ignominoso, porque os manifestantes do povo não queriam de maneira nenhuma entrar em fórma, os do grupo Proença rogando prágas aos do grupo Vaz, os do Franco Castello Branco pae, dizendo abominações aos do Ruivo Godinho, atirando-se á cara a esportula miserrima e o direito do senhor, sobejamente exercido, chamando pelintras aos patrões uns dos outros, e em fim gritando o seu desapontamento em face de monarchas, que no fim de contas, alem de poucas posses, tinham a cara sabida dos outros defuntos.

Ainda os mais artistas cuidaram d'offerecer aos reis um arreglo do *Burro do snr. Alcaide,* aproveitando-se o talento comico d'alguns deputados locaes, sem talento nenhum, e mandando vir o burro... da Covilhã. Mas o proposito do rei era insistente, e houve mister não delongar a sortida aos fogos d'artificio, tanto mais que o povoleu começava aos palavrões, d'impaciencia. Chegados á rua, os influentes de Castello Branco tomaram logo a deanteira, procurando envolver os reis, e arrebanhar os seus para o vivorio; mas ou porque

fosse impossivel reconhecerem-se no escuro da noite, ou porque realmente a miseria da populaça sobrelevasse ás combinações choraes de regozijo, o certo foi que em vêz de vivas nas boccas, e palmas nas mãos, as magestades apenas sentiram vozes soluçadas, pedindo-lhes esmola pelo amor de Deus, e gestos de supplica, procurando açambarcar o *mónin* da regia bolsa. Em balde as chocas albi-castrenses, de casaca, com o snr. Franco Castello Branco na testeira, se esgasgavam a berrar que vivesse o rei mal-a consorte: o côro de pedintes dominava sempre o tumulto, doloroso e monotono, e a famosa ovação rezada nos telegrammas dos jornaes, não passou d'um fiasco medonho em toda a linha. Até para cumulo da macáca, como no meio do fogo estivesse annunciada uma peça allegorica ao snr. D. Carlos, com um castello de bombas que se transformava depois no seu retrato, o pyrotechnico, por engano, substituiu-a por outra que lhe fôra encommendada pelos republicanos d'Idanha, representando o Magalhães Lima a dançar com uma boneca de barrete phrygio, personificação da Republica...

*

Porém não foram sómente estes senões a tornar os festejos reaes postiçamente enthusiasticos. Outra causa os trahiu, e foi a impressão pessoal que o rei deixou. Sem duvida que o snr. D. Carlos seja no remanso domestico, um admiravel e conspicuo pae familias, mas é que outros tics áparte, como por exemplo a configuração organica, o não predispõem grandemente aos recebimentos sympathicos do seu povo: S. M. é gordo, de cachaceira curta, cára massada, meneios espessos, e por maior tenha sido a sollicitude dos medicos, nunca foi possivel desfazer-lhe o strabismo de mau agouro que o olho de vidro introduziu no seu olhar. (*d*) De mais as photographias de generalissimo, as estampilhas, as moedas, onde S. M. é posto

(*d*) Pouca gente conhece este particular da regia veronica, que é entretanto o maior galardão actual da monarchia: S. M. vasou o olho direito estudando ao microscopio, formas de governo, e d'ahi vem para o monarcha as pronunciadas tendencias democraticas que alguns subvencionados jornaes teem posto a nú. A principio quiz-se restabelecer o paralellismo optico do principe, introduzindo-lhe na orbita vasia, o olho da Providencia, mas os especialistas recuaram, pelos encargos maximos que isto traria á lista civil.

com cabeça de bookmaker, tudo concorre a destruir no emocionismo popular essa aureola de predestinação cavalheirosa sob que os reis necessitam sempre mostrar-se ás phantasias ingenuas; de sorte que mesmo antes de S. M. descer ao convivio pessoal co'as multidões, já por banda d'estas um fungo de prosa n'ellas resfria toda e qualquer ideia d'effusão e apotheose. Foi assim que durante a viagem de Lisboa para a Beira Baixa, e da Beira Baixa para Lisboa, S. M. não teve uma phrase, uma palavra, um gesto vivo, um momento d'expansão juvenil sequer para ninguem. Tudo o massava, dirigia-se contrariado ás pessoas com que tinha de communicar, para sorrir um trabalho complicadissimo, e nos rasgos d'eloquencia reparou-se, que apezar do borrão ser do ministro, como S. M. por orgulho queria sempre metter nos discursos, ideias litterarias de sua lavra, a cada instante interrompia a postilla do snr. Marianno de Carvalho, para repetir d'olho esgazeado:—*tres vezes nove, vinte e sete! tres vezes nove, vinte e sete!*

No jantar de Castello Branco, já por fim todos repetiam esta obsessão singularissima. Tres vezes nove, vinte e sete. Alguns ainda

queriam vèr na coisa simplesmente uma mysteriosa formula de cabala, e mesmo outros a tomaram como divisa para papeis de cartas, té não sei quem explicar que o conceito não estava bem no tres vezes nove—estava antes no noves fóra, que era o effeito moral de tudo aquillo. Depois os donativos de SS. MM., ás corporações que lhes vinham fazer salamaleques... Não ha como o dinheiro para abrir expansões que se nos fecham, e é sabido que sendo as esmolas de vinte libras, opiparas nos alquiladores de cavallos retirados, para monarchas em viagem official a provincias mendicantes, semelhantes bagatellas não passam d'uma sovinaria bastante reparavel. Ora S. M. que deu trinta mil réis e um beijo ao azylo de Castello Branco—isto é ás creancinhas pobres d'uma capital de districto que despende a recebel-o, oitenta contos—que deu vinte libras a um regimento de pelo menos quinhentas praças, e trezentos mil réis a uma caixa de soccorros mutuos, por certo não tem a vaidade de ficar em estatua no coração do povo albi-castrense. De mais, como se explica esta miseria, ao lado das dez mil pesetas que S. M. acaba d'enviar aos inundados de Consuegra?

S. M. é por acaso o rei de Hespanha? A Beira Baixa tem menos miseria do que as povoações estrangeiras devastadas? E estes pontos assentes, queira o leitor fixal-os, para os junjir a outros que vae vêr.

Estamos na Covilhã, terra de fabricas, vinte mil habitantes, cinco mil operarios, fortunas colossaes que regabofeam os principes, e deixam os trabalhadores no mais ignominoso analfabetismo. S. M. a rainha, que já em Castello Branco dissera a phrase do dia mais feliz da sua vida, ensaia *reprise* d'ella com um outro vestido, e a coisa passa por um rasgo de coração digno de marmores. «É o dia mais feliz da sua vida!» Só se lamenta que a sr.ª D. Amelia dissesse a linda phrase, de noite, o que lhe achincalha um pouco o proposito espontaneo, e que seja com esta a nona vêz que a gentilissima rainha se digna dar fóros de *primeur* a uma expressão que realmente os jornaes estão a attribuir todos os semestres. Verdade seja que S. M. não podia ter espontaneidade, em festas sem, e que em *tournées* de provincia, o segredo do successo é

dar comedias já applaudidas em Lisboa. O mau humor do rei, quando o sr. Franco o passa das mãos dos festeiros de Castello Branco, para as dos festeiros da Covilhã, é uma coiza tão bisonhamente avincada da sua testa, tão comicamente avulsa no ronronar da sua górja e na comatosa lazeira que o esbodéga, que umas poucas de vezes o secretario intimo ousa lembrar-lhe se não quererá fazer chi-chi.

Porém S. M. recebe mal a ideia d'áquella ingrata terra lançar o adubio dos seus excretos, mau grado chamarem-lhe os jornaes protector do calçado—queriamos dizer, da agricultura, *(e)* e tendo percebido emfim os cordeis da farça, sósinho de conselhos e dedicações n'uma terra onde é apenas um incidente d'espectaculo, deixa-se ir á mercê dos accidentes burlescos da viagem, pedindo a Deus lhe abrevie o amargo calix, e enviando para o

---

(e) «... Na Covilhã, 30 a 40 mil pessoas esperavam o trem real. É um exercito de trabalhadores, que vae prestar as suas homenagens ao chefe do Estado, que fez da protecção á agricultura e á industria o lemma do seu reinado...» *O Tempo.*

presidente do conselho telegrammas que antes parecem versões dos annuncios do 103 da Rua Aurea.

Sobretudo o discurso no jantar de Castello Branco, que decorára n'um proposito de parodia ao Guilherme II da Allemanha, acaba de o dissuadir do seu papel de grande rei, e agora exprobra-se amargamente a falta d'eloquencia que o obrigára a metter na falla, aravias de todas as linguas conhecidas, e aquelle terrivel e extemporaneo tres vezes nove vinte e sete, por duas vezes ou tres escapulido, sem elle querer, nem vir p'ro caso. Amigas vozes davam-lhe coragem. Ahi vem o Fundão, com vivas e auctoridades locaes franco-castel-branquisadas — alegrem-se VV. MM.—este é o bom povo que acolhe os reis como as tribus de Judá acolheram outr'ora, o rei David; o ponto é que VV. MM. se prestem a dançar á frente da arca... Mas a espectativa real cada vez é mais angustiosa, porque a rainha murmura ao ouvido do esposo—mas é a mesma gente de Castello Branco, menino! olha o 73 agora vestido de lavradeira! lá está o 48 com barbas postiças, e a facha d'administrador a tiracollo; e estas mulheres do povo foram contratadas pelo Marianno, en-

tre a comparsaria de S. Carlos, e esta alta sociedade veio toda na terceira classe, e vestiu á pressa fatos que o Carlos Cohen mal teve tempo d'acabar... Pura verdade. A vozearia resente-se toda dos habitos choraes dos vozeadores, é uma coiza fedendo a ensaios dentro de lonas pintadas, ao som de musicatas do Stychini. Lá se approxima mestre Franco.

—Se V. M. quer dar beija-mão ao seu bom povo, arma-se o throno... é mesmo que servir no *Barba Azul.*

—Mande-os á fava!

—Um pequeno discurso... digne-se V. M. dizer-lhes por exemplo que faz hoje um bonito dia.

—Mas está a chover.

—Razão de mais. Este excellente povo ouvindo-lhe negar, meu senhor, phenomenos meteorologicos patentes, comparará a sabedoria de V. M. á do rei Salomão.

—Ou se variando de tactica, eu lhe exaltasse por exemplo as sublimidades da chuva, nas batatas...

—Do mais pequeno ao mais grande, todos admirariam á uma, como V. M. é instruido.

—E quanto a donativos?

—V. M. lhes mandará dar o que quizer.

—N'esse caso a todos, da minha parte, as boas tardes... e que guardem a demasia p'ra um café.

O recebimento na Covilhã, como é magnifico! Que vivorio grunhido d'alma! Que espontaneidade de jubilos ingenuos! Até as colchas das janellas soltam hurrahs, e nos lameiros, os hossanas dos bacoros parecem unisonar tambem os grandes acordes do *salve il re profeta*. Bicha de trens acompanhando os reis, da estação, ao palacete do Refugio. Tantos foguetes! E d'uma banda e outra, magotes de curiosos, agricultores, operarios, rendeiros, mulheres e creanças da cidade e povos da serra e vales da Beira.

Ao longe, nos outeiros e parapeitos do zigzague de socalcos que as casas da cidade diademam, outra multidão se comprime, calada, rancorosa, bolindo n'uma assoisse de cabeças piolhosas, que a curiosidade açula, e que alli veio, espectadora pasmada, victima de todas as extorsões, sem vóz que a defenda, sem es-

colas nem exortações de caudilhos que a allumiem, presencear como as municipalidades derretem as derramas, e os ricos queimam em foguetes o que deveriam talvez gastar em estradas, em bibliotecas populares, em certamens agricolas, em organisações d'orphelinatos, em plantação de baldios, e em professores. É aquella a gente vil que ainda não vira o rei, mal-a a rainha, e inda não vira a côrte, e que comparando o espectaculo patente, com ess'outro sonhado na meia nuvem phantastica das suas legendas da serra, levará emfim para os seus lares a conclusão de que um paiz não póde continuar a trazer destinos seus assim ligados aos accidentes degenerativos d'uma familia, e que as monarchias não são só funestas pela manqueira pessoal dos reis, mas principalmente pelos enxurdeiros de parasitas e *escrocs* que lhes exploram a boa fé, e lhes desvirtuam constantemente as intenções.

Emquanto lá por cima estas e outras cogitações vão acordando nas mesquinhas cabeças dos camponios, começam nas margens do cortejo as ovações, por grupos defenidos. Adeante da carruagem real seguem nas suas berlindas todos os influentes da Covilhã e

adjacencias, cada qual tendo feito postar em sitios combinados, as suas maltas, nos termos de se produzir o *delirio* ao mais simples aceno de batuta. Esta ordenação de forças laryngeas tem-se mobilisado a primor, em quanto dura o beija-mão na gare: ahi temos operarios da casa Campos Mello, ahi estão da outra banda os da casa Mendes Veiga, e da outra ainda os do Mousaco, e logo os do Calheiros, e as influencias do dr. Pessoa, e o resto assim esparso, no percurso da pandega, até ao terminus—de sorte que alternando-se, por uma manobra fina, o seguimento dos trens, esteja sempre ao lado dos monarchas, na passagem por tal grupo, o patrão ou dono de fabrica que haja de soltar as linguas d'esse grupo. Tanto isto é certo, que já proximo do Refugio, havendo o fabricante X. gritado: *vivam SS. MM.!*—para operarios que não eram seus, estes, furiosos, lhe retrucaram vivesse o diabo que o carregue.

No dia 7 de Setembro visita ás fabricas de tecidos. As machinas trabalhavam. Todos os industriaes tinham caprichado em rezumir em pequenas exposições annexas ás officinas, os productos melhores da sua industria.

Era uma especie de supplica muda aos po-

deres dirigentes, para que não deixassem morrer tanto trabalho revelado nobremente, longe das recompensas da procura, dos auxilios das pautas, ou de qualquer galardão pessoal outorgado aos propulsadores d'esta já prodigiosa actividade. N'esse dia a Covilhã deu verdadeiramente uma lição de trabalho aos ociosos da commitiva realenga, exprimindo-lhes pelo tohu-bohu das suas cem fabricas e dos seus cinco mil tecelões, admiravelmente fortes e disciplinados, como é que se ganha a vida nas regiões que a influencia da arcada não perverte, e onde não chega o exemplo das *escroqueries* dos accumuladores d'empregos e honrarias. Os reis foram n'esta solemnidade, a principal de toda a viagem, d'uma chateza que embatucou os proprios operarios. Não tiveram uma phrase no seu logar, uma explosão sincera para o labor de toda aquella heroica gente, um repto de generosidade, postiça embora, mas fulminando, pela brusqueria romanesca, a imaginação popular, sempre accessivel a esta sorte d'escamoteios vindos dos grandes. Percorreram as exposições de fazendas, bocejando, entraram nas officinas de chapeu na cabeça, como se tambem fossem os

primeiros n'aquelles templos onde o mais réles aprendiz póde orgulhosamente mófar dos europeis de todos os diademas: e fazendo perguntas destoadas sobre os balanceiros e pistoens do machinismo, ouvindo sem attender as explicações dos cicerones, percebendo quazi sempre as respostas ao contrario, sonolentos, com a ideia longe, e o riso de fayança na bocca affectuosa por officio, elles seguiam como estrangeiros, ao longo das galerias, rebeldes á commoção, e traduzindo por monosyllabos neutros o thedio e o mau humor que os esfervia. Esta visita foi na verdade o mais deploravel episodio da viagem. A rainha ainda, com a sua arte de franceza, e a sympathia natural das mulheres felizes por todas as humildades, lá conseguia quebrar o frio da scena, esquecendo a mão sobre uma cabecita ou outra de creança: mas quanto ao rei, dil-o-hieis opprimido por uma necessidade urinaria inconfessavel, carrancudo e alheio a ponto d'umas poucas de vezes, nos *pensamentos* que houve de cobrir a tinta, pelos albuns das fabricas, metter a profecia do *tres vezes nove vinte e sete,* que muitos tomaram por mangação á industria nacional.

Visita finda, esperava-se que S. M. ao menos sentasse á sua meza, no jantar de palacio, não só patrões, como pelo menos os mestres das officinas visitadas, reservando-lhes o primeiro brinde, e pregando-lhes nos peitos, antes de beber, qualquer penduricalho de mercê por bons serviços. Pois noticía o *Tempo* que S. M., logo que por seus olhos se certificou dos progressos da industria covilhanense, o que fez foi dar a gran-cruz d'Aviz—ao general da divisão.

FIALHO D'ALMEIDA

OS GATOS

PUBLICAÇÃO SEMANAL,
D'INQUERITO Á VIDA PORTUGUEZA

N.º 32—14 do Novembro de 1891

SUMMARIO

MONOMANIA DAS VIAJENS, SEUS INCONVENIENTES E DISPENDIOS — A MELANCIA DA COVILHÃ E AS DESPEDIDAS A CASTELLO BRANCO — VIAJEM REAL AO PORTO, E COMPROMISSOS REPUBLICANOS DA CIDADE — ATTITUDE DO POVO PORTUENSE, E TERROR QUE ELLE INSPIRA Á MONARCHIA — RESPONSABILIDADES DA CORÔA PERANTE A SITUAÇÃO AFFLICTIVA DO PAIZ — GUERRA DE CASTAS: OS CÃES E OS LOBOS DA SOCIEDADE PORTUGUEZA, E URGENCIA DAS MONTARIAS—A ECONOMIA DOS PALITOS: S. CARLOS, AS REFORMAS DO ENSINO AGRICOLA E INDUS-

TRIAL, OS DEVORISTAS DO THEZOURO — BANCO LUZITANO E COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO — ENVILECIMENTO DO POVO, LIBERDADES PUBLICAS COARCTADAS, E CAÇA AO MATRAPILHO— OS FUZILAMENTOS DO LIMOEIRO; VENDA DE VADIOS Á COMPANHIA DE MOÇAMBIQUE—ACÇÃO DELETERIA DO ESTADO, E COMO AS REALEZAS JÁ NÃO SÃO D'ESTE SECULO — O PAIZ TEM FOME, E A CORTE DANÇA!—A REVOLUÇÃO DO ESCARNEO É A PEOR DE TODAS PARA OS REIS — SENHOR, VOLTE PR'A TRAZ QUE AINDA É TEMPO!

---

30 d'Outubro.

A popularidade do rei na Beira Baixa por tal fórma traz allucinado o amavio dos jornalengos, seus chronistas, que tudo é compelirem S. M. á prosiga d'outras vias-sacras festivas, pela provincia, d'onde inferir-se o prestigio da geringonça politica que o arvora.

Não bastava na Covilhã o assalto da melancia, (*a*) tão fumegado nos madrigaes das

---

(a) Estava S. M. entrajado de generalissimo, com capacete e plumas de S. Jorge, farda bordada, a banda das tres ordens, butes de guerra, e a douridana á cinta (de ponto em branco, vamos, para a conquista do Santo Sepulchro), quando lhe presentam deante uma descompassada melancia. A calma aperta, as damas mascam secco, e el-rei entre os da sua casa militar, arde por dar trabalho

pchutosas gazetas, não bastava a retirada official de Castello Branco, d'um egoismo feroz té ao desgosto, (*b*) para testemunharem que n'isto d'amostras, o melhor é occultar Carlos Ma-

---

aos gumes da chanfana. Moiros não ha por alli perto, de sorte que a impetuosidade real, apenas lobriga a melancia a talho de foice, n'ella, bramindo, busca cevar sua ancia de carnagem. Então, desembainhando a ripa, que dizem ser legado de Nun'Alvares, á melancia vae sanhudamente, e tanto golpe lhe dá, chamando por S. Thiago, que só lh'a tiram das unhas em talhadas, turgidas, sangrentas, onde os dentinhos das damas mordem, rindo. Moral da facecia: quando se não é Alexandre, facilmente se toma uma melancia, pelo nó gordio.

(*b*) Á volta da Covilhã, caminho de Lisboa, o comboio real topou a gare de Castello Branco, cerca das duas horas da manhã, ornada de verdura, tropheus, colchas, balões e archotes, que mais parecia um throno d'alleluia. Tanto na estação como nas cercanias, ao longo dos cercados da via, a lufa-lufa de gente era medonha; povo e burguezes, ricos e pobres, fidalgos e maráus, tudo a dependencia hierarchica e o dinheiro tinham tresnoitado para vir vêr os reis passar. No primeiro plano da gare, em *toilette,* os figurões do districto, com suas damas e discursos aperrados, e ellas c'os lenços d'assoar atados nas mãos, não lhe esquecesse acenar aos soberanos, e dizem que ródas de cebolla nos bolsos, p'rá lagrima da partida, segundo o paragrapho de lamuria que marcado lhes fôra no programma. Dez minutos antes do comboio parar na *gare,*

ria Fernandes, quando se não póde expôr ao povo, Carlos Magno—senão que tambem agora, depois das contumelias da escada Magirus na recepção magestatica do Rocio, depois da

a um signal dado, ordenaram-se filas de trabalhadores com archotadas, começaram a arder barricas d'alcatrão pelos outeiros, e as damas d'agitar os lenços, com o automatismo de bonecas trabalhando sob a impulsão da mesma corda de relogio. Só o trabalhão do Leopoldo para ensaiar capazmente esta scena expontanea! Vem o comboio, estrugem vivas, o discurso d'adeus perdigotea na bocca do governador civil... e á portinhola do salão real, nem uma cabeça! SS. MM. estarão acaso incommodadas? Emfim, muito corrido, lá apparece o snr. Franco Castello Branco a tartamudear que os reis dormiam, e não seria palaciano exigir que o poder moderador se mostrasse em camisa a povos que para o festarolejar, estavam sem ella. Tanto póde a cortezania de reis thuriferados, quarenta e oito horas antes, por uma cidade, que quando essa cidade perde a noite a esperal-os, nem sequer se dignam erguer a cabeça, p'ra lhe dizer mesmo da cama: obrigadinho, labróstes, cá vamos para Lisboa mofar da vossa boa fé!

Cumpre dizer que o effeito moral d'esta partida, foi salutar em parte, á boa roda de Castello Branco, porquanto os cavalheiros que tinham aperrado discursos, enguliram-nos, purgando-se d'est'arte dos seus affectos monarchistas, e relativo ás damas, não tendo aproveitado a cebolla para o choro, deram em comel-a, do que rezultou deitarem solitarias.

scena dos quatorze pombos de Cascaes, e do beija-mão de Paço d'Arcos, sendo condestabre o major Zeferino Brandão, S. M. queira aventurar-se a vêr no Porto ruidosamente violada a misericordia que os seus triumphos anteriores teem merecido á gente perspicaz. Não lhe dizemos isto por amertume de pé frescos a quem praz vêr derrocar estatuas de symbolos, senão por um vago receio de que ao fim de tanto fogo preso, e tantos pombos d'ida e volta, o velho Porto se decida a reverter o lausperenne real, em tremoçada. Porque emfim ha na historia politica d'esta nobre cidade paginas que são encargos *in eternum,* e pela manutenção dos quaes todos os portuenses são solidarios, sob pena de deshonra civica e de traição. Ha cerca de dez mezes houve nas ruas do Porto um pronunciamento contrario á monarchia, e que esse acto de força, embora só levado a cabo por alguns, traduziu as opiniões democraticas de todos, prova-o a circumstancia de só protestarem contra elle alguns burocratas receosos de serem despedidos. O resto ficou firme, as mulheres acenaram lenços e deram vivas das janellas, o commercio immobilisou-se n'um

silencio magnifico d'eloquencia: e não será agora que as infamias dos jornaes pagos chovem sobre a cabeça d'alguns republicanos, que os carceres devoram outros, e que o degredo inutilisa varios, publicamente remidos pelas proprias palavras d'um ministro, não será agora que o Porto, duplamente ferido pela injuria e pela ameaça dos mandantes negando-lhe o indulto dos exilados — caso a recepção real não seja estrepitosa — não será agora que elle ha-de omittir as orgulhosas reacções com que d'outras vezes tem feito empallidecer os reis, tombar os ministerios, e troar a sua imperiosa vóz, de norte a sul. Uma cidade meticulosa em pontos de honra, e que tão violentamente traz affirmado o seu credo democratico, não póde ámanhã vir entregar ao rei as chaves da cidade, mesmo em comedia, nem consentir que os hurrahs da recepção real varram do ar os echos d'ess'outros dados pela republica, na famosa madrugada de janeiro.

Mesmo com outros tempos, meia duzia de bandeiras na gare de Campanhã, alguns trons d'artilharia na Serra do Pilar, e quatro récuas de policias á paisana dando vivas, nunca tradu-

ziriam senão para os telegrammas dos jornaes affectos, a viril effusão monarchica de cem mil almas probas e tradicionalmente imbuidas de civismo: quanto mais agora que a bancarota bate á porta, e que os monarchas em vèz de ficarem no paço a lèr romances, destrellam a individar os municipios, e a botar namoro aos operarios, sob pretextos de proteccionismo ás artes e ás industrias. Attente por consequencia o Porto na emboscada onde querem compromettel-o alguns politicões locaes, mancommunados co'a gafeira dos ministros Dallots, que fazem beneficio com *reprises* de reis, na praça publica, e não auctorise com o seu silencio a deshonra em que necessariamente incorrerá, se o paiz o topar em desmentido das suas tradições d'extréme independencia. O Porto tem n'este momento historico, obrigações indeclinaveis, qual entre outras, a de dar força moral ao partido republicano, mal ferido ainda pela morte de dois chefes, e não sei se abalado pelas aposthasias d'um ou outro subalterno despeitado. Quer dizer que a hora não é de hesitações nem complacencias, e que a cidade se infama, tolerando que a galopinagem faça em seu nome festas a um regimen que

ella já collectivamente declarou que detestava. Reparem todos na barafunda que tem sido o preparo da presentação real no paço das Carrancas: funccionarios e influentes chamados do Porto, a conferenciar com os ministros, titulos a industriaes, offertas de dinheiro ás associações, bolsas de trabalho ás classes soffredoras, e exposições no Palacio, o rei a dizer á camara municipal que dispensa festas, a camara a tornar que dará aos pobres a verba das bandeirolas e foguetes; e no fundo a patifaria a ferver, a veniaga baixa a vèr se abre vereda ao recebimento, já não digo festivo, mas silencioso ao menos da cidade, que o orgulho real tomará por um testemunho d'arrependimento tacito, e que a dar-se, expulsaria o Porto por uma vèz da vanguarda democratica, d'onde ha quazi um seculo elle tem sabido guiar a nação, á conquista da liberdade e do progresso.

De certo que estas combinações tramadas na sombra, entre o ministerio e os seus cumplices do Porto, estas viajatas subrepticias, estas chamadas em cifra, de presidentes d'associações, deputados, governadores civis, e fabricantes, estas transferencias e delongas da

viagem real de mez p'ra mez, não significam senão o terror que á monarchia inspira a sua abordagem co'a cidade, e a cobardia dos politicos portuenses, que divorciados com esta, não ousam responsabilisar-se pelas ovações que o rei lhes pede, e compromettidos com o governo, não quizeram por outro lado aconselhar abertamente ao rei a desistencia da viagem.

Ora é precisamente sobre esta desistencia que impende a victoria a ganhar pr'o nosso lado; e vou dizer. Se o rei desistisse d'ir ao Porto, fosse qual fosse o pretexto d'esta negaça, o governo proclamava officialmente o poderio republicano, e era necessario aproveitar então esse veredictum de força para unir fileiras, e proseguir ousadamente a propaganda anti-monarchica. Se porém a cegueira de se fazer sagrar na segunda capital do paiz, (cerimonia sem a qual effectivamente S. M. não é rei a valer) conduz o snr. D. Carlos ás avistadas do Porto, esta nobre terra falle ao monarcha, antes de lhe abrir as portas, com o desassombro dos antigos mesteiraes, tratando com elle de potencia a potencia, e impondo-lhe a sua vontade, como usam impôl-a proprietarios

que pagam em dia os serviços dos seus feitores.

O Porto por consequencia diga ao rei: senhor, governaes mal! A politica dos vossos gabinetes continua a ser um vergonhoso aranzel d'extorsões e d'injustiças. Des'que a memoria dos homens se recorda, não ha um acto, uma medida, uma lei, capazes d'encher d'orgulho o coração d'um portuguez. As terriveis lições dos ultimos dois annos não allumiaram a consciencia das classes governantes, dedicando-as a solver a miseria do povo, a desobstruir os serviços das suas gangrenosas superfluidades, e a sacrificar emfim um pouco o egoismo dos poderosos e dos ricos, perante os immensissimos desastres que de ha muito vem prognosticados.

Senhor, não resta duvida que ao throno cabem as responsabilidades proximas e remotas do afflictivo transe em que nos vamos, porque desde muito elle não faz senão chamar a si os homens mais desacreditados d'estes reinos, que trouxeram outros, e mais outros cumplices, que açambarcaram o paiz, tornando a

missão do Estado odiosa á gente honesta, e o officio de governar synonimo de bem tristes delinquencias. D'esta maneira se pronunciou o divorcio entre as classes productoras e as politicas, e por via d'estas, entre a nação e a monarchia. Como chefe do Estado, vós tendes a desgraça de thronar, senhor, entre estas ultimas, imaginando que a nação é essa turba de bachareis verbosos que vos cercam, essa canalha d'aulicos cynicos, essa matilha de jornalistas *escrocs,* esses financeiros de candonga e esses prestamistas d'unha na palma, jolda rapace, sem escrupulos, bem fallante, além da qual para as altas cùmieiras do Estado tudo o mais é uma lepra de humanidade, indigna d'attenção. De sorte que ao querer approximar-vos do verdadeiro povo, por esse instincto de conservação dos que se suspeitam atraiçoados, o povo, senhor, se não está bebedo, como na Beira Baixa, o povo foge-vos, como na fabrica d'Oeiras, para fazer recepções aos reporters dos jornaes republicanos.

Ponderai que abysmo moral intransponivel córta em duas grandes secções a sociedade portugueza n'esta hora: d'um lado a governante, declamadores, utopistas, descarados,

tudo a ganhar no jogo da fortuna, quer divorciando-se, pela ignorancia, das complexas questões respeitantes á gerencia d'um Estado, quer intervindo n'ellas por emboscada, afim de nos cimos do poder desbridarem a riqueza direito aos cofes dos seus societarios—do outro lado a trabalhadora, a mansa, a subalterna, feita da maior somma d'apathias, puxando certo para o lado do bom senso, amando a labuta e a patria, e sem pruridos de mando, sem iniciativa revolucionaria, aferrada á rotina, e tolerante até pr'os vicios, e conservadora até com os bandidos do poder. Estes dois grupos antagonistas passam a vida a temer-se: o que está por cima, cogitando humilhações para ferir o de baixo, este queixando-se, remordendo, mas soffrendo sem protesto maior todas as vaias, á espera do dia em que a desforra lhe caia do ceu já preparada. Na horda mandante, tudo o que o dinheiro liga ao retrocesso do paiz, tudo o que come e engorda de haver uma côrte, de faltarem escolas, do povo ser ingenuo e não saber revindicar os seus direitos, da nação ter perdido a bravura physica, e das virtudes publicas cahirem a ponto de tudo se vender e tudo se comprar. Está alli a burocra-

cia, o militarismo anichado em commissões, o commercio fornecedor do Estado, a burguezia rica e a nobreza que vive de pensões, gente extorsionaria, sugadora, verbos d'encher, fantoches d'apparato; que cerram fileiras vendo a marmita ameaçada, e que quando se lhe diz: tu roubas! vão para as gazetas prégar concentrações monarchicas, e para a Beira Baixa fazer festas, e para as secretarias redigir reformas municipaes. Não tenhaes medo que os effeitos da crise attinjam a matrulla pingue que vos digo; estanques que os cofres sejam, haverá sempre com que pagar as *acumulações* d'esses fidalgos. Na reforma do instituto agricola, pôz-se na rua um pobre diabo a cinco libras por mez, e vinte e quatro annos de serviço; mas houve cincoenta contos que adeantar ao plenipotenciario das *Novidades!* Por essas secretarias, foram retiradas gratificações de dez mil reis aos amanuenses famintos, mas ficaram na alfandega e no mercado geral dos cereaes, chorudos cabrões fruindo a mina d'oiro de suas cabroagens.

Todas as economias calculadas no sentido de não prejudicarem o espairecer da boa sociedade: não se reduzem as embaixadas, por-

que os plenipotenciarios seriam entraves no parlamento, e os secretarios são quasi todos afilhados de palacio, e irmãos ou namoros das meninas que vão ao ás escuras da cidadella de Cascaes. Um paiz que pede esmola por uma taboleta posta na varanda d'um theatro, dá vinte e cinco contos de reis pelos gorgeios de uma companhia d'opera estrangeira, que só serve para disfarçar os arrotos dos assignantes ricos, e para pôr em evidencia os peitilhos de camisa d'alguns jovens bacocos que vão para a platea cavaquear com as rameiras hespanholas. Averigua-se que apar d'este subsidio, S. Carlos consummia por anno trinta contos mais d'illuminação. Os trinta contos são retirados, ma faz-se entre os dilettanti da casa um rateio, com taes subscriptores, que dizem todos que o governo continua a dar os trinta contos. A pretexto de sciencia superflua, e ensino pouco pratico, são fechadas algumas cadeiras d'escolas superiores, extinctos laboratorios e officinas, e apar d'isto ha professores de chimica que continuam a fruir ordenados e gratificações d'exercicio por cadeiras onde não põem os pés ham ais de cinco annos.

No meio da penuria hedionda que se atra-

vessa, com tudo empenhado, vinte mil contos de deficit economico, setecentos mil de divida publica, todos os generos de primeira instancia a subir, provincias inteiras despejando a sua população em massa para os transatlanticos que vão abandonal-a nas inhospitas cidades do Brazil, fome no norte, o milho cáro, o phyloxera furioso, o agiota desalmado, e ameaçados de não poder metter um almude de vinho na praça de Bordeus, e de não acordar com o Brazil um tratado de commercio redemptor, o que mais preocupa essa classe mandante, que faz as leis, os jornaes, as concentrações dynasticas, e os Te-Deus pelas melhoras do compadre Lopo, é se o governo ganhará ou não a eleição municipal, se os progressistas não votarão d'esta vèz com os republicanos, se os Mosers liquidam, e se V. M. será recebido no Porto com salamaleques e bailes semelhantes áquelles com que nós enchemos o bandulho do seu tão excelso quanto litterario pae. Mas enganámo'-nos: outra coiza inda lhes traz a ideia aziumada, e é a maneira de se salvarem evitando a quebra fraudulenta do Banco Luzitano e da Companhia Real dos Caminhos de Ferro, que lhes poria á luz chagas

hediondas, (*c*) e de reconstituirem o Banco de Portugal, por forma a tornal-o a burra do Estado, com quarenta mil contos de moeda fiduciaria, e nem cinco reis metallicos de garantia ao capital dos accionistas!

Emquanto esta crapulosa gente assim bambocha, na situação que a si mesma se fez á custa da inacção das classes trabalhadoras, jungindo os negocios e interesses de todos, aos caprichos d'uma minoria, moral, intellec-

---

(*c*) O balancete apresentado pelo Banco Luzitano ao tribunal do commercio, traz materia sobeja para o tribunal pronunciar a quebra fraudulenta do Banco, e para metter na cadeia a direcção, fazendo-a responder com a sua fortuna particular, pelas falcatruas do estabelecimento. O balancete mostra haver nos cofres apenas 10,680$000 reis em dinheiro, quando a importancia dos debitos ao Banco é de 17,771,572$780 reis, muitos d'esses debitos mal parados, e absorvidos por capitalistas que estão a liquidar no estrangeiro as suas sumptuosidades. Isto ao cabo de cinco mezes de moratoria, durante os quaes o Banco foi dispensado pelo tribunal de todos os seus pagamentos, devendo occupar-se a liquidar n'esse periodo, as contas que lhe deviam, e prefazem, com o activo da succursal do Porto, quantia superior a 9,000 contos. Houve uma ten-

tual e physicamente incapaz de predominio, o povo, senhor, isto é, aquella parte da nação portugueza que produz, trabalha e soffre, que devia ser a massa soberana, que tem nas suas mãos o suffragio e as pedras da calçada, que póde decretar d'um momento para o outro a actividade ou a paralysia da industria, da agricultura e do commercio, abrindo ou fechando as fabricas, assolando as plantações dos ricos, saqueando os bancos, e deitando fogo aos armazens, o povo que se quizer extingue o exer-

---

tativa de reunião da assembléa geral do Banco, diz-se que para pedir mais dinheiro aos accionistas. E aqui cedo a palavra a um jornal auctorisado: «Se os accionistas não se oppozerem tenazmente a tão «criminosa mystificação» não extranhem depois que sejam dados por interdictos. Se nos quizessem ouvir, aconselhal'os-iamos a que se juntassem e formassem um syndicato para pedir contas, e estabelecer responsabilidades. Dirigiriamos a sua attenção para os seus directores, para os cinco membros da commissão de vigilancia, para os quatro membros da assembléa geral, todos compadres e solvaveis, que representam bem a enorme somma desviada... Agrupem-se solidamente, se querem um novo banco, e nomeiem uma commissão que liquide o antigo, mas sem a menor intervenção, é claro, de nenhum d'aquelles que o espoliaram.»

(O *Credito,* 29 d'Outubro).

cito, recusando o concurso de seus ñlhos ás alcateias armadas pelos governos para a defesa de coisas que nem são a patria, nem o fóco, nem os ideaes justiceiros de seus maiores, o povo é tratado pelos vossos mandões como uma ralé de bestas sornas, e pelos vossos jornaes como uma reserva das cadeias.

Aos primeiros arrancos da crise, quando por falta d'emprestimos, começaram a sustar-se as obras publicas, os centros fabris a despedir gente, as construcções particulares a diminuir, a annunciar-se a fome, viu-se vaguear nas ruas ondas silenciosas d'operarios, rotos e lividos, e mais derreados que ameaçadores, que nem sequer audacia tinham p'ra pedir esmola, e que ociosos, apar de mal vestidos, foram coimados pela vossa policia, de gatunos, n'esta terra onde só é permittido ser vadio, a quem vista cheviote inglez e calce botas de vernis! Semelhante canalha turbava o somno dos que arruinaram o Banco Luzitano, dos que fizeram fallir o Banco de Portugal, dos gostam d'entrar triumphalmente em cidades montesinas, dos que se pagam berlindas de gala e palacios fabulosos recolhendo das confidencias ministeriaes o aviso das altas e bai-

xas dos fundos, dos que perdem no Estoril os contos de reis dos accionistas dos caminhos de ferro e das explorações syndicateiras, e dos que finalmente, prégando nos jornaes a moral domestica, trocam com os amigos, depois da ceia, as mulheres legitimas, ou esparzem nas cidadellas pouco claras, a gomma das gerações, por mãos *d'ecuyéres* e meninas casadoiras. Vá d'esmagal-a pois antes que ruja, essa maltrapilhagem que não tira o chápeu aos batedores, que ameaça os moageiros, que parte os vidros das redacções, que arma a gréve, sonhando distribuições de trabalho equitativas, abolições de privilegios, regimens economicos sem especulação nem fraude, a autonomia real dos pequenos grupos, e sobretudo a identificação do individuo perante todos os seus semelhantes!

Aberta a caça ao pobre, V. M., senhor, sabe o melhor. A pretexto de «limpar as ruas de larapios e republicanos» *(d)* a policia fez cerco a bairros inteiros, entrou nas habitações, varreu os botequins e as pequenas lojas, apprehendeu em massa quantos poude, e empur-

---

(*d*) As **Novidades.**

rando os morosos, moendo de pancadaria os recalcitrantes, verteu toda essa população desprotegida, por milhares, nos porões dos navios e nas masmorras dos prezidios, com gaudio da côrte, evohés dos jornaes, e offertas de bouquets da alta finança. Emquanto houve pretextos, futeis embóra, para estas rusgas cégas, aproveitaram-se os pretextos. Mas estancados elles, nem por isso as rusgas despegaram. *Para limpar dos gatunos!* Os gatunos pequenos. Que a respeito dos grandes, ainda o anno passado V. M. titulou seis, dos peores.

Felizmente não era só de *meurs-de-faim* a turba multa que os vossos governos tinham jurado exterminar. Caçar nas ruas trabalhadores despedidos, ajuizar por seus trapos e esqualidez terrena, vidas de crime, e aferrolhar sem processo, nas prizões, essa escumalha desgraçada, facil tarefa a quem tem por seu lado, alem da tropa, os *gros bonnets*. Mas é que essas tribus d'expulsos teem companheiros por toda a parte; a crise inda não fechou todas as fabricas, a bancarota inda não paralysou todas as obras, a miseria publica inda não fez fallir o pequeno commercio, a pequena agricultura, a pequena industria, e as centenas de milhares de homens

que n'estes misteres inda mourejam, irmãos d'aquelles parias, e solidarios com elles na violenta represalia social que ha-de vingal-os, essas lá continuam livres, e foi contra ellas que, paralellamente ás rusgas, se dirigiu o sequestro de direitos politicos e liberdados civicas, que é a façanha principal d'este reinado.

Começou-se por amordaçar a imprensa, pela promulgação d'uma lei que põe o mais anodyno artigo á mercê do poder judicial, aniquilaram-se jornaes pela suspensão e pela fallencia, e jornalistas pelo desterro e pelo carcere. A pretexto de que as numerosas associações populares de recreio e instrucção, muitas subsidiando escolas, conspiravam contra o rei, fez-se-lhe trancar as portas, e apprehenderam-se a algumas os papeis, ficando abertos os centros monarchicos, que são fócos de batota e de conspiração contra o paiz. Todas as mais regalias publicas coarctadas, a liberdade de reunião e de suffragio, o segredo das cartas, a inviolabilidade do domicilio; e para acume d'affronta, como se as extorsões subscriptas não bastassem, completa-se a barragem, vibrando um golpe mortifero ao municipalismo,

(*e*) já anteriormente agredido por uma dissolução, e pela entrega a commissões governamentalistas, de chancella regia, de funcções que só aos eleitos do povo pertencem de direito.

Esta derradeira audacia desvenda a toda a luz um plano de defesa: não resta duvida que o terror cinge a classe governante, que o rei tem medo do povo, e que se alliam todos para escorchar a liberdade, fortificando primeiro os pontos estrategicos, sem respeito aos direitos

---

(*e*) Para se apreciar a que fica reduzida a autonomia municipal de Lisboa, tão largamente dotada pela reforma do snr. José Luciano, basta dizer que o Porto elége 21 vereadores, 7 da minoria, tendo uma população inferior em dois terços á da capital; ao passo que esta, occupando 11,161 hectares de terreno, e com uma população densissima e escolhida, só póde eleger 25 vereadores, dos quaes 6 da minoria! Com a reforma do snr. Marianno de Carvalho, o municipio de Lisboa fica inferior aos de Barcellos, Beja, e outras povoações de quarta ordem. Todos os movimentos lhe são tolhidos, caçadas todas as iniciativas, ao menor pretexto impende sobre elle a dissolução, e não poderá gastar um real, fazer uma obra, sem licença previa do poder central. O governo substitue-se á camara em muitos dos serviços essenciaes do municipio, como a beneficencia e a instrucção, auctorisa-se a suspender-lhe

do homem, lettra morta para quem só tem por missão viver á barba longa. Os seus proprios jornaes são explicitos de resto no cynismo com que revelam o *complot*. As *Novidades* pedem que não haja contemplações para quem se envergonhar de V. M. ter plenipotenciado

---

as obras, quando o entenda, e a todas as sessões municipaes põe de vigia um esbirro seu, que poderá dissolvel-as se isso lhe aprouver. No capitulo das rendas ha isto: o governo arrecada os rendimentos do consumo da cidade, e em compensação auctorisa a camara a fazer da batota publica, materia collectavel. Confirma-se a grande lei formulada por Chamfort: quando a liberdade dos povos é tolhida, o deboche augmenta. Ora a batota, com as medidas coercitivas, apparentes ou reaes, que a lei lhe punha, já arruinava assim mesmo o seu milhar de familias por semestre, e os enfronhados nos mysterios da jogatina de Cascaes e do Estoril, das redacções e clubs do Chiado e da Rua de S. Francisco, por de mais conhecem os villipendios e desgraças que este hediondo vicio tem acarretado sobre as melhores familias de Lisboa. Imagine-se pois o que será, quando os syndicatos baterem moeda sobre os jogos de parar, em casinos de luxo, com succursaes d'amor livre e suicidio, sob as vistas amoraveis e paternas do Estado. E para que prospere este regimen de crapula, amordaça-se a imprensa, e mettem-se os jornalistas na cadeia. Ah sucia!

em Paris uma creatura que devia estar na Penitenciaria ha treze annos. O *Portuguez* opina pela suppressão total dos municipios. E quanto aos miseraveis colhidos nas rusgas, os juizes a absolvel-os na Boa Hora, do delicto de terem fome, e o governo a arrebanhal-os á força, para os dar de presente, por noventa contos de reis, á companhia de Moçambique. *(f)*

(f) «..... Os companheiros de prisão d'esses desgraçados que a justiça apenas condemnara a alguns mezes sob os benignos ferros de El-Rei, mas aos quaes o actual governo, bem pouco fiel ao seu liberal programma, sentenciou a degredo, revoltaram-se expontaneamente contra a violencia de tal arbitrariedade, e quizeram oppôr-se á sua execução. Não tardou, porem, que a força armada da guarda municipal os reconduzisse á ordem, e o embarque dos degredados fez-se sem outro incidente, sendo bem certo que a bordo dos dois transportes que os levaram, toda a reincidencia achou fim.

Alguns dos que cá ficaram, fóra do Limoeiro, deram-se então ao cuidado de justificar o procedimento do governo, para o defender das verberações republicanas. Tratou-se de sophismar o Codigo Penal, mas os sophismas não vingaram, e parece que o snr. ministro da Justiça se vê obrigado agora a introduzir-lhe algumas modificações, que de futuro ponham a salvo as conveniencias d'algum dos seus collegas.

Fica, porem, de pé o seguinte, que já dissemos, e

Na occasião em que uma d'essas levas de parias, caçados á sahida do tribunal, como se caçam lobos, deixava o Limoeiro para embarcar no Arsenal, direito á Africa, um pobre velho reconheceu entre os deportados o rapazola que buscava, e era seu filho. Quiz despedir-se d'elle, a tropa repelliu-o, e os presos que das janellas viram isto, indignados da brutalidade do acto, e da injustiça do degredo que lhes impunham, sem processo formado, ou culpabilidade immediata, reconhecida, pegáram d'arrojar sobre a policia quantas immundicies havia nas salas da cadeia. Chamou-se a municipal, guarda valente, que desde o espingardeio do Martinho tem reputação *hors concours*, n'isto

---

que repetimos para desafio de mais sophismas ou de formal desmentido: o governo recebeu da Companhia de Moçambique 90:000$000 réis para fazer por sua conta o transporte de colonos, que vão auxiliar n'aquella provincia os interesses da Companhia. Resta saber se a somma em questão foi lançada á conta das receitas do Thesouro Publico, ou ao activo de alguma bolsa particular. O que já se sabe, é que os colonos vão sendo transportados para Africa—por conta do governo, effectivamente...»

(O *Credito,* 29 d'Outubro.)

de fuzilar gente indefeza, e sem mais preambulos, tres descargas contra os revoltosos!

Todos os jornaes monarchicos foram unanimes em applaudir o «acto de respeito», e o periodico que teve a honradez de verberar esta selvageria bestialissima, tão criminosa que chega a parecer gestão de louco, foi pela policia suspenso summariamente, com satisfação de *todos os nossos collegas*, que já começavam a fazer da indignação do jornalista, synonimo de má indole.

Tal é, senhor, a summaria historia dos vossos dois annos de reinado, historia em que se esboça, da banda dos mandados uma terrivel vontade contra todas as formas de governo que deem predominio á canalha que actualmente nos tem nas suas mãos, e da banda dos mandantes, todos os vicios incompativeis com o poder, desde o esfacelo moral revelado nas *chantages* que ditas ficam, e lhes permittem dissipar o capital social em seu proveito, desde a ignorancia perversa e resistente que lhes faz usar da força armada ao menor signal de reacção, até á promulga de

reformas e leis, como as citadas, das quaes estúa o mais audacioso despotismo. E isto vos distancia cada vez mais dos nossos corações! Porque não foi para defender a patria ameaçada, nem para prover á salvação publica, que o vosso governo nos coarctou a liberdade, e fez promulgar medidas de terror. Foi para vos fortificarem no throno á custa de desterros, expropriações politicas e mordaças, foi para defender o *magot* dos que vos cercam, e é antagonico dos interesses do povo, foi para conservar a jolda de rapaces nos seus nichos, os banqueiros prestamistas nos seus roubos, os concessionarios felizes nas suas concessões, e essa sociedade de homens e mulheres devassas nas suas orgias, foi para isso só que se supprimiram os jornaes, se perseguiram os jornalistas, se fecharam as escolas democraticas, se prohibiram os meetings, se fizeram as rusgas, e se deu á Camara de Lisboa o seu vilipendioso regulamento. Na pressa de vos fazerem temido, os vossos ministros riscam-vos dos brazões os lemmas de que um vosso avô se valeu para reverter a expulsão do Brazil em direito de progenitura á corôa de Portugal; e se foi para nos ter a

ferros, sessenta annos depois de sermos livres, que o sangue de nossos paes correu, Senhor ide-vos embora, que os descendentes de D. Miguel teem mais direitos que vós a esse logar!

Não cuideis que a velleidade de vos reclamardes nos jornaes, protector d'industrias, assim vos ganhe de prompto o coração do povo laborioso, e vos dispense da satisfação que nos deveis, e haveis de dar-nos. Senhor, conhecemos os trucs com que na imprensa se fazem reputações: o vosso afan pelas fabricas, é o que em principe mostraveis pela agricultura, e vos fez ir a Evora, de chapeu á serrana, tartamudear o celebre *tenho muito gosto! tenho muito gosto!* do congresso agricola. Como expediente, elle caduca, como meio scenico d'agradar, julgamol-o infantil. Dizei então porque vos daes a vangloria de vir abrir ao Palacio de Crystal, uma exposição de doces azedos, chitas que destinjem, e productos coloniaes todos bichosos? Como explicareis esse certamen arranjado á pressa, incompleto, ridiculo, indecente, pela maior parte extranho á cidade, e que nem dá o golpe de vista do seu progresso, nem faz o in-

ventario do seu trabalho, nem lhe satisfaz o orgulho, nem marca um ponto de honra nos seus annaes?

Julgais que os operarios e os burguezes, vendo-vos a admirar camas de ferro e peças de riscado, esquecerão João Chagas no degredo, Bazilio Telles e José Sampaio errantes pelo exilio, p'ra vos beijarem os pés do marquez de Pombal dos pannos crus? Mas vós não sentis então que a ferida portuense inda está funda, que ha centenas de desterrados por Hespanha, que ha jornalistas presos, roubos impunes, regalias publicas coarctadas, e foi um erro deploravel não remediar tudo isto, antes de vir? Olhai que o povo do Porto não é a desmemoriada e apathica plebe de Lisbôa. Este, senhor, tem querer, e é por isso que vos dizemos: sede prudente, não entreis na cidade sem primeiro refundir o vosso papel de pae dos povos, sem restabelecer os jornaes, sem restituir á patria os exilados, sem repôr as liberdades publicas na lei, sem desafrontar a nação emfim dos enxovalhos que os vossos ministros lhe teem feito. Lembrai-vos que as monarchias já não são d'este seculo, e que é favor ou tolice a especie de deferencia que

ellas ainda inspiram aos mais atrazados povos europeus. A humanidade procura a todo o transe novas formas de direcção, autonomia completa, com solidariedades ligadas não por um poder que se imponha, senão por pactos reciprocos e livremente consentidos. Hoje o Estado tornou-se um poder seccante: eil-o perseguindo-nos por toda a parte, para nos impedir de fazer o que quizermos, marchar, pensar, fallar, viver, eil-o legiferando para todos os actos da nossa vida, com tal montanha de leis, que toda a acção coordenante se perde, eil-o creando nuvens d'empregados inuteis, burocracia, exercitos, excessos de policia, excessos de magistratura, prága roedora que absorve tudo, devora tudo, com uma só religião, manterem-se, e do universo apenas o *aperçu* do que se abrange atravez os vidros dos seus antros.

De que serve ella, essa espalhafatosa machina que se chama o Estado? Organisada para evitar a exploração do operario pelo capitalista, do agricultor pelo rendeiro, do pretendente pelo burocrata poderoso, para assegurar o trabalho e defender da uzura, é elle ao contrario quem abroquella e protege a ca-

da instante essas escravaturas implacaveis. Considerem-se as falcatruas empregadas, para, por meio d'impostos mais ou menos ardilosos, nos extorquir dinheiro, que cresce sempre, e nunca chega. Veja-se como elle é constantemente a arma do forte contra o fraco, e do proprietario contra o proletario. O miseravel que só tem por fortuna o braço, nada tem a esperar da sua sanha, e só acha leis p'ro impedir de se emancipar. A instrucção popular, ou não existe, (*g*) ou é feita de modo que corrompe a creança desde o berço, incutindo-lhe superstições contra-egualitarias: a educação religiosa faz da mulher uma tisica, uma bruxa, ou uma beata: a lei impede a diffusão da solidariedade e da egualdade; finalmente o dinheiro vae ao encontro das consciencias que

---

(*g*) «... Foram expedidas seis mil e oitocentas circulares para todas as escolas d'ambos os sexos. Vieram devolvidas quinhentas e tantas, com a designação do correio, escripta no enveloppe, *de não haver já escola, ou da escola ter fechado, ou de ter sido supprimida por falta de subsidio, alumnos ou provisão de professor.*» (Ed. d'Abreu, *relatorio lido á grande commissão da subscripção nacional).*

se revoltam, e negoceia-as. (*h*) E senhor, estamos fartos! Pois o paiz sofre miseria, humilhação, vergonha, e vós sahis a fandanguear pelas provincias, obrigando os municipios a não pagarem aos professores para que vós tenhaes foguetes, e os particulares a não pagarem aos operarios, para que vós tenhaes festins e exposições?! Pois baixa o credito, suspendem-se as obras, o commercio definha, as fallencias são ás centenas, faltam as industrias, a agricultura retrocede, entra a penhora nas mansardas, avança-se um semestre ás contribuições, os rendimentos do Estado soffrem arrestos dos agiotas, a liberdade agonisa, suicidam-se os homens de genio, (*i*) e vós per-

(*h*) «... *P. Kropotkine,* **Paroles d'un revolté.**

(*i*) «... Em menos de dois annos deram-se morte voluntaria, Camillo Castello Branco, Julio Cezar Machado, Frederico Oom, o sertanejo Silva Porto, Abilio Monteiro, decano da faculdade de mathematica, e ultimamente ainda, Anthero do Quental. E' uma liquidação do genio em massa, processionando á vala esses maldictos illustres que ninguem panegirisa, visto como todas as apotheozes são poucas para glorificar os Lopos salvos do typho, os Mosers salvos da fallencia, e os D. Carlos salvos da revolução. Para alguns d'elles, o passamento foi alguma coiza d'in-

mittis que a côrte dance, e os ministros distraiam em exposições as dezenas de contos que já faltam para dar milho ao norte, e fazer frente á fome dos Açores?

Olhai, senhor, que a tropa só defende os cortejos reaes das agressões violentas, que não houve ainda meio de legiferar contra a chacota, e se amanhã na praça de D. Pedro quinhentos rouxinoes de barro irromperem n'uma chiada infernal, á vossa passagem, senhor, como vos limpareis d'esta assuada sem bancarota de prestigio?

Por Deus, ide-vos embora! ainda é tempo, restitui-nos os exilados, dae liberdade aos captivos, ou não evitareis no Porto a revolução do escarneo, que as leis não punem, e é a peor de todas para os reis.

---

sultante, como se no desamparo em que lhes deixou os restos, a nação quizesse accentuar o desprezo que sempre lhe inspirára o seu valor e o seu trabalho.

FIALHO D'ALMEIDA

OS GATOS

PUBLICAÇÃO SEMANAL,
D'INQUERITO Á VIDA PORTUGUEZA

N.º 33—12 de Dezembro de 1891

SUMMARIO

PREDICA SCIENTIFICO-HISTORICA SOBRE AS PAPARÓCAS, E NECESSIDADE DE BEM COMER—A COSINHA PORTUGUEZA DESNACIONALISA-SE, DIZEM-SE AS RAZÕES: O ESTRANGEIRISMO DISSOLVENTE, E A POBREZA GERAL — OS ESTONTEADOS DE PARIS, E CULPABILIDADE DOS GOVERNOS NO *mal entendido* DAS VIAGENS — MODO D'AVALIAR A CULTURA DOS POVOS PELO METHODO DE PREPARO DAS COMEZANAS—PORQUE SOMOS OS PRIMEIROS NO MUNDO DOS GLOTÕES — A *edade dos guizados*—O QUE SEJA UM PRATO NACIONAL, E MANEIRA DE O DESTRIÇAR D'UM PRATO COM-

POSTO—REVISTA PICTORESCA DOS NOSSOS PRATOS NACIONAES — CHARLES YRIARTE PROMETTE O OFFICIALATO DO INSTITUTO AO ANTONIO DAS CALDEIRADAS — TAMAGNO, DE MADRUGADA — O QUE SÃO AS ISCAS — DECADENCIA DA COSINHA PORTUGUEZA, E ÁS ARMAS!—MORTOS DA QUINZENA: A CABELLEIREIRA CAMILLA E GOMES D'AMORIM—CAMILLA EM PSYCHOLOGA, E EXCERTOS PHILOSOPHICOS DA SUA «OBRA» — GOMES D'AMORIM, ESCRIPTOR CASTIÇO, E PATHETICO DE CORAÇÃO PARADO—INOFFENSIVIDADE DA LITTERATURA DE QUE ELLE É REPRESENTANTE—NECROLOGIO E HISTORIA DO POPULAR JAYME JOSÉ, PARA O CÁSO DO MESMO TER MORRIDO.

---

10 de Novembro.

Não ha muito que Lavisse dizia n'um discurso, aos estudantes da Sarbonne. «Hoje a sciencia alimenta ao mesmo tempo a vida material e a vida moral; resolve-se em dinheiro e philosophia.» E coiza singular, vieram-me á lembrança estas palavras, a proposito da jeremiada que lhes quero fazer sobre petiscos. A idea dos fiascos que a culinaria moderna deve á chimica, não me passa da guella, se intento applicar a conclusão do pensador a este mais restricto ramo do genio universal; e entre soluços digo que se comia melhor, antes das cosinheiras terem o curso de sciencias naturaes! Á face da physiologia, a petisqueira typo hoje chama-se peptona, e eis a cosinha scientifica

abolindo na alimentação do homem os antigos regalos, a pretexto d'indigestos, dispensando o paladar nas refeições, para nos reduzir a paparóca a um encargo insonso. Bem sei que por emquanto as peptonas são acepipe exclusivo dos gastralgicos, que por desarranjo de viscera, teem de recorrer á alimentação artificial. Mas quem estude as tendencias geraes da cosinha europeia, no ultimo quartel do seculo presente, é obrigado a concordar que se não pozermos dique á torrente de preparados desenxabidos com que Paris innunda as mezas do mundo, dentro de pouco todos os pratos nacionaes estarão perdidos, e ninguem em parte alguma terá a noção do que é comer.

Isto é gravissimo! A desnacionalisação da cosinha é para mim, talvez primeiro que a dos sentimentos e das ideias, revelada pela vida publica, o primeiro avanço indicativo da derrocada dos povos. Brillat-Savarin escrevera «diz-me o que comes, dir-te-hei quem és» querendo com isto significar, sob a forma de paradoxo humoristico, que todo o progresso na direcção do pensamento racional e graças da vida, assenta entre uma caçarolla e uma grelha, isto é, deve ser precedido pela reforma

culinaria. A cohesão etnica d'uma raça, revela-se principalmente por tres coisas, litteratura, historia e comezanas: romances e poemas dando o caracter lyrico e affectivo, historia dando o caracter heroico, finalmente os pratos nacionaes dando o caracter physico—este ultimo, como se sabe, impulsionando os outros dois. Por conseguinte não passe por glotão quem attribuir ao que o homem come e bebe, importancia maxima, e quem, espairecendo o olhar pelas emaciações intellectuaes e moraes da sociedade portugueza, immediatamente reconheça que Portugal é o paiz onde se come menos e peior. Por quaes razões? Por duas principaes, que vou dizer. Primeira, a monomania do estrangeirismo, que mercê das viagens mal dirigidas, tem substituido por verdadeira pacotilha tudo o que entre nós havia d'excellente, *verbi gratia*, a cosinha. Segunda, a pobreza, que nos força a exportar os productos mais turgidos do sólo, e a viver das enfésadas e baratas importações dos chamados paizes industriaes.

O estrangeirismo, ou monomania d'adap-

tação do estrangeiro á vida nacional, enxertado sem criterio nem precisão immediata, e até com manifesta inferioridade nos resultados, é uma das fórmas de pessimismo dos povos amortecidos por um longo regimen de vicios publicos e privados, e no resvalo da autonomia civica, que unicamente poderia dar-lhes força. E' o primeiro acto dos que perderam a fé na individualidade propria, macaquear a dos outros, não sob os respeitos d'um profundo plano de regeneração e vida nova, mas unicamente para mudarem d'aspecto, exteriormente, como se muda de fato. Devemos isto ao desgosto que um longo envilecimento politico nos tem dado, de nós mesmos, e ao estonteio de civilisações superficiaes, como a franceza, tão habil em fazer dinheiro com os *article-Paris* que ella não gasta, e de que os papalvos estrangeiros fazem bagagem, para boquiabrir com elles depois os cenaculos lorpas das atrazadas capitaes em que nasceram. Hoje quasi tudo viaja, inda que mal, pois a viagem como complemento d'educação em vez de ser entre nós um folhear methodico de civilisações em desenvolvimento, com estudos d'observação paralella, e

applicações systhematicas á nossa, reduz-se maiormente a uma patuscada a Paris, com permanencia nos cafés de mulheres, na debóxeira jovial dos pequenos theatros, e corrida em fiacre aos monumentos e locaes pictorescos que os guias citam. Em resumo, a feira das Amoreiras em mais longe, mais caro, e mais solemne. A um joven sabio, dos meus camaradas intimos da Escola Medica, perguntei por Paris, á volta da sua primeira viajem d'instrucção.

—Ah, meu filho, que cidade... p'ra uma doença d'espinha!

Os governos mesmo teem lisongeado esta paixão dos naturaes pelo parisienismo de torna viagem, subsidiando viagens de funccionarios e vadios publicos, de pintores problematicos, e de jovens capacidades scientificas, *detournées*. Essas viagens d'instrucção, de que jámais se veem pomos uteis, gastam ordinariamente em pandegas as *bourses de travail* que geralmente se recusam aos verdadeiros estudiosos, e dão em resultado enviar-se um ingenuo, e receber-se um *monsiú* de vidro no olho, com barbicha de bode, chupado e tanso, para quem Portugal nunca mais deixa de ser *uma piolheira*.—

Paris, ah Paris!—Quando eu estive em Paris... —Uma noite, em Paris...—Mas meu caro, é que verdadeiramente, Paris... E a cada instante este truc ritornella-lhes na bocca, para sublinhar a inferioridade manifesta de tudo quanto traz chancella nacional.

Sem duvida faltam á maioria d'estes patetinhas, capacidades philosophicas e materiaes d'observação sobre que alicerçar veredicto comprovador da preferencia — visto como em geral elles não trazem da vida de Paris, mais que a visão do *boulevard*, com os seus rumores de feira e os seus charivaris d'acampamento — entretanto nada d'isso impede que elles se permittam repellir, com acirrante desprezo, todas as coisas que não rescendam á sua obsessão predominante.

Ora de todas estas, a mais reputada por elles d'estupida e gentilica, é sem duvida alguma a cosinha portugueza, a mais requintada, a mais voluptuosa e a mais sapida cosinha do mundo, e a unica grande concepção que tivemos, de caracter anonymo, digna d'arcar co'a das epopeias cyclicas das raças aglu-

tinativas e persistentes, como a hindú, a germanica, etc.

Para se avaliar do grau de civilisação da nossa cosinha, basta dizer que considerando os alimentos crús, tal como os ingerem os selvagens bestiaes da Polynesia, e algumas especies d'indios da America sul, como primeiro stadio d'uma escala destinada a indicar a cultura do homem, sob o ponto de vista da alimentação, nós estavamos ha dois seculos já na *edade dos guizados,* emquanto o grosseiro inglez permanece ainda nas carnes sangrentas, reminiscencia dos periodos antropophagos, e o ardiloso francez nas massas e picados, isto é, nos jantares em pilulas, cujo ultimo resultado é nada menos que a supressão do paladar.

Verdade seja que tivemos mestres excellentes, herdando por exemplo do arabe a caçarolla e a arte de fritar e refogar, o que foi muito, e que as descobertas não nos serviram só p'ra dar vasante ao espirito batalhador e ás más inclinações dos fidalgos fadistas que se arruinavam na metropole, senão d'ellas auferimos, com as especiarias do Oriente, os picantes do Brazil, e a arte de doçar dos paizes gulosos, a Turquia, a India, e os

sultanatos mouros da orla d'Africa, subsidios culinarios, conductos, mimos, receitas, que muito cedo nos fizeram tomar a dianteira dos povos gastronomos. Assim tambem não ha povo que se gabe de tamanha porção de pratos nacionaes.

O que é um prato nacional? Uma composição culinaria rebelde á *escripta* dos manuaes, caracteristica, inconfundivel, incapaz de se exprimir em quantidades d'ingredientes, fracções de tempo, e acção rapida ou lenta do frio, do calor, dá agua, do gelo, do uso da peneira, do passador, da fáca ou da colher. Transmitte-se por tradicção: os estrangeiros não sabem confeccional-o, mesmo naturalisados: e tendo chegado até nós por processos lentos, e contraprovas de biliões d'experimentadores, successivamente interessados em o fixar na sua forma irreprehensivel, resulta ser elle sempre uma coisa eminentemente sapida e sadia. Isto o distingue dos pratos «compostos», quero dizer d'aquellas mixordias de comestiveis e temperos, doseados a poder de balança, exclusivamente scientificas,

nada intuitivas, e meramente inventadas, com que os cosinheiros litterarios enchem paginas e paginas dos seus tratados de cosinha. O prato nacional é como o romanceiro nacional, um producto do genio collectivo; ninguem o inventou e inventaram-no todos; vem-se ao mundo chorando por elle, e quando se deixa a patria, lá longe, antes de pae e mãe, é a primeira coisa que lembra.

Ora ao passo que o francez apenas conta em pratos nacionaes, as mediocres tripas de Cayenna e a infecta *bouillabaisse* provençal, o italiano o macarroni e alguns desagradaveis petiscos a berrar d'especiarias, e o nosso amigo hespanhol a sua complicada e maravilhosa *olla podrida*, em Portugal não ha provincia, districto, terra, que não registre entre os monumentos locaes, a especialidade d'um petisco raro, sabio, fino, verdadeira symphonia de sabores sempre sublime, embora uma ou outra vez palreira e desinquieta nas regiões infra-diafragmaticas do tubo esmoedor. Ao longo do litoral por exemplo, a caldeirada portugueza, tão differente conforme a provincia, o pescado, e até a companha de pescadores e a praia em que residem... Quem não

comeu já a caldeirada de saphio e eirós dos catraeiros da Trafaria e Porto Brandão, as caldeiradas patricias, inverosimilmente celestes dos Gaméllas d'Aveiro, e a caldeirada de raia dos pescadores da costa de S. Jacintho? Isto para não citar o já hoje velho e esquecido caldeiradista mór da *rigolade* alfacinha, Antonio de Belem, perto dos arcos, cujo genio do refogado, nas suas relações sociaes e aperitivas com o peixe, era tão alto, que o critico francez Charles Yriarte, jantando alli uma vez commigo, prometteu mandar-lhe de Paris o diploma de socio do Instituto.

Tamagno, da primeira occasião que esteve em Lisboa, ainda com o ar *bon enfant* que a celebridade e a avareza lhe roubaram, ia todas as noites, depois do espectaculo, cear com Raphael Bordallo, ás Caldeiradas. Uma madrugada, não sei como, desappareceu a tipoia, e tivemos que vir á pata desde o caes de Belem, até ao hotel onde o tenor residia, no Chiado. Nas alturas do largo do Quintella rompeu o sol, e como quasi todos revelassem, mau grado esforço em contrario, na lassidão das feições e derrancado do andar, a fadiga horrivel da noitada, Tamagno, que ainda estava um pou-

co cognaquisado, e sempre tivera a vaidade da sua robustez de *bersaglieri*, deu sabitamente um geito á sobrecasaca, e trepando a um banco, disse aquella saudação ao sol, do *Propheta*, no fim do acto, com uma abalada de vóz e uma pujança apollinea... a mais divina revelação do ser artista, que ainda em minha vida apreciei!

Não fallarei das tripas do Porto, prato de reis em edição de povo, nas tabernas; nas frigideiras de Braga; nas iscas lisboetas, *foie-gras du pauvre*, que mereceram ao actor Breton, da companhia de Sarah Bernardht, uma elegia magnifica de ternura—nem na perdiz á moda de Mirandella, nem no carneiro á moda de Valença, nem nas sopas de tomate, ovos e queijo, ou nas migas com paio, do Alemtejo—nem, enfim, no coelho com sangue e arroz da Bairrada, esmagado á pedra—nem no sagrado e archi-simplissimo caldo verde, essencia da vida, movel d'actividade e de força, que faz o segredo da validez das nossas raças norte...

Dizei-me oh quem se tenha refocilado até aos gorgomillos, n'estes regalos supremos da vida vegetativa, dizei-me se em cada um dos pratos que vos cito não palpitam éstros de na-

cionalidade, hymnos da Restauração, e bandeiras azues e brancas—sem corôa! Dizei-me se não ha miragens de raça, conchegos de familia, *tête-á-têtes* de cordealidade enternecida, na frequentação de cada uma d'aquellas petisqueiras, verdadeiros orpheons gustativos, onde o paladar se desdobra em crises sensacionaes, qual mais vibrante, e cada uma provocada por um certo condimento ou tempero, que n'um millesimo d'instante, sobre as papillas da lingua, conseguiu dar a sua nota pessoal, sem quebra de harmonia no conjuncto.

As delicias d'um prato «composto» são todas, por via de regra, productos da cultura litteraria coagindo a vontade a um certo effeito agradavel, de gustação. As d'um prato «nacional», ao contrario, são delicias physicas, expontaneamente intuitivas, e não demandando por isso educação alguma das papillas sensorias da bocca, e seus annexos. Aquellas, sendo delicias d'eruditos, não abrangem mais do que um pequeno numero de participantes, e por isso os pratos «compostos» nunca poderão ser pratos populares.

Estas porém, com o corresponderem a syntheses de paladares ancestraes, afinadas por

hereditariedade atravez das gerações humanas e dos tempos, quadram á generalidade sem mais preparo ou exame, e assim vão da cabana ao palacio, apreciadas com o mesmo favor benevolente.

Actualmente entre nós a arte de cosinhar e comer, degrada-se, como tudo o mais, por falta de cohesão nos gostos do publico, e por culpa dos innovadores acephalos, para quem as coisas nacionaes não válem a mais reles *boutade* anglo-gauleza. Os pratos nacionaes, tirante uma ou outra casa de provincia, poucas, onde ainda fielmente se observa a tradicção gastronomica da antiga vida, desapparecem das mezas, ou são deturpados pela desattenção e sardonica má fé de toda a gente. Feijão com cabeça de porco é uma comezana grosseira, que deshonraria o jantar de qualquer familia necessitada do *high-life*. No *menu* dós hoteis, na lista dos restaurantes, na propria ementa trivial das tabernas dos cáes, e dos retiros fóra de portas, impossivel encontrar citado um prato local, ou a existir menção d'elle, reconhecer-lhe o sabor classico,

e a voluptuaria graça apperitiva d'outras eras.

N'um hotel do Porto, por uma impulsão naturalissima de forasteiro, aconteceu-me um dia pedir tripas. Resposta do criado: que era uma comida de gallegos! E nos dias que lá estive, serviram-me constantemente o jantar francez, de seis pratos, fastidioso, pretencioso, embirrante, o jantar que dão por seis francos todas as mezas redondas de todas as cinco partes do mundo, invariavel, cheio de massas, de cogumellos, de molhitos de manteiga com cuspo, e pela mesma ordem, e sem a menor discrepancia no desenxabimento dos serviços, na cára dos criados e no christofle dos talheres... Quando se cita a alguma dona de casa jantareira, um d'aquelles *menus* do tempo de D. João V, tão succolentamente portuguezes, que o archeologo Bernardes Branco copiou no seu livro sobre as freiras d'Odivellas, a dama, movendo entre os dedos o cartão *gris-perle* onde o *maitre-d'hotel* acaba de lhe redigir macarronicamente a ordenação franceza do festim, a dama digna-se sorrir com uma expressão de misericordia, mesmo a dizer que não passamos d'uns labrostes da montanha.

De sorte que chegámos a isto: em Portugal não ha hoje onde comer — em portuguez. Concordarão que o assumpto vale bem uma cruzada patriotica, destinando-se a reintegrar o paiz no usofructo das suas primitivas uchárias. Um povo que defende os seus pratos nacionaes, defende o territorio. A invasão armada começa pela cosinha. E é talvez por isso que tantas vezes, ao voltar do theatro, encontramos guardas municipaes, nas cosinheiras.

12 de Novembro.

Meto o gancho no barril dos mortos celebres da quinzena, e d'entre os que a salmoura do olvido não desfigurou, estatélo aqui sobre a meza, reconhecivel ainda, a cabelleireira Camilla, uma celebridade de meia tinta, quarenta annos resignada ao serviço das actrizes da móda, sem jámais compartilhar com ellas ovações em que o preito ao talento muita vez foi antes uma esfervente homagem ao penteado.

Poucos iniciados na vida intima dos theatros desaperceberam este vultosinho discreto

de duegñe, baixo e flaccido, com um gingar transversal de rins na marcha, vestido d'escuro, veu sobre o monco, um riso dubio, a olheira papósa, o olhar fugindo—e obsequioso, amavel, com cortezias infantis a pedir licença, a pedir desculpa, a pedir informações—e rebolando-se d'um camarim pró outro, com a maleta dos ferros, o embrulho dos frisados, batendo com os nós dos dedos nas portas, e a cada instante voltando-se ainda para fazer adeusinho, ou cumprimentar e sorrir mais uma vêz aos que deixava.

Todas as mimicas de scena e admanes lambidos de comedia, com que é costume entrarem ou sahirem os actores de meia dóze, todas as casquilhices de tracto e agradaveis hypocrisias com que a vida de representar bestifica a expansibilidade moral da creatura, tudo a estimavel Camilla apropriára ás suas relações de sociedade, chegando a parecer que ella, na privança d'algumas actrizes celebres, não desempenhasse somente o papel de cabelleireira, senão tambem o d'Egeria dramatica e ensaiadora.

Mas coisa estranha! Esta cangalhice do theatro, que cá fóra, na vida pratica, tão bem

ensina a contrascenar o egoismo proprio, para o defender das ferocidades do alheio, esta cangalhice em vez de lhe obcecar o coração, melifluou-lh'o té ao deliquio de tomar por inamovibilidade amorosa, o mais inoffensivo galanteio.

Mercê d'esta platonice nymphomanica, qualquer pequeno indicio era sufficiente para lhe acender a illusão das inclinações que provocáva. Via por exemplo em apertos de mão, distrahidos, permutas de sentimentos que quando muito existiriam, da parte d'ella. Julgava-se reparada de todos os homens, e era a qual entre bastidores dirigiria mais olhadellas intensivas, com descidas de palpebras, *á la vierge*, pequeninas *toquades* d'educanda, gritinhos, fugas, macaquices, e sempre no fim dos passes, fazendo girar os anneis nas palmouras de rã galvanica:

—Ai credo! deem-me saes. Estou tão nervosa!

Um grande edema romantico abeberava a sua alma asphixica de feia, cataventando-lh'a para a sollicitação passional de todos os boni-

tos, e avocando-lhe do fundo de todas as indifferenças, uma possibilidade d'idyllio adormecido, que a sua vóz de *tite-chatte* podia muito bem ter despertado. Esse amor *ethereal*, entresonhado, persistia porem em lhe fugir constantemente, e assim foi envelhecendo, a pobre cabelleireira de theatro, com desillusões terriveis a cada nova queda d'ideal, desillusões que a faziam espernear sobre os tapetes, delir cabeças de phosphoros em vinagre, e regougar no delirio pedaços de tragedias que reproduziam amarguras rente á sua—trabuzanas emfim d'onde sahia desfeita, como Santa Thereza, e que lá mais para o deante redimia, reinstallando-se na vida, e continuando a pentear as rivaes por quem fôra abandonada.

No meio porem de todas as suas infelicidades amanteticas, dos seus ciumes, das suas cabeças de phosphoros, a das suas cabelleiras d'aluguel, uma excellente e compassiva creatura subsistia dentro d'esta *ouvrense*, resignada aos desdens, mouca aos apupos, soffrendo o mal da sua fealdade com uma melancholia murmura de martyr, e revertendo o filtro amoroso da sua alma em scepticos paradoxos, doces todavia, e que a visionam como uma

das mais penetrantes psychologas do seu tempo.

Infelizmente é já hoje impossivel reunir em corpo philosophico todas as folhas volantes que a sua mão rabiscava nos papeis d'embrulho dos frisados, perdendo-os depois pelos camarins das divetas, á guiza de conselho ou desforra maliciosa, assim como tam pouco poderei haver da tradicção oral aquelles seus luminosos comentarios sobre a vida, a economia domestica, a conservação da belleza, e os preservativos da caspa, que ella pelos bastidores espargia, sem vaidades d'auctora, nas suas espirituosas predicas d'entreacto.

Respigarei entretanto pelos meus papeis a reminiscencia d'algumas profundas coisas que lhe ouvi, rajadas de conceito, e cáso o apunto válha como revelador d'uma cambiante nova da perversidade femenina, ergam a esta *blasbleu* um monumento as actrizes que ella tanta vez penteou de borla, e apotheotise o mundo esta interessante figurinha, tão finamente velada de modestia, toda a vida expulsa da paixão, dolorosa e sorrindo entre as pisaduras dos homens, e que emfim na extrema hora, só preoccupada de Deus, dizem, rendera o espi-

rito, d'est'arte «façam por minha alma, trezentas cabelleiras postiças!

Primeiro as suas *Indiscrições de camarim*:

«a actriz S. que muitos teem na conta d'uma mulher fascinadora, era-o realmente: sô cabelleiras de dormir tinha umas nove! Quando o amante mordia, cabelleira á *la viérge*, na primeira entrevista, diadema de tranças sobre a nuca, na primeira ceia, falripas de loiro falso sobre os olhos; e d'ahi para cima, caracoes ou turbilhões de crina fazendo manto sobre os hombros. Como era calva, e não lavava a cabeça, d'uma vèz que não mudou de chinó vinte e quatro horas, este, achando o craneo adubado, creou raiz no coiro cabelludo, e ahi a temos agora a primeira trança de Lisboa.»

«Outra, já morta, calva tambem, a gorda G., tinha pelo corpo verdadeiras florestas de cabello, e agarradinha, era com essa floresta que eu lhe fazia os penteados. Attenta porem a origem das tranças, não havia cosmetico que lhes fizesse perder o fartum da primitiva, e era

isto causa de constantes desfeitas de cães e gatos, sempre que ella deixava a nuca por cima das cadeiras.»

«A famosa E. A., muito desmemoriada, tinha um piolho domestico que á força de lhe habitar os topetes, acabara por lhe saber de cór as creações. Quando ella se enganava em scena, o piolho servia-lhe de ponto, mas uma vèz na *Joanna a Doida*, subitamente irrompe a pateada. Era o piolho, que por odios politicos, pozera na bocca da rainha um monologo feroz contra os penteeiros.»

«A mais bella cabelleira da minha vida, fil-a para a actriz R, do Gymnasio, com as barbas do guarda-portão do *Turf-Club*.»

«Grande numero de cabelleiras de tragicas são feitas com cabellos pilados dos sovacos das ingenuas.»

«Fallem-me da generosidade de E. das N.! Tão avarenta, que até mandava voltar as cabelleiras.»

«Na festa artistica da F., o poeta G. d'Azevedo fez-lhe uma ode ás tranças loiras. A ode era bonita, as tranças eram minhas; remetti-lh'as. Pois devolveu-m'as dizendo que não era nenhum guarda municipal. Mas como fazer então comprehender a estes imbecis que toda a poesia dos ultimos quarenta annos, feita a cabellos, não tem outro objectivo senão eu?»

«Assignei em toda a minha vida cerca de duzentas e sessenta mil cabeças d'actrizes, de quem os criticos disseram: que talento! devendo simplesmente dizer: que penteado!»

«Prodigiosa a quantidade de *frisons* que os apaixonados beijaram na testa de suas deusas, e que eu fabricava com suissas de gallegos!»

«Nas mulheres de theatro ha só uma coisa natural, os postiços.»

Critica historica:

«A civilisação só foi requintada quando as mulheres começaram a usar os cabellos, das outras.»

Therapeutica :

«Não ha para fazer crescer o cabello, como pespegal-o na cabeça, já crescido.»

Critica litteraria :

«Para mim o genio dos nossos poetas tragicos, está principalmente no papel de honra dado por elles ao cabelleireiro. Por exemplo, a intensidade historica do (aqui vem o titulo d'uma tragedia recente) . . . só cabelleiras de caracoes, setenta e oito. E' puro Sakespeare!»

Auto-biographia :

«Que coração terno que eu tive! e todavia só m'o acalentaram alguns jarretas. É provavel que os vindouros me censurem de leviana, mas vem a proposito as palavras do Mestre: perdoae-lhe, porque muito penteou.»

«O que me atterra no outro mundo, é não haver ninguem que pentear.»

«Fui certamente a Georges Sand dos penteados. Chinós meus valem o *Monge de Cister*. E entretanto a ingratidão humana só achará

para me escrever na campa, este epitaphio: *trança, traça, e troça!*

13 de Novembro.

Gomes d'Amorim, outra actualidade funebre da quinzena, foi um d'estes escriptores decentes, de *luvas di pilica,* incapazes d'um desprimor como diria o Bulhão Pato, para quem a litteratura nunca passou da arte de banalisar o talento, entretendo o mais possivel — com o menos possivel.

De recursos modestos, com uma imaginação oratoria e uma ternura lyrica apenas glotica, elle foi inteiramente o typo d'essa litteratura de monos que se seguiram á eclosão dos Mendes Leaes, e de que nunca se poude fazer senão ministros da marinha e amanuenses. Com a imaginação e uma viajem ao Brazil, fez as poesias navaes, dialogadas com manobras de bordo e escorços de batalhas, que tanto agradaram no transcurso romantico-sentimental de 56 a 57, e constituem o esmalte melhor da sua obra. Com a ternura lyrica conseguiu escrever dramas, comedias, que tiveram, como

as de hoje, a sua aura, e emfim morreram, pois como estudo social nada diziam, e de litteratura artistica tinham apenas o bastante para entreter a noite, sem perturbar maiormente a digestão.

Foi entretanto um escriptor estimado, e mesmo n'um certo tempo, difundido entre os que liam, e este favor deveu-o ás suas qualidades litterarias medianas, que o punham ao nivel da maioria banal, á sua enphatica maneira de procurar os *assumptos nobres,* e principalmente á ternura filial e immensamente grata com que toda a vida exaltou o nome de Garret, de quem se dizia discipulo, e de quem foi com certeza o mais cego, incondicional, e fervente adorador.

O livro erguido por elle á memoria do grande *dandy,* em que se apontam com o caracter de coizas capitaes, pequenos factos que por vèzes nem teem sequer o valor d'uma anedocta, se não vále o peso d'uma biographia critica razoada, commove todavia pela obsessão nobilissima d'esse culto, e pelo recolhimento humilde com que o escudeiro fiel enthezoura as migalhas d'oiro cahidas dos labios ou da penna do seu real e magnifico se-

nhor. Raro visivel nas ruas, habitando um bairro de tumulto, e todavia sequestrado do ruido pela vertiginosa altura d'um quinto andar, accessivel só para elle pelas moitas de rozas d'um jardim, póde dizer-se teve como os deuses decrepitos, a sua nuvem, onde as crueldades do *struggle* raro fariam chegar o trom das suas esmagadoras catapultas. N'este remanso placido passou felizes annos, entre a burocracia e a academia, com horas desoccupadas para trabalhos de concentração, que nunca fez, com relações de sociedade que vinham enternecidamente admirar as ruinas do Carmo do seu jardim, e a embalsamante frescura do seu tracto, embalado pela consideração e pelas prebendas do Estado, á espera d'Abril para viver em Cintra: n'uma palavra, feliz quanto se póde ser com uma familia terna, com uma doença cardiaca, e com uma obra folheada.

—Morreu tambem Jayme José, poeta comico e insigne opusculeiro, cuja alma seria talvez humanidosa, mas cuja educação, despida

de cultura, lhe não permittiu desenvolver pujantes faculdades, como o nosso Candido de Figueiredo, no serviço da redempção moral e hygienica que sonhara, a bem da patria—que é o paiz onde a gente nasceu, costumava dizer typicamente.

Ao cabo d'uma vida bastante longa para um cerebral da sua enformatura, com alguns volumes d'ideias assaz controvertidas, alguns annos de batalhas campaes na ultima pagina das gazetas, que se faziam receita com a nevrose de bem que o consumia—a tres vintens por linha—este vidente cahiu sem que o snr. Hintze Ribeiro, seu irmão d'ideaes, propozesse nos páres um voto de sentimento, e sem que o governo portuguez, que aviscondálha os dentistas, ao menos lhe colásse no ventre o rotulo de Christo, enfileirando-lhe a decrepitude, entre a dos conselheiros e codicistas mais gostados. Esta ingratidão tambem, foi a unica que no meio das vicissitudes intimas de Jayme José, acabou de lhe esvidar o cofre de Pandora, que o moralista guardava na estoica alma, toda voltada á esperança d'um galardão compensador dos seus serviços. Uns poucos d'annos esse homem, que até alli só tivera dois

moveis na vida, o chispe com ervas, e os problemas de moral e de hygiene, uns poucos d'annos elle se alcachinou esperando a fitinha suspirada, signal do seu pinaculo no mundo estudioso, prova cabal dos seus talentos officialmente reconhecidos, e que tão lindamente iria nas exequias da Sé, sobre a sua nobre sobrecasaca de burocrata fiel á monarchia! Mas a venera ia relegando de dia para dia, de mez para mez, a sua visita nupcial. Jayme José, perdido em conjecturas, attribuindo a demora a ciumes litterarios do seu collega Pedro Franco, a faltas de fé do governo nas suas já pouco productivas galopinagens—porque emfim o genio pobre não fascina eleitores acostumados a só verem Pégaso no garrano das libras esterlinas — resolvera-se a prescindir de medianeiros, e a ir elle mesmo averiguar ao ministerio as mysteriosas razões porque lhe era negado o habito promettido. Ahi começa o bom philosopho a sua campanha esteril pela arcada, á espera do Marianno, á espera do Franco, á espera do Moraes, passando horas nas escadas e antecamaras, em cata d'uma audiencia sempre concedida e continuamente adiada, hontem por fadiga, hoje por negocios graves, ámanhã

por assignatura, cançado de sorrir, a aba do penante a despegar, dos cumprimentos, e offertas da collecção completa das suas obras, sem conta, a todos os secretarios d'Estado, caffés, e bibliothecas, para todos verem que não era favor a cruz solicitada, a cruz que lhe tirava o somno, e que a não vir, daria com elle na tristura tumbal dos que á ultima hora reconhecem que nunca foram necessarios.

Filha da sua nativa bondade, a boa fé fel-o tomar por um amigo, cada sabido mariola que o abordava para lhe ouvir os fundamentos hygienicos e moraes da pretensão; de sorte que em breve a coiza fez can-can nos fócos de cavaco, começaram a puxal-o, uns dizendo que vinha no *Diario* a sua nomeação de cavalleiro, e lá ia elle a correr comprar o papelorio! outros insinuando que havia abaixo-assignados ao governo, pintando-o como um sujeitinho indigno de consagrações officiaes, pois alem de frécheiro com varinas, copiára os opusculos das conferencias do José Julio: e ainda finalmente alguns brutaes, violando a illusão d'illustre ao pobre diabo, soezes, sem misericordia, riam-lhe na cára, trucidando-o de chascos, d'onde o seu pobre orgulho sahia

sem nalgas, surrado de pavor, com gemidos de gato, maldizendo a ingratidão d'este paiz. Quando afinal Jayme José se convenceu de ter sido o ludibrio d'alguns discolos, e a esperança da cruz se lhe transformou de todo em sonho de platonico, tamanha dôr lhe morde, que a sepultura, tocada, manda á doença lh'o traga a descançar. Ahi lhe fica feito o necrologio.

—Mas o peor é que eu ainda não sei bem se elle morreu...

153066

LPor
F438g

Author Fialho D'Almeida, José Valentin

Title Os gatos, 4, 1891.

DATE.

NAME OF BORROWER.

University of Toronto
Library

DO NOT
REMOVE
THE
CARD
FROM
THIS
POCKET

Acme Library Card Pocket
Under Pat. "Ref. Index File"
Made by LIBRARY BUREAU